



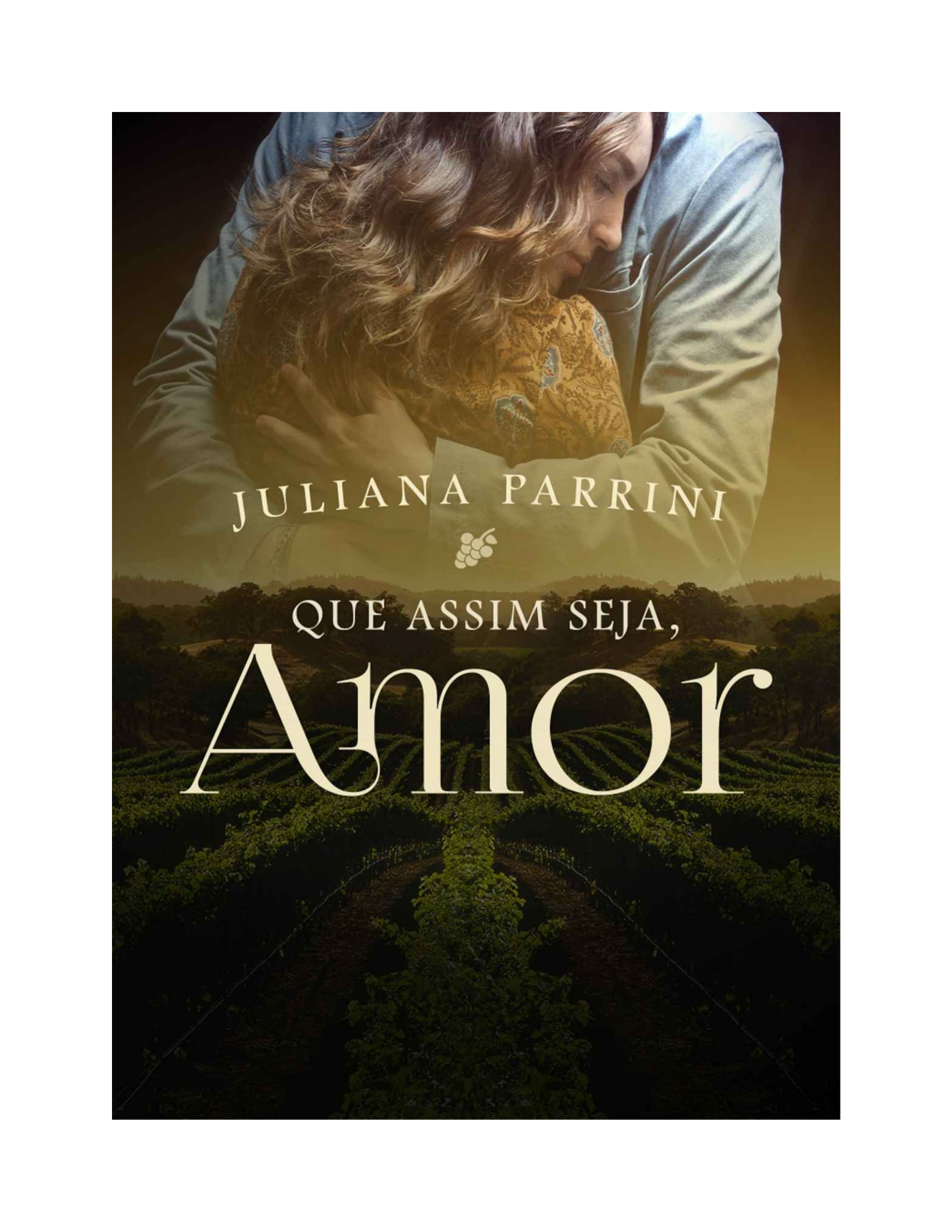
JULIANA PARRINI



QUE ASSIM SEJA,

Amor





JULIANA PARRINI



QUE ASSIM SEJA,

Amor

JULIANA PARRINI



QUE ASSIM SEJA,

Amor

Copyright © 2018 Juliana Parrini

Capa: Juliana Parrini

Revisão: Carolina Durães

Diagramação Digital: Juliana Parrini

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil.

Sumário

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Epílogo](#)

[Monte Belo do Sul](#)

[Nota da autora](#)

[Agradecimentos](#)

[Playlist](#)

[JULIANA PARRINI](#)

[Outras obras da autora:](#)

*"O vinho é a prova constante de que
Deus nos ama e deseja ver-nos felizes"
Benjamin Franklin*

Prólogo



*“E sabemos que todas as coisas contribuem
juntamente para o bem daqueles que
amam a Deus, daqueles que são chamados
segundo o seu propósito.”
Romanos 8:28*

Anos atrás

Aos 9 anos de idade

*O suor escorre lentamente pela minha nuca, fazendo cócegas em mim.
Poxa, eu não queria estar aqui.*

*Fecho o caderno de História sem terminar meu dever de casa e olho
disfarçado para a cozinha. Talvez mamãe não esteja me vigiando.*

*Lá fora meus amigos gritam e jogam bola na rua. Até contei junto com a
Milena até 30 quando ela começou o pega-pega. Eu queria estar lá!*

*Devagarzinho, e sentindo uma dorzinha na barriga de tanto nervoso,
espio a cozinha. De lá só vem o zum zum da panela de pressão e o cheiro do*

feijão.

Mamãe não deixaria a panela no fogo para me ver responder questionário sobre o Tratado de Tordesilhas.

A Milena tinha dito que a melhor hora para escapar era essa. Quando as mães estão ocupadas demais com o almoço.

Sem fazer barulho, coloco o lápis dentro do caderno encapado com plástico quadriculado verde, fecho-o e o empurro de lado. Eu estava pronto para pôr em prática o plano infalível da Milena. Se dá certo com ela, vai dar certo comigo!

Olho para a porta da sala e calculo quantos passos eu preciso dar para chegar lá. Serão poucos. Sorte a sala ser minúscula.

Um, dois, três... olho para a porta da cozinha sentindo um calafrio subir pela espinha. Isso estava parecendo um daqueles filmes que passa na TV. Escuto um grito alegre da minha amiga lá na rua. Quatro...

— Filipe! — A voz da minha mãe surge detrás da pequena bancada que separa a sala da cozinha, e isso me faz pular de susto.

Pego no flagra.

Decepcionado, volto a me sentar no sofá.

— O que está fazendo? — Ela ajeita o pano de prato sobre o ombro esquerdo e se senta ao meu lado.

— A senhora disse que ia me deixar brincar na rua. Está todo mundo lá fora...

— Disse sim, mas você, mocinho, precisaria terminar todas as suas tarefas. Por acaso já terminou?

Culpado. Eu sei que sou culpado.

Faço que não.

— O que combinamos? — Os cabelos escuros da minha mãe estavam repuxados em um coque alto e seus olhos azuis fitavam os meus de uma maneira que me deixava envergonhado.

Eu lembro direitinho do que combinamos. O problema é que nunca dava tempo de terminar tudo antes das mães dos meus amigos os chamarem para o almoço, antes do ônibus da escola passar.

— Se eu terminar apenas a lição da escola, eu posso ir? — pergunto, com o pouco de esperança que me resta.

— E a sua leitura diária? Esqueceu? O que nós conversamos, Filipe? Ela é tão importante quanto as lições que a professora passa.

Eu só queria alguns minutinhos com meus amigos, poxa!

Mamãe franze as sobrancelhas e ajeita a postura diante da minha reação malcriada.

— Vamos, Filipe! Estou esperando você responder o que combinamos. Quero ouvi-lo dizer com todas as palavras. Quero ter certeza de que não se esqueceu.

Contrariado e sob o severo olhar de minha mãe, repito a frase que mais ouço dentro dessa casa:

— Que a palavra de Deus é o tesouro mais precioso que podemos encontrar nas nossas vidas. — Minha voz sai baixa e meio debochada.

— Exatamente. Então, acabe a sua lição. Você deve ler três capítulos diários da Bíblia, e não se esqueça de que farei perguntas assim que você terminar, hein, mocinho? Nada de sabotar a lição. — Rio com a capacidade de minha mãe de adivinhar minhas intenções. Ela ri de volta, mas logo continua. — Só depois, Filipe, você estará liberado para brincar um pouco. E, se for um bom menino, eu deixarei um bolo de chocolate com cobertura para você comer quando chegar da escola. O que acha?

Ela poderia pegar no meu pé e não me deixar brincar na rua durante a semana depois das tarefas, mas eu sabia que ela era uma super-heroína!

Dona Paola aperta meu nariz e me abraça apertado.

— Eu te amo, meu filho. Só quero que você seja um homem com princípios, que saiba fazer suas escolhas junto aos ensinamentos de Deus, pois somente esse caminho pode nos levar à vida eterna.

Apenas fiz que sim com a cabeça, ouvindo ao fundo a diversão dos meus amigos.



21 anos depois

A porta do confessionário é aberta. O ranger ressoa em meus ouvidos, causando-me uma certa aflição.

Diante do pretume aconchegante do lugar, a luz do meio-dia entra pela brecha da porta sem anúncio, deixando-me cego por alguns segundos, tirando-me abruptamente dos meus devaneios.

Em um estímulo involuntário, aperto os olhos com rapidez sentindo-os arderem e passo as mãos esfregando-os como um breve recurso curativo para o momento de martírio, e, assim que a porta é fechada, vou recuperando, aos

poucos, a visão.

Pisco algumas vezes e respiro fundo, olhando para o meu relógio de pulso. Foi uma manhã extenuante dentro do compartimento no qual tento me acomodar. O odor intenso do verniz utilizado na reforma da semana passada ainda não saiu e a náusea causada por ele me deixa ainda mais atordoado. Eu acho que o calor estava deixando o cheiro da química inserida na madeira ainda mais impregnante.

Ajeito meu clergyman, que insiste em apertar meu pescoço. É final de primavera no Rio de Janeiro e o clima deixa os ambientes mais abafados, as ruas fervilhando e as pessoas irritadas, com suor excessivo. Eu posso sentir a temperatura ultrapassar os 40 graus nesse confessionário.

O clima abafado não é algo que eu amo nessa cidade.

Eu até conseguia ouvir mentalmente a voz da minha mãe dizendo que esse era o fim dos tempos e que o calor ficava pior a cada ano. Fazia um pouco mais de seis meses que ela havia partido. A verdade era que eu estava apreensivo e sentia tudo de forma elevada.

Ouçó uma mulher pigarrear e isso me faz voltar à realidade.

Observo através da látice de madeira escura uma jovem mulher de cabelos negros curtos com um olhar pávido e aflito. Sinto uma leve compaixão por aquela aflição.

Ela se ajeita, ficando de joelhos. Já é a décima segunda pessoa a quem ouço o sacramento da confissão, e me remexo na cadeira desconfortável. Em oito meses de sacerdócio católico, eu ainda não havia me acostumado com esse assento.

De início, não me recordo da moça. Talvez porque minha cabeça não esteja funcionando da mesma forma que iniciei pela manhã.

— Perdão, padre. Eu pequei. — A jovem inicia seu discurso, cruzando as mãos em oração e abaixando a cabeça.

Pergunto calmamente que a aflige, sabendo o quanto as pessoas ficam vulneráveis nessa situação.

— Eu desejei algo que não era meu... — Aos prantos, a moça manifesta sua dor.

Não era a primeira vez hoje que ouvia a mesma confissão.

Eu sempre pensava na angústia das pessoas que vão aos confessionários à procura de perdão e, muitas vezes, não o encontram.

Para mim, o confessionário não perdoava pecado algum. Expus essa e algumas outras opiniões sobre o poder do perdão quando ainda era diácono, porém um Bispo me respondeu que em Deus não há margens para imprecisões. Mesmo assim, não me absteve das minhas convicções.

Para mim, o perdão determinante, inteiro, incondicional de Deus vinha de dentro do coração. Relatar o fato não perdoava ninguém. Em contrapartida, eu não poderia mostrar fraqueza ou ir contra o que se pregava. A Igreja não tolerava dúvidas.

— Você precisa controlar seus pensamentos — aconselho à jovem arrependida. — Precisa entender que Deus nos ama e nos guia. Apenas devemos buscá-lo e pedir sabedoria para não nos desviarmos do Seu caminho.

— Eu tentei, padre, tentei. E consegui por algum tempo, mas...

Ergo meus olhos, dispersando-me novamente, e encontro o minúsculo ventilador de plástico que o padre Constantino havia instalado logo após a reforma. Não era só eu que sofria de calor aqui dentro.

Constantino é agitado e sempre fica inventando coisas para fazer. Ainda me lembro das gargalhadas que dei quando ele contou sua fantástica engenhosidade.

Agora era a minha prova de ferro. Levanto uma das mãos até o aparelho e me estico quase fazendo um exercício intenso de alongamento.

A cadeira crepita e a moça para de falar.

Limpo a garganta, ligo o botãozinho com rapidez e volto para o lugar.

— Continue, por favor...

Assim que o aparelho começa a girar o sopro abrasador do vento atinge meu rosto e, no mesmo momento, me arrependo da escolha, tanto por sua ineficácia, deixando-me ainda mais sufocado, como pelo tec tec insistente que o aparelho está fazendo.

Penso em desligar e acabar com esse barulhinho irritante, mas desisto, já que a moça não parou de falar.

Não devo esquecer de dizer ao padre Constantino que o meu teste do ventilador foi péssimo!

Sem querer, solto um risinho baixo, que soa alto demais no ambiente.

A mulher para de falar novamente.

Onde estou com a cabeça?

Arfo baixinho. Eu sabia perfeitamente o que estava acontecendo comigo.

— Desculpe, hum... pode repetir a última frase, por favor? – peço, sentindo meu rosto queimar.

Preciso me concentrar!

Ela faz o que peço novamente e volta a explicar seus motivos. Conta sobre as vezes em que cede a forma manipuladora para tentar se enganar.

Muitas pessoas repetem uma, duas, várias vezes os seus pecados, e, mesmo com pouco tempo de experiência, pude perceber que a maior iniquidade de todas estava sendo cometida pelos mesmos erros. A certeza do poder do

arrependimento é a margem que elas têm para continuar a insistir na mesma falha. Pequei, confessei e me libertei. Pronto. Simples assim.

Grande balela!

Mal sabem que Deus conhece o que habita em nossos corações.

Eles se esquecem do sentimento sincero. Eu, por exemplo, tenho meus princípios e a fé persistente que me guia, tenho a ciência do poder grandioso que temos através Dele e, assim, tento ser melhor a cada dia, priorizando a caridade sem repúdio ou qualquer tipo de preconceito. Não sou Deus para julgar ninguém, muito menos a esta moça que estava tendo um caso com o marido de sua melhor amiga. Eu apenas me empenhava em ser o representante da Sua bondade e isso bastava.

Aconselho a moça a se arrepender de coração e não voltar a cometer o mesmo pecado. Dou uma penitência em rezas para que isso a faça refletir sobre seu erro e, minutos depois, ela sai do confessionário mais leve do que entrou.

Levanto-me da cadeira sentindo grande alívio e desligo o condenado ventilador.

Posso sentir uma brisa tímida tocar meu rosto vinda do lado de fora. Pego a toalhinha em meu bolso e enxugo a testa, puxando mais uma vez o clergyman. Guardo a toalhinha e pego meu celular no outro bolso. Três chamadas perdidas do Bruno. Três? Será que estou me esquecendo de alguma coisa?

Fecho a porta do confessionário e guardo o celular, fazendo uma anotação mental para respondê-lo assim que sair da igreja.

Olho para alguns fiéis rezando. Aqui foi onde eu aprendi muitas coisas, fiz meu período propedêutico, tive minhas dúvidas, fui preenchido do amor divino, fiz minhas escolhas e me ordenei a sacerdote. Aqui é o local onde eu ainda sofro com a morte da minha mãe, onde me sinto sozinho e que está repleto de lembranças.

Observo atentamente os vitrais coloridos banhados pelo sol. Eles ficam ainda mais exuberantes iluminando toda a Igreja. As paredes em tons de ocre, a arquitetura peculiar e, até mesmo, os laços com os amigos que fiz toda a vida. De alguma forma eu tentava capturar essa sensação e guardá-la para sempre. Eu sentirei falta.

Bispo Túlio conversa com padre Constantino ao lado do altar e a sua presença aqui faz meu coração bater mais forte. Assim que me vê, acena para que eu o espere. Aceno de volta fazendo que sim.

Enquanto ele termina sua conversa vou até a sacristia onde deixo meus pertences, retiro o clergyman e visto uma camisa polo azul clara.

Não demora muito até que o Bispo Túlio abra a porta e vá até o armário

branco no canto do cômodo.

— Como foi hoje? — pergunta, pegando a garrafa de vinho do Porto de dentro do armário e lendo o rótulo. — Será que Constantino ficará chateado se eu...

Faço que não.

— Esse padre entende o que é bom, sabia?

Apenas sorriu. Estou nervoso.

Ele abre a garrafa e se serve.

— Aceita?

— Não. Obrigado. Irei dirigir.

Ele ergue as sobrancelhas brancas.

— A vida é curta, padre Filipe. Precisa aproveitar essas belezuras.

Ele dá uma piscadela e se vira para encher uma das taças.

Bispo Túlio beira os setenta anos. Além da minha mãe, ele foi a minha inspiração quando resolvi seguir a vida no sacerdócio. Na época ele ainda não tinha os cabelos ralos e brancos, a pele enrugada e essa mania de beber vinho todos os dias. Ele era apenas o padre dessa paróquia. Fui batizado por ele com poucos meses de idade, assim que minha mãe chegou ao Rio de Janeiro. Túlio foi o único amigo que minha mãe teve aqui, e a igreja era sua fonte de sustentação diante da tristeza profunda que habitava em seu coração. Assim, o até então padre Túlio, foi me ensinando as coisas certas e erradas da vida, tornando-se algo mais próximo de um pai que eu tive. Sua vida dentro da igreja era algo que irradiava e contagiava. Padres carismáticos lotam as missas, ele sempre diz. Até hoje, a visita pastoral do bispo é comemorada.

Ele bebe um gole de vinho na pequena taça, sentando-se em seguida em uma das cadeiras.

— Está com pressa, meu filho?

— Eu? Não.

— Então sinta aí, vai. — Indica com a taça a cadeira de frente. — Não se preocupe. Avisei ao padre Constantino que o auxiliar iria se ausentar.

Faço o que ele pede. Túlio não era assim tão formal e a ideia que tenho do motivo dele estar aqui aumenta.

Ele bebe mais um gole e me olha com devoção.

— Chegou a carta do Vaticano. Sua transferência foi solicitada.

Eu estava esperando por isso. Na verdade, era para ter acontecido há meses. Sinto meus músculos pulsarem em desacordo com as batidas incessantes do coração.

— Chegou? — Minha voz sai sem força.

— Sim.

Seguro com força os braços da cadeira.

Túlio coloca a taça sobre a mesa à nossa frente e retira a estola esverdeada sobre a túnica. Olhando para mim, pega um envelope branco que também está sobre a mesa, e me mostra o objeto.

— Não abri. Estava esperando por você.

Ele percebe meu nervosismo e se levanta, volta até o armário e enche outra taça de vinho, colocando-a sobre a mesa e arrastando-a para mim antes de se sentar novamente.

— Acho que irá precisar.

Assinto e bebo um gole grande do vinho licoroso, que entra rasgando pela garganta.

— Obrigado.

— Posso? — pergunta, sacudindo o papel em sua mão.

Faço que sim.

Ele abre um sorriso amistoso e sem mais delongas, rasga o envelope com precisão e logo começa a ditar o texto:

— Vaticano, 22 de setembro...

Capítulo 1



*“Não andem ansiosos por coisa alguma,
mas em tudo, pela oração e súplicas,
e com ação de graças, apresentem seus pedidos a Deus.
E a paz de Deus, que excede todo o entendimento,
guardará o coração e a mente de vocês em Cristo Jesus.”
Filipenses 4:6-7*

Aos 11 anos de idade...

*De pé, na grande sala da paróquia, padre Túlio apresenta duas pedras:
uma pedra comum na mão direita e uma pedra de gelo na outra.*

— O que estão vendo aqui? — pergunta.

As respostas na sala da catequese são as mais óbvias, mas eu já estava careca de saber que o padre gostava de brincar com a gente. Óbvio que não era o óbvio!

— O que podemos aprender sobre a fé ao olhar essas duas pedras tão simples? — pergunta de novo.

Fico quieto. Enquanto todo mundo conversa e ri com a situação, percebo

o gelo derreter e escorrer entre os dedos do padre Túlio.

Nesse momento, eu mato a charada e levanto a mão bem alto com animação.

— Felipe...

— Eu quero ser a pedra que não derrete, padre!



Entro no banheiro da paróquia e tranco a porta, sentindo as pontas dos dedos das mãos dormentes. Abro a torneira com pressa e jogo água em meu rosto, respirando fundo e tentando acalmar o meu coração. A mudança tão esperada estava começando.

O meu eu assustado me olha de volta no espelho. Alguns fios brancos despontam sobre meus cabelos escuros, mesmo eu tendo recém completado 30 anos. Posso contar cinco deles espalhados no topete de lado, desarrumado. Era uma das heranças genéticas que herdei da minha mãe.

Eu não deveria me sentir tão atordoado. A minha transferência era para ter acontecido há meses.

Deixar a cidade onde nasci e cresci era algo que eu sabia que aconteceria. Faz parte da ordenança a transferência. Cortar laços e se entregar por completo é necessário.

Fui ordenado a sacerdote há apenas oito meses e, naquela mesma época, eu deveria ter sido designado para outro local, porém, dias depois, a saúde da minha mãe piorou, me fazendo continuar ao seu lado. São raros casos como esse, claro. Mas o meu pedido à igreja foi atendido. Ela não tinha mais ninguém.

Esse foi um dos meus receios antes da minha escolha: ficar longe da minha mãe que sempre foi muito solitária.

Ela faleceu dois meses após a minha ordenança e a falta que faz ainda é bastante dolorosa.

Minha mãe foi uma mulher sofrida. Ainda recordo do pouco que contava sobre sua história e de como chegou ao Rio de Janeiro. Seus pais já eram falecidos, estava sozinha, grávida, sem formação, sem perspectiva. Eu já tinha entendido a parte de ela ter sido abandonada mesmo sem que ela explicasse. Começou a trabalhar como empregada doméstica em casas de família da zona

sul da cidade e assim continuou até adoecer.

Quando a saudade aperta, eu agradeço.

Agradeço a oportunidade de ter a sua presença no meu rito da ordenação presbiteral e ter visto seu raro sorriso de felicidade.

Dona Paola sempre foi fiel aos ensinamentos de Cristo e muito trabalhadora, porém teve uma vida triste e infeliz.

A sua morte me fez ter um sentimento diferente. Costumo pensar que eu deveria ter mudado a sua condição e ter lhe dado mais alegrias, mas, infelizmente, não tive muito tempo. Não conseguia atinar o porquê que mesmo depois da partida dela, toda a aflição sobre a sua vida e depressão tenham me afetado tanto.

Era como se a dor dela tivesse sido transferida para mim e me ferido também.

Convivi com a sua relutância sobre contar qualquer coisa que a entristecesse e com as consequências das vezes em que eu insisti em perguntar para tentar ajudá-la. Seu rosto murchava em uma dolorosa mágoa. Eu ficava imaginando as decepções que ela havia passado na vida e, conforme os anos passaram com o tratamento do seu câncer, isso me dominou, fazendo-me quase desistir da minha vocação. *Como alguém tão bom pode sofrer desse jeito?*

Junto minhas mãos em oração e fecho meus olhos.

Assim como ela, eu estava sofrendo em silêncio e a transferência seria como cortar a corda que estava presa a mim e em tudo que me puxava para baixo. A corda que há tanto tempo atrelou a minha mãe na tristeza profunda.

A princípio foi difícil me imaginar longe da minha zona de conforto, mas tive tempo para me acostumar com a ideia durante a minha longa jornada de diácono e, depois da morte da minha mãe e do luto, vi que seria no momento certo.

Deixei tudo nas mãos do Bispo Túlio e, claro, de Deus e a resposta veio.

Não sei por quanto tempo permaneço no banheiro, mas quando saio, a paróquia está vazia e o meu coração, mais calmo.

Pego minhas coisas na sala e percebo meu celular vibrar dentro da minha mochila. É o Bruno ligando novamente.

Dessa vez, atendo.

— Caramba! Como é difícil falar com você! — Meu amigo reclama assim que coloco o aparelho no ouvido.

— Bruno, eu...

— Esqueceu que combinamos de jantar juntos hoje? Para comemorarmos meu novo apartamento?

Fecho meus olhos com força. Sim, eu havia esquecido completamente.

— É claro que você ia esquecer — responde antes de mim e ri alto. — Tudo bem, Filipe, eu sabia que isso ia acontecer. Estou indo para casa dar um suporte à Milena. Você sabe que ela não é muito boa com as panelas, não é? Preciso estar lá para me certificar de que o nosso apartamento não pegue fogo. — Ouço uma buzina. — Mas que merda! Oh, seu filho da... Oh, foi mal, Filipe, o cara está na contramão e ainda me olha torto! Esse trânsito do Rio está cada vez pior, sabia! Alô? Filipe? Está aí?

— Hum, estou. Desculpe-me por esquecer, Bruno, minha cabeça não anda muito boa.

— O que houve? — A música que tocava no seu carro é desligada.

— Recebemos a resposta do Vaticano sobre a minha designação.

— Sério? Sabíamos que isso iria acontecer, não é?

— Sim. Mas... será difícil deixar tudo para trás. Eu te vejo daqui a pouco, tudo bem?

— Não! Fala, eu estou... ih, espera! Ei, precisa ligar a seta para entrar, mané! Foi mal, Filipe.

— Preste atenção no trânsito, Bruno. Logo estarei na sua casa.

Ouço apenas mais uma reclamação de meu amigo antes de ele desligar o celular. Iria sentir falta disso também.



Os pequenos olhos esverdeados de Milena se arregalam.

— Rio Grande do Sul? — indaga, soltando o talher sobre o prato de espaguete que ela preparou. Sua voz soa um pouco mais alta do que o normal. — Tão longe assim? Como está? Está feliz?

Faço que sim, mas a resposta correta é não. Na verdade, eu não sei responder a essa pergunta.

Ninguém tem uma mudança tão importante na vida sem algum vestígio de medo. Essa etapa fazia parte da jornada da vida que eu escolhi. Havia chegado a hora.

Eu estava mais calmo agora. Pude ir para casa, tomar um longo banho e pensar sozinho sobre as transformações que estavam prestes a acontecer. Rezei e pedi a Deus que me guiasse como Ele sempre fez.

Sentado ao lado da esposa, Bruno percebe o nervosismo dela diante da notícia.

— Não sabia que seria tão longe — digo, já esperando suas objeções.

— Muito! Você deveria abrir uma reclamação! Eu entendo que precisa ir, mas pra tão longe? Isso é um absurdo.

Somos amigos desde a infância. Morávamos na mesma rua, estudamos boa parte da vida juntos e fizemos a primeira comunhão na mesma igreja. Ela era protetora. Foi através dela que tive experiências importantes para escolher o caminho que escolhi. Durante os anos criamos uma forte cumplicidade. Era comum telefonarmos para pedir opinião sobre qualquer coisa em qualquer horário do dia.

Nossa amizade era valiosa demais para mim. Eu sabia que minha partida não seria algo fácil para ela entender.

— Calma, meu amor. Rio Grande do Sul é logo ali. — Bruno coloca a mão sobre a da esposa e ela a puxa com rapidez.

A sala ainda está vazia por conta da mudança recente deles e parece ainda maior diante do silêncio que se segue.

Eu estou estragando a comemoração deles.

Por quê tive que vir?

— Desculpe. Eu... — começa Milena. — Eu estava esperando algo aqui no Rio e...

— Eu sei — respondo em voz baixa.

— Chegou a falar com o Túlio? Ele é influente, talvez possa... — Ela gesticula com as mãos, bastante irritada. — Sei lá. Estou confusa. Sua mãe não iria querer te ver tão longe.

— Foi o Bispo Túlio que me deu a designação, Milena. Não posso ir contra. Quanto a minha mãe, ela não está mais aqui.

Ela abaixa o olhar.

— Filipe está sendo transferido de paróquia, amor — explica Bruno, antes que eu abra a boca para falar mais alguma coisa. — Não está indo embora para sempre.

Ele desgruda o olhar da esposa e oferece um sorriso acolhedor para mim.

— Então, até o Bruno sabia que a sua transferência estava chegando, menos eu? — questiona Milena, agora cruzando os braços sobre o peito.

— Você sabe que eu só estava aqui por causa da doença da minha mãe. Isso já deveria ter acontecido. Túlio teve que mexer seus pauzinhos para poder adiar essa mudança. Por favor, tente se acalmar.

— Desculpe. Eu... — Ela pisca várias vezes. — Eu sei o quanto ainda sofre com a perda da sua mãe. Eu também sofro. Dona Paola faz muita falta. Por isso falei dela.

— Deus quis que fosse assim, Milena.

— É que... não poderemos te ver mais. Não da forma que vemos.

— Mas esse é objetivo. Bruno sabe disso. Estou apenas sendo o auxiliar do padre Constantino. Algo temporário. Confesso para você que estou assustado, mas também animado com esse novo desafio. A minha história no sacerdócio ainda nem começou. O foco agora é o meu trabalho, a minha vocação.

Ela aperta os lábios e, dessa vez, coloca a mão sobre a do marido. Podia ver seus olhos cheios d'água.

— E quando você vai embora? — quer saber Bruno.

— Semana que vem.

— Semana que vem? — O tom de decepção na voz de Milena é perceptível.

— Queria que entendesse — digo para ela. — Seu apoio é importante para mim.

— Eu só quero o seu bem. Só sei que sentirei sua falta.

— Eu também sentirei falta de vocês.

Ela balança a cabeça, respirando fundo.

— Gostou do espaguete? — pergunta para mim, na tentativa de mudar de assunto.

— Sentirei saudade disso também.

Ela sorri, agora com vontade.

— Não minta. Eu nunca soube cozinhar.

— Você fez um ótimo trabalho, meu amor. — Bruno a beija no rosto e eles sorriem um para o outro.

O interfone toca.

— Deve ser a pizza — diz Bruno, levantando-se da mesa. — Vou atender.

Assim que ele sai, Milena volta a remexer no prato sem dizer nenhuma palavra.

— Pizza? — pergunto.

— Pizza de chocolate — diz ela, ainda sem me olhar de frente. — Fazer o prato principal foi algo bastante difícil. Não arriscaria a sobremesa. Iria além da minha capacidade — diz com tristeza.

— Não fique assim. Por favor.

Ela finalmente ergue o olhar para mim.

— Eu me preocupo com você, Filipe.

— Vou saber me virar.

Abaixo o meu olhar com um nó na garganta. Milena é parte do que sou. Com ela, pude provar de boa parte do que seria minha vida sem o sacerdócio. Duvidei por algum tempo da minha vocação, ao imaginar-me casando e

construindo uma família feliz com ela. Família da qual eu sempre senti falta.

Nosso namoro foi marcado por muito carinho e paixão, entremeados por momentos de conhecimento e descobrimento de alguns sentimentos. Foram idas e vindas na adolescência e também na vida adulta. A vida no celibato me chamava em qualquer lugar que eu fosse. Fazíamos planos, mas eu sempre me sentia vazio quando não me imaginava seguindo aquilo que eu havia escolhido para a minha vida. Foi quando minha mãe adoeceu pela terceira vez que resolvi por um basta e dedicar-me totalmente à minha ordenação sacerdotal. Foi assim que percebi que os poucos sorrisos dados pela minha mãe vinham da minha devoção.

Foi difícil a transição entre a escolha de nos separarmos como casal e seguir a vida na igreja apenas com a amizade de Milena. Ambos sofremos, mas ao longo dos anos reestruturamos nossos laços, e Bruno, um dedicado diácono que um dia queria se tornar padre, fez uma escolha diferente da minha.

Agradeço a Deus por tê-los apresentado no meu aniversário três anos atrás. Nesses dois anos em que estão casados, pude ver o grande respeito que têm um pelo outro.

Milena me olha com carinho e coloca a mão sobre a minha.

Eu sempre sentia a nossa ligação. Era um amor diferente. Uma amizade verdadeira.

— Uma vez você me disse que não podemos nos desviar do nosso destino — digo.

— Disse isso porque percebi a grande batalha interna que você estava vivendo. Eu nunca poderia lutar contra a sua vocação.

— Fizemos a escolha certa, Milena.

— Você fez, Filipe. A escolha sempre foi sua.

Meu coração se aperta.

Ela passa a mão pela bochecha, secando uma lágrima que cai pelo rosto.

— É. Acho que perderei meu amigo.

— Não irá me perder. Apenas vou trabalhar em outro estado. Podemos nos falar e... — suspiro. — Obrigado por entender.

— Não entendi, mas respeito. Sei que é assim que funciona. Só idealizei algo diferente. Achei que ia pegar o carro e te visitar.

— Pegará um avião. Não muda muito.

Ela faz quase uma careta.

— Só não se esqueça que eu estarei sempre aqui.

— Jamais esquecerei, Milena.

Ela sorri.

— Ah! Eu tenho uma coisa pra te dar... espere um minuto. — Milena se

levanta e um minuto depois volta com uma caixa de papel ondulado de cor marrom.

— O que é isso?

— Não se recorda?

Faço que não.

— Sua mãe nos fez prometer que iríamos doar tudo que era dela, lembra? Você me pediu para que guardasse algumas coisas mais pessoais na minha casa, porque naquele quartinho que você mora mal cabe você. Encontrei essa caixa em cima do armário da sua mãe, logo depois que ela faleceu. Não remexi muito, mas vi que eram fotos antigas e coisas pessoais dela. Leva contigo.

Meu olhar cai. No momento, eu queria me libertar de muitas coisas que me jogaram para baixo para poder me reerguer e ela me entrega uma caixa de lembranças?

A curiosidade fala mais alto e, assim que tento abrir a caixa, ela me impede com a mão.

— Deixe isso pra depois. Você terá todo o tempo do mundo.

Bruno chega com a pizza e logo Milena pergunta sobre cada detalhe do lugar para onde eu ia. A igreja me designou para Monte Belo do Sul, o pequeno município localizado na região da Serra Gaúcha, entre os vinhedos.

Entre promessas de ficar bem, me despeço deles com o compromisso de nos vermos uma última vez antes de eu partir.

Capítulo 2



*“Peço-te o prazer legítimo
E o movimento preciso
Tempo, tempo, tempo, tempo
Quando o tempo for propício
Tempo, tempo, tempo, tempo”
Oração do tempo – Maria Bethânia*

*Vale dos Vinhedos, Bento Gonçalves
Rio Grande do Sul.*

Uma vez eu li que o tempo é relativo para cada pessoa. Meu trabalho é ligado diretamente ao tempo. Não um curto tempo. Um tempo que remete ao risco e a aventura. É um tempo que se refere a mistura de elementos químicos. Transições e suposições. É difícil, para alguém tão imediatista como eu, lidar com a espera. Aprendi a ter paciência na marra, afinal, esse tempo é o tempero principal para todo o meu esforço e é quando posso torcer com firmeza para tudo seja recompensador.

Estamos na única mesa ocupada do salão de degustação da vinícola Casa Fontenelle, depois de um dia cheio de visitação. O estilo Vitoriano tão peculiar fora escolhido a dedo. Lustres grandiosos, mesas redondas de mármore, cadeiras acolchoadas, janelas grandes escondidas pelas cortinas de linho creme.

Talvez eu não ficasse tão nervosa se o lugar estivesse abarrotado de turistas, como o habitual. Minha vontade era de sair correndo daqui e saber a opinião de cada um depois. Porém, eu tinha que demonstrar a mesma maturidade que tentei dar para o meu vinho.

O estranhamento inicial logo se esvai quando volto à realidade e sinto uma pontada por tr s dos olhos, a mesma que anda me acompanhando nos últimos dias. Momentos de tensão sempre deixam a minha cabeça em pane.

As taças são manuseadas com toda cautela pelos garçons. Uma de cada vez, com total primor.

Ao meu lado à mesa, com olhos inquietos, está Gael, nosso *sommelier*; Giulia, *hostess* da vinícola e Otto Fontenelle, viticultor, dono da Casa Fontenelle - o *big boss*.

Depois de quatro anos de espera e dedicação, meu único objetivo é poder confirmar que os vinhos brasileiros estão melhorando a cada ano e que o Vale dos Vinhedos é a nova referência da viticultura. A Casa Fontenelle haveria de ter um novo vinho ícone em seu menu. Eu queria continuar honrando sua história.

Não adianta, a pessoa pode fazer o certo, dar o máximo de si, mas o nervoso ao expor seu trabalho quando ele precisa ser avaliado, é natural e inevitável. Eu fui provando o vinho a cada mês, sentindo a evolução dele a cada avaliação, mas ainda assim o nervosismo me domina.

Queria confirmar tantas coisas com esse vinho! Não só na qualidade, mas mostrar o retorno diante de todo o voto de confiança que Otto me deu, tanto no apoio aos estudos quanto nos ensinamentos na prática.

Formada em Enologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tentava convencê-lo de que eu precisava fazer o mestrado em *Bordeaux*, no sudoeste da França. Era um sonho que eu pretendia realizar. E, como tudo na minha vida, eu queria que fosse para ontem.

Apostei todas as fichas na produção do meu primeiro vinho profissional, e c  estou eu, para prov -lo e dizer que fiz o certo.

Por fim, ele é apresentado. A grande estrela da noite, com um rótulo ainda improvisado, especificando a data do engarrafamento sobre a garrafa empoeirada: Safra 2012. Eu não tinha me preparado para esse dia quando pus   prova a criação. Foram meses de pesquisa, selecionando cuidadosamente cada casta.

Produzido com uvas *Merlot* e *Cabernet Sauvignon*, escolhi as proporções

de cada casta baseada na esperança de obter um corte harmônico. Foi envelhecido por cerca de um ano em barricas nova de carvalho francês e conservado nas caves da Vinícola Casa Fontenelle por mais de três anos, até este exato momento.

Eu poderia ficar aqui apenas pensando em cada passo percorrido até chegar a esse ponto: o desengace dos cachos, sem esmagamento; a maceração pré-fermentativa a frio por quatro dias; a fermentação alcoólica; a maceração a uma temperatura controlada de 25 a 30°C; depois mais maceração, mais fermentação; uma extração tânica; mais fermentação malolática, e quatro anos de espera...

Otto sempre diz que o vinho é como o ser humano. Com a maturidade, ele vai aprendendo. Com as experiências, vai se moldando às novas realidades. No processo de evolução, ele decide por qual caminho seguir, formando assim o seu sabor, sua essência. Nem sempre o paladar irá agradar a todos. Cada um é singular. Único. Cheio de história.

Ele sempre qualifica os vinhos produzidos pela vinícola como cápsulas do tempo. Este momento era como se a cápsula do tempo do meu trabalho, dos meus poucos anos dedicados a essa profissão, fosse exposta.

Enfim, a garrafa é aberta.

— Por que você está tão nervosa, Aurora? — Otto bate devagar com sua bengala no chão, chamando a minha atenção. Ele mantém sua pose séria.

Gael anota algo em seu caderninho quando o vinho é aberto e servido na taça *Bordeaux* em Cristal. Só consigo ver a caneta prateada balançando com pressa por entre seus dedos.

— Não estou.

— Cor rubi — analisa Gael, preocupando-se apenas com o vinho, levantando a taça e olhando o líquido contra a luz. — Cor intensa e profunda.

Franzo o cenho.

— Isso é bom — rebate Otto, pegando a taça e analisando, por si mesmo, o vinho.

Isso é bom.

Ele gira a taça algumas vezes, deixando a oxigenação gradativamente entrar na taça e, de os olhos fechados, cheira o líquido rubro.

Fico apreensiva. Gael e Giulia fazem o mesmo.

— Hum.

Hum? Hum é ruim?

— Elevada intensidade aromática — relata Gael, olhando para Otto.

Ele assente, concordando.

— Não vai degustar seu vinho? — pergunta Otto para mim, juntando

suas sobrancelhas brancas.

— Eu sei o gosto que tem — sorrio.

Não estou nervosa. Não estou nervosa. Não estou nervosa.

Deus, eu estou MUITO nervosa!

Ele ri, mostrando a taça e, depois de girar o líquido novamente e cheirá-lo mais uma vez, enfim, bebe o vinho tão esperado.

Gael e Giulia fazem o mesmo e se entreolham, buscando as notas e aromas que tanto anseio.

Os minutos parecem não ter fim.

Otto põe a taça sobre a mesa e me olha.

Giulia bebe mais uma vez e Gael continua anotando.

— E aí? O que dizem? — peço, sem aguentar a tranquilidade deles. Eu estou quase explodindo.

— Você já sabe o gosto que tem, não é? Você precisa de mais o quê? — questiona Otto, escorando a mão esquerda sobre a bengala e, com a direita, ajeita um fio de cabelo que cai sobre o olho direito.

— Eu preciso de um relatório completo antes de degustar a prova final.
— Forço um sorriso.

— Oh — Otto ri, pela primeira vez na noite. — Logo você, tão confiante. Cadê a Aurora de sempre?

— Não é falta de confiança, Otto. São quatro anos de espera. Quatro anos! Se por acaso não for do agrado de vocês, serão quatro anos perdidos.

— Perdidos? Não foram perdidos. Mas — ele respira fundo e volta a olhar o vinho, pedindo com um gesto para que o garçom encha um pouco mais a sua taça —, já que você pediu, eu sinto aroma de cacau.

— Ameixa... — completa Giulia, imitando o gesto.

— Eu disse! — pronuncia-se Gael. — Elevados aromas. Consigo sentir uma leve fragrância de cravo.

— Cravo?

— Você precisa provar. — Otto pega a minha taça e a coloca em minha mão. — Prove.

Rodopio o líquido e o cheiro. O aroma estava mesmo bastante marcante. Provo e aprecio a minha criação.

Fico por alguns segundos tentando absorver a sensação e a emoção contida naquela simples ação.

— Já ouviu falar em néctar dos deuses, Rory? — Otto pergunta, terminando sua taça. — Este é o verdadeiro néctar.

Uma onda de alegria me atinge. Consigo ouvir até alguns acordes de uma música angelical.

Vinho, ansiedade e música. O resumo perfeito da minha vida.

Isso é sério? Meu Deus! Quatro anos. Quatro anos e deu certo!

Eu estou gritando por dentro!

— Fantástico, Aurora — elogia Gael, e sinto meus olhos marejarem. — Ótimo volume na boca. Acidez perfeita sobre o tanino adequado. Isso é fruto de uma excelente maturação. Sabe disso, não sabe?

— Quatro anos — enfatizo, mostrando serenidade. — Meu sobrenome é maturidade — brinco.

— Quatro anos bem investidos — Giulia me abraça. — Parabéns.

— Obrigada, Giu.

Bebo a minha taça toda e, em seguida, mais uma. Ficamos ali, apreciando cada gole com paixão, enquanto eles qualificavam com notas distintas o vinho.

Agora seria um trabalho em conjunto para colocar o novo produto no mercado. Gael o indicaria no restaurante da vinícola, harmonizando com algum prato chique do chef Lacerda e ficaria à frente da loja com a equipe de *sommelier*. Giulia explicaria cada detalhe do aroma e da textura do nosso néctar dos deuses nas salas de degustações, incentivando as pessoas provarem por si mesmas.

Eu mal conseguia conter a felicidade dentro de mim.

— Anota aí nesse seu caderno, Gael. — instrui Otto, levantando-se da mesa. Ele estava tão feliz quanto eu. — Aurora, Safra 2012, Casa Fontenelle.

— Aurora? — pergunto.

— Ele precisa ter seu nome, Rory. É sua primeira criação. Um início radiante. Tudo a ver com seu nome. Confesso que já estou ansioso para degustar sua próxima seleção. Espero ainda estar vivo para mais um dos seus néctares.

— Não fale besteira, Otto. Quem vai me dar as dicas preciosas de cada milímetro dessa terra?

Ele sorri, satisfeito. Otto sentia um orgulho imenso do seu sucesso. Sua idade avançada não o permitia ser mais ativo. Eu percebia o quanto sofria por não poder estar mais no meio das plantações, participando das colheitas, da produção ou até mesmo na distribuição, como o fez por mais de sete décadas. Não existia ninguém que soubesse mais sobre vinhos e sobre essa vinícola como ele. Eu devia todo o meu conhecimento e meu estudo aos seus ensinamentos e incentivos financeiros.

Levanto-me e o abraço.

— Parabéns. Você é o meu orgulho – diz.

— Obrigada.

Ele beija minha testa e sai do salão, acompanhado por Gael.

Giulia começa a pular na minha frente e me abraça forte.

— Amiga! Precisamos comemorar! — grita em meu ouvido, pegando a minha mão. — Vamos encher a cara e meter o pé na jaca!

Eu sabia que ela estava se controlando na frente dos outros. Giu sabia como eu estava ansiosa com essa degustação.

Ela olha o seu celular.

— Vamos lá para o Pablo?

— Antes eu preciso fazer uma coisa.

Vou até a cave, de onde pego duas garrafas do novo Aurora 2012. Encontro minha amiga no estacionamento e destravo as portas com a chave automática com um pouco de dificuldade em acertar os botões.

— Uau! Que...

Giulia analisa o carro antes de entrar.

— Ah é, esse carro. Sim, é uma Hilux vermelha Volcano de última geração com *blá blá blá*. Ganhei hoje — imito a voz de Otto, quando me contou tudo isso pela manhã. — Otto disse que era um presente antecipado pelo vinho.

— Até que enfim você deixou aquela lata velha de lado.

— Não fala assim do *Sun*. Ainda bem que ele não está aqui para ouvir essa atrocidade.

— *Sun*, seu carrinho querido, está querendo se aposentar. Coitado!

— Não coloque palavras na boca dele, Giu. *Sun* estava com o pneu furado. Só por isso vim com este hoje.

— Então não vai usar o presente?

— E abandonar *Sunzinho*? Nem pensar! — Sorrio. — Aliás, muita coincidência *Sun* aparecer avariado logo hoje quando ganhei esse aqui, não é?

— Otto precisou apelar — conta ela, passando a mão sobre a pintura metálica.

— Filho da mãe! Não tinha pensado nisso. Eu estava tão focada na degustação que...

— Em defesa do chefão, ele sabia que você jamais testaria esse possante se tivesse a opção do *Sunzinho*.

— Em minha defesa, *Sun* sabe que não sou traíra. Nada contra você, vermelhinho, mas *Sun* foi meu primeiro amor.

Gargalhamos juntas enquanto entramos no carro.

— Otto estava com uma expectativa tão alta com esse vinho. Olha esse carro! Desnecessário.

— Não foi só por causa disso. *Sun* é mais velho do que você, Rory!

— Não muito, vai! Só 10 anos a mais. Ele tem 33 anos. Para o seu governo, Chevrolet C10 é relíquia.

— Ah, não reclama por ganhar um carro zero. — Ela ri e coloca o cinto

de segurança.

— Não estou reclamando. Fiquei feliz, ele é lindo, mas fico assustada com a confiança do Otto. Imagina se o vinho ficasse uma merda?

Eu devia muito a ele. Devia a Otto Fontenelle tudo o que sou hoje.

Meus pais trabalharam para ele desde bem novos, e quando meu pai faleceu, quando eu tinha nove anos de idade, Otto prometeu à minha mãe que sempre cuidaria de mim. E foi o que fez. Eu e mamãe moramos na casa dele. Minha mãe cuida dos afazeres da mansão e eu o ajudo com toda a organização do seu império.

Hoje a Casa Fontenelle é líder do mercado nacional de vinhos finos, com 20 milhões de litros ao ano e 1.300 hectares de vinhedos, todos de uvas viníferas, conduzidas pelo sistema de espaldeira. São 800 hectares apenas aqui, no Vale dos Vinhedos, no Rio Grande do Sul, onde tudo começou.

Otto é um homem de muitas posses, porém, é solitário. Seu único filho faleceu há muitos anos em um acidente de moto e, logo depois, sua esposa.

Otto é um típico italiano ranzinza. Taciturno e extremamente perfeccionista, sua maior preocupação é fazer o vinho da Casa Fontenelle crescer cada vez mais.

— Não ficou uma merda — atesta Giulia.

— Tudo bem, mas e se ficasse?

— Detesto quando você vem com esse lado pessimista. Já passou. Não vai acontecer mais. Pra quê remoer algo que não aconteceu?

— Isso se chama prevenção. Eu gosto de pensar nos dois lados da situação. Quando dá certo e quando dá errado. Assim, quando nada sair como planejado, não será tão decepcionante.

Ela me olha por alguns segundos e me pergunto se falei algo errado.

— Já disse que você é maluca?

— Todos os dias — respondo, aliviada.

Giu é uma das poucas amigas que eu tenho. O trabalho na vinícola, desde que Otto ficou doente e precisou cuidar da saúde, ocupa todo o meu tempo. Acho que se não fosse o fato dela trabalhar no mesmo local que eu e ter me apresentado ao Pablo, meu namorado, não teríamos criado tanta afinidade.

Loira natural de olhos verdes, Giu é uma típica descendente europeia que conquistava os turistas logo de cara quando explicava cada canto da vinícola e dos vinhos com sua beleza natural.

Ela pega seu celular e digita algo.

— Quem é o sortudo da vez? — pergunto.

— Convidei o Fê para ir ao bar.

— Fê? Não era Marcel?

— Que Marcel o quê? Marcel era um fofo, mas não me deixava respirar. Estou fora de homem grudento, amiga. Terminamos semana passada. Eu te falei.

— Desculpe. Fiquei meio aérea essa semana.

— Perdoada. Então... — Ela digita mais duas palavras e guarda o celular na bolsa. — Conheci o Fê em uma padaria no centro de Bento, acredita? Ele é um verdadeiro pão. Um espetáculo de homem.

Sorrio.

— E não é meloso?

— Ei, para de ser *jaguara*! Ele é um lorde. Um moreno lindo e tem a voz da experiência.

— Voz da experiência? Ah! Então não sou só eu que curto um velhinho. *Sun* agradece.

Ela revira os olhos em meio a risadas.

— Ele não é.... Para de ser chata, mulher! Você irá conhecê-lo hoje, aí você tira suas próprias conclusões.

— Tudo bem. — Levanto uma das mãos. — Farei isso com prazer.

Giu liga o rádio em uma estação qualquer e seguimos em direção ao bistrô do Pablo.

Sete quilômetros depois, o pôr do sol alaranjado havia dado lugar no horizonte a um céu de cor azul da Prússia na pequena cidade vizinha, Monte Belo do Sul.

Estaciono o carro na praça em frente ao bistrô. As luzes acesas no local contrastam com a calmaria da cidade, e nos dão a nítida impressão de que estamos chegando para agitar a noite.

— Nossa, que frio! — Giu se encolhe assim que saímos do carro.

Ergo meus olhos para a bela Igreja de São Francisco de Assis.

— Vamos entrar, Rory? — pergunta ela, esperando que eu me mova.

— Vá na frente. Eu já vou indo.

Não espero resposta e sigo em direção à igreja, passando pelo pequeno chafariz que não para de jorrar água fantasiada de vinho, remetendo à região vinifica.

Agora posso sentir o vento gelado batendo em meu rosto, e isso me causa um arrepio.

A poucos passos da entrada da Igreja, eu paro. Fazia anos que eu não entrava ali. Lembrava perfeitamente da última vez. Eu ainda era uma criança.

Eu deveria agradecer pelo dia de hoje. Deveria agradecer por tudo ter dado certo.

— Mas não vou... Eu não vou agradecer.

— O quê? — Ouço ao lado.

Vejo um homem a alguns metros de mim, na mesma posição que eu.

— Desculpe, eu não entendi... você estava falando comigo? — pergunta o homem, baixinho.

A sombra do grande plátano da praça esconde seu rosto.

— Ah, não! Não... eu estava falando com... — Aponto para a igreja e arfo. — Sozinha. Eu estava falando sozinha.

Forço um sorrisinho e viro-me de costas para a igreja na tentativa de afastar dores antigas que ameaçavam ressurgir e sigo para o bistrô do Pablo.

— Olha quem chegou! — Meu namorado sai de trás do balcão e me abraça apertado, beijando meus lábios.

Giu já está sentada em uma mesa com algumas pessoas e ergue sua cerveja para mim.

— Parabéns, Rory. Giu me contou. Deu tudo certo, não é? Eu disse que daria! — Pablo segura meu rosto e me olha franzindo o cenho. — O que foi? Você está tão séria.

— Nada. Eu só estava olhando para a igreja e... — Afasto os pensamentos e o abraço forte, replicando seu beijo. — Esquece.

Ele acaricia meu rosto. Seus olhos mostram o orgulho que sente.

Seus cabelos castanhos caem sobre sua testa e a barba malfeita lhe dá um ar de caubói americano, como diz Giu. Eu não tinha vergonha de dizer que havia me apaixonado primeiramente pelo seu belo rosto.

Nós nos conhecemos através da Giulia três anos atrás. Pablo cuidava dos negócios do pai nas oficinas mecânicas da região até perceber que não amava aquilo e resolveu abrir seu próprio negócio, inaugurando o Bistrô do Pablo, em Monte Belo do Sul.

Pablo participou de boa parte do tempo de espera pelo Aurora. Sabia das minhas expectativas sobre ele. Seu apoio durante esses anos foi o de não me cobrar tempo com ele.

— Obrigada, Pablo.

Ele me beija novamente.

— Oh casalzinho aí! — Giu grita. — Estamos aqui para comemorar ou não? Cadê o espumante, Pablo?

— É pra já!

Ele solta meu rosto e pega minha mão, colocando-me sentada na bancada de frente para ele, e segue para pegar a garrafa e as taças.

Giu chega por trás e me abraça.

— Hoje é um dia muito especial!

— É sim.

— Por que você não canta pra gente? Faz tempo que não faz isso.

Ah, cantar...

Eu estava tão focada no novo vinho e trabalhando nos próximos, que havia deixado minha outra paixão de lado.

— Meu violão ficou no *Sun*.

— O Pablo tem um guardado aí. Aquele que o rapaz usa nos finais de semana para os shows ao vivo. Ah, por favorzinho, Rory! O lugar está meio vazio e essa musiquinha ambiente está péssima.

— Talvez mais tarde. Agora só quero relaxar um pouco e aproveitar essa noite perfeita.

— Promete?

Coloco a língua pra fora, provocando.

— Eu falei talvez.

— Yes! Vou pedir para o Pablo separar o violão.

Ela me ouviu?

Animada, ela chega perto do meu ouvido.

— Ainda não acabou, viu! — sussurra, erguendo as sobrancelhas enquanto bebe um gole da sua cerveja.

— O quê?

— Não acabaram as surpresas...

Ela faz um gesto com dois dedos sobre a boca, como se a fechasse com um zíper.

Pablo chega com a garrafa de espumante Moscatel da Casa Fontenelle na mão e um facão na outra.

— Posso abrir?

— Pode! — grita ela, dando pulinhos ao meu lado.

Com rapidez, meu namorado passa a lâmina do facão pela garrafa, arrancando de uma vez a boca e a rolha.

Bato palmas.

— À Aurora!

As poucas pessoas ali comemoram conosco. Brindamos e apreciamos o momento com muitas risadas.

— Ah! Acho que esqueci o principal — digo para o Pablo. Tomo o último gole do espumante em minha taça e saio da bancada, lembrando da garrafa no banco de trás do carro.

— O principal é você, meu amor.

— Não. — Aperto seu nariz. — Espere um minuto.

— Não sairei daqui.

Saio do bistrô e vou até o carro. Novamente me enrolo com as portas elétricas. *Sun* é lindo justamente por ser tão simples. Esse carro é moderno

demaís para mim.

Sorrio e pego uma das garrafas, deixando a outra no banco para a minha mãe. Fecho a porta e desisto de travá-las.

Dou as costas ao veículo e noto que o homem que vi na porta da igreja permanece no mesmo local. Ele está sentado em um dos bancos e esfrega uma mão na outra.

Estranho sua presença e sem pensar duas vezes, vou até lá perguntar se ele está perdido ou se precisa de alguma coisa.

Atravesso a pequena praça devagar.

— Com licença.

O homem se vira na minha direção. Agora, sem a sombra da árvore, consigo ver seu rosto.

Pisco algumas vezes diante daquele encontro.

Não o conhecia, isso eu tinha certeza. Eu me lembraria desse homem.

— Oi. — Ele se levanta, sorrindo, e estende a mão direita. — Como vai?

Ajeito a garrafa no braço e o cumprimento, meus olhos focados nos dele. Sinto a pele gelada da sua mão cobrindo a minha por completo.

Ele é alto e têm os cabelos castanhos escuros penteados para trás. Seu maxilar quadrado e sua barba feita sobre a pele branca realça o par de covinhas na bochecha quando sorri.

Acredito estar demonstrando um pouco mais de surpresa do que deveria. Só não consigo compreender o impulso forte em meu coração ao ouvir a rouquidão em sua voz e ver esse sorriso emoldurado.

Percebo que estou olhando um pouco demais para ele.

— Ah, eu... eu estou bem. — limpo a garganta, tentando encontrar a minha voz. — Você está precisando de alguma coisa?

— Eu estou esperando uma pessoa que combinou comigo aqui e... — Ele sorri novamente. *Céus, homem, pare de sorrir!* — Acho que fui esquecido.

Imediatamente eu me lembro da Giulia. *Cretina! Como não pensei nisso?! Também, né?! Imaginei um Fê de 70 anos.*

Não posso julgar a paixão repentina da minha amiga.

O dia foi tão perfeito que tudo que aparecer à minha frente será algo muito sentimental. Eu estava radiando felicidade e não posso colocar a culpa nas taças que tomei. Não totalmente.

Respiro fundo e recupero minha sanidade, sacudindo levemente a cabeça.

— Então você é o Fê — digo, apontando para ele.

— Fê? Isso. Eu sou o Filipe — responde animado.

— Oi, Filipe, eu sou Aurora.

— Prazer em conhecê-la, Aurora. — Ele me cumprimenta novamente.

Sorrimos.

— A Giu está te esperando. Não sabia que era você naquela hora. Desculpe. Vamos lá? — Indico o lugar com a cabeça.

Ele aperta os lábios e concorda, colocando as mãos dentro dos bolsos da calça justa preta ao me acompanhar.

— Está com frio? — pergunto, enquanto atravessamos a praça.

Pelo jeito, seu sobretudo cinza não o estava esquentando. E eu estava com uma mera blusinha de manga e calça jeans.

— Estou congelando.

— Tenho aqui algo que vai te ajudar. — Dou duas batidinhas no vinho que estou abraçando.

Ele ergue as sobrancelhas surpreso e atravessa a rua comigo até entrarmos no bistrô.

A temperatura dentro do bar é bem mais agradável.

Filipe para à entrada e fica ao meu lado. Olho para ele, erguendo minha cabeça, e o vejo analisar o lugar, antes de me olhar e sorrir.

— Achei que havia se perdido! — Pablo vem até a gente e me estende outra taça de espumante.

Nego com a mão. Acho que esse espumante me deixou estranha.

— Pablo, esse é o Filipe. Giulia o está esperando.

Eles se cumprimentam.

— E aí! Seja bem-vindo, Filipe. Fique à vontade. Alguma bebida? Vou pegar o cardápio para...

— Onde está a Giulia? — pergunto.

— Giu? — Ele olha em volta e levanta os ombros fazendo uma careta. — Ela bebeu umas doses de... — Ele a procura com os olhos. — Deve estar por aí. Vamos sentando... venham... logo ela aparece.

Filipe concorda e Pablo nos acompanha até uma mesa para quatro.

Meu namorado se senta ao meu lado, puxando sua cadeira para mais perto e, com carinho, puxa meu cabelo para o lado e beija abaixo da minha orelha. Eu me afasto um pouco e ele se liga que Filipe está bem à nossa frente.

— Desculpe... estamos comemorando o sucesso da minha gata — diz Pablo.

Forço um sorriso sem graça para o homem desconhecido.

— Ah, falando nisso — digo, erguendo a garrafa que ainda está em meus braços. — Esse é seu.

— Não vai me dizer que...

Faço um sim animado com a cabeça.

Ele abre a caixa com animação. Enquanto se entretém com o rótulo

provisório, eu olho para Filipe.

A luz da decoração do bistrô direcionada diretamente para nossa mesa me faz perceber o azul celeste dos seus olhos presos em mim.

— Podemos apreciar? — Pablo pergunta, o que me faz virar para ele.

— Devemos!

— Tem noção do quanto esse momento é especial? Eu sou mesmo sortudo! — Ele se vangloria. — Já degustou de um vinho do qual poucos provaram, Filipe?

Pela primeira vez, o homem tira os olhos de mim.

— Não. Nunca — responde também com a cabeça.

— Esse foi ela quem fez — conta Pablo, orgulhoso, alisando de novo o meu cabelo.

— Parabéns, Aurora — congratula Filipe.

— Obrigada.

Ele sorri novamente.

— Vou pegar as taças — diz Pablo. — Qual a temperatura ideal desse vinho?

— 16 graus.

— Certo. — Ele se levanta. — Eu já volto.

— E eu vou procurar a Giu...

— Não. — Pablo me impede de levantar. — Hoje é o seu dia. Eu faço isso. Trarei mais um espumante para a gente até o vinho gelar.

Ele beija meus lábios e se afasta com a garrafa na mão.

Filipe olha em volta e então me encara novamente.

— Você fez mesmo o vinho?

Faço que sim.

Ele cerra um pouco os olhos.

— Isso é incrível. Nunca conheci ninguém que fosse... — Ele procura a palavra.

— Enóloga — completo.

— Desculpe. Meu conhecimento sobre o assunto é quase nulo. Pensei em Sommelier, mas...

O que Giulia fica fazendo com esse homem que nunca explicou a ele a diferença?

Por um breve momento, eu consigo imaginar.

Sorrio por dentro.

— Muitas pessoas confundem — explico. — São profissões diferentes ligadas ao vinho. Giulia pode te explicar melhor.

Ele sorri satisfeito.

— Deve ser algo difícil.

— É. É sim — arfo um pouco. — O mais difícil foi ter que esperar quatro anos para saber se tinha ficado bom. Do jeito que eu queria.

Ele ergue uma sobrancelha.

— Concordo. É difícil lidar com o tempo. Principalmente quando devemos esperar por respostas. — Sua frase me faz arrepiar. É como se ele entendesse meus pensamentos em apenas meia dúzia de olhares e palavras.

Seus olhos continuam presos ao meu, quase de modo indiscreto, como se eu fosse algo digno de muita curiosidade.

Pisco algumas vezes, levemente constrangida.

— É. Eu penso da mesma forma.

— Desculpe atrapalhar sua comemoração, eu... eu não sabia que Giulia seria a...

— Você não atrapalha. Giu já tinha me avisado que você viria e nada melhor do que comemorar com amigos. Amigo da Giu é meu amigo. — Respiro fundo. — Mas então... — Arranho a garganta. — Você é de Bento Gonçalves mesmo ou...

— Não, eu sou carioca. Cheguei hoje à cidade.

Hoje?

E a história do pão? Do encontro com Giu na padaria? Não foi assim que se conheceram?

Ergo as sobrancelhas.

— Mas...

Giulia chega por detrás dele, sacudindo o celular.

— Onde estava? — pergunto, levantando-me.

Filipe faz o mesmo, porém, mais devagar.

— Eu estava lá atrás falando no celular. Por quê?

Faço um gesto com os olhos para o homem à minha frente.

Que falta de consideração com o seu paquera!

— Ah, oi, tudo bem? Prazer, eu sou Giulia.

— É um prazer conhecê-la, Giulia.

Giulia ignora a mão esticada do Filipe e o beija na bochecha, depois se vira para mim e arregala os olhos com um sorriso enorme nos lábios.

Filipe abre um sorriso tímido.

Ambos ficam me encarando e...

...espera aí!

Eu ouvi direito?

Prazer em conhecê-la?

Mas...

Capítulo 3



*“Muitos são os planos
no coração do homem,
mas o que prevalece é o
propósito do Senhor.”
Provérbios 19:21*

Aos 10 anos de idade

Subo os degraus da pequena paróquia sem pressa, perdido nos meus pensamentos. Eu precisava vir pedir ajuda a Deus.

*— Filipe! — A voz do padre Túlio ecoa atrás de mim e viro-me devagar.
— O que está havendo?*

— Nada, padre.

— Filipe, eu te conheço desde que nasceu. Conte-me, talvez eu possa te ajudar.

Aperto os lábios e penso por alguns segundos. O Padre senta-se na escada, acenando para que eu faça o mesmo. Sento-me ao seu lado e resolvo pedir a sua opinião.

— Diga. O que te aflige?

— *Sabe o que é Padre? Eu queria fazer uma pergunta à mamãe. Ele franze o cenho, observando-me de lado.*

— *E por que essa pergunta o deixa tão abatido?*

— *Porque é sobre meu pai.*

— *Hum.*

— *Sei que ela fica triste quando se lembra dele, sabe? E não sei como perguntar isso a ela.*

— *Filipe, você ainda é muito novo para entender os problemas de adultos. Dona Paola deve ter seus motivos.*

— *Eu sei. Eu só queria mesmo saber o nome dele e por que ele não quis ficar perto de mim.*

— *Nem sempre as coisas na vida são do jeito que gostaríamos que fossem, menino. Há muitas coisas que vão além da nossa compreensão.*

Abaixo a cabeça, tentando entender o que ele quer dizer.

— *Você não tem problemas, padre.*

Para o meu espanto, ele solta uma risada alta. Eu não tinha dito nada engraçado.

— *Tenho. Mais do que gostaria, e menos do que muitos por aí. Deus não nos dá um fardo maior que possamos carregar. Pense nisso, tudo bem?*

Faço que sim, finalmente compreendendo alguma coisa.

— *Sua bênção, padre.*

Sua mão vai à minha testa e fecho meus olhos, sentindo o amor de Deus tocar pela primeira vez em minha alma.

— *Deus te abençoe, meu filho. Deus te abençoe.*



Deixar para trás o velho Túlio, Milena e Bruno foi a parte mais dolorosa. Mais até do que eu havia imaginado.

Por alguns dias Milena ainda tentou me fazer contestar o lugar para onde eu estava sendo transferido, mas eu me mantive firme. Não poderia deixar ninguém me fazer abandonar daquilo que me foi designado. Acho que ela ainda não havia entendido que no dia da minha ordenação, eu me tornei outro homem. Então, assim que percebeu que o dia da viagem se aproximava, ela me fez prometer inúmeras coisas.

Eu também estava ciente de que a minha partida iria estreitar os laços

afetivos do casal. Minha mudança seria boa para todos.

Bruno estava feliz por mim, dizendo que assim que tirasse férias iriam me visitar. Bispo Túlio me deu um abraço apertado de despedida. Ele também estava feliz. Aliás, ele sabia o quanto fez parte de toda a minha história.

Não me esquecerei das suas palavras: *a pior coisa na vida é começar algo e nunca terminar. Vai em frente, garoto, não olhe para trás e não leve a vida tão a sério. Conclua a etapa da sua vida que escolheu e, que Deus o acompanhe.* Depois me fez afirmar que enviaria garrafas de vinho direto da fonte.

Malas prontas, festinha de despedida organizada pelos fiéis e vários presentes recebidos, a maioria casacos e cachecóis confeccionados à mão.

Eu estava mais calmo e menos irritado. A ansiedade tinha ficado de lado e me apeguei aos conselhos do Bispo Túlio.

Até que o grande dia chegou e uma nova fase da minha vida teve início.

Enquanto tento me aquecer, relembro o dia inteiro.

Peguei um voo direto para Porto Alegre e depois um táxi no aeroporto já sentindo a diferença no clima e conforme subia a serra, o friozinho se fazia mais intenso.

Duas horas depois, adentramos no Vale dos Vinhedos e fui recepcionado por uma enorme placa que mostrava de forma turística, as grandes vinícolas da região.

As grandes parreiras de uva contrastavam com a paisagem de céu azul brilhante. As casas modestas e de madeira me faziam quase acreditar que eu estava em outro país. Havia ainda muitos restaurantes e hotéis luxuosos, em meio as vinícolas.

Poucos quilômetros depois avistei as torres da Igreja Matriz que avisa a chegada à minúscula cidade de Monte Belo do Sul, com menos de três mil habitantes, situada dentro do Vale dos Vinhedos. Perdi as contas de quantas vezes naveguei pelo *Google Maps* antes de chegar aqui.

O taxista, que também não conhecia a cidade, foi dirigindo devagar. A percepção da pequena cidadezinha, à primeira vista, foi de uma tranquilidade plena, rodeada por montes de parreiras de uvas. Poucas pessoas andavam nas largas ruas naquele fim de tarde. Para quem vem de uma cidade grande, onde tudo é apertado e com grande concorrência, lugar com espaço aberto e rural traz uma sensação de paz. É assim que me sinto quando avisto por completo a esplêndida Igreja Matriz de São Francisco de Assis de frente para uma praça arborizada.

Paguei a corrida ao taxista, desci do carro com minhas malas, olhei em volta e voltei a sentir frio na barriga. A praça estava vazia, e fiquei encantado

quando ouvi as primeiras badaladas daquela igreja junto com o canto de pássaros. Seria outra vida. Eu conseguia sentir isso.

A porta principal da igreja estava fechada, mas resolvi arriscar. Bati e aguardei por alguns minutos, mas ninguém me recepcionou.

Confirmei pelo celular o último e-mail que recebi do bispo da região. Dia, ok. Horário, ok. Local, ok. Deveria haver alguém para me receber aqui.

Liguei para o contato do padre Giovanni que estava no e-mail, mas ninguém atendeu também. O frio aumentou e peguei um dos meus casacos de dentro da mala. Resolvi deixar as malas em frente à portaria da Igreja e sentei-me em um dos bancos da praça, esperando a chegada de alguém. Pensei em ligar para o Túlio, mas ele não seria de muita ajuda.

Relembro o relatório que me enviaram. Padre Giovanni teria oitenta e poucos anos. Estaria lúcido e ativo, mas precisava de auxílio até que ele partisse e, então, eu assumiria a igreja.

Uma hora depois, fui surpreendido por uma luz. Um carro parou com os faróis ligados, e uma moça desceu e veio em minha direção. Era quase uma luz no fim do túnel. Eu poderia até dizer que uma luz saía, realmente, dela.

De cabelos castanhos ondulados e olhos negros e grandes, a moça passou direto por mim sem me perceber ali. Sua pele branca como as nuvens e as bochechas levemente rosadas chamaram minha atenção.

Ela olhou para a igreja como se a encarasse para algum desafio e falou algo que eu não compreendi.

Foi o suficiente para perceber que ela não estava ali por minha causa.

Desenganado, voltei a sentar.

Então a moça retornou minutos depois com um sorriso perguntando se eu era o Fê. Achei estranho. Não me recordava da última vez que alguém tinha me chamado de Fê. Eu deveria ter perguntado onde estava o padre Giovanni de imediato, mas resolvi esperar a presença da tal Giulia que, pelo o que pude entender, saberia o que fazer comigo.

E agora, cá estou eu. Parado. Depois de recapitular todo o dia. Em um bar. Com uma linda mulher à minha frente me chamando de Fê.

Alguma coisa dentro de mim liga o sinal de alerta quando percebi o brilho que cintilava dos olhos dela de forma majestosa, algo que parece atrair os meus olhos sem uma razão explicável.

Sou apresentado ao seu namorado e vejo que comemoram um dia importante para ela. Talvez esse seja o motivo do seu brilho.

Até me sinto um idiota por não me recordar do nome da profissão de quem faz o vinho. E eu me pego sorrindo.

Por um momento, tenho a sensação de que a adaptação aqui será mais

fácil do que imaginei. Eu já estou sendo chamado de Fê; fui recebido por boas pessoas e seria acolhido de forma carinhosa por aquela pequena cidade.

Mas isso dura somente até eu entender que o tal Fê não era eu, Filipe.

— Esse não é o Fê? O seu Fê? — Aurora pergunta a tal Giulia, com as sobrancelhas arqueadas.

Seu Fê?

Giulia, uma loira alta de olhos claros, se mantém ao meu lado. Ela me olha de cima a baixo e sorri.

— Não — nega com a cabeça. — Esse não é o meu Fê, mas, se ele quiser — ela me dá uma piscadela —, pode ser o que quiser.

Aurora revira os olhos e me olha.

Eu não sei se rio ou choro.

— Desculpe, a culpa foi minha, eu pensei que...

— Não — digo. — Foi uma coincidência. Meu nome é Filipe e eu estava esperando uma pessoa e...

— O meu gato se chama Felício. Mas vendo por outros *Fês*, acho que o meu nem é tão gato assim.

— Pare de brincadeira, Giulia — repreende Aurora, colocando a mão no braço da amiga. — Tem algo que eu ou até mesmo a Giulia possamos fazer para te ajudar? O Pablo conhece....

— O que tem eu? — Pablo reaparece ao nosso lado, colocando taças em cima da mesa.

— Ele não é o meu Fê, Pablo — diz Giulia para o rapaz, fazendo beicinho.

Ele acha engraçado e planta as mãos na cintura.

— Como assim?

— Eu o encontrei na praça e foi um acaso de nomes e... — começa Aurora, ligeiramente envergonhada, ajeitando o cabelo para trás do pescoço.

— Mas então, a pergunta que não quer calar, amigos, é: quem você estava esperando? — Giulia questiona com curiosidade.

— Eu não conheço pessoalmente, mas talvez vocês...

— Ah! Seu danado! *Tinder*, não é? — Giulia me corta, dando um tapinha em meu ombro. — Esse aplicativo de relacionamentos é uma coisa de louco mesmo. Confesso que saí com alguns caras, mas não deu certo. Alguns eram um horror pessoalmente. Se você aparecesse pra mim, com certeza eu daria um *Super Like*.

— Não. — Sorrio, sem jeito, negando com a mão. — Não tem nada de aplicativo ou...

— Calma. Não precisa ficar espantado. Eu não mordo. Não até pedirem...

— Ela faz uma cara sexy. Poderia apostar que estava com uma dose a mais de álcool no sangue.

— Não é isso. — *Deus, que confusão eu me meti!* — Eu estou esperando pelo padre da Igreja Matriz. Padre Giovanni. Vocês devem conhecer.

Giulia faz um bico e Aurora levanta um pouco a sobrancelha.

— Ele sabe que eu estava chegando. Bom, deveria saber. Talvez tenha se esquecido...

— Hoje é dia de missa no Caravaggio — conta Aurora. — Sei por que minha mãe está lá. Quanto mais perto da colheita, mas o padre se mexe. Apela pra tudo.

Franzo o cenho. Seu descaso no jeito de falar me deixa intrigado.

— Será que ele lembra como rezar uma missa? Dizem que a memória dele anda meio... — Giulia torce a boca.

Aurora olha para o celular.

— Ele não deve demorar pra chegar.

— Eu os agradeço pela ajuda — digo. — Mas acho que vou esperar lá na praça e...

— Não foge de mim, Fê — brinca Giulia ao meu lado. Acho que essa menina é doida.

— Que nada — diz Pablo — Estamos em casa, nada melhor do que esperar bebendo o novo vinho! Vai negar, Filipe? — Ele ergue a garrafa em sua mão com entusiasmo.

— Fique com a gente. Será um prazer — fala Aurora, com um jeito angelical.

Analisando de forma sutil aqueles jovens, levando uma vida leve com risadas e alegria. Eles não são tão mais jovens do que eu.

O problema é que eu sempre tenho a péssima mania de colocar distância entre as pessoas.

Respiro fundo e aceito o convite. Estou em uma nova cidade e preciso de novos amigos. Talvez seja uma oportunidade ímpar para mudar as coisas que eu não concordo em mim.

Aurora não para de sorrir. Por um segundo, penso que talvez ela nunca tenha parado.

O estranho nessa noite não era o fato de Giovanni ter me esquecido em uma cidade onde não conheço ninguém, mas sim a forma como fico inquieto quando Aurora me olha.

Em alguns momentos me arrependo de ter aceitado o convite de esperar com eles. Mas provar o novo vinho criado por ela muda minha ideia. Bispo Túlio certamente o aprovaria.

— Posso encontrar o padre com uma ligação! — Tomo um susto quando a ouço ao meu lado. — Minha mãe com certeza está com ele. Posso ligar para ela.

Balanço a cabeça, fingindo normalidade.

Assim, tão próxima a mim, posso ver com mais nitidez seus olhos. Eles são cor de jabuticaba, envolvidos por grandes cílios. O pequeno pingente em seu pescoço em formato de flor de lótus brilha como seus olhos.

— Não se preocupe. Eu aguardo. — Não iria atrapalhar a missa.

— Gostou?

— Do quê? — pergunto, aturdido, atrapalhando-me em pensar que talvez tivesse sido indiscreto.

— Do vinho. Gostou do vinho?

Eu já havia bebido toda a minha taça.

— Ah, sim... É o melhor que já tomei.

Ela abre um sorriso. Não um sorriso de gratidão, mas de incredulidade.

— É sério — enfatizo, achando graça da sua reação.

— Acho que não tomou muitos vinhos na vida, Filipe. — Ela coloca o cotovelo sobre a mesa e escora o rosto, olhando-me com interesse.

Não. Na verdade, beber vinho fora da comunhão não era mais aceitável. Mas eu não me sentia um pecador.

— Poucos, mas tenho um grande amigo que irá adorar receber uma garrafa dessas de presente. Acho que teremos tempo para você me ajudar nisso.

Ela fica séria. Percebo um pequeno vacilo no seu sorriso. Mas então o som da voz do Pablo é ouvido por cada canto do lugar, atraindo a nossa atenção.

— Boa noite, pessoal. O dia hoje é especial. — Ele está em um pequeno palco e mantém a garrafa de vinho na mão. — Esse vinho é a nova criação da Casa Fontenelle, criado pela Aurora. Inclusive, já fiz um pedido grande para ser vendido aqui no bar. — As pessoas comemoram. — Para deixar essa noite ainda mais linda, e já que o nosso cantor não deu as caras hoje, peço a Aurora para nos encantar ainda mais com a sua voz.

Começa uma chuva de pedidos em seu nome. Giulia solta um assovio bem alto. Aurora aperta os lábios e coloca uma mecha do cabelo para trás da orelha, rendendo-se aos pedidos com uma risada graciosa.

Antes que se levante, ela me olha. Um olhar rápido, mas, não sei por qual motivo, me pareceu meio provocante.

Acompanho com os olhos cada passo dado por ela até o palco. Ela se senta na banquetta preta e pega um violão que o Pablo lhe entrega. Em seguida ela ajeita o instrumento e tenta alguns acordes.

Ao meu lado, alguém me cutuca.

— E aí, Fê, o que você faz por essas bandas? — Giulia já havia dado a volta na mesa e sentado onde Aurora estivera.

— Eu sou padre.

Ela solta uma risada alta, jogando a cabeça para trás.

— E eu sou a noviça rebelde! — brinca, alisando meu braço.

Não dá tempo de explicar, pois Aurora dá três batidinhas no microfone retendo a nossa atenção.

— Ah! — Giulia bate palma, largando um copo de cerveja sobre a mesa.

— Ela é demais! Viu... — Aponta para amiga. — Ela é demais mesmo!

— Essa música se chama Quando fui chuva, da Maria Gadú e Luis Kiari.

*Quando já não tinha espaço pequena fui
Onde a vida me cabia apertada
Em um canto qualquer acomodei
Minha dança os meus traços de chuva
E o que é estar em paz
Pra ser minha e assim ser sua*

Puta merda!

Repreendo-me mentalmente. Não falo ou penso com palavrões, mas nesse momento foi inevitável.

Puta merda.

*E assim no teu corpo eu fui chuva
Jeito bom de se encontrar
E assim no teu gosto eu fui chuva
Jeito bom de se deixar viver*

Não sei por quanto tempo fico sem piscar. Só reparo quando meus olhos começam a arder. A voz de Aurora, tão doce e afinada, me faz sair de órbita. Não só eu, mas talvez todos ali presentes, porque não se ouve mais nada além dela.

No fim, as pessoas aplaudem, e só então consigo me mover, absorto que estava diante de tamanha perfeição.

Aurora agradece com sua voz doce e entrega o violão ao namorado, que já está no palco. Ele a segura pela cintura e beija sua boca.

Viro o rosto, irrequieto, e, pela janela, meus olhos encontram a fachada da igreja.

Eu estava cansado. Era apenas cansaço e nervosismo da viagem.

Levanto-me da mesa sem fazer barulho.

— Obrigado, Aurora. — Pablo agradece no microfone, e volto a olhá-los.

Ele segura a mão dela.

— É agora! — exclama Giu, sem me olhar.

Caminho de lado até a porta principal. Precisava respirar ar puro, organizar os pensamentos.

O que está havendo comigo?

— Rory... — Pablo se vira para a namorada. — Eu sempre quis as melhores coisas para você e hoje eu quero que seu dia seja ainda mais perfeito.

— Ele respira fundo, fecha os olhos e então os abre. — Você aceita se casar comigo?

Sem ficar para ouvir a resposta, saio do local, ouvindo ao fundo muitos gritinhos de comemoração.

Capítulo 4



*“Who will love you?
Who will fight?
Who will fall far behind?”
Skinny – Love Birdy*

Na minha cabeça um alarme soa insistentemente: ERRO. ERRO. ERRO.

Sei que em algum momento na vida eu iria repensar minhas atitudes. Eu sabia e torcia para não me arrepender.

Saio do bistrô correndo, sem olhar para trás, até parar diante do chafariz e me escorar nele. Ergo meus olhos e encontro a igreja imponente à minha frente.

— Está me castigando, não está? — desafio, e levanto as mãos — Tudo bem, eu posso merecer, mas poderia pelo menos pegar leve?

— Está tudo bem? — A voz que surge ao meu lado me assusta.

Filipe.

— Ah, você está aí?

De onde ele surgiu?

Olho para os dois lados e ajeito a franja caída sobre o rosto.

Ele deve estar me achando louca, falando sozinha.

— Eu precisava um pouco de ar — falo, sentando-me na beirada do chafariz.

— É. Eu também. — Ele ajeita seu sobretudo, se senta ao meu lado e não diz nada.

Ficamos os dois encarando a igreja, como se esperássemos que ela conversasse conosco.

— Eu não sou doida — apresso-me em esclarecer.

— Não achei que fosse — ele sorri. — Sua voz é linda — emenda, mas logo parece se arrepender. — Digo, quando cantou... sua voz... você é uma excelente cantora.

— Ah, obrigada. É apenas um hobby. Canto apenas para os amigos.

— É uma pena. Eu iria ao seu show.

Por alguma razão, ouvir aquilo me faz sentir que sou especial.

— Esse era um dos meus sonhos quando era criança. Hoje, não mais. Tenho a música como algo que vem de dentro, apenas meu. Meu passatempo preferido. Em compensação, tenho muitos outros sonhos, sabe? Centenas deles, Filipe.

Sinto o olhar dele em mim.

— Eu poderia te parabenizar por isso.

Era a minha vez de olhá-lo.

— Você não tem sonhos?

Ele faz que não e desvia o olhar.

— Estou em busca deles. — Filipe se vira de lado, ficando de frente para mim. — O vinho era um sonho?

Sorrio.

— O vinho era para provar muitas coisas. Parece que tirei uma montanha das minhas costas.

Suas sobrancelhas se unem na base do nariz.

— É por que isso que está aqui fora?

— Não. Estou porque, dentre tantos sonhos, nenhum deles inclui me casar aos 23 anos.

Ele faz cara de espanto e essa reação me faz apertar os lábios. Será que ele estava me julgando?

— Eu gosto dele, sabe? Pablo é um ótimo namorado. Estamos juntos há três anos. Ele é trabalhador, muito carinhoso, mas... mas...

— Mas...

— Eu não sei! Por que temos essa mania de ter que explicar tudo? Eu não sei explicar — Sorrio, nervosa. — Eu devo ser louca mesmo.

Ele balança a cabeça. Seu semblante é sereno.

— Não é.

— Ele deve estar muito chateado comigo — confesso, baixando a cabeça.

— Talvez você precise apenas de um tempo.

— Eu preciso do mundo inteiro — sorrio novamente, ajeitando o cabelo. Seguro o pingente caído sobre o meu pescoço. — Já sentiu muito a falta de alguém que não pode estar presente, Filipe?

— Já sim.

Respiro fundo e volto a olhar para a igreja.

— Flor de lótus — diz ele, apontando para o meu pescoço.

— É. Meu pai me deu de presente pouco antes de partir. Disse que essa flor era como eu. — Sorrio, com o coração apertado. — Minha mãe me contou que ele trabalhou meses para juntar dinheiro e me comprar esse colar e pingente. Ele trabalhava na roça, então imagino como deve ter sido difícil. Meu pai sempre foi curioso sobre todas as coisas e nas horas vagas estava carregado de livros. Uma vez ele leu que a flor de lótus significava a pureza do coração e da mente. Contava que à noite as pétalas da flor se fecham, mergulham debaixo d'água e, antes de amanhecer, ao início da aurora, a flor levanta-se das profundezas até voltar à superfície novamente, onde abre suas lindas pétalas uma vez mais. É como se dissessem que amanhã será um novo dia.

— É lindo. — Ele olha em meus olhos e logo volta a focar no pingente. — É um lindo pingente. Seu pai deve ter sido um homem especial.

— Ele era. O engraçado é que ele nunca viu uma flor de lótus. Nem eu. Nunca vi. — Passo a mão no rosto, para evitar que os olhos lacrimejem. — Eu queria que ele provasse o meu vinho.

— Ele está feliz por você. Com certeza.

Se existe algo além dessa vida, eu torcia para que um dia pudesse reencontrá-lo.

— Olha só pra mim. Estou te alugando com os meus problemas!

Estava tão desnorteadada que nem pensei nisso. O homem estava procurando o padre. Talvez tivesse dificuldades maiores que as minhas e eu o estou enchendo com meus problemas pessoais.

— Desculpe-me por isso — peço.

— Eu fui esquecido aqui, Aurora. Não tenho nada melhor pra fazer. — Ele abre um sorriso.

O sorriso mais lindo que eu havia visto na minha vida.

Meu Deus.

— Então... Filipe..., já que você está sendo o meu anjo da guarda e

ouvindo os meus problemas, o que me diz de eu ter acabado de negar um pedido de casamento?

Ele franze o cenho.

— Eu a acho corajosa.

— Corajosa? — Cerro os olhos.

— Esse é um passo importante. Se há dúvidas, então não deve haver casamento.

— Não há dúvidas. Eu nunca quis me casar. Não sou dessas que dizem que jamais se casarão, mas com certeza não o farei nos próximos dez, vinte anos.

Ele meneia com a cabeça.

— Deve dizer isso a ele.

— Pois é. Esse foi o meu erro. Eu e ele nunca fizemos muitos planos, então jamais imaginei que ele iria fazer esse pedido. Acabei de fazer o meu vinho. Agora eu me sinto um pouco livre, sabe?

Ele concorda, prestando atenção em mim.

— Ainda acho que deve conversar com ele.

Faço uma careta.

— Detesto discutir relacionamentos. Nós nunca brigamos, acredita? Não sou do tipo dramática.

— Pense nele. Acho que seria justo você conversar e explicar. Comunicar o que você quer e espera da vida.

Fico cansada só de imaginar ter que explicar tudo.

— Ok. Não sou dramática, mas sou covarde e egoísta. Eu entendi, Filipe.

Posso ouvir seu sorriso, mesmo com meus olhos pregados no chão. Volto a encará-lo.

— Eu não disse isso.

— Eu sei que não, mas eu consigo perceber. Estou errada. Preciso mesmo consertar as coisas de um jeito ou de outro.

— É o mais honesto a fazer com quem te ama.

— É sim. — Solto um longo suspiro. — Chega. Não quero mais falar de mim. — Faço uma pausa e visto meu melhor semblante de boa moça. — Quer dizer que você foi abandonado?

— Para a minha defesa, eu fui esquecido. Ao menos eu acho isso.

Sorrimos. Nossa, eu podia ficar olhando esse sorriso a noite toda.

— Esquecido, sim. E o que faz aqui, Filipe?

— Bom... eu....

De repente, um carro para em frente à igreja, cortando nossa conversa.

— Ele chegou — digo, indicando com a cabeça o padre Giovanni, que acabara de sair do carro.

Nós nos levantamos e Filipe fecha o sobretudo. Olho para o lado e o vejo apreensivo.

Eleonora, uma das amigas da minha mãe, a maior fofoqueira da cidade, sai do carro com certa dificuldade.

— Oh, Filipe! — Padre Giovanni fala alto quando nos avista, acenando com animação.

Eleonora, com sua saia até o pé e vestindo um casaco de lã amarelo, acena também.

— É, acho que foi esquecido mesmo — brinco. Ele me olha e sorri, enquanto acena para o padre.

Ele dá um passo à frente.

— Vamos?

— Não, não... pode ir, eu... eu já estava indo embora...

Tudo o que não queria no restante da noite era aturar a beata Eleonora falar no meu ouvido.

— Por favor... — ele pede. — Preciso dizer ao padre que fui bem acolhido.

Abro a boca para dizer não, mas diante dos seus olhos, eu simplesmente não encontro as palavras.

Padre Giovanni cumprimenta Filipe, mas não presto atenção. Só vejo Eleonora com os olhos fixos no rapaz - da cabeça aos pés.

Eu sei, Eleonora, é difícil tirar os olhos de cima dele. Percebi isso.

— Esse é Filipe — O padre o apresenta.

Eleonora escorrega os óculos sobre o nariz e analisa o homem. Ela não perdia tempo.

— Oh, querido Filipe, seja bem-vindo à nossa pequena cidade!

Ele estende a mão, mas o abraço repentino que o envolve deixa Filipe vermelho.

Quase rio da cena. Ela era a personificação da dramatização.

— Ah, oi, Aurora. Como vai, querida? Sua mãe estava conosco ainda pouco — Ela pega no meu braço e beija meu rosto. Acho que não quer que eu fuja, como sempre faço quando a vejo. — Já soube do seu vinho, hein?! Muito importante para o senhor Fontenelle. O prefeito estava também na nossa missa e disse que irá fazer uma boa propaganda. Aliás, você deveria ter estado lá, querida. A missa em Caravaggio nessa época é muito importante.

A rapidez da notícia sobre o meu vinho não me espanta. Aqui, qualquer assunto, voa.

— Obrigada pela dica, Eleonora.

Ela espera mais alguma resposta, mas apenas arqueio as sobrancelhas e

coloco as mãos no bolso.

Padre Giovanni não me cumprimenta. Apenas me olha e se volta para Filipe.

— Chegou bem?

— Sim. Cheguei mais cedo, mas Aurora me recepcionou muito bem.

— Que bom que se tornaram amigos. Isso é muito bom, não é? — Eleonora cutuca meu braço e pisca um olho.

Ei! O que ela quer dizer com isso? Ela sabe que eu namoro o Pablo! Que coisa mais feia! Quer algo pra fofocar?

— Eu e as minhas amigas estávamos ansiosas pela sua chegada, querido — continua ela.

Ansiosos pela chegada? Amigo do padre? Amigo das beatas?

O que um homem como Filipe estava fazendo aqui? Ao lado vejo o padre Giovanni quase revirar os olhos.

Meu celular toca dentro do bolso da calça. Eu o pego e vejo o nome do Pablo.

Eu tinha coisas mais urgentes para me preocupar.

— Eu... eu preciso ir... — digo, ignorando a chamada. Se o Pablo reparar que meu carro está ali fora, virá atrás de mim. A tal conversa não podia ser hoje. Não mesmo. — Foi muito bom conhecê-lo, Filipe. — Estendo a minha mão e sorrio.

Ele se vira na minha direção e envolve minha mão com as suas duas.

Meu estômago dá um salto.

Seus olhos ficam presos aos meus e um sorriso lindo brota nos seus lábios.

— Obrigada pela noite agradável, Aurora.

— Eu que agradeço.

Queria agradecer por me ouvir minhas ladainhas, mas depois das insinuações de Eleonora, que nos olha fixamente, resolvo dizer apenas isso.

— Filipe. Eleonora. Padre Giovanni. Boa noite pra vocês. — Faço questão de cumprimentar todos. Meus pais me deram educação suficiente.

— Boa noite, querida.

O padre apenas meneia a cabeça.

A caminho do meu carro, olho para trás e vejo Filipe pegando duas malas enormes no canto da entrada da igreja, o padre Giovanni acompanhando-o ao seu lado.

Filipe é parente do padre? Algum sobrinho?

Antes que eu possa pensar em mais hipóteses, vejo Giulia parada em frente ao meu carro, de braços cruzados.

— Estava te esperando — diz ela quando me vê.
— Ah, não, Giu, eu não quero falar disso agora. Só quero ir pra casa e...
— Coitadinho do Pablo! Ele planejou isso por um mês. Um mês, Rory!
— Eu nunca dei a entender que queria isso — digo, abrindo o carro.
— Mas vocês estão juntos há três anos. Não acha essa atitude uma consequência? Sabe quantas meninas queriam estar no seu lugar?
Olho com cara feia para ela.
— Ele está lá dentro, arrasado. Você disse no microfone que não e saiu correndo. Tem noção do que fez?
Não. Eu não tinha.
— O que queria que eu fizesse?
O que ela queria que eu fizesse? O que eu deveria ter feito naquela situação?
— Poxa, Rory, ele gosta de você, você gosta dele e...
— Aí é que está! — grito. Fecho os meus olhos e respiro fundo. — Gostar não é suficiente, Giulia. Não é!
Ela arregala os olhos, surpresa.
— Olha, eu bebi demais, tá! Agora estou sentindo raiva de você. Muita raiva! Então acho melhor você ir embora mesmo.
— É o que eu estou tentando fazer.
Ela dá passos cambaleantes para o lado, abrindo caminho para o meu carro passar.
Respiro fundo e conto até cinco.
— Entra, Giulia, eu te levo pra casa — digo. Ela vira o rosto para o outro lado. — Pablo não sairá daí tão cedo e, pelo que eu percebi o seu Fê não veio.
— Não esfrega meu azar na minha cara! — Ela estava bastante bêbada.
— Não você, que joga no lixo um homem como o meu amigo.
Resolvo ignorar seu comentário.
— Prometo não dizer nada no caminho, já que está com tanta raiva de mim.
— Aliás, pelo menos você estava com o SEU Fê.
— Do que está falando?
— Eu vi você com o tal Filipe gato. É. Eu vi, bem ali. — Ela aponta desengonçada em direção à praça.
— Não era nada demais. Eu o encontrei ali e... fala sério, Giulia, eu não preciso explicar nada.
— Não. Não pra mim — diz baixinho, mas consigo ouvir perfeitamente.
— Ah olha, a bebedeira vai passar, tá bom! A raiva também, então... me leva para casa. Só não fala nada. Promete?

— Já disse que sim.

Ela entra no carro e sigo até Bento Gonçalves para deixá-la em casa. Não precisei me esforçar em cumprir a promessa, já que ela apagou assim que entrou no carro. Só acordou quando chegamos, deu tchau e falou que ligaria assim que acordasse.

Sozinha, pego a estrada de volta para casa no Vale dos Vinhedos com meus pensamentos voltados para a noite de hoje. Quando chego, eu percebo que nenhum dos meus pensamentos era sobre o Pablo, e, sentindo-me uma pessoa péssima por deixá-lo tão triste, caio no sono.



Ouçõ baterem na porta do meu quarto.

— Desculpe, Rory. — Vejo minha mãe entrar com uma pilha de roupas na mão. — Suas roupas da semana. Estão lavadas e passadas. Eu ia guardá-las no seu closet.

Coço os olhos e sento na cama.

— Bom dia, mãe.

— Bom dia, minha filha. Como está?

Chamo-a com a mão e peço que se sente na cama. Ela coloca as roupas sobre a cômoda e faz o que peço.

Eu a abraço apertado. Queria ter feito isso ontem à noite, mas fui direto ao bistrô do Pablo depois da degustação, pois sabia que ela estaria na missa, e, quando cheguei, encontrei-a dormindo.

Fátima, minha mãe, precisava rezar pela filha e pelo seu novo vinho. A missa era essencial para ela, assim como o catolicismo.

Reparo em seus cabelos castanhos presos em uma trança comprida e algumas rugas que não estavam ali um tempo atrás.

— Estou bem e você?

— Orgulhosa. O senhor Otto me contou tudo. Ele está animado e muito feliz com o resultado. Parabéns, minha filha.

— Obrigada, mãe. Eu devia isso a ele. É o mínimo, por tudo que ele nos proporciona.

Ela concorda, emocionada.

— Trouxe um pra você. — Pego a garrafa que deixei na mesinha de cabeceira e lhe entrego.

Mamãe sorri e me abraça novamente.

Era bom vê-la feliz. Mamãe sofreu por muito tempo a perda do meu pai. Porém, nos últimos anos, ela vinha tentando viver com mais sorrisos no rosto.

Otto sempre fala para ela se aposentar e cuidar apenas de si mesma, mas isso nunca foi uma opção para ela. Mais do que eu, mamãe é grata por tudo que Otto fez por nós. Ela fazia tudo na casa e cuidava de mim e do Otto com muito prazer. Fazia todas as coisas com amor e rezava para que Deus nos abençoasse.

— Posso? — Ela aponta para as roupas.

— Deixe que eu guardo. Que horas são?

— 7h.

— Otto levantou?

— Está lendo o jornal. Vou colocar a mesa do café da manhã. Posso botar o seu lugar?

— Eu posso fazer isso, mãe.

— Então eu arrumo suas roupas.

Reviro os olhos.

— Tudo bem.

Dou um beijo em seu rosto e levanto da cama.

Tomo um banho rápido, me troco e encontro Otto já sentado à mesa.

— Bom dia.

— Bom dia — responde, colocando o jornal ao lado. — Como está se sentindo?

— Bem, e você? Como está sua perna? — Junto-me a ele na mesa.

— A mesma porcaria de sempre. Não vamos falar de coisas que não tem jeito. Queria contar que temos uma encomenda de 50 garrafas do novo Aurora.

— Mas ele não está sendo comercializado — brinco.

— Pra você ver. O sucesso já começou. Liguei para o Gael assim que acordei.

— O senhor Otto teve uma ideia muito legal, Rory — diz minha mãe, trazendo uma jarra de suco.

— Não sou fã de surpresas, então, podem falando.

— Não é surpresa, guria, é uma ideia. Você está mais surda do que eu?

— Você não está surdo, Otto.

— Então não me faça de idiota.

Engulo em seco.

Otto tinha um coração enorme, mas não era a pessoa mais gentil do mundo. Fazia todas as coisas com uma carranca horrorosa e detestava, justamente, ser feito de bobo.

— Desculpe.

Ele meneia a cabeça.

— Daremos uma festa — ele conta.

— Uma festa?

Ele faz uma careta.

— Uma festa. Preciso soletrar?

— Uma festa pra quê?

— Para o lançamento do seu vinho.

— Você não gosta de festa, Otto. Você nunca lançou vinho, espumante, licor ou qualquer coisa com festa alguma.

— Eu não gosto, mas você, sim. Precisamos comemorar o seu vinho. Sua mãe é a favor. Não é, Fátima?

— Tudo pra você ficar feliz. — Mamãe dá um sorriso de aprovação, sentando-se à mesa também.

Eu me levanto e abraço Otto. Ele fica paralisado. Sei que odeia abraços. Beijo seu rosto três vezes.

— Obrigada.

— Isso não é nada demais — responde, sem deixar de passar geleia de uva no seu pão caseiro, claramente sinalizando seu incômodo com minha aproximação repentina.

— Você é o velho chato mais legal do mundo, sabia?

— Chato e legal. Está me fazendo de idiota novamente, Rory?

— Um pouco.

Ele resmunga algo que não entendo, e sorri, balançando a cabeça. Dou-lhe um último beijo na bochecha com barba branca e caminho para sair da sala.

— Não vai tomar seu café? — pergunta minha mãe às minhas costas.

— Não. Vou ver como está a programação turística da vinícola e outras coisas que preciso estar a par. Volto mais tarde.

— Mas...

— Aurora! — Otto me chama quando saio do cômodo.

Volto, revirando os olhos, e seguro no batente.

— Você está de férias — afirma com firmeza.

— O quê?

— Férias. Pare de fingir que não entende o que eu falo, gurria. Estou achando que estou ficando caduco.

— Desculpe. Eu ouvi, só não entendi.

— Você não tira férias há muito tempo. Vai descansar. Volte para o quarto. Vá ler, vai dar uma volta com seu carro novo. Visitar uma amiga. Sei lá, gurria. Só quero você tire um mês de férias.

— Eu não quero férias.

— Eu sou ainda o chefe ou não?

Era a minha vez de fazer uma careta.

— Cara feia pra mim é fome. Sente-se aqui e se alimente. Hoje é sábado e é o seu primeiro dia de férias.

Volto para a mesa.

— Eu vou ficar no seu pé, Aurora. Férias são férias.

— Eu ouvi, senhor chefe. Eu também pegarei no seu pé quando o médico disser que precisa de repouso. Não irei fingir novamente que não te vi dando voltas de muletas pelas parreiras.

— Otto! Você fez isso? — Minha mãe fica brava.

— Guria! Isso vai virar uma guerra?

— Sim. E ela começou. — Cerro os olhos para ele.

— Vocês parecem duas crianças! — Era a vez da minha mãe fazer cara feia. — Duas crianças malcriadas!

Sem aguentar, nós dois começamos a rir alto. Era difícil fazer o Otto rir desse jeito.

Mamãe não acha graça.

— Além de crianças, são doidos. Eu vou pra minha cozinha que é melhor. — Ela se levanta.

— Mãe! Estamos brincando...

— Com saúde não se brinca, senhor Otto. O médico foi claro e...

— Eu estava brincando, mãe. — Olho de canto de olho para ele. — Ele não foi até as parreiras. Eu disse isso só para fazer intriga.

— Ah! Que bobeira! — Ela leva seu prato e alguns pães embora para a cozinha.

— Salvei sua pele — sussurro para ele. — Agora posso ir trabalhar?

— De jeito nenhum.

Arregalo os olhos.

— Golpe baixo, Otto. Golpe muito baixo.

Férias.

O que se faz nas férias?

Vou até meu quarto e me jogo na minha cama. Poderia viajar, mas não havia planejado nada. As amigas estavam trabalhando e só Deus sabe como Pablo estaria depois que neguei seu pedido publicamente.

O que vou fazer?

Vou até a janela do meu quarto e a abro.

No céu, nenhuma nuvem. O dia está lindo. Os hectares de parreiras são a minha mais bela vista.

Vejo funcionários cuidando das uvas. A época da colheita começaria no

próximo mês. Algumas castas de uva possivelmente estavam no ponto de colhimento. A agitação recomeçaria. Mais garrafas de Aurora estariam no ponto para o consumo e entrariam no mercado.

Eu vou adorar lançar Aurora aqui na Casa Fontenelle. Deixo a animação sobre a festa de lado quando avisto o Sun, meu Chevrolet C10 amarelinho, com o seu pneu furado, estacionado embaixo da minha janela.

Eu ia pedir para o Pablo trocá-lo para mim, mas, nesse momento, pegaria mal. Resolvo, então, trocá-lo eu mesma. Sou perfeitamente capaz de fazê-lo.

Vou até ao Sun e começo a batalha. Macaco. Chave de roda. Força.

Lutando há alguns minutos, sem sucesso com o parafuso, sento um pouco no chão para recuperar os ânimos.

— Precisa de ajuda? — Ergo o meu olhar e vejo um homem ao meu lado de pé.

Ele veste uma calça cargo crua e blusa branca de manga curta, boina e uma aparência serena.

— Preciso de ar — brinco.

Ele sorri, se senta ao meu lado e retira a boina que está na cabeça.

— Qual o problema? — pergunta.

— Eu acho que esse parafuso aqui — aponto para trás de mim. — Parece estar preso na roda. O bichinho não quer sair de jeito nenhum.

Com traços finos, aparentando não tão mais velho do que eu, olhos azuis, cabelos castanho claro caído sobre a testa, ele olha para trás e vê o maldito parafuso.

— Esse?

— Esse mesmo.

— E o que vai fazer? — indaga com a maior tranquilidade do mundo.

— Como assim? — Fico espantada com a pergunta.

— Vai desistir? Pelo que vi, a senhorita tem outro carro.

Franzo o cenho.

— Não. Eu não vou usar o outro. Eu quero essa caminhonete. — Aliso a lataria do meu amarelinho.

Ele arqueja a sobrancelha.

— Está me achando doida, não é? Um carro tão novo e eu querendo...

— Não estou. Essa caminhonete é especial.

Olho para ele, sentindo uma enorme empatia.

— Sim, ela é. Ah, hum... você trabalha aqui? — pergunto.

A pergunta era idiota. Ele me é familiar. Acho que já o tinha visto em algum lugar, mas não me recordo onde. São tantos funcionários da vinícola que é difícil lembrar-me de todos.

— Sim — responde. — Bom, eu... eu preciso ir agora. — Ele se levanta e eu também.

— Você poderia me ajudar? — peço, levantando com um sorrisinho a chave de roda.

— Você consegue, Aurora. Você consegue fazer isso sozinha.

Ele se vira com um sorriso nos lábios e sai, sem olhar para trás, adentrando nas altas parreiras de uva ao lado, sumindo em alguns metros do meu campo de visão.

Bufo.

Cara doido! Era só uma ajudinha de nada!

Reviro os olhos e olhando para a chave em minha mão, eu a encaixo novamente no parafuso e com toda a força do meu corpo subo em cima do apetrecho.

— Eu consigo — sussurro, dando vários pulinhos sobre a chave. — Eu consigo... eu consigo — Sinto todo o sangue do meu corpo ir para a cabeça, até que o danado do parafuso afrouxa.

— AEEE! — solto um grito em comemoração. — Eu consegui! — grito mais alto em direção as parreiras para que o cara ouça.

Animada com o meu feito, troco o pneu do Sun.

Demoro quase uma hora para trocar apenas um pneu, mas consigo. *Sun* estava pronto para andar por aí.

Entro em casa e vejo minha mãe arrumada com seu vestido florido.

— Seu rosto está todo sujo — comenta ela, colocando a bolsa sobre o ombro.

— É graxa. Troquei o pneu do Sun. Aliás, Otto está no quarto?

— Sim, foi descansar um pouco mais.

— Estou com tanta coisa na cabeça que acabei me esquecendo de falar para ele não estragar mais o meu Sunzinho só para eu usar aquele carrão.

Minha mãe estala a língua, descrente.

— Ele não faria isso.

— Ok. Que nem ele não iria perambular nas parreiras...

Ela abre a boca para reclamar.

— Vai aonde? — Mudo de assusto rápido para não prejudicá-lo.

— Vou até a igreja.

— Agora?

— Estou cumprindo uma promessa.

— Promessa de que, mãe?

— Seu vinho. Deus nos ajudou.

Reviro os olhos.

— Deus não ajudou, mãe. Eu estudei. O mérito foi meu.

— Eu já disse para não falar assim, Aurora.

— Desculpe. — Forço um sorriso. — Desculpe mesmo.

Passo a mão no rosto para tirar a sujeira.

— Mas me diga, como vai até lá?

— Vou pedir a um dos meninos da vinícola para me levar com o carro do senhor Otto.

— Eu te levo.

— Não precisa...

— *Sun* está lindo com um pneu novo. Está doidinho pra dar uma voltinha e eu estou de férias, mãe. Sabe o que isso significa? Que não tenho nada pra fazer até ter uma ideia mirabolante. E tenho dois carros, olha que coisa boa! — arfo, fingindo uma animação que não existia.

Eu precisava mesmo ir falar com Pablo. Seria provável que eu o encontrasse lá no bistrô.

— Talvez eu demore um pouco. Eu não vou à igreja agora só por causa da promessa.

Aquilo me chama a atenção.

— Então o que tem de tão legal a essa hora na igreja?

— A Eleonora me ligou ainda há pouco — comenta, com uma animação incomum. —, disse que você já até conheceu o nosso querido Filipe.

Nosso querido o quê?

Eu me espanto e ela apenas mostra um sorriso.

— Não é verdade? — pergunta, ao ver minha reação.

— Filipe, sim. — Passo a mão pelo cabelo. — Conheci um Filipe ontem à noite na praça de Monte Belo. Afinal, quem é esse Filipe, mãe? Filho do padre? — brinco.

— O que é isso, Aurora! Não fale um sacrilégio desses, minha filha. Bata na boca agora mesmo.

Dou duas batidinhas. Ela não sossegará se eu não o fizesse.

— Pronto. Agora me diz: quem é o tal Filipe? Amigo do padre, da Eleonora, seu amigo, amigo do mundo inteiro?

Ela sorri mais abertamente, ignorando o meu deboche. Eu estava ficando irritada com esses sorrisos.

— *Bah*, você não sabe?

— E o que eu deveria saber, dona Fátima?

— Filipe. Esse rapaz é o novo padre da Igreja Matriz, Aurora.

— Novo o quê? — Quase me engasgo.

— Isso mesmo que ouviu. Filipe é padre.

O QUÊ?



*“Reconhece-o em todos os teus caminhos,
e ele endireitará as tuas veredas.”*

Provérbios 3:6

Aos 15 anos de idade...

Eu já sabia a diferença da pedra de gelo para uma pedra comum. Na verdade, soube perfeitamente quando vi a pedra de gelo derreter na mão do padre Túlio.

Muitas pessoas se dizem cristãs e têm uma fé semelhante com a pedra de gelo. Quando a vida não sai como planejado e os problemas começam a aparecer, elas desanimam como se tivessem perdido a fé. Assim como esta pedra que sumiu da mão do professor, as pessoas não suportam as atribulações e não aguentam as batalhas. Tal como o gelo não aguentou o calor. Eu escolhi ser como uma rocha das mais resistentes. Resolvi ter uma fé sólida, firme, que não se modifica, e resistir a todas as reviravoltas da vida.

Por isso, nesse momento, eu paro e respiro fundo.

Já faz uma hora que minha mãe está chorando de joelhos no pequeno altar que temos em casa.

Eu precisava ser forte. Precisava me manter firme. A minha certeza havia sido posta à prova algumas vezes, e, depois de ter entendido o significado da fé, ela só vinha aumentando.



Estava tão cansado pelo dia atípico que apaguei assim que padre Giovanni indicou meu quarto na sua casa ao lado da igreja. Não deu tempo de pensar em nada, apenas dormi que nem uma pedra.

Acordei às 4:30h da manhã e arrumei as minhas coisas no pequeno guarda-roupa do quarto. Seria algo temporário até conseguir achar uma casa simples para alugar aqui na cidade.

Tomo um banho e visto uma calça de moletom preta, uma camisa de manga cumprida, calço o tênis e faço a minha reza matinal. Sem querer acordar o padre Giovanni, abro os armários da cozinha para procurar o pó de café. Ele havia me dito para que me sentisse em casa.

Correr é o meu hobby. Eu precisava do vento no rosto para despertar completamente. Diante do pouco que vi ontem, acho que teria bastante lugar para isso.

Imediatamente eu me lembro da Aurora. Fecho os meus olhos e ainda consigo ouvir a sua doce voz em meus ouvidos. Lembro-me de sua dor ao falar do seu pai. Tínhamos um vazio mútuo. Talvez isso tenha me deixado ainda mais afeiçoado a ela.

Espero que ela esteja melhor hoje.

Saio da casa e corro pela cidade logo depois do dia nascer. Cumprimentei com bom dia as poucas pessoas que encontrei na rua. Uma hora depois, entro de volta na casa do padre Giovanni.

— Aí está o guri. Dormiu bem? — pergunta, enquanto fecho a porta.

— Sim, muito bem, obrigado.

Vou até onde ele está na sala e encontro um grupo de mulheres de pé junto a ele.

— Filipe, essas senhoras vieram te conhecer.

Fico constrangido como se eu fosse a nova sensação da cidade. E, de fato, eu era.

Ajeito o cabelo com as mãos na tentativa de melhorar minha aparência. Estou com a camisa encharcada de suor.

— Como vão, senhoras?

Entre risinhos e olhares carinhosos, um par de olhos faz meu coração dar um pulo.

Aurora.

Ali estava ela, em um canto da sala, com os braços cruzados sobre o peito e as sobrancelhas franzidas.

— O padre Filipe vai se recompor e volta para atendê-las, não é, Filipe? — diz padre Giovanni.

Pisco algumas vezes quando desfaço a conexão com os olhos da Aurora.

— Sim, claro.

Peço licença a elas e tomo um banho rápido.

Aurora agora sabia que eu era o padre. E eu não saberia explicar o porquê de isso me trazer incômodo.

Eu estava nervoso. Não tinha motivos para isso, mas, ainda sim, estava. Não podia negar que Aurora me instigou de uma forma incomum. Talvez eu só estivesse desesperando ter amigos e com medo de ficar solitário nessa cidade. As pessoas que conheci ontem eram tão legais e cheias de vida! Eu poderia facilmente ser amigo deles. Contar sobre o meu sacerdócio ontem iria tirar a informalidade com que me trataram.

Já havia passado por isso. A mudança no comportamento das pessoas quando descobriam que eu era padre era notória. Aconteceu na academia, nas aulas de *taekwondo* que eu fazia no Rio e até mesmo na barbearia que frequentava. Não seria diferente aqui.

Já arrumado, respiro fundo e apareço na sala. Seis senhoras e Aurora estão com olhos em mim. Apresento o melhor sorriso que tenho.

Eu nunca gostei de ser o centro das atenções então me sinto um pouco constrangido. Entretanto, entendo que todo começo é assim. Ao menos assim esperava.

— Oi, querido Filipe — diz Eleonora, a senhora que trouxe o padre Giovanni em casa ontem à noite. — Deixe-me apresentá-lo às senhoras. Essa é Simone, Zélia, Mafalda, Maria do Rosário e Fátima, mãe da menina Aurora. — Cumprimento com um sorriso cada uma enquanto ela sinaliza para as mulheres. Quando estico a mão, uma delas me puxa para um beijo no rosto. Até chegar em Aurora.

O cabelo está de lado no seu rosto angelical, com a franja tomando metade da testa. Veste uma blusa rosinha e calça jeans.

— Como vai, Aurora?

— Admirada — responde baixinho perto de mim.

Pisco algumas vezes e aperto os lábios.

— *Benvenuto padre Filipe!* — continua Mafalda, tirando a minha atenção.

— Obrigado.

— Mas é tão novo esse guri! — Zélia comenta com Fátima.

Todas as senhoras devem ter em torno de 60 e poucos anos. A mãe de Aurora é a que aparenta ser mais nova entre elas e eu percebo alguns traços bastante parecidos com a filha.

— Elas trouxeram quitutes da região pra você — conta padre Giovanni, pegando um dos doces da mesa arrumada.

— Não precisava, meninas — digo, e elas riem achando graça do “*meninas*”.

— Queremos que o senhor seja muito bem-vindo na nossa humilde cidade. — Fátima abre os outros potes sobre a mesa.

— Obrigado, Fátima. É muita gentileza de vocês.

— Você não mora aqui, Fátima! — contradiz Maria do Rosário, a mais baixinha delas, de cabelos curtos e cheios na cor de fogo.

— Eu moro no Vale dos Vinhedos, padre Filipe, mas é tudo muito perto. — Ela olha de soslaio para a amiga.

— Temos *grostoli*, *panna cotta*, *tiramisù*...

— *Tiramisù*? — Aurora alonga os olhos para o doce. — Isso é que é uma ótima recepção, Filipe.

As mulheres se viram para ela.

— Digo... padre. Aproveite.

As outras senhoras vão me mostrando os doces, mas vejo Aurora se despedir da mãe, que protesta, indicando com a mão os doces. Ela sai de fininho.

Aproveitando a animação de todos ao provarem os doces, vou até o lado de fora e encontro Aurora.

Ela me vê e força um sorriso.

— Ah, oi... — diz, descendo o primeiro degrau da frente da casa. — Eu estou indo, ok? Aproveite a festa.

— Não gostaria de provar o *tiramisù*?

Ela franze o cenho, como se eu dissesse algo estúpido.

O que estou fazendo?

— Olha, eu nunca entrei na casa de um padre...

— E fez isso hoje.

— Precisava ver pra crer. Por que não contou ontem?

Torço a boca.

— Não sei. Não tive oportunidade.

— Eu não deixei, não é? Eu te aluguei com meu *blá blá blá* e você esqueceu de me contar que era novo o padre da cidade. Resposta aceita.

— Você não me alugou.

Ela desce mais um degrau. Parece querer fugir de mim. Eu sabia que isso aconteceria.

— Eu estava indo falar com meu namorado no bistrô. — Ela aponta para o bar na frente da praça. — O que veio fazer aqui fora?

Sua mudança na conversa me deixa assustado.

— Eu... eu...

— Não está acostumado com essa atenção toda?

— Isso vai passar, não é? — pergunto.

— Vai. Um dia vai. A cidade é pequena, Filipe, tudo que é novo é motivo de atenção. — Ela ajeita o cabelo quase em câmera lenta. — Devo pedir uma penitência?

— O quê?

— Por tudo que eu disse ontem e tal. Eu contei para um padre, não foi?

— Foi. Mas não, você não precisa de penitência. Aquilo não era uma confissão.

— Não para você. Para mim, foi.

— Nenhum pecado foi cometido, Aurora. Para ter penitência precisa ir à igreja e fazer isso no confessionário.

— Não vou à igreja, Filipe.

Franzo o cenho.

— Filipe. Ou preciso falar Padre? Ou Padre Filipe? — pergunta, na tentativa de não responder o motivo de não ir à igreja.

— O que achar melhor.

Ela sorri.

Um belo sorriso.

— Está bem.

— Ah, vocês estão aí! — Fátima aparece. — Fico feliz que tenham se dado bem. Viu, minha filha?! Padre Filipe tem muito a acrescentar à cidade, à nossa vida.

— Estou vendo, mãe — Ela dá um sorriso indiferente.

— A cidade é linda, Filipe. Já viu as parreiras? Conheceu alguma vinícola? — questiona Fátima, animada.

— Ainda não, senhora. Eu cheguei ontem já tarde.

Ela abre um sorriso e arregala os olhos.

— Acabei de ter uma ótima ideia. A Aurora está de férias, Filipe.

Olho rapidamente para a moça ao meu lado na escada.

— Ah, é?! Isso é bom — falo, sem saber aonde ela quer chegar.

— Aurora está desde cedo reclamando que não planejou nada e...

— Estou aqui, mãe. Não fale como se eu não estivesse, por favor.

— Por que você não mostra ao nosso novo padre a cidade de Monte Belo do Sul, Bento Gonçalves e a Casa Fontenelle? É bom para ele conhecer o rebanho. O que acha? Não negaria isso a ele, não é?

O pedido de Fátima parece deixar Aurora desconfortável e, de alguma forma, me entristeço porque tudo o que quero é ver seu sorriso mais uma vez.

Capítulo 6



*“A vida sem freio
Me leva, me arrasta, me cega
No momento em que eu queria ver.
O segundo que antecede o beijo
A palavra que destrói o amor
Quando tudo ainda estava inteiro
No instante que desmoronou.”*

Paralamas do Sucesso – Cuide bem do seu amor

Eu vou para o inferno. Vou para o INFERNO.

Mas isso eu já sabia.

*Eu desejei algo divino. Desejei sem poder, mas desejei. Desejei e pronto!
Essa é a verdade e só eu sei disso. Só eu.*

*Aquele homem apareceu do nada! Absolutamente do nada! Aquele
homem para quem desabafei meus medos, que me deixou desnorteada com
aqueles olhos, era padre. PADRE!*

Deus, eu sou uma vadia pecadora.

Acho que não ouvi direito.

Engulo em seco com o pedido da minha mãe e pisco várias vezes. Talvez esse homem tenha ficado na minha cabeça e eu ainda estou deitada na minha cama, tendo um sonho muito louco.

— Como é? — pergunto, me fazendo de desentendida.

— Levar o padre Filipe para passear. Ele precisa conhecer a cidade e você tem dois carros — diz minha mãe, brincando com o fato de eu dizer que tinha dois carros e tinha tempo para tudo.

Tinha. Mas não para ficar passeando com um padre bonito, gato e maravilhoso e.... Que porcaria!

Abro a boca para retrucar aquele pedido.

— Dois carros. Se quiser um emprestado, será um prazer, Filipe. — Tento sair de fininho, descendo o último degrau da casa.

— Não precisa, eu... — Ele faz um gesto com a mão.

— Não estou brincando, Aurora. — A voz dura da minha mãe me deixa sem graça. — Estou pedindo para que o leve para conhecer a região nos próximos dias. Ninguém melhor do que você para fazer isso.

Filipe se mantém imóvel. Seus olhos alternam entre nós duas.

Não quero que ele me olhe.

Não quero, não quero, não quero.

— O que diz, Aurora? — Minha mãe me fita com os olhos arregalados. Eu sabia que isso significa que eu não tinha escolha.

Se ela soubesse o porquê de eu não querer isso, jamais deixaria.

Estreito os lábios na tentativa de demonstrar minha insatisfação com aquele pedido.

Agora, além dos olhos arregalados, mamãe dá duas batidinhas com seu tamanco antigo no chão.

Eu estava *ferrada!*

Olho para Filipe. Parado. Ao meu lado. A luz da manhã bate no azul profundo dos seus olhos. Era fácil me perder neles. Sua barba começa a despontar na pele lisa de seu rosto. Os lábios desenhados de forma sublime só instigam mais meus pensamentos pecaminosos. Isso sim é um pecado. Eu me sinto presa diante da curiosidade: como um homem desses pode ter se tornado padre?

Deus, por que tão perfeito?

Desculpe, Deus, eu estou louca.

— Tudo bem — digo, sem acreditar na minha resposta. Eu deveria manter distância dele. *Ah, deveria.* — Se estiver tudo bem pra você, claro.

— Será um prazer, Aurora.

Prazer. Não.

Nada de prazer!

Apenas sorrio forçadamente.

— Que coisa boa! — comemora minha mãe. — O passeio começa segunda mesmo. Amanhã é domingo, dia de missa e descanso.

Segunda? Espera! Quem escolheu isso?

— É bom que os dois vão se divertir. — continua ela, animada. — Vou contar para o padre Giovanni. Acho que Aurora tem muito a aprender com você, padre Filipe. Não precisa me esperar, filha. Eleonora irá me levar para casa. — Ela volta para dentro, depois de me agradecer com os olhos.

Assim que ela se afasta, Filipe fica sério.

— Não precisa fazer isso.

— Não é nada demais, Filipe, sério — minto. — Só que a ideia de ficar ao lado de um padre o dia todo me deixa meio apreensiva. Talvez eu não seja... hum... uma boa influência.

— Isso não fez diferença ontem à noite, fez?

Franzo o cenho.

— Não, não fez.

— Podemos ser amigos?

Ele estende a mão. Novamente me prendo em seus olhos. Outro alarme soa na cabeça. *Cai fora! Cai fora!*

Não estava compreendendo no que aquilo poderia dar, mas podia sentir que talvez essa história não fosse algo que eu devesse levar adiante.

Ignoro meus preconceitos e, sem pensar, estendo minha mão e aceito sua proposta.

— Sim. Nós podemos, Filipe.

Por alguns segundos o tempo para, mas então desvio o olhar.

— Vou fazer uma lista de lugares legais para te levar — digo, com uma repentina animação pela ideia louca da minha mãe.

— Obrigado.

— Eu não sei como a gente pode combinar e...

— Me passa seu WhatsApp? Para termos o contato — diz, pegando o celular no bolso.

Pego o aparelho de sua mão sem pedir permissão e adiciono meu número nos seus contatos. Assim que termino, o dispositivo toca alto. O visor marca o nome Milena.

— Milena está ligando.

— É a minha amiga, eu...

— Tudo bem, eu preciso mesmo ir resolver algumas pendências de ontem — digo, entregando seu celular.

— Boa sorte com o Pablo.

— Obrigada. Boa sorte com... — Aponto para a casa do padre.

Ele concorda. Nós dois sabíamos que ele ia precisar mesmo de sorte e eu também.

Era um absurdo estar com o coração tão acelerado enquanto me afastava dali. *Mas que droga!*

Quando chego ao bistrô, paro e respiro fundo. Eu teria um pepino enorme para resolver.

Através dos vidros, consigo ver Pablo ajeitando algo no balcão. Eu não queria ter essa conversa com ele, mas resolvo seguir o conselho do Filipe. Pablo merecia que eu fosse sincera sobre os meus sentimentos.

A plaqueta na porta avisa: Fechado. Não me importo. Levanto a cabeça e abro a porta principal.

O barulho da porta chama a sua atenção e ele me vê.

A minha presença não muda a sua postura, e ele continua a limpar o balcão.

Vou até ele e sento-me na banquetta à sua frente.

— Oi.

— Oi — diz, sem me olhar.

Pablo tinha suas qualidades, e a principal delas era seu jeito descomplicado de levar a vida.

Eu só queria que ele entendesse.

— Como você está?

Ele me olha por um segundo.

— O que você acha? — Em seguida, volta ao trabalho.

— Acho que nós precisamos conversar, Pablo.

Ele dá de ombros.

— Sabia que o tal Filipe é o novo padre da Igreja? — aponto para trás. Eu não sabia como iniciar aquela conversa.

E, finalmente, consigo sua atenção.

— O Filipe que estava aqui no bistrô?

— É! Não é doideira?

Ele faz uma expressão de espanto.

— Mas ele bebeu vinho e...

Torço a boca.

— Talvez possa, sei lá.

Ele dá de ombros de novo, voltando a esfregar o balcão.

— Podemos conversar?

— Eu não quero ouvir nada, Aurora.

— Tudo bem, mas eu quero falar.

Ele larga o pano, inspira uma vez e em seguida solta o ar devagarinho pela boca. Então, dá a volta no balcão e se senta ao meu lado.

— O que eu fiz de errado, Rory?

Olho para ele. Relembro dos nossos primeiros meses de namoro, há três anos. A novidade da paixão, a descoberta do sexo para nós dois, as risadas sem hora nem lugar. Acho que todo o início é assim.

Depois as coisas esfriaram. A compreensão era o fato mais importante do nosso relacionamento. Ele trabalhava com o pai e eu ficava enfiada na vinícola e faculdade, e nunca nenhum de nós dois cobrou a atenção do outro. Nós nos encontrávamos quando sentíamos falta de carinho, quando sentíamos falta um do outro. Não sei onde nos perdemos, onde nos desencontramos.

O fogo do início não existia mais e, pelo menos da minha parte, os encontros, no último ano, eram quase uma obrigação. Hoje percebo que tudo caiu numa mesmice profunda onde o tempero de tudo acabou aguando por si próprio. *Por que deixei isso acontecer?*

E é então que começo a entender o que estava incorreto.

— Você não fez nada errado, Pablo.

— Vai dizer que o problema é contigo? Igual todo mundo fala?

— Não. Não vou dizer isso.

Ele arqueja uma sobrancelha.

— Sou todo ouvidos. — Ele cruza os braços e mantém uma pose séria.

Pablo é bobo, de bem com a vida. É difícil vê-lo tão magoado.

— É que... que...

— Você não quer se casar comigo?

Solto um longo suspiro.

— Eu não quero casar, Pablo.

— Comigo?

— Não com você, com ninguém. — As palavras eram duras, porém não havia melhor jeito de falar.

Isso o surpreende. O que indica que estou fazendo a coisa certa.

— Por quê?

— Essa é uma pergunta difícil. Estou trabalhando na resposta.

— Está brincando comigo, Rory?

— Não, eu gosto de você, Pablo. Nós nos damos bem, mas...

Mas...

— Mas, tudo bem. Eu entendo.

Franzo meu cenho. *O que ele disse?*

— Tudo... tudo bem?

Ele pega a minha mão e sorri.

Um sorriso que me faz lembrar o início de tudo.

— Eu prometo que vou com calma. Só de pensar em te perder eu fico maluco, sabia?

Ele pega o meu rosto e beija meus lábios.

— Não desista de nós. Eu amo você.

Dou um sorriso nervoso, mas ele também faz o mesmo.

Olho para ele, mas não consigo fixar por muito tempo. Um par de olhos azuis me vem à mente.

O que está havendo comigo?

Eu preciso ter minha sanidade de volta.

— Não vou desistir, Pablo.

Não conversamos sobre o que deveríamos mudar ou o que fez chegarmos a esse ponto. Apenas conversamos sobre o vinho, sobre as férias obrigatórias, sobre como a sua tia avó estava doente e que o seu pai ainda estava chateado por ele largar os negócios da família. Dou-lhe um beijo depois da conversa trivial, alegando ter que ir almoçar com Otto. Digo-lhe que talvez voltasse ao bistrô hoje à noite, mas eu ainda tinha uma lista de lugares turísticos para fazer. Ignoro o fato de contar isso ao Pablo.

De volta ao meu carro, ouço um *bip* no meu celular. Pego-o e vejo a mensagem no *WhatsApp* de um número desconhecido:

*“No fim, tudo dá certo.
Estou feliz por você.”*

Olho para o outro lado da praça e vejo Filipe à janela da casa do padre Giovanni.



*"Pai, se queres, afasta de mim este cálice;
contudo, não seja feita a minha vontade, mas a tua"*
Lucas 22:42

Aos 11 anos de idade...

Corro para casa com pressa para contar à minha mãe a maior descoberta da minha vida.

— Mãe! Mae! Mãããe! — grito, ao alcançar o quintal de casa.

Abro a porta de ferro com força e não encontro minha mãe na sala nem na cozinha. Assim que chego ao seu quarto, vejo-a de joelhos, escorada na pequena cama de solteiro.

— Mãe? — chamo-a um pouco mais baixo.

Ela sussurra um amém, terminando sua prece, e enxuga uma lágrima que caiu acidentalmente em seu rosto. Então abre um sorriso tímido e constrangido, na intenção de evitar algum questionamento. Não preciso perguntar de nada. Sei o que faz minha mãe sofrer. A ausência do meu pai deixou feridas incuráveis.

Eu não queria vê-la sofrer mais. Queria vê-la sorrir.

— O que foi, meu filho? — pergunta, gentilmente, levantando-se com dificuldade.

Seu rosto expressa nitidamente toda sua exaustão. Além do trabalho como empregada doméstica, mamãe agora fazia bicos com a máquina de costura.

Sempre foi assim. Eu sempre vi minha mãe dar seu sangue para que nunca faltasse nada em nossa mesa, e nunca faltou. Sou tão grato a Deus por tê-la, e a única coisa que clamo a Ele é que em algum momento essa aflição estampada em seu rosto vá embora e eu consiga enfim ver um sorriso tranquilo no lugar.

— Aconteceu alguma coisa?

— Aconteceu, mamãe.

Ela franze o cenho e me abraça como se previsse o que eu iria dizer. Seu abraço é tão apertado e carinhoso que meu coração quase salta do peito.

As certezas que eu havia constatado há alguns minutos se tornam a minha única esperança de vê-la sorrir. E, diante da expectativa, dou espaço e lugar para contar-lhe a minha mais nova certeza da vida:

— Eu quero ser padre.



É impossível distinguir o que mais me assombrava: a nova cidade, o assédio das senhoras ou os olhos de Aurora.

Era difícil entender como isso estava mexendo comigo. A curiosidade por aquela pequena mulher me deixava meio alucinado. Até que a vi fazendo as pazes com o namorado. Era como deveria ser. Eu deveria pôr um ponto final nisso, mas confesso que o fato de conhecer a cidade com a sua ajuda deixava meu coração ainda mais palpitante.

Não sei por que lhe enviei uma mensagem no WhatsApp quando a vi no outro lado da rua.

Vou até o banheiro, jogo água em meu rosto e faço uma prece.

Afasta de mim esse cálice.

Minha oração é interrompida por cabelos castanhos, por um pingente de flor de lótus, por olhos intensos e cintilantes...

Ela emanava vida. Toda a vida do mundo. E isso estava me deixando

atordoados.

Eu teria que prestar contas com Deus em outro momento.

Volto para a sala, para a companhia daquelas mulheres. Depois de tagarelarem e contarem sobre a maioria das pessoas da cidade, Fátima se aproxima de mim.

— Aurora é uma boa moça, padre — conta, com certo cuidado.

Parecia que eu estava cercado por todos os lados.

— Eu percebi isso, senhora Fátima.

— É uma ótima filha. Inteligente, obediente, trabalhadora e namora um rapaz tão bom... — Ela junta as mãos como se agradecesse a Deus. Talvez estivesse. — A minha única preocupação é a relação dela com Deus. Ela era muito apegada ao pai e por conta da sua morte, ela perdeu a sua fé. Quero que me ajude.

O pedido me surpreende.

— Ajudar?

— Sim. Quero que me ajude a mostrar a ela o quanto nosso Deus é maravilhoso.

Seu pedido mexe comigo. Talvez fosse eu que devesse receber ajuda.

É inevitável não comparar Fátima com a minha mãe, Paola. Fervorosa e dedicada. A diferença estava no sorriso que ela me mostra nesse exato momento.

— Farei o possível, senhora.

— É só o que preciso.

Assim que senhoras foram embora, terminei de comer todas as guloseimas que trouxeram. Eu precisava procurar uma academia. Correr não seria suficiente.

— Enfim, paz — Padre Giovanni comenta sentado em sua poltrona, e me acomodo no sofá.

Ele aparentava ser mais velho do que o Bispo Túlio. Baixinho e rechonchudo, Padre Giovanni estava bem para ter quase oitenta anos.

— Essas são as ovelhas mais fiéis — conta, referindo-se às nossas visitas.

— São excelentes senhoras.

— São um pé no saco!

Arregalo os olhos.

— Pode ser sincero, Filipe. Somos padre, não santos. Às vezes elas tiram a minha paciência. — Ele ri e arfa em seguida, mostrando um cansaço inexistente.

— As igrejas só mudam de endereço, não é?

— Exatamente — Aponta para mim. —, exatamente. Quer dizer que

você vai conhecer a região?

— A senhora Fátima pediu para que sua filha me ajude nessa tarefa.

Ele faz um bico. Não era difícil perceber sua insatisfação.

— Algum problema nisso?

— Essa menina não é uma boa companhia.

Meu primeiro pensamento que tenho é que ele não sabe do que está falando. Aurora parece ser a pessoa mais inofensiva do mundo.

— Apóstata — completa, torcendo a boca em desaprovação. — Sempre foi.

Franzo o cenho e ajeito-me no sofá.

— Talvez essas sejam as pessoas que devemos dar mais atenção, não acha, padre?

Ele faz um muxoxo.

— Eu desisti faz tempo. Quem sabe você, sendo novo, possa amolecer aquele coração de pedra.

— Farei o possível.

— Haja reza para isso! — diz num tom divertido.

— Estou pronto.

— É bom estar mesmo. Pra tudo. Agora — Ele se levanta bem devagar. Dava para ver um vestígio de dor nas costas. —, deixe-me tirar um cochilo.

— Amanhã a missa é às 7h? Se estiver cansado, posso...

Eu estou mesmo precisando colocar a cabeça em ordem. Rezar uma missa seria uma ótima opção.

— O que está pensando, guri? Não morri ainda! Nada de tomar meu lugar. Onde já se viu?!

Sua objeção me assusta.

— Desculpe, não foi essa a intenção. Apenas quero ajudá-lo.

— Você vai, quando eu morrer. — Ele está realmente bravo e isso quase me dá vontade de rir. — Enquanto isso, vai se entender com esse povo. Podem parecer inofensivos, mas não são. Algumas vezes mordem. — Ele arqueia apenas uma sobrancelha sobre as grossas lentes dos seus óculos retrógrados. — Quanto menor a cidade, maior o trabalho. Meu primeiro ano no batistério foi em Porto Alegre. Sei do que estou falando. Agora, me deixe repousar. Vai passear por aí — Ele faz um gesto com a mão, me dispensando.

Fico quieto. Estava sem respostas para argumentar alguma coisa. Ele é o padre da Igreja e eu fui convocado para ajudá-lo por conta da sua idade avançada, mas, pelo jeito, isso o ofendeu.

Assim que fico sozinho, resolvo retornar à ligação de Milena. Quando ela ligou, não pude atendê-la.

— Oi, Filipe.

Ela arfa do outro lado da linha.

— Que bom ouvir sua voz.

— É bom ouvir a sua voz amiga também.

Eu a ouço sorrir.

— Como está aí? Conte-me tudo.

— Está tudo bem. Bom... muitas coisas para processar em apenas um dia.

— Eu consigo imaginar. O padre é velho mesmo? As pessoas são legais? A cidade é tão pequena assim?

Respondo a cada uma das suas perguntas. Conto-lhe toda confusão do dia anterior e a recepção de hoje, inclusive de Aurora, a minha nova guia de turismo.

— Fico feliz que esteja fazendo amizades. Imagino a cara das pessoas quando souberam que você era o novo padre. Eu pagaria para ver isso, Filipe! Sabe disso, não é? Um homem gato como padre é bastante... hum... inusitado. Ainda mais para uma cidade pequena, onde os padres ficam na mesma igreja por dezenas de anos até morrer.

— Foi a mesma cara de sempre – brinco. — Aurora não gostou muito da ideia da mãe em me levar pra conhecer a região.

— Você assusta, Filipe.

— Eu não faço isso.

Ela ri alto do outro lado.

— Ah, o Bruno chegou!

Ouçó a voz do meu amigo ao fundo.

— E aí, Filipe! — Ele pega o celular da esposa. — Como está, cara?

— Tudo bem por aqui.

— Já comeu uva? Bebeu vinho?

— Sim, foi praticamente a primeira coisa da sua lista que fiz. Até comi todos os doces italianos.

— Oh, coisa boa! Não se esquece da gente, hein?!

— Isso seria impossível.

— Fale com a Milena. — Ele devolve o aparelho para ela.

— Fique bem, meu amigo.

Nós nos despedimos e fico feliz por falar com eles.

Sozinho no quarto, eu decido pedir perdão a Deus por estar com uma mulher por tanto tempo na cabeça, perdão por sentir meu coração bater mais forte e por estar tão ansioso para vê-la novamente.

Deus, perdoe-me.



Coloco a batina para participar bem cedo da missa do padre Giovanni.

A cidade pode ser pequena, mas a Igreja Matriz São Francisco de Assis, não. Ela fica no centro da cidade de Monte Belo do Sul e tem um estilo neoclássico admirável. O interior da construção é belíssimo, com uma riqueza de detalhes que emana a paz, destoada apenas pelo badalar do sino.

A missa estava cheia para um belo domingo de manhã e isso me impressionou. Padre Giovanni reza a missa da maneira mais sucinta e preguiçosa possível. Percebo algumas pessoas cochilarem nos bancos e as pessoas que não adormeciam me observavam.

Assim que acaba, padre Giovanni me apresenta a várias pessoas, desde o prefeito até as professoras da cidade. As senhoras de ontem, inclusive Fátima, mãe de Aurora, também estavam ali. No final, com a igreja vazia, sentado no último banco, vejo Pablo.

Vou até ele e, assim que me vê chegando perto, ele sorri.

— Quer dizer que é verdade? — diz, olhando a minha roupa.

Abro um pouco os braços.

— Acho que sim.

Cumprimento-o com um aperto de mão e sento-me ao seu lado.

— Olha o que fez, Filipe! Fez o povo todo vir à igreja.

— A missa não fica cheia assim?

Ele nega com a cabeça.

— Acho que você está fazendo história em Monte Belo.

— Espero que isso seja uma boa coisa.

Com o boné na mão, ele se levanta para ir embora. Meio loiro, ele tinha todos os trejeitos de um típico gauderio.

— Ei, Filipe, acho que temos a mesma idade. Então, se quiser papear, beber um vinho... — ele sussurra quase em meu ouvido a última opção. — Apareça lá no bistrô. Hoje à noite teremos o cantor de volta. Não é como a Aurora, mas quebra o galho.

Certeza de que não seria igual a ela.

— Está tudo bem com vocês? — Não sei por que faço essa pergunta.

— Está. Acho que está. Conversamos ontem e... — Ele respira demoradamente. — Vou mostrar para ela que eu sou o homem da sua vida.

Sua afirmação tão incisiva me faz apenas concordar com a cabeça. Aurora tinha tantas objeções.

— Vim pedir ajuda de Deus. Será que pode me dar uma benção, padre?
Olho para ele quase incrédulo com o pedido.

Pedi tanto a Deus na noite anterior para deixar longe tudo o que me faria perder o foco, que acabei sonhando com Aurora. Eu a via na praça. Era como se revivesse minha primeira noite na cidade. Confesso que acordei sem ar.

Afasto os pensamentos, coloco a mão em sua testa e o abençoo, com todo o amor e respeito que tenho pela Santa Igreja.

Ele agradece e vai embora feliz. Ajoelho-me sobre o genuflexório para rezar até me sentir satisfeito. Rezar até me abster do pecado que me rodeava desde o primeiro momento que cheguei.

E quando eu me recordo dos olhos dela, saio de órbita.

Deus, tenha piedade de mim.



*“Eis o melhor e o pior de mim
O meu termômetro o meu quilate
Vem, cara, me retrate
Não é impossível
Eu não sou difícil de ler
Faça sua parte
Eu sou daqui eu não sou de Marte
Vem, cara, me repara
Não vê, tá na cara, sou porta-bandeira de mim
Só não se perca ao entrar
No meu infinito particular”
Marisa Monte – Infinito particular*

Ouçó duas batidas na porta do meu quarto e peço para entrar. Giulia entra, vestindo o seu conjunto de blazer cor de vinho com o emblema da Casa Fontenelle.

Ajeito-me na cama, com o laptop no colo.

— E aí, está fazendo o quê? — pergunta, sentando na beirada da cama.

Olho para lado e para o outro.

— Como assim? Estou na cama.

— Não, doida. Por que não foi trabalhar agora de manhã?

Reviro os olhos, colocando o laptop na mesinha ao lado.

— Não avisaram para vocês? Estou de férias.

— Férias? Quando que isso aconteceu?

— Tecnicamente, no sábado. Liguei para o RH mais cedo para me certificar disso. Otto acha que eu deveria descansar. Uma grande besteira.

— Será que ele não quer me dar férias novamente?

— Você tirou férias mês passado.

— É. Eu sei. Não reclama, vai!

Aproveito para perguntar a ela sobre o movimento dessa segunda e como estava a organização. Nesse período de pré-colheita das uvas e durante a própria colheita, a Casa Fontenelle trabalha a todo vapor, tanto na parte de produção para receber a safra, como na visitação dos turistas e todas as áreas que eles conhecem. O restaurante e toda a área externa da vinícola ficam abertos e todos os funcionários trabalham arduamente.

Péssima época para as férias. Péssima!

Giulia me tranquiliza sobre o andamento de tudo. A Casa estava cheia e ela aproveitou o período de almoço e pausa na degustação dos vinhos para vir até aqui.

O prédio de visitação da vinícola e a casa ficam na mesma fazenda, com apenas 10 hectares de parreiras estavam entre elas.

— Pablo contou que fizeram as pazes — conta, mudando de assunto.

—  . Apenas vamos com calma. Não está mais chateada?

— Eu senti vergonha pelo meu amigo, são isso.

— Eu também sou sua amiga, Giulia.

— Eu sei. É porque ele estava tão animado com esse pedido. E eu bebi demais.

— Eu são não me sinto pronta para isso — desabafo. — Vai dar tudo certo.

— Claro que vai. Vocês nasceram um para o outro. Vocês se encaixam perfeitamente.

For o um sorriso.

— Agora me conta: o que pretende fazer nas férias? — Ela aponta para o laptop.

— Eu não tinha nada programado, mas minha mãe logo arranjou algo para me distrair. Bom, é o que ela pensa que fez.

— Ah  ? E o que vai fazer?

— Levar o padre para passear.

Ela franze o cenho e deita na minha cama, virada para mim.

— Como assim? O Padre Giovanni está tão mal que vai precisar de babá? Gente! Eu não estava sabendo disso, guria.

— Não. Não o padre Giovanni. O novo padre.

— Tem padre novo nesse fim de mundo?

— Não está sabendo?

— Passei o sábado na ressaca, amiga. E ontem tive que ir até Caxias do Sul com a minha mãe para uma festa de um parente chato e hoje pela manhã não deu nem pra fofocar com o pessoal. Mas me conta... deve ser uma chateação esse novo padre.

— É o seu suposto Filipe — conto, querendo rir.

— Quê? — Ela se senta novamente e faz uma cara hilária.

— O Filipe que conhecemos em Monte Belo na sexta é o novo padre.

Ela arregala os olhos na mesma hora.

— Filipe? Aquele Filipe alto, gato e *charmosérrimo*?

— Esse mesmo.

Ela tampa a boca assustada.

— Ele me disse! — exclama. — Meu Deus, eu pensei que era brincadeira e acabei dizendo que eu era a Noviça Rebelde.

Giulia permanece espantada e eu começo a rir alto.

— Não ria — pede. — Quase que eu falei que era a Hilda Furacão. Muito pior!

Gargalho ainda mais.

— Sério, Rory! Eu achei que ele estava de sacanagem. Padre? Aquele *homão*? Você não está se confundindo?

Faço que não quando me recomponho.

— Fui lá pra ver no sábado.

— Que babado! A cidade deve estar polvorosa.

— Mamãe disse que a missa ontem estava lotada.

— É óbvio. Até queria ter ido. Então, você vai ser a guia turística dele?

— Fui convocada.

Ela cruza os braços e faz um bico.

— Por que isso não aconteceu nas minhas férias?

— Quer trocar? — brinco.

— Seu Otto me mataria.

Sorrimos e minha mãe aparece no quarto.

— Oi, meninas. Irei colocar o almoço na mesa. Giulia, você almoça conosco?

— Como resistir a um pedido seu, dona Fátima? — Ela levanta da cama

e beija o rosto da minha mãe, saindo do quarto junto com ela dizendo que iria ajudá-la.

Pego o laptop e vejo a lista de alguns lugares que acho que Filipe iria gostar de conhecer. Salvo o arquivo e envio para o meu celular.

Mordo os lábios com a ansiedade. Eu deveria mesmo rir por estar levando um padre bonitão para passear.

Abro o WhatsApp e encontro o seu contato. Ali estava a sua última mensagem, no sábado, aquela que me parabenizava sobre a meu entendimento com Pablo.

*“No fim, tudo dá certo.
Estou feliz por você.”*

Eu não respondi. Não sabia o que dizer. Não estava querendo começar uma conversa ou nada que fosse além do que havia sido.

Ontem passei o dia pensando em como eu deveria me portar diante desses passeios. A melhor saída seria ser exatamente como Giulia havia dito: agir como um guia turístico e só. Eu já havia sido *hostess* na vinícola. É algo que eu sei fazer. Porém, guias não falam sobre os seus sonhos ou relacionamentos. Eu precisaria me controlar.

Com o WhatsApp aberto na sua mensagem, clico em sua foto no canto superior da tela para aumentar e, sem querer, o aplicativo começa a ligar em uma chamada de vídeo para o padre em um *bug* desesperador.

Aperto o botão vermelho várias vezes até conseguir desligar.

Merda!

Xingo baixinho algumas vezes antes de jogá-lo contra a parede e alguns segundos depois o celular bipa.

Nova mensagem.

*“Pensei que estivesse esquecido de mim.”
Feliz em saber que não.*

Fica feliz. Feliz, feliz...

É muita felicidade para um homem só.

*“Desculpe, meu celular é doido.
Você está pronto para hoje à tarde?”*

“sim.”

“Às 14 estarei aí.”

“Combinado. ??”

Meu celular até pode ser doido, mas eu sou mais ainda, porque novamente clico na foto do homem. Dessa vez ela abre como deveria ser.

Filipe está de perfil com uma blusa de gola verde escura, óculos escuros ray-ban em uma praia belíssima e com um sorriso sedutor mostrando suas covinhas.

Não existe padre assim! Pelo amor...

Aquele Filipe alto, gato? É! Esse mesmo, Giulia.

Imagino o quanto de mulher esse homem não deve ter em cima dele. Isso o torna ainda mais padre. Ah, torna!

Sorrio sozinha, me sentindo uma idiota.

Inspiro demoradamente controlando meus ânimos proibidos.

Tomo um banho rápido, coloco uma calça jeans clara, uma camiseta do *Rolling Stones*, deixo o cabelo solto, passo um rímel, um bush rosado e um batonzinho claro. No pé, um *All star* preto. Olho no espelho do quarto e ajeito o meu pingente de lótus.

Fico feliz com o resultado.

Pego meu celular, bolsa e a chave do *Sun* e encontro Otto sentado à mesa.

— Vai sair? — pergunta Otto, ajeitando a sua bengala ao lado da mesa, quando me vê arrumada.

— Vou — mostro um sorriso, coloco a bolsa sobre uma mesinha de canto e sento-me à mesa também.

— Eu disse que você...

— Não vou trabalhar, Otto — completo, revirando os olhos, colocando o guardanapo de pano no colo.

Minha mãe e Giulia aparecem trazendo travessas do almoço.

— Pergunte a senhora Fátima o que eu vou fazer, Otto — indico a

mamãe com a cabeça.

Ela ajeita tudo na mesa e sorri, juntando as mãos. Quase em uma reza.

— Aurora irá passear com o padre.

Falando assim parecia algo simples e muito angelical. Quase ouço o cântico dos anjos.

Não!

Eu iria passear com um padre lindo. Essa era uma diferença bastante gritante.

Giulia se senta e, sem que minha mãe veja, se abana com a mão.

— Ela achou que as minhas férias ficariam mais interessantes fazendo esse *programa de índio*.

— Pensei que não se importaria, minha filha — diz minha mãe. Às vezes ela é sonsa. — Você sempre gostou de ajudar as pessoas e o padre é seu amigo.

— Amigo? Eu o conheci ele na sexta, mãe! — rebato.

— A Aurora vai levar o novo padre para passear? — Otto pergunta como se não estivesse entendido.

— É isso mesmo — reclamo.

— Isso parece mais uma piada bastante irreal — comenta ele.

— Viu?! — aponto para ele.

Otto me entende.

— Eu mais a igreja, mais padre, igual a nada a ver.

— A Rory nem sabia que ele era padre, por isso o convidou para o Bistrô do Pablo — Giulia conta, levando uma garfada de comida à boca.

— O Padre foi para um bar? — pergunta Otto.

— O pobre coitado estava perdido enquanto o padre Giovanni estava aqui na romaria. — Minha mãe o defende.

— Ninguém imaginou que ele fosse o padre, gente — murmura Giulia se servindo. — E quem imaginaria, não é? Ele é tão... tão... — Ela para e olha para todo mundo. — Tão jovem. — Dá de ombros. — Aliás, eu nem me despedi dele naquele dia. Não depois do Pablo te pedir em casamento e...

— Casamento? — Otto se espanta e minha mãe me olha.

Fuzilo Giulia com o olhar. Ela e a sua boca grande sussurra um *desculpe*.

— É. — Me limito a dizer.

Estava pensando o que falar.

— Rory vai se casar! Vocês estão juntos há tanto tempo. Que benção! — Minha mãe comemora.

— Não! — exclamo o mais rápido que posso, antes que se acostume com a ideia. — Não vou, mãe.

— Ela não aceitou — conta Giulia e quase dou tapa nela.

— Não aceitou? Por que não aceitou, Rory? — interroga minha mãe juntando as sobrancelhas.

— Eu tenho 23 anos, mãe, e não vivemos mais no século passado. Sou nova demais e...

— Aurora tem razão — concorda Otto. —, acho também que Pablo não é um homem que... — Ele faz uma careta.

— Que o quê? Pare de pegar no pé do rapaz, Otto. — Minha mãe discorda e, pronta para servir o almoço no prato dele, desiste e se senta.

— Isso. É por isso. — rebate Otto. — Muito guri. Nada contra o seu amigo, Giulia. Não é pessoal, mas...

Giulia dá de ombros.

— Chega! — digo. — Não estamos no programa *Casos de Família*, não é? Eu e Pablo conversamos e vimos que não deveríamos ir tão depressa, ok? OK! Pronto. Resolvido.

Mamãe nega com a cabeça, lamentando.

O clima descontraído acabou. Todos ficam sérios e em silêncio por algum tempo. Até que, alguns minutos depois, Otto quebra a calma.

— Contratei um promotor de eventos lá de Porto Alegre.

Ergo meus olhos para ele.

— Para o lançamento do Aurora — completa.

— Precisa disso?

— Eu sou velho, Aurora. Não tenho ideias tão contemporâneas. Ele ficará responsável por tudo.

— Eu mesma poderia fazer isso.

— Você está de férias. Precisa focar em outras coisas.

Outras coisas?

Fico quieta e Giulia, além de encher minha mãe de elogios pela comida, também se anima com a festa e começa a fazer várias perguntas a Otto que, esguelha o olhar para mim de vez em quando para ver a minha reação.

Terminamos o almoço e, antes de pegar minha bolsa para sair, Otto me chama assim que se levanta da mesa, escorando na bengala.

— Eu te encontro no meu escritório — diz.

— Eu estou atrasada. — Olho para o relógio de pulso. — Será que não podemos falar quando voltarmos?

— Não. Agora. O tal padre espera.

Mamãe me olha e levanta um pouco os ombros como se dissesse que não estava sabendo de nada.

— Eu já vou, amiga. Estou atrasadíssima — diz Giulia vindo me abraçar. — Quem sabe ele quer falar sobre o curso que quer fazer em *Bordeaux*? —

sussurra em meu ouvido.

Será?

Meu coração acelera. O mestrado em *Bordeaux* estava nos meus planos desde que terminei minha graduação em enologia. Juntei mensalmente boa parte do meu salário e, sempre que me sinto pronta para me aventurar nas vinícolas francesas, algo aqui me impede de ir.

Talvez agora Otto tenha percebido que eu mereço.

Férias em *Bordeaux* seria bastante proveitoso e, quem sabe, eu poderia realizar esse sonho e iniciar o curso de Mestrado Enologia e Meio Ambiente na *Bordeaux Segalen, Faculté de'œnologie Villenave-d'Ornon*.

Eu tenho tudo tão planejado que, quando ele der a notícia, eu rebaterei com todos os detalhes. *Eu estou pronta!*

Acho que Filipe terá que arranjar outro guia.

Ele entra no seu escritório primeiro e eu o acompanho com a animação à flor-da-pele.

Seu escritório tinha um ar diferente de toda a casa. Era como se ele deixasse aquele lugar quase inabitável como seu único refúgio. Seu lugar especial.

Seus inúmeros livros clássicos arrumados categoricamente em sua estante de madeira em estilo europeu, dando o ar intelectual que ele sempre teve.

Sua escrivaninha Jacarandá antiga e, pendurado sobre o seu papel de parede vitoriano na cor castanho, sua maior riqueza: seus quadros. Ele é amante da arte. Seus conjuntos preciosos são emoldurados com toda delicadeza em ouro velho. Sua coleção de Cândido Portinari são os seus favoritos.

Mas não era só a pintura e a literatura que o atraía. Era tudo que emanava das mãos. De toda a criatividade. Foi assim que conseguiu tudo o que tinha, remexendo na terra, literalmente. Foi sabendo lidar com cada grão de areia e semente do solo areno-argiloso e fértil da região. Foi formando e transformando cada detalhe dessa viticultura.

Era arte. Pura arte. Do seu entendimento com solo, ao fruto e os seus diversos derivados: vinho, espumantes, blends, licores, grappa...

Olhando para qualquer lugar desse escritório, sua vinícola ou até mesmo cada canto dessa casa há seu dedo, seu toque, sua marca.

Abro um sorriso. Sinto orgulho por ter aprendido tanto com esse homem incrível.

Aqui é o seu templo, no qual ele passa maior parte do seu tempo. Poucas pessoas tinham acesso ao seu escritório, esse lugar tão íntimo. Quando ele precisa resolver algo sobre a vinícola que envolvia outras pessoas, usava o seu escritório no prédio da administração da Vinícola, ao lado do prédio de

degustação.

Eu mesma tinha estado poucas vezes nesse escritório.

Fecho meus olhos e mostro meu sorriso confiante.

Até que ele se senta em sua enorme cadeira e aponta para a cadeira do outro lado da mesa.

É quando percebo que algo está errado em sua fisionomia. Ela não condiz com o que eu espero. Ele está sério demais.

Isso esfria meus pensamentos.

Faço o que ele pede e me sento.

Otto alisa a barba branca e arranha um pouco a garganta.

— Amanhã pela manhã o doutor Ferrari virá nos ver — conta e franzo o cenho.

Doutor Ferrari, seu advogado. E?

Não pergunto em voz alta. Espero ele explicar.

— Preciso apenas lhe comunicar algo que fiz alguns anos atrás.

— Comunicar o quê? — questiono sem me segurar.

— Deixe-me terminar — fala, levantando uma mão. — Eu passei dos 80, minha filha, e preciso resolver tudo antes que a consciência vá embora antes do meu corpo.

Pisco algumas vezes.

— Não fale assim.

— Você conhece todo o amor que eu tenho pela a Casa Fontenelle. Em 1892 os meus avós eram um dos milhares de imigrantes italianos que chegavam ao Brasil carregando apenas a esperança de um lugar com mais oportunidade.

Eu conhecia a história dos Fontenelle de cor e salteado, mas não entendia onde ele queria chegar com essa conversa.

— Eu sei. Tenho muito orgulho de trabalhar aqui e...

— Você sabe o quanto lutei para manter tudo o que meus avós começaram há tantos anos — continua, me interrompendo e respirando fundo.

— Você também sabe que perdi Lorenzo há muitos anos, Rory. — Ele expressa a dor que ainda sente.

Apenas concordo com a cabeça. Eu sabia de tudo isso.

Tudo aconteceu antes mesmo de eu nascer. Um acidente de moto tirou a vida do filho de Otto e ele raramente fala sobre isso. O quarto de Lorenzo ainda permanece fechado na mansão. Otto nunca deixou ninguém mexer em nada do filho e nunca havia visto ele por lá. A única coisa que eu sei é que o *Sun* era do Lorenzo e Otto me deu de presente quando tirei a carteira de motorista, aos 18 anos.

Ajeito-me na cadeira sentindo uma pontada forte na cabeça.

— Eu a vi nascer e prometi a sua mãe que cuidaria de você como uma filha quando seu pai faleceu. Ele era um homem correto e um grande amigo.

Abaixo a cabeça. Partilhávamos a mesma dor de perder alguém que amamos.

— Você é como se fosse a minha filha. Filha do coração.

Dou um sorriso tímido.

— Eu só tenho que agradecer tudo que fez por mim — digo.

— Eu é que agradeço por não me deixar sozinho. É bom saber que alguém se preocupa com esse velho resmungão.

Sorrimos.

Percebo Otto ligeiramente agitado e na mesma hora, consigo entender o que está acontecendo aqui.

Engulo em seco.

— Você é a minha única herdeira, Aurora. Será a minha sucessora em todos os meus negócios.

Fico paralisada, como se tivesse acabado de receber um choque de milhares de volts.

Pisco em demasia, sem saber o que dizer.

— Eu sei o quanto ama e se empenha em todos os meus negócios. Está à frente de tudo desde que fiquei doente e arcou com toda a responsabilidade que isso exige.

— Eu fiz, mas...

— Mas?

Seus olhos quase pedem socorro.

Eu sabia o quanto a Casa Fontenelle estava interligada à sua vida e o quanto se preocupava com o que seria dela quando partisse.

Não era uma surpresa o teor dessa conversa. *Pelo menos, não deveria ser.*

O próprio Otto havia dado algumas declarações que levariam a essa escolha, mas ouvir a confirmação não era algo que eu esperava acontecer tão cedo.

— Você vai perpetuar a Casa Fontenelle através dos seus filhos, netos, bisnetos e não há ninguém mais qualificado e amado por mim que mereça mais do que você. Na verdade, nunca houve outra pessoa, minha filha. Tudo o que eu a vi fazer por essa vinícola foi por dedicação. Nem Lorenzo se preocupava tanto.

— Eu, eu... não sei o que dizer e...

— Calma. Não fique tão assustada, guria. Sei o quanto isso pode ser aterrorizante. Por isso chamei o doutor Ferrari para podermos deixar a complicação menos burocrática, se isso for possível.

Ele dá um sorriso.

Meus olhos vão para a janela ao lado dele. A vista da Casa Fontenelle, o céu azul, algum pássaro voando, as parreiras carregadas de uvas e...

Deus! Será que darei conta?

E se eu me perder?

Se eu falhar?

Levanto-me da cadeira querendo correr daqui.

— Aurora... — Ele me chama.

— O quê? — Sacudo um pouco a cabeça.

— Fez uma boa escolha.

— Sobre o quê?

— Pablo.

— É — inspiro fundo. — Acho que sim.

Dou-lhe um beijo na bochecha e o deixo sozinho em seu escritório.



Entro no *Sun* ainda dormente pela conversa com Otto e deixo minha cabeça cair sobre o grande volante da caminhonete.

Minha cabeça dói ainda mais.

São tantas coisas para assimilar que é difícil manter o pensamento em apenas uma delas.

Otto irá partir.

Sim, ele irá. E, mais uma vez, perderei alguém que amo.

E eu serei a única herdeira da Casa Fontenelle.

Bordeaux estava ficando cada vez mais distante. Alguns sonhos acabam se esvaindo entre meus dedos.

Muitos, no meu lugar, se sentiram afortunadas com esse voto de confiança. Estariam felizes por terem o poder de comandar todo o império que Otto e seus ascendentes construíram, mas eu só sinto medo. Talvez seja uma responsabilidade grande demais para mim.

Otto poderá estar jogando tudo para o alto quando resolveu conferir a mim suas riquezas. E eu... eu queria apenas viver da mesma forma que vivo agora.

Quero poder andar descalça pelas parreiras. Tomar meu vinho devagar, sem ter hora marcada, sentar sobre uma árvore no final de tarde e chorar com o

final de um livro. Quero poder rir com Giulia e com todos que trabalham comigo sem que me julguem por comandar tudo. Eu só queria poder pegar o *Sun* e passear sem destino.

Isso era fato.

Por mais que eu não quisesse.

Eu me tornaria o Otto. Taciturna, mal-humorada e incompleta por conta do estresse e da exorbitante carga.

Eu tenho medo. Muito medo do que posso me tornar por conta dessa responsabilidade.

Ouçó três batidinhas no vidro do carro que me assusta.

Ao lado, vejo o mesmo homem que havia aparecido quando eu estava trocando o pneu do *Sun*. Eu me lembro que ele não havia cooperado com ajuda física.

Abaixo o vidro.

— Oi.

— Oi, Aurora. Algum problema com o carro?

Nego com a cabeça e ele franze o cenho, retirando a mesma boina que estava naquele dia.

— Há algo que eu possa ajudar?

— Não. A não ser que faça uma mágica — respondo baixinho.

— Não acredito em magia, Aurora, mas acredito na força das pessoas. Você conseguiu trocar aquele pneu por conta própria. Então, mesmo que haja motivo para acreditar que algo é impossível, não se deve desistir.

Olho no fundo dos seus olhos, que emitem uma quietude enigmática.

Abro a boca para falar algo, mas meu celular toca. No visor marca Filipe. Eu estou uma hora atrasada.

— Desculpe, eu preciso ir — falo para o homem.

Ele sorri de forma acolhedora e dando dois passos para trás, se afasta da caminhonete, colocando de volta a boina em sua cabeça e acenando.

— Até mais, Aurora.

Faço um gesto de tchau com a mão e saio pela estrada de pedras da mansão. A certa distância, eu vejo pelo retrovisor um emaranhado de terra esvoaçante soltando pelo pneu do *Sun* e o homem parado, na mesma posição, pelo retrovisor do *Sun*. Novamente eu nem perguntei o seu nome.

Durante o trajeto vou tentando organizar os pensamentos e tudo que eu estava ganhando e perdendo com essa nova fase da vida.

Não consigo me aprofundar demais. A única coisa que eu queria no momento era ficar sozinha, porém, quinze minutos depois chego a Monte Belo, paro em frente à igreja.

Pego meu celular e antes que eu retorne à ligação, vejo Filipe acenar e levantar de um dos bancos da praça.

Abro a porta do carona e ele entra. Assim o vejo com mais clareza.

Óculos de sol, blusa de botão, calça jeans. Estava parecido com o homem da foto do seu WhatsApp, não como um padre.

Ele sorri.

Ele não deveria fazer isso.

Relaxo no banco e respiro fundo.

— Desculpe a demora, Filipe.

Se não bastasse toda a loucura da vida, eu ainda achava o novo padre um homem atraente.

— Eu que não quero atrapalhar seus afazeres — Ele retira os óculos e coloca sobre a gola da blusa clara. — Por isso liguei. Não ficaria magoado.

Seu rosto sério, seus olhos azuis cintilantes, seu cabelo perfeito, lábios carnudos, seu... seu... paro os meus olhos em sua boca.

Ele é uma obra de arte. Divino.

Deus, eu entendi que você está disposto a me pregar uma peça.

Só vá com calma, por favor.



*“Confie no Senhor de todo o seu coração
e não se apoie em seu próprio entendimento;
reconheça o Senhor em todos os seus caminhos,
e ele endireitará as suas veredas.
Provérbios 3:5,6*

Alguns meses atrás...

— O que está fazendo, mãe?

Sentada sobre a pequena escrivaninha em seu quarto, com apenas a luz de um pequeno abajur iluminando o quarto, ela se vira enxugando uma lágrima.

— O que foi? — pergunto, vendo a fragilidade em seu olhar.

Caminho em sua direção e sento na sua cama.

Delicadamente, eu a vejo fechar um caderninho e colocá-lo dentro da gaveta.

— Está se sentindo mal? Posso...

— A dor é na alma, meu filho — Ela aperta os lábios e mostra um sorriso acolhedor.

Eu queria perguntar o motivo. Queria ajudá-la de alguma forma, mas são tantos anos sem respostas que eu já não conseguia fazer essa pergunta.

Há alguns meses recebemos a notícia de que seu câncer havia voltado. Eu estava bastante preocupado com a forma que ela levava a notícia.

Da última vez, há alguns anos, foi uma luta vencida. Eu sentia que dessa vez ela não queria mais lutar.

E, por dentro, eu fico magoado e até bravo. Como ela pode ter coragem de desistir da sua vida?

Em meio aos meus pensamentos, ela pega uma das minhas mãos.

— Você foi o melhor presente que Deus me deu.



Eu não conseguia apagar as imagens da minha cabeça e não era incomum ter pesadelos com a minha mãe. Relembro os seus últimos dias e a sensação de frustração que adquiri no dia em que ela partiu e que desde então, permanece.

A verdade era que haviam mágoas do passado que eu não podia apagar.

Acordei cedo, corri pela cidade antes mesmo de amanhecer. O Padre Giovanni me informou sobre o seu dia cheio, com aulas de catequeses e visita a alguns devotos. Nenhuma tarefa que me incluía. Quase perguntei se eu poderia ajudá-lo de alguma forma, mas o jeito como estufou o peito e mostrou toda a sua saúde, não me deixou brechas para questionamentos. Eu iria, com toda certeza, levar mais um fora.

Durante toda a manhã tentei manter minha mente ocupada para não pensar no passeio que tinha combinado com a Aurora. Organizei algumas das minhas coisas e li um livro qualquer.

Quando chegou a hora do almoço encontro a senhora Eleonora na cozinha da casa, trabalhando com as duas mãos nas panelas ao fogão.

— Oi, querido Filipe. Gosta de guisado?

— Ah sim, claro.

Giovanni aparece na cozinha na mesma hora e sorri para mim.

— Eleonora está fazendo o almoço — informa ele, colocando a mão no ombro dela em um gesto de gratidão. — Não é gentil da sua parte?

— É sim, senhor.

— Hum! O cheiro está ótimo — fala o padre Giovanni.

A senhora sorri satisfeita.

— Eleonora mora na rua aqui ao lado.

— Não quero dar trabalho a ninguém — falo cuidadosamente. — Com certeza a senhora tem seus afazeres e eu posso fazer o almoço sem nenhum problema — Procuro falar da melhor forma, sem magoar Eleonora

Padre Giovanni me olha de cara feia.

— Olha os modos, menino!

— Não, eu... eu não quis dizer que não gosto, eu...

— Sou viúva há três anos, padre — conta Eleonora. — Meus quatro filhos foram fazer a vida em Porto Alegre, então, tenho tempo de sobra. Ajudo o padre com gosto. Não é problema vir preparar o almoço e dar uma ajeitadinha na casa. É só colocar um pouco mais de água no feijão.

— As coisas permanecerão as mesmas — enfatiza Giovanni para mim. — Quando a Igreja for sua, você poderá fazer o que quiser.

Tentei evitar levar foras e aqui estou eu tomando outro.

Era visível que a minha presença não era algo que ele teria aceitado com alegria. Ele sai da cozinha e me deixa com Eleonora.

— Não ligue para ele. Está velho.

Apenas sorrio, agradecendo com a cabeça.

— Me diga, Filipe, está gostando da igreja? — pergunta, colocando água no seu chimarrão.

— Ela é linda e os fiéis parecem bastante devotos.

— Ah, sim, somos uma cidade bastante fervorosa. Já teve e a oportunidade de conhecer a história? Padre Giovanni lhe contou?

Faço que não.

— Oh, esse velho não fez o trabalho dele! — Ela puxa uma cadeira da mesinha de canto e me incentiva com a mão a sentar na outra.

Faço o que ela pede e logo ela arrasta o chimarrão saindo fumaça para mim.

— Já bebeu chimarrão, não é?

Nego com a cabeça. Eu havia visto algumas vezes alguns gaúchos tomando seus chás na época do seminário, mas nunca havia experimentado.

— Beba. Vai gostar! — Eleonora me incentiva. — Só beba devagar porque está bem quente.

Pego a cuia e bebo. Um gosto amargo invade minha boca e faço uma careta involuntária.

Ela sorri.

— Não gostou, querido?

— É um pouco amargo.

— Você se acostuma. Beba até o fim, depois me passa.

Faço que sim, bebericando mais uma vez.

— As pessoas vão te oferecer chimarrão por onde você for nessa cidade. Aliás, você pôde ver que Monte Belo do Sul é uma cidade pequena, não é?

— Sim, certamente.

— Estamos localizados no superior do nordeste do Rio Grande do Sul, em meio a belezas naturais. Antigamente, a cidade fazia parte de um distrito de Bento Gonçalves e foi emancipado só em 1992. E São Francisco de Assis é o padroeiro da nossa cidade e, por isso, a igreja é o nosso cartão postal.

— Não teria como ser diferente — digo e ela sorri.

— Não mesmo, não é? A Paróquia São Francisco de Assis foi criada em 12 de fevereiro de 1889. Mas as torres foram construídas depois, entre 1959 e 1965. Hoje são quinze capelas destinadas a essa Paróquia. Padre Giovanni anda cansado.

— Eu queria poder ajudá-lo. Afinal, esse é o meu objetivo.

— Eu sei, querido, mas deixe-o se acostumar com a ideia. Ele é assim, mas logo vai melhorar e entender a sua chegada.

Aceito os conselhos da senhora Eleonora. Ouço mais histórias sobre a igreja e agradeço pela atenção e informações.

Almoçamos juntos e me arrumo para encontrar Aurora.

— Onde vai? — pergunta Eleonora com uma vassoura na mão assim que me vê arrumado.

Padre Giovanni, sentado no sofá da sala, me analisa também.

— Aurora irá me levar para conhecer a cidade.

— Aurora? — indaga o padre. — Filha da Fátima?

— É. Eu falei para o senhor.

— Falou?

— Falei.

Ele joga uma mão para o alto, sem se importar.

— Essa menina não é católica — profere Eleonora com certo descontentamento. — Ela é filha da minha amiga, mas é um caso perdido.

Resolvo não fazer nenhum comentário sobre isso. Eleonora dá de ombros, quando percebe meu desinteresse, voltando à tarefa da casa.

— Eu vou esperá-la na praça. Obrigado pelo almoço, Eleonora.

— Não por isso.

Despeço-me e saio da casa.

Ao atravessar a rua para a praça vejo um grupinho de meninas que acenam para mim. Aceno de volta e elas cochicham. No outro lado da rua vejo Pablo trabalhando em seu bar.

Aguardo por alguns minutos. Por mais que eu quisesse que isso

acontecesse, eu não queria que ela fizesse isso obrigada.

Eu preciso dizer, novamente, que ela não deve se preocupar comigo.

Talvez eu devesse acrescentar na lista de tarefas que, além de encontrar uma casa para alugar, eu deveria comprar um carro. Tive que vender o meu antes de vir.

Ligo para ela, mas ninguém atende.

Quase volto para a casa, mas o repúdio do padre Giovanni era algo que estava começando a me incomodar.

Eu deveria aguentar esse fardo. Afinal, eu tinha muitos propósitos ao sair do Rio.

Até que a vejo chegar em uma caminhonete amarela antiga.

Aceno sentindo um pouco dos meus músculos vibrarem.

Ela abre a porta e eu entro no carro.

— Desculpe a demora, Filipe.

Seus olhos castanhos me fitam com acalanto.

— Eu não quero atrapalhar seus afazeres. Por isso liguei. Não ficaria magoado.

Ela faz que não. Sorrindo depois de alguns segundos, como se fosse para si mesmo, ela olha para as minhas mãos.

— Casaco? — aponta.

— Não quero passar frio.

— O dia está lindo, Filipe. Não vai chover.

— Sou precavido — sorrio.

— É claro que é. — Ela sorri de volta.

Ela olha para frente, como se pensasse em algo e volta a me olhar.

— Olha, eu preciso falar uma coisa.

Franzo o cenho. A vibração dos músculos aumenta de intensidade.

No fundo eu estava disposto a entender o porquê a sua presença me causava isso.

— Tudo bem. — Ajeito-me no banco sem conseguir falar muito.

— Você é padre. Eu... como posso dizer... não sou ligada a nada da sua religião e confesso que estou bastante apreensiva com isso. Não sei como me portar, entende? Desculpe falar assim. É que diante de tanta coisa que estou na cabeça, não estou com vontade e nem paciência de testar isso aos poucos e...

— Calma, Aurora. — Peço um tempo com a mão. Ela arfa, encontrando meu olhar sereno com olhos tímidos. — Lembra quando me encontrou aqui na praça?

Ela concorda com a cabeça.

— Eu sou aquela pessoa. Não é porque sou padre que você deve me

tratar diferente. Eu nem gostaria.

O nervosismo dela me dá a grande oportunidade de observá-la de novo. Ela está usando uma camiseta de uma das bandas que gosto.

— Adoro Rolling Stones — digo, querendo desfazer o seu visível desconforto.

Ela estica a blusa.

— Eu também. — Seu sorriso era menos carregado.

Ela respira fundo e coloca os cabelos para trás dos ombros.

— Aurora, eu não quero que se sintam mal ao meu lado.

Ela sorri. O mesmo sorriso que deu quando eu entrei.

— O problema não é esse, Filipe. Eu gostei muito de você. — Ela arregala os olhos. — Não, é que eu achei você legal e...

— Eu entendi — sorrio. — É recíproco.

Ela aperta os lábios, concordando.

— Vai ser bom sair um pouco das loucuras que andam acontecendo. Então... — Ela arranha a garganta. — Eu fiz uma lista.

Arqueio as sobrancelhas.

— Uma lista?

— De lugares para você conhecer.

— Esteve ocupada com essa tarefa, não é?

— Estou de férias e sem nada para fazer, lembra? Minha mãe deixou isso bem claro.

Sorrimos.

Ela dá a partida no carro e começa a dar a volta pela praça.

— Esse é o *Sun*. — Ela dá uma batida no painel do carro. — Vai ser nosso companheiro nessa jornada.

— Confesso que não via um desses há muitos anos — digo, olhando para a parte de trás.

— Ele é especial — diz, mordendo o lábio inferior.

— Aurora! — Alguém grita no lado de fora.

Pablo. Seu namorado.

Ela para o carro em frente ao bar e ele vai até a sua porta.

— Oi, amor. — Ele me cumprimenta com um aceno. Eu aceno de volta.

— Oi. — Ela sorri para mim e se volta para ele.

— Aonde vai? — pergunta.

— Vou levar o Filipe, digo, padre Filipe para conhecer a Casa Fontenelle.

Ele sorri satisfeito.

— Você vai gostar, padre.

— Acredito que sim.

Pablo chega mais perto da namorada.
— Você vem hoje?
— Não poderei. Preciso fazer algumas coisas com o Otto.
— Poxa, Rory, você está de férias. Poderíamos esticar um pouquinho e...
Ele cochicha em seu ouvido e olho para o outro lado da rua.
Ouço um sorrisinho dela.
— Precisamos ir — ela diz e volto a olhá-los.
Pablo aponta para mim.
— Cuide da minha gata, padre.
Abro a boca para responder, mas Aurora logo rebate.
— Como se eu precisasse, não é?
Ela volta a ligar o carro e sai em disparada arfando.
— Desculpe — pede ela.
Não sei se é por ter parado ou pelo pedido de Pablo. Não pergunto.
— Casa Fontenelle? — indago.
— A maior vinícola do Brasil.
— Isso será interessante.
— Mais do que imagina.
Logo a paisagem que nos cerca são as parreiras da região.
Ela liga o som que toca uma música em inglês na qual nunca ouvi, mas ela sabe de cor e começa a cantarolar.

*I hate you I love you
I hate that I love you
Don't want to, but I can't
Put nobody else above you*

Fico tão hipnotizado com o seu sussurro que quase não vejo o que se passa pela janela do carro. De soslaio observo seu belo rosto em junção perfeita com a sua voz doce.

— O que foi? — Ela pergunta em meio a uma risada, olhando para frente, deixando-me constrangido. — Essa música é linda. Gosta de música também, Filipe?

— Gosto sim — falo sorrindo, desviando um pouco o meu olhar.

Eu preciso me controlar.

— Gosto de cantar quando quero esquecer algumas coisas, principalmente quando estou irritada. Isso ajuda a aliviar a tensão.

— Desculpe, eu não queria que se sentisse assim por...

— Não, Filipe, não é com você. Olha, vamos deixar claro que se eu não quisesse te trazer para esse passeio, eu não traria. Ok? Na verdade, acho que vai ser a melhor parte das minhas férias.

Aperto os lábios e sinto *um comichão* em meu estômago.

Ela aponta para o lado direito e abaixa o som do carro.

— Chegamos.

A placa turística antecipa:



A enorme guarita demonstra a dimensão que ela havia comentado: a maior vinícola do Brasil.

Ela diminui a velocidade do carro, mas não para. Só acena para os seguranças e entra sem se identificar.

O local contém alguns prédios não muito altos, mas grandes em extensão. Placas indicam os lugares: estacionamento, administração, loja, restaurante...

— Essa é a Casa Fontenelle. Eu trabalho aqui — conta ela ao estacionar o carro.

Arqueio as sobrancelhas.

— Então poderei degustar alguns vinhos? — pergunto e ela franze cenho.

— Pensei que padre não bebesse vinho.

Não poderíamos. Eu tenho meus limites e não seria isso que me faria ser

um pecador. Eu, pelo que andei pensando, teria outros motivos para ser.

— Eu disse que sou normal — digo.

Não sabia o porquê, mas queria que ela entendesse isso de uma vez por todas.

Ela sorri e torce a boca, aceitando a minha resposta.

— Então está no lugar certo.

Saímos do carro e entramos em um lindo jardim gramado com turistas perambulando o local com câmeras e celulares em mãos. Até vejo um casal tirando foto vestido de noivos.

O dia está realmente lindo.

Aurora me olha.

— Tudo bem?

Faço que sim.

— O lugar é bonito — digo.

Ela para de andar e olha para todos os lados.

— É.

Vejo seus olhos brilharem.

— Vamos entrar?

Assinto e a acompanho logo atrás.

Assim que entra, Aurora é assediada por um grupo de pessoas. Pelo uniforme vejo que todos trabalham aqui.

Ela sorri um pouco, brinca que está de férias e me apresenta para as pessoas.

Fico satisfeito quando me apresenta apenas como Filipe.

Saindo de uma das salas, observo Giulia, a mulher espirituosa que conheci quando eu cheguei à cidade, caminhar até Aurora e abraça-la.

— Oi, padre! — diz ela vindo me dar um beijo na bochecha.

Ao lado vejo Aurora segurar um sorriso e arqueia uma sobrancelha quando me vê olhando-a.

— Danadinho! — Giulia ajeita a cabeleira loira e coloca uma mão na cintura. — Não contou que era padre.

— Eu contei — digo para ela.

Giu dá um tapinha em minhas costas.

— Eu pensei que estava me zoando. Aliás, eu não sou a...

— Noviça Rebelde — completo e ela ri.

— Quem me dera.

Aurora agora revira os olhos.

— Vai conhecer a melhor vinícola da região, padre! — exclama Giulia.

— Estou vendo que sim. — Em um movimento rápido, tenho quase a

certeza de que ela pisca um olho para mim.

O charme que ela joga chega a ser bem engraçado. Eu não deveria achar, mas acabo achando.

— Eu ou você? — Giulia pergunta para a amiga.

— Eu vou apresentar a Casa — responde Aurora de forma enfática.

— Que pena. — Ela faz bico, contrariada.

— Aquele grupo está te esperando, Giu! — Aurora aponta para algumas pessoas. — Nada de furos.

— Eu sempre faço o meu melhor. — Ela manda um beijo no ar para a gente e sai se apresentando para o grupo grande que espera na porá.

— Ela é *Hostess* da sala de degustação. Giulia é responsável por realizar as degustações, comunicar os visitantes e ajudá-los em suas compras. Explica a melhor forma de servir e beber os vinhos e atua também como guia turístico da vinícola.

— Ela não poderia ter melhor profissão.

— Ah sim, seu ponto forte sempre foi seu carisma e persuasão. Quando ela não está na vinícola, vendemos metade da meta diária. — Aurora sorri. — Mas hoje sou eu que vou fazer isso. Se alguém perceber que estou trabalhando aqui vão contar para o Otto rapidinho.

— Otto é o dono?

— Sim — ela aperta os lábios. — Vem, vou te contar um pouco da história.

Aurora pega a minha mão.

Não sei o porquê esse ato tão sem importância faz o meu batimento cardíaco acelerar.

Ela me induz a entrar em uma sala e, na primeira oportunidade, eu retiro minha mão de dentro da sua.

— Enquanto a Giulia faz a apresentação inicial aos visitantes, vamos adiantando as etapas na frente — Aurora sorri e me guia até o lado de fora do prédio.

Ela me leva até as parreiras com placas mostrando os seus nomes: *Merlot*, *Cabernet Sauvignon*, *Cabernet Franc*, *Sauvignon Blanc*, *Tannat*, *Tempranillo*, *Carmenere*, *Chardonnay*, *Alvarinho*, *Pinot Noir* e algumas outras.

— Aqui você pode observar que são uvas diferentes, de várias variedades — explica Aurora. — Só aqui nessa vinícola há quarenta e cinco tipos de uvas que são utilizadas para a produção do vinho.

— Quarenta e cinco? — Fico surpreso.

— Esse é um pequeno exemplar, Filipe. Hoje estão catalogadas e identificadas mais de três mil tipos de uva como essas.

— Isso inclui aquelas uvas que compramos no mercado?

— Não — Ela sorri lindamente. — Essas nas quais consumimos *in natura* são diferentes. Então a quantidade de vinhos que a gente pode encontrar com aromas e sabores diferentes de uva são muito grandes. E ainda tem mais...

—Ela vai até uma videira e aponta. — Se eu pegar essa casta *Alvarinho*, por exemplo, e plantar lá na Bahia, no Vale de São Francisco, onde temos uma vinícola também e fizermos um vinho como os daqui eles serão diferentes porque irá mudar o aroma e sabor. Cada uva, além de ter a própria característica, é influenciada pelo clima e solo.

— Então além das três mil diferentes uvas, o clima e o solo também mudam o sabor?

— Exatamente. O sabor e o aroma.

— Isso nos dá infinitas variáveis.

Arregalo os olhos.

— Mais do que eu poderia imaginar.

Aurora parece feliz com a minha curiosidade.

— E existem uvas mais propícias para cada tipo de clima? — pergunto.

— Sim. Climas quentes acabam favorecendo aquele vinho mais leve, mais macio, mais fácil de beber, ou o vinho suave, aqueles do tipo docinho. Nos climas frios ocorre o oposto. Favorecem vinhos mais intensos, mais ácidos, aqueles encorpados que podem envelhecer por décadas.

— Então eu posso escolher o vinho por região?

— Sim, mais relevante do que o nome da uva que está expresso no rótulo é a região que ele é produzido. Se eu gosto de um vinho que não agride o paladar, o da região quente vai favorecer essa bebida. Sempre observando, claro, a região de plantio da uva que estará escrita na garrafa. Região fria tem um vinho mais marcante.

— Incrível — digo baixinho olhando as parreiras.

— É. Eu também acho.

— Já consigo ver os cachos — aponto para os frutos pendurados. — Quando é a colheita?

— Entre janeiro e março. Não falta muito, porém elas vão crescer ainda mais até lá.

— Acredita que nunca havia visto um cacho de uva no pé?

Ela ergue uma sobrancelha.

— Acredito. Ouvimos muito isso por aqui.

Ela me leva de volta ao prédio, só que agora em outra sala.

— Aqui é a sala onde conta a história da Casa Fontenelle — diz Aurora enquanto observo todo o local.

Fotos antigas de colonos italianos estampam as paredes da sala. Aurora explica com grande entendimento a história dos imigrantes italianos que saíram do seu país por conta da crise de emprego na segunda metade do século XIX.

— Então eles fugiam da pobreza?

— Sim. Fugiram da pobreza e viram no Brasil uma oportunidade para recomeçar. Giuseppe Fontenelle veio com a esposa e três filhos. Com o pouco que trouxeram compraram um pedaço de terra e começaram a cultivar a única coisa que aprenderam na terra natal: uva. Muitas das viticulturas aqui da região nasceram assim.

Em uma das fotos, um homem segura uma pequena placa de madeira, finamente esculpida com os dizeres: LOTE 12. Fontenelle.

— O Lote 12 era o nome do seu pedaço de terra que o governo havia repartido. Pouco mais de um hectare foi o que eles conseguiram comprar, mas foi suficiente para sustentar a família.

— Imagino o quanto deve ter sido difícil.

— Otto costuma a contar a história de modo menos superficial. A família sofreu para se adaptar na nova terra. Um dos filhos voltou para a Itália depois de um ano e a mãe, nona Adina ficou muito triste e morreu depois de alguns meses. Nem sempre a história é bela.

Aurora mostra uma nova foto na parede. Uma família em uma região de matagal.

Na descrição abaixo informa que se trata da família de Giuseppe Fontenelle, Adina e seus três filhos, Matteo, Romeu e Leonel no Lote 12.

Observo a foto em preto e branco.

— Giuseppe era o avô do Otto.

— Posso imaginar que você trabalha aqui há muito tempo — digo, percebendo a sua magistral sabedoria sobre tudo da vinícola.

— Nasci aqui.

Arqueio as sobrancelhas.

Ela pisca algumas vezes e respira fundo, olhando para a foto do homem segurando a placa.

Após alguns milésimos de segundos, Aurora me olha e caminha para sair da sala quando percebe que os turistas comandados por Giulia começam a entrar.

— A história de Giuseppe Fontenelle no Brasil começa em 1892 quando... — Giulia fala alto e dá uma piscada para gente.

Devagar saímos do local.

Vamos para a sala seguinte, que mais parece um galpão com uma dezena de tonéis de madeira com mais de 5 metros de altura. O cheiro forte também me chama a atenção.

— Essas são as pipas de grápia. Era um tipo de madeira utilizada pelos imigrantes para fazer casas, móveis e esses recipientes de vinhos. Alguns desses têm mais de cem anos. Mesmo naquela época, no início da imigração, eles sabiam que essa não era a madeira ideal para o vinho. Ela causa um sabor e aroma fortes e isso interfere diretamente no vinho. Ainda hoje, mesmo após tantos anos, dá para sentir a forte fragrância da madeira, não é?

Faço que sim.

— Eles bebiam o vinho mesmo com essa alteração no sabor?

— Sim e não — ela sorri. — Uma curiosidade legal é que eles revestiam internamente cada barril com cera de abelha para evitar isso. Mas dava muito trabalho e, mesmo assim, não garantia cem por cento.

— Posso imaginar. Mas hoje em dia, o que fazem?

— Vou te mostrar na próxima sala.

Caminhamos até lá e os barris mudam de madeira para um aço.

— Esses são os tanques de aço inox que são utilizados em todo o mundo e temos também os barris de carvalho. Cada um em etapas diferentes.

Aurora começa a me explicar o processo que inicia a vinificação.

Com uma doçura incrível, ela gesticula e esclarece algumas das minhas dúvidas quando me mostra cada detalhe.

Percebo o brilho dos seus olhos aumentarem quando começa a contar o passo-a-passo do seu trabalho.

Ela me mostra a desengaçadeira e esmagadeira, máquina que remove os engaços dos grãos, o processo de prensagem e fermentação.

— Após o término da fermentação alcoólica, resíduos sólidos, matéria orgânica e bactérias ficam no fundo do tanque — explica, passando a mão no imenso tanque de aço inox. Esse é o nome do processo de transferência para limpar. Para evitar que os sabores e aromas indesejáveis sejam passados ao vinho.

Aurora me conta os próximos processos de clarificação onde o vinho é submetido a alguns métodos onde são removidos componentes que podem deixá-lo turvo e a estabilização ao calor, ao frio e a estabilização microbiológica.

Ela me conduz até os corredores onde ficam catalogadas as garrafas conforme a safra e casta.

— Sabe aquela história que quanto mais velho o vinho é melhor?

— Já ouvi algumas vezes. — Túlio sempre dizia com orgulho os anos que continha na aquisição que fazia.

— Essa história não é verdade — ela sorri. Parece um sorriso de criança.
— Nada dura para sempre.

— Então o que faz o vinho durar mais tempo? Já vi vinhos com dez, vinte anos de idade.

— São os taninos — responde. — Sabe aquela sensação de adstringência ao beber ou comer algo? — Meneio a cabeça em concordância. — São os taninos. Eles que causam a sensação de secura na boca. Tem algumas frutas que comemos e sentimos isso. São substâncias orgânicas. Eles são encontrados principalmente na parte externa de vários tipos de plantas. São aqueles vinhos mais fortes, intensos e de maior qualidade. São esses que suportam o tempo. Os vinhos jovens e refrescantes não vão ganhar qualidade, vão se manter. Vão durar quatro, no máximo, cinco, seis anos. Hoje oitenta por cento dos vinhos produzidos no mundo são vinhos leves e de menores estruturas. Vinhos que duram décadas são mais difíceis de serem produzidos.

— O seu vinho... aquele que provei. Ele tem um sabor forte.

— Os taninos causam isso. É um dos vinhos difíceis. Modéstia parte.

— E podem ser guardados por anos?

— Sim. E por isso, nem todo ano iremos conseguir produzi-los.

— Por quê?

— Porque o vinhedo precisa atingir a qualidade que esse vinho exige. Por isso foi tão difícil e esperado por mim o resultado. Se a uva não estiver perfeita para esse vinho, certamente ele virará um vinho leve, o oposto do Aurora. O Otto colocou meu nome no vinho, por ser meu primeiro vinho.

— Nada mais justo — sorrio. — Então, nem todo ano terão novas garrafas do Aurora?

— Infelizmente não. Depende da safra. Ou seja, dos anos que tem a colheita. Desde que iniciei a produção, apenas conseguimos fazer duas safras: 2012 e 2014.

— Isso é fantástico. Acaba sendo a natureza que comanda tudo.

— Exatamente.

— Acho que é sempre assim, não é? Para tudo.

Faço que sim.

No subsolo do local, vejo a enorme sala onde ficam milhares de barris. O lugar tem um cheiro peculiar e a imensidão de barricas parecem não ter fim. Eu começo a contar as fileiras e logo me perco.

— Uau!

— Aqui é onde eles passam a maior parte do tempo. Amadurecendo — conta Aurora andando à minha frente. — Esse amadurecimento pode ser processado nos próprios barris de inox ou nesses — ela aponta. — de madeira de carvalho.

— E tem ideia de quantas garrafas são produzidas?

— Em torno de 12 milhões ao ano. Contando todas as vinícolas da Casa.

— Isso é muito — sorrio.

— Somos o principal produtor de vinho nacional e o principal exportador também. Não somos maiores só na qualidade, mas também pela diversidade de vinhos. A Casa Fontenelle tem vinícolas em regiões diferentes, sendo essa a matriz. E isso nos dá sabores desiguais. O Brasil é ótimo pela grandiosidade e diferentes regiões de cultivo, geográficas, climáticas. Temos mais de 1.300 hectares de vinhedos, todos de uvas viníferas, daquelas que te mostrei lá fora. 800 hectares apenas aqui, no Vale dos Vinhedos, onde tudo começou. Fora as outras vinícolas espalhadas pelo Brasil e outros países.

— Estou dentro de um império? — brinco.

Ela pisca três vezes antes de responder.

— Um imenso império.

Pego meu celular e tiro algumas fotos do lugar.

— E qual é a diferença? — pergunto, colocando a mão em uma das barricas de carvalho. — Qual a diferença do vinho que amadurece aqui ou no de inox?

— Os barris de carvalho liberam maior oxigenação, ajudam na redução de taninos e na acidez do vinho, além de aguçar novos aromas e sabores. Tanques de aço limitam a exposição do vinho ao oxigênio, mantendo-os mais frescos.

Observo cada detalhe do seu rosto enquanto me responde. Ela realmente tem um talento especial para isso.

— O que foi? — pergunta quando percebo que ela parou de falar e eu ainda a encaro.

— Nada! Eu estou encantado com tudo.

Ela sorri feliz.

— Começamos bem então.

— Esse lugar é incrível, Aurora.

— Pode me chamar de Rory. Se quiser.

— Rory. Você é abençoada por viver aqui.

— É — ela suspira. — Acho que sim.

Ela desfaz nosso olhar e, a seguir, me mostra a parte de engarrafamento e, por fim, uma sala grande de degustação com mesas repletas de diferentes tipos de taças de cristais.

— Você estudou enologia aqui na região? — pergunto, quando ela indica uma das mesas para sentarmos.

— Sim. Na federal, mas aprendi muita coisa na prática. Espere aqui um segundo?

Faço que sim.

Ela sai da sala e volta bem rapidamente com duas garrafas em mãos.

— Esse é o Lote 12. — Mostra uma das garrafas, colocando a outra de lado. — Vinho feito com as uvas que ainda crescem no primeiro lote da Casa Fontenelle.

Ela abre a garrafa e nos serve.

O vinho é excepcional.

— O Lote 12 ainda pertence a vinícola?

Ela abre um lindo sorriso.

— É a melhor parte dela.

— E está na lista para visitar? — pergunto.

— Não, eu não a coloquei. Tirando as parreiras havia um lindo jardim. Era um lindo lugar, mas com o tempo foi sendo esquecido.

Ela olha para o relógio de pulso, como se pensasse em algo e ajeita o cabelo antes de sorrir para mim.

— Você tem pressa? — pergunta com os olhos em mim.

— Eu? Não — nego com a cabeça.

Ela franze a testa e sorri piscando algumas vezes.

— Está um pouco tarde, mas se correremos, nós podemos chegar ainda de dia. Você quer ir até lá?

— Sou todo seu, Aurora.

Percebo seus olhos abrirem mais do que o normal e sorri com malícia.

Sinto meu rosto queimar.

— Não deveria dizer isso, padre.

— Eu não quis dizer isso, eu... Eu quero ir sim ir até o local— respondo, sorrindo sem graça, tentando consertar o mal-entendido.

— Estou brincando, Filipe, eu entendi.

Ela se levanta, pega a outra garrafa e me entrega.

— Esse é um presente.

— Ah, não precisa, eu...

— Recusar presente é feio, padre.

Arqueio uma sobrancelha. Ela havia começado a me chamar de padre e sinto que é proposital.

Eu sorrio, querendo mostrar que não me importo.

— Obrigado, Aurora.

— De nada. Agora vamos, porque além de ser distante, a estrada é péssima.

Aceito a ideia. Por mais que eu tente evitar, sinto que estou aceitando além do que deveria.



*“Tenho andado distraído
Impaciente e indeciso
E ainda estou confuso, só que agora é diferente
Estou tão tranquilo e tão contente”
Legião Urbana – Quase sem querer*

Assim que acabei de mostrar a Casa Fontenelle para Filipe, me senti perdida. Um desespero bateu forte em meu peito.

Se eu voltasse para casa, Otto falaria mais uma vez sobre o seu testamento. Se eu fosse para o Bistrô do Pablo, iria perceber o enorme esforço dele de tentar esquecer que eu rejeitei seu pedido de casamento. Giulia ainda teria bastante trabalho por aqui e eu também não poderia me enfiar em uma das salas da vinícola sem que Otto soubesse.

Por sorte Filipe aceita a ideia louca de irmos ao Lote 12.

Filipe se tornara a minha primeira opção de fugir do caos.

Assim que saímos do prédio percebemos como o tempo havia mudado. As nuvens estavam carregadas e um vento gelado esvoaça meus cabelos.

Olho para Filipe e ele ri, sacudindo o casaco na mão.

— Esqueci que o tempo daqui é bipolar — digo.

Entramos no *Sun* e partimos em direção ao Lote 12.

O local não é aberto para os turistas e somente pessoas específicas colhem as uvas naquele hectare. Otto deixa essa regra bastante clara.

— Eu só fui até lá uma vez — falo. Pensando alto.

— Sêrio?

Faço que sim enquanto dirijo.

— Otto não gosta que ninguém vá.

— E devemos ir?

— É. Acho que posso fazer isso.

Sem desviar da estrada, sinto seus olhos em mim.

— É secreto ou...

— Não. Acho que ele vê mais como um lugar sagrado. Ali tem toda a história de gerações. Tem a primeira casa construída por Giuseppe, a casa de pedra. O prefeito até tentou que o lugar se tornasse patrimônio da cidade, mas Otto nem cogitou a possibilidade.

— Foi onde toda a história da vinícola começou — comenta.

— Sim. Minha mãe conta que Elena, a falecida esposa de Otto amava aquele lugar e então fez um belo jardim que, depois da morte prematura do filho Lorenzo, se tornou praticamente a sua casa. Ela morreu poucos anos depois. Acho que Otto tem uma mistura de sentimentos por aquele lugar.

— É compreensível.

— É sim.

Algum tempo depois adentramos na estrada que vai direto para o Lote 12. É uma estrada de terra batida bastante sinuosa. Um tipo de terreno horroroso para um carro antigo. Eu deveria ter vindo com o novo.

Filipe se segura no banco enquanto o *Sun* sacode.

Quando chegamos, vejo o real estado do lugar. De imediato, percebo algumas parreiras que emolduram a frente da casa, secas. O pequeno açude ao lado está tomado pelo matagal, juntamente com o pequeno deck de madeira, pouco se vê do banco de madeira no fim dele. O jardim de Elena não existe mais.

As janelas e porta de madeira da antiga casa de pedra, de dois andares, pelo menos, estão no lugar, mas verifico a falta de algumas telhas que o vento pode ter carregado.

— Otto me trouxe aqui uma vez — conto, alisando as parreiras secas, sentindo por elas. — Eu ainda era pequena, lembro que nunca havia visto tantas cores em um só lugar.

— Estão mortas?

— O quê?

Ele aponta para a parreira em minha mão.

— Não. Secas. Não cuidaram delas. Otto deve ter mandado não chegarem perto.

Enquanto agacho, analisando o solo e as parreiras para verificar o estado dela, Filipe vai para frente da casa e fica parado.

— É uma pena ver esse lugar assim, tão abandonado.

Mesmo sabendo que Otto não vinha mais aqui, pensei que tivesse dado a ordem para alguém manter esse lugar do jeito que era. Mas não. Ele desistiu.

— Eu consigo imaginar esse lugar colorido — Filipe fala, sem olhar para trás.

Solto a raiz da planta e me levanto, sacudindo a mão e limpando o resquício da terra na calça. Ando até ele e fico ao seu lado, vendo as pedras de tamanhos diferentes encaixadas de forma perfeita na construção da casa. Era realmente uma arquitetura incrível.

No rodapé externo, nenhuma flor. Nenhuma cor. Apenas barro sujando as paredes.

— Consegue mesmo? — pergunto e ele me olha.

Viro-me e me deparo com o seu rosto sendo banhado pelo pôr-do-sol que encontrou uma brecha sobre as nuvens carregadas.

E ele fica ainda mais perfeito. Seus olhos azuis transluzem com o efeito.

Desfazendo o olhar e os pensamentos, viro-me para o outro lado, indo em direção ao açude.

— Você é otimista, Filipe.

Ouçõ seus passos atrás de mim.

— Eu já fui mais. Eu me obrigava, pela minha mãe.

— Hum. Ela deve ser uma ótima pessoa.

— Foi. Ela faleceu há alguns meses.

Viro para ele.

— Sinto muito.

— Está tudo bem.

— Eu perdi meu pai também, mas eu ainda era criança.

— Eu sei, você me contou.

— Conte?

— Quando cheguei, lembra? Contou sobre a sua flor de Lótus.

Logo seguro meu pingente. O que carrego todos os dias em meu pescoço.

Começo a rir com o que acabo de lembrar. Um sorriso saudoso.

— O que foi? — pergunta ele.

— Eu sempre imaginava que quando voltasse aqui veria uma flor de lótus no meio desse açude — aponto para o lugar onde não existe nada além de

mato sobre a água. — Acho que posso ter sonhado com isso algumas vezes.

Sem hesitar, ele vem ao meu lado.

— Ela está ali, não está vendo?

O quê?

Cerro o meu olhar e não vejo nada.

Segurando meu ombro esquerdo, ele agacha até ficar com a cabeça rente a minha. Sinto sua respiração próxima e meu coração parece mudar de ritmo.

— Ali... — Ele pega a minha mão devagar, pega meu dedo indicador e o aponta para o meio do açude. Em um desenho imaginário, ele traça cada pétala de uma flor de Lótus, com uma delicadeza inexplicável.

Como um passe de mágica, ali está a flor de Lótus em tons de rosa como sempre imaginei.

Meu coração dispara.

— Uma vez ouvi que podemos imaginar a felicidade quando não podemos tê-la — ele sussurra em meu ouvido. — É só uma questão de ponto de vista.

Meus olhos lacrimejam e viro meu rosto em sua direção.

Enquanto eu o olho, inebriada, vejo seus olhos pairarem em meus lábios.

Um repentino clarão me faz retomar a razão e, sem querer ser rude demais, desfaço a conexão das nossas mãos. Sorrio o máximo que posso, para que não fique um clima estranho.

Em seguida ouvimos o trovão e o céu escurece em segundos. O vento fica ainda mais forte e logo sentimos os primeiros pingos d'água.

Outro raio cai próximo e a tempestade resolve desabar com tudo.

— Vem! — grito e puxo a sua mão.

Corremos até chegar à casa. Filipe me ajuda a abrir a porta e entramos.

Ele começa a rir, percebendo o quanto estava molhado.

Eu ajeito o meu cabelo e enxugo os braços com as mãos.

Filipe me olha e ri ainda mais.

— Não fale que o dia estava lindo, ok? — brinco.

Ele levanta os braços em rendição.

— Não falarei.

Com a porta aberta, deixando entrar um pouco de luz, vemos a antiga casa por dentro. Eu nunca havia entrado nela.

Poucos móveis ocupam o lugar. Apenas um fogão de pedra em um dos cantos, uma mesa antiga não muito grande, uma cadeira capenga e um espelho levemente enferrujado pendurado na parede.

Enquanto o mundo parece cair lá fora, eu caminho pelo local empoeirado. Por dentro a casa parecia ser maior do que por fora.

Concentrada em entender o porquê do Otto não gostar que ninguém venha aqui, analiso a casa. Penso em subir as escadas de madeira, para o segundo andar, mas Filipe me impede com a mão.

— Olhe... — Ele empurra um pouco a madeira que praticamente se desfaz em sua mão. — Está podre. Irá cair.

Concordo e, de repente, um barulho de algo caindo em um dos cantos da casa me assusta.

— AH! — grito com o susto.

Com o coração a mil, olhos apertados sem querer ver, percebo que acabei de agarrar o pescoço do Filipe.

— É uma cobra? Diz que não é uma cobra! AH!

Minha voz sai como a uma louca desesperada.

— Não consigo enxergar — responde também assustado.

— Desculpe. Desculpe, Filipe — peço, sem largá-lo e nem abrir os olhos. — Eu sei que não devo fazer isso, mas eu tenho pavor de cobras!

Eu o aperto um pouco mais.

— Calma! Se acalma. — Sinto uma das suas mãos abraçar minha cintura e a outra afagar meus cabelos.

Percebo meus músculos tremerem de medo.

— É apenas um gato — diz, sem fôlego. — Um gato.

Abro os meus olhos e encontro os dele. Os densos azuis que agora com a escassa luz, formaram um tom profundo.

De repente, todo o medo vai embora. A sensação de paz me domina. Por milésimos de segundo eu escolho ficar assim para sempre. Mas ele logo pisca. Pisca demasiadamente.

— Está mais calma? — pergunta quase em um sussurro, próximo ao meu rosto.

Lá fora, o estrondo da tempestade com trovões continua.

Concordo com a cabeça, sem forças para responder.

Ele é tão lindo. Tão...

A palavra que vem em mente é: perfeito.

Eu estava louca. Eu nem o conhecia direito e não consigo compreender esse meu deslumbre repentino.

— Desculpe — peço de novo.

Vejo sua testa molhada, gotas de água caindo dos seus cabelos escuros.

Tudo nele me chama atenção: seus olhos, seu nariz, seus lábios carnudos e algo especial que eu ainda não tenho entendimento.

Seus olhos também percorrem o meu rosto. Mordo minha boca em uma ação de impedir que eu faça algo que me arrependa depois.

Não sei calcular o tempo em que ficamos assim, apenas nos admirando. Mas ele é o primeiro a desfazer a conexão e me coloca no chão. Não sei se fico brava ou se agradeço.

Respiro fundo e, mentalmente, voltando à razão, o agradeço. E o medo imediatamente logo me atinge.

— Preciso ir para o carro — digo, olhando para o chão.

— Mas está chovendo muito, Aurora.

— Eu sei, mas não posso ficar aqui. O sol está baixando e estará tudo um breu em alguns minutos. É sério, Filipe. Eu tenho muito medo de cobra e esses lugares são propícios para isso.

Ele aperta os lábios, olha para fora e observa o aguaceiro que cai.

Ficar sem estar segura em seus braços não é uma opção. Não falaria isso, claro, mas passou pela minha cabeça.

Eu iria para o carro com ou sem ele.

— Podemos ir embora — digo.

— Não é perigoso? Com essa chuva?

— Eu vou devagar e é melhor do que ficar aqui.

Ele concorda.

Eu me preparo para sair, com a chave do *Sun* em mãos.

— Espere! — Ele pede.

Olho para ele que ergue o casaco, abrindo para que eu o coloque.

— Você está de camiseta e está bastante frio.

Aperto os lábios, aceitando.

Ele coloca o casaco em mim.

— Obrigada — digo, não querendo olhar muito para ele. Com medo de me perder novamente.

Puxo as mangas longas para deixar a chave à mostra e corro para o *Sun*.

Corro e abro o carro, entrando com pressa e abro também a porta do carona para o Filipe entrar.

Pela primeira vez desde que o temporal começou, dou uma boa olha no meu estado e ele também se avalia.

Começamos a rir.

— Não foi tão ruim, foi?

— Não me lembro de quando foi a última vez que tomei banho de chuva, sabia? — Ele passa a mão no rosto.

— Nem eu — digo em meio a risadas, recuperando a respiração.

Abro um pouquinho do vidro do carro e passo a mão no vidro da frente para desembaçar.

— Vamos?

Ele assente.

Ligo o *Sun* e, sem pressa, vou seguindo a estrada de barro e pedra. Minha visibilidade é de apenas um palmo à frente.

Sinto no volante o carro patinar.

— As chuvas aqui são sempre assim?

— Nem sempre. Espero que logo acabe. Esse vento pode acabar com as parreiras e...

Nesse momento, o *Sun* resolve morrer.

— Merda! — praguejo.

Giro a chave na ignição. Nada.

Giro mais uma vez.

— Ah, não! *Sun!* *Sunzinho...* vamos lá! Vamos, meu amor... Vamos!

Ele pega.

Bufo alto.

Assim que coloco a primeira e piso no acelerador, ele não sai do lugar.

Tento várias vezes e nada. Ele não reage.

Filipe abre a sua janela e se molhando ainda mais, debruça e coloca a cabeça para fora.

— Acelera! — pede num grito.

Faço o que pede.

Nada.

Ele volta ao banco e fecha o vidro.

— Está atolado.

— Merda! — exclamo de novo e olho para ele.

O cara deve me achar uma pecadora desbocada.

— Merda mesmo — concorda.

Aperto os lábios para não rir.

— Padre fala palavrão?

— Só nos momentos em que ficam atolados.

Sorrio.

— O que fazemos? — pergunto. — Talvez seja melhor eu sair e ver esse pneu.

— Não, Rory. Está chovendo muito. Acho melhor não tentarmos nada. Vai atolar ainda mais. Fora que esses trovões não param. É perigoso.

Fico feliz por ele me chamar de Rory pela primeira vez.

— Se não estivéssemos tão longe... — Filipe olha para trás. — Poderíamos voltar para a casa de pedra e...

— Eu não voltaria para lá nem se estivéssemos a 100 metros de distância.

— Era só um gato, Rory — murmura, olhando para trás do *Sun*,

analisando o percurso.

— Mas poderia ser uma cobra.

— Por que tanto pavor de cobra? Já foi picada?

— Não. Mas meu pai foi.

Ele arqueia uma sobrancelha.

— Foi por isso que ele...

— Não. Ele não morreu por causa disso.

Filipe percebe que eu não quero falar sobre isso.

A noite logo chega e a chuva não para. Pelo contrário, parece aumentar de intensidade.

— Poderíamos pedir ajuda. O que acha? — Filipe dá a ideia e pega o celular do bolso.

Olho para ele e sorrio.

— Acha que já não pensei nisso?

— Não tenho sinal — diz, analisando o aparelho.

— Não tem sinal aqui para nenhuma operadora. Estamos muito distantes.

— O que faremos agora? — É a sua vez de fazer essa pergunta.

— Esperar essa chuva passar, o solo secar e tentar sair desse buraco.

Mas...

— Mas?

— Podia dizer que iria empurrar o *Sun*, mas ele é enorme.

— Eu posso empurrar e você dar a partida. O que acha?

Percebo seu desespero em fazer alguma coisa.

Ficar presa comigo em um carro até a chuva passar, pelo jeito, não era uma opção muito viável.

É claro. A doida aqui fica o encarando sem motivo.

— Quer tentar? — pergunto.

Ele concorda e analisa o lado de fora. Assim que ele coloca a mão na maçaneta da porta, seguro sua outra mão.

— Não é melhor tirar a camisa? Vai encharcá-la ainda mais e...

Hã?

O que eu disse?

O que eu falei?

— Eu não posso — murmura, enquanto abre a porta e sai do carro.

— Merda! Merda! Merda! — Sozinha, reclamo dentro do carro. — Eu estou louca.

Muito louca!



*"Entrem pela porta estreita,
pois larga é a porta e amplo o caminho que leva à perdição,
e são muitos os que entram por ela.
Como é estreita a porta, e apertado o caminho que leva à vida!
São poucos os que a encontram.
Mateus 7:13-14*

Meses atrás...

Dormi em casa por insistência da minha mãe.

Foi a primeira vez desde que ela foi internada. Eu não queria deixá-la sozinha, mas ela insistiu.

A última sessão de quimioterapia a deixou muito debilitada e resolveram interná-la.

Bispo Túlio me deu alguns dias para acompanhá-la. Ele sabia que ela não tinha ninguém além de mim.

Acabei de assistir a primeira missa do dia e, desde que acordei, estou com um nó preso na garganta.

*Entro no meu carro com destino certo para o hospital.
No meio do caminho, meu celular toca.
— Filipe?
— Oi, Milena.
— Estou no hospital e...
Sua voz chorosa e sem força me faz parar o carro no acostamento.
— Estou a caminho. Ela está bem? — pergunto nervoso, sem esperar que ela complete a frase.
— Não, meu amigo. Sua mãe acabou de falecer.
Uma onda de tristeza me atinge. Como posso tê-la deixada sozinha?
Não consigo mais ouvir o que Milena fala ao celular.
Tudo parece perder o sentido.
Completamente desorientado, procuro me acalmar.
Desligo o celular e, sem saber como, consigo chegar ao hospital.
O vazio em meu peito é gritante.
Encontro Milena na porta do quarto onde minha mãe está.
Ela me abraça apertado e chora em meu ombro.
— Eu sinto tanto... — diz em meu ouvido.
E eu sinto-me tão inerte com a notícia que não consigo chorar.
— Ela... ela ainda está aqui? — pergunto e Milena faz que sim, enxugando as lágrimas.
Em um só movimento eu entro em seu quarto.
Deitada como se estivesse dormindo, eu a vejo.
Apenas ao ver seu semblante tão sereno que as lágrimas surgem. Surgem de forma desesperadora.
Sento-me no canto da cama e aliso o seu cabelo.
Em suas mãos, sobre a barriga, está seu antigo e pequeno caderno.
Retiro das suas mãos e coloco sobre a mesinha.
Mãe, minha mãe, você era o meu porto seguro, minha única família.
Por que não reagiu por mim?
Fecho os olhos e com todo o amor que tenho em meu peito, rezo para Deus.
— Que você encontre a paz que nunca teve, mãe. Eu te amo.*



Eu preciso fazer alguma coisa.

Eu preciso!

Aurora é uma mistura peculiar. Eu não deveria analisar isso, mas é mais forte do que eu. Sua beleza. Seu rosto de menina no corpo de mulher é apenas o que me impactou de imediato. A sua doçura em meio as suas certezas e intensidade me chamaram atenção. Algumas dores e medos que me fazem sentir em casa. A moça que com um sorriso me encanta e que me faz quase querer perder a cabeça.

Preciso provar a mim mesmo que tenho o controle da minha vida.

Eu sei que quando conseguir fazer isso, não irei ter mais recaídas. Tive vontade de segurar seu pescoço e encaixar sua boca na minha, prová-la por completo, prendendo-a sobre as paredes de pedra de cada canto daquela casa, sem pressa para acabar, sem pressa para ir embora, deixando apenas o barulho da chuva e dos nossos gemidos sendo ouvidos.

Eu pequei.

Deus, eu... eu sou um pecador.

Sou fraco.

O pensamento foi tão intenso que cheguei a senti o ardor sobre o meu rosto, o peso do seu corpo encostado ao meu. Podia até sentir o gosto da sua boca e o arrepio do seu toque.

Parecia que seu cheiro havia me dopado.

Eu preciso pôr a cabeça no lugar.

Soube que seria difícil assim que a vi a primeira vez. Assim que pus os olhos nela. O arrebatamento foi imediato e contínuo. Nunca havia sentido isso, nem mesmo com Milena.

A simples presença dela é marcante. Eu a acho fascinante e é por isso que eu preciso manter uma distância segura.

Por isso, saio do carro. Preciso esfriar a cabeça.

Talvez a chuva gelada caindo por mais tempo sobre o meu rosto possa me ajudar nessa tarefa.

Não posso passar a noite ao lado dela dentro desse carro.

Não posso.

A tentação seria demais para mim.

Parado, com a chuva sobre a cabeça, respiro fundo e busco um pouco de sanidade.

Eu poderia apelar a Deus, mas pela primeira vez, e indo contra tudo que eu creio e ensino, envergonho-me de recorrer a Ele depois dos pensamentos tão reais e impuros que tive de Aurora.

Linda. Deus, como ela é linda.

Olhando seu reflexo pelo retrovisor, eu a vejo falar sozinha e negar com a cabeça.

Poderia imaginar o que ela está falando ou pensando, mas prefiro continuar com o foco em ficar longe, pelo menos por agora. Eu preciso sair daqui.

Ela me olha e eu ajeito-me em uma posição favorável para empurrar o carro. Por mais que eu soubesse que seria uma tarefa quase impossível, eu precisava tentar.

Talvez, Deus, lá de cima, olhe por mim e resolva me ajudar com alguma força descomunal.

Eu preciso.

— Eis-me aqui, Senhor. Olhai por mim — peço, entre dentes. Apelo a Ele. Sem ter para onde fugir.

Olho para Aurora novamente e faço um sinal de positivo.

Ela liga o carro e acelera.

Empurro-o com a maior força que consigo reunir.

Nada.

O carro não se move.

A roda girando sob o lamaçal só serve para a lama levantar e me sujar inteiro.

Ela para de acelerar. Eu limpo o rosto imundo.

— É pouco pelo que imaginei, Deus, é pouco! — reclamo.

Tentamos mais umas duas vezes e nada. Sem ter o que fazer e com a chuva incessante, resolvo voltar para o carro.

Aurora abre a porta. Entro com pena de sujar o carro.

Olho para ela sem me mexer.

E, sem falar nada, ela começa a rir quando analisa a minha situação.

A risada vira uma gargalhada alta, quase virando uma canção em meus ouvidos.

— Desculpe... — pede, sem se controlar. — Você está me dando medo, homem lama!

Eu começo a rir também, limpando os olhos que estão ardendo.

Ela se vira para trás e procura por algo no banco traseiro.

— Precisamos de alguma coisa para te limpar...

— Apenas água irá limpar isso.

Sem pensar demais, saio novamente do carro.

Dou a volta no veículo e abro a porta dela, pegando sua mão, puxando-a para fora.

— Você é louco? — Ela retira o casaco que visto com pressa e o joga

para dentro do carro.

— Já que estamos atolados, precisamos aproveitar! — grito sobre o forte barulho da chuva.

Fecho meus olhos e deixo a chuva cair sob o meu rosto. Mais para apagar o fogo que queima em minha pele.

Abro-os e vejo Aurora ao lado fazendo o mesmo. Aproveito a situação para vê-la com mais atenção.

Seus cabelos estão grudados em seu rosto e ombros, sua blusa e calça justas marcando ainda mais o seu corpo curvilíneo.

Assim que ela abre, fecho os meus, disfarçando.

Deus, eu... eu estou perdido.

Até que sinto sua mão encostar no meu braço.

Abro meus olhos assustado. E encontro seus olhos.

Estou pronto para abrir a boca e negar qualquer coisa que ela esteja disposta para fazer, mas não consigo me mover.

Aurora passa a mão pelo meu braço, retirando a crosta de lama que ficou grudada.

Algo no minha fisionomia faz Aurora perceber o modo como me sinto.

— Eu só vou te ajudar — ela fala, sem sorrir.

Seu rosto angelical tão próximo do meu e seu toque inesperado me deixa atordoado. Não consigo desviar meu olhar dos seus lábios tão excitantes.

Os pensamentos sórdidos voltam.

Eu a agarraria. Deus, eu enlaçaria sua cintura sobre a minha, sentindo-a sobre os meus braços. Eu a encostaria em seu carro amarelo. Tomaria sua boca, morderia seus lábios, engoliria seus gemidos só para mim. Apenas para mim. Daria tudo o que tenho e a deixaria feliz.

Diante do seu toque, fico no ponto de fazer tudo o que está preso na minha imaginação, mas recebendo uma onda de lucidez, me afasto.

— Desculpe, eu... — Minha voz perde força.

Eu não posso.

Não posso.

Diante da minha atitude, ela me olha constrangida.

Por um segundo nos entreolhamos e ela, sem dizer nada diante da minha reação, volta para o carro.

Deus, o que estou fazendo?

O que estou fazendo, Senhor?

Fico por mais um tempo deixando a água me purificar. Querendo que purificasse a minha alma perdida. Volto para o carro e Aurora está imóvel ao lado.

Respiro fundo até que ela se vira.

— Toma... — Ela me entrega uma blusa.

Pego o que ela me entrega e abro para ver. É a sua blusa do Rolling Stones.

Olho para o lado e vejo que ela está vestida com o meu casaco.

— Está molhada, mas vai te ajudar a esfregar — fala, sem me olhar. —

Depois se enxuga com essa toalhinha. Eu encontrei na minha bagunça que fica aí atrás.

Eu não poderia mais pegar aquele casaco e imaginar por onde ele passou. Isso me mataria!

— Obrigado.

Passo a blusa sobre o rosto.

O cheiro do tecido me embriaga. Seu cheiro. Senti tão de perto quando lhe mostrei a flor de Lótus no lago. O seu delicioso cheiro.

Respiro fundo novamente. *Onde estou com a cabeça?*

Depois que eu tiro a maior parte da lama, os olhos aflitos dela encontraram os meus.

— Melhor?

Faço que sim.

— Obrigado — peço novamente.

— De nada. Agora... — ela inspira devagar. — Devemos esperar a chuva passar.

— É. — Me limito a dizer.

— Alguém sentirá sua falta? — pergunta ela.

— Não sei. Podemos dizer que Padre Giovanni não está muito satisfeito com a minha presença.

Ela me olha com curiosidade.

Olho para ela esperando alguma pergunta, mas ela vira para frente.

— Eu costumo dormir no Pablo. Não sentirão a minha falta — conta, sem grudar seus olhos nos meus.

Sinto um balde de água fria me atingir. Além de estar pecando diante da minha promessa divina, eu estava tendo pensamentos impuros com uma moça comprometida. E o pior, Pablo, seu namorado, parecia ser o homem digno e muito apaixonado.

— Então estamos presos aqui — digo atordoado, sem saber ao certo o que falar.

— Estamos.

— Desculpe por isso, Aurora.

— Pelo o quê? — pergunta sem titubear.

Franzo o cenho diante da sua expressão.

— Por ficar presa aqui — digo. Mas queria pedir mais desculpas pelas minhas atitudes impróprias.

— Não. A culpa foi minha. Eu sabia que a estrada deveria estar ruim e... arrisquei.

Fico calado. Ambos olhando para o breu da frente, sendo desfeito apenas pelo clarão dos trovões que insistem em prosseguir.

Ela fica calada.

Por alguns minutos resolvo fazer o mesmo. Porém, o que ela pensa sobre mim e o que ela deve estar pensando me deixa incomodado.

A verdade é que eu queria fugir. Fugir do novo. Fugir de um padre chato que não se vê perdendo espaço. Fugir das lembranças que tenho da minha mãe. Fugir de muitas coisas.

— Aurora...

— Hum?

— Temos duas opções — digo, com a voz amigável. Uma tentativa quase frustrada de mostrar tranquilidade. — Podemos ficar aqui calados ou conversar um pouco.

Percebo seu olhar de soslaio.

Até que ela se vira.

Ela não iria negar meu pedido. O pouco que eu a conheço, percebo que também não estava gostando do clima instalado aqui dentro do carro.

— Do que quer falar? — questiona ela, séria.

Torço a boca, levantando um pouco os ombros.

— Por que fez enologia? — Minha pergunta é aleatória. Só queria ouvi-la falar. Sem deixá-la sem graça.

Eu já imaginava a possibilidade de ela não continuar sendo minha guia pela cidade depois da forma inconveniente que agi.

Eu sabia que ela não ouvia meus pensamentos, mas por várias vezes me peguei olhando para ela de um jeito inapropriado.

Ela deixa os ombros caírem, desfazendo a posição tensa de antes.

— O que quer ouvir? — Vejo os seus olhos brilharem. — O que todo mundo quer ou a verdade?

Pisco algumas vezes e arqueio uma sobrancelha.

— Com certeza a verdade.

Minha curiosidade é genuína, assim como meu interesse de saber mais sobre ela.

Aurora inspira fundo e encosta no banco.

— Lorenzo, o filho do Otto Fontenelle, começou a fazer enologia na

França quando era jovem. Mas, infelizmente, voltou antes e acabou... — Ela suspira. — Acabou morrendo. Sempre foi o sonho do Otto ver o seu filho formado e ajudando na empresa. Esse desejo se estendeu para mim, então, quis dar essa alegria a ele. Acho que consegui.

— Você é parente dos Fontenelle? Eu... — Eu queria fazer essa pergunta há algum tempo.

— Não — responde com um pequeno sorriso. — Otto praticamente me criou. Meu pai era seu empregado e eles eram amigos e, quando meu pai morreu, minha mãe foi trabalhar dentro da casa para ajudar Elena, sua esposa, com as tarefas de casa. Aí dona Elena morreu pouco tempo depois e Otto passou a cuidar de mim como se fosse sua filha. Resumindo, é isso.

— Mas você gosta do que faz, não gosta?

— Gosto de colocar a mão na terra, de cuidar do plantio, da escolha do solo, da produção, envelhecimento e engarrafamento do vinho e até mesmo da parte da venda. É, eu gosto sim.

— Reparei o dom enquanto me explicava hoje.

Ela sorri, baixando o olhar.

— Eu amo o que faço, mas...

— Mas?

— Mas que a gente nunca está satisfeito com o que tem, não é? — pergunta voltando a me olhar.

Eu não poderia responder isso nesse momento.

— A verdade é que eu tenho medo. Medo de muitas coisas — confessa baixinho.

— Todo mundo sente medo, Aurora. Eu também sinto.

— Eu tenho alguns sonhos e me culpo por não se encaixarem na vida que tenho. Na vida que está destinada a mim. É difícil explicar, Filipe.

— Por que temos essa mania de querer explicar tudo, não é? Você me disse isso no dia que nos conhecemos, quando negou o pedido de casamento.

— Pois é. Engraçado, não é? Eu consegui achar uma explicação lógica por não ter aceitado aquele pedido. Acredita?

Sua declaração me causa curiosidade.

Ela mostra um meio sorriso para mim depois de suspirar melancolicamente.

— Pablo não está nos meus planos. Eu não consigo encaixá-lo em nenhum deles. E eu me culpo por isso.

— Não deveria, Rory. A gente não manda nos sentimentos, não é?

Ela concorda.

— É. Acho que não — suspira e mostra mais um sorriso para mim. — Eu

não sou assim, Filipe. Não fico só falando das minhas dúvidas, das tristezas. Eu não sou assim — repete.

Dou-lhe um sorriso sincero.

— Você é — digo e ela arregala os olhos. — Uma parte de você é. Eu vi o seu outro lado também.

— Viu?

— Vi quando cantou. Vi quando sorria para os seus amigos no bistrô. Vi quando me apresentou hoje a vinícola. Vi sua alegria envolvida nisso.

— Estou até encabulada. O que você tem, Filipe, que começo a falar coisas que nunca disse para ninguém? — questiona em tom de brincadeira.

— Talvez seja porque sou padre — digo, sem pensar muito. Talvez fosse bom eu me lembrar disso mais vezes.

Ela aperta os lábios.

— É. Acho que sim — concorda. — Mas e você? — pergunta. — Você não tem momentos assim? Sem explicação?

Respiro fundo.

Sua pergunta era fácil de ser respondida.

— Tenho, mas ao contrário de você, sempre tive as explicações.

Ela arqueia uma sobrancelha com o olhar interessado.

— Gostaria de falar sobre esses momentos?

Levanto um pouco os ombros.

— Também perdi alguém que eu amava e ainda é recente.

— Sua mãe?

— Sim. Acho que não fiz o que deveria ter feito.

— A gente sempre pensa assim. Eu acho que deveria ter abraçado mais o meu pai.

— É. Eu deveria ter feito mais também. O problema é que ela se fechava para o mundo.

— O que aconteceu? O que a fez partir? — sua pergunta me faz titubear.

— Câncer, mas creio que isso só a ajudou partir. Não foi o motivo principal.

A tristeza. A tristeza a fez partir.

Pensando friamente, em certo momento, acho que ela agradeceu quando a doença voltou pela terceira vez. Eu havia me tornado um sacerdote e ela não tinha mais responsabilidades sobre a minha criação. Foi uma maneira de se entregar sem atentar sobre a própria vida.

— E o seu? — pergunto a ela. — O que o fez partir?

Seus olhos se perdem por um segundo antes de eles voltarem a mim.

— Eu tinha nove anos. Era uma manhã de sábado e ele resolveu verificar

a colheita e eu o acompanhei. Estávamos caminhando sobre essas parreiras quando ele... — Sinto sua voz embargar. — Quando ele caiu e acabou. Não pude lhe dar um último abraço e nem um beijo.

— Sinto muito.

Ela aperta os lábios.

— Ele tinha um aneurisma e ficou internado alguns dias no hospital, mas nunca mais acordou. Ele nos deixou de repente.

Vejo seus olhos marejarem.

— Mas... — ela respira fundo. — É passado. Por muito tempo busquei algo que pudesse me sentir mais perto dele, e o que restou foi esse pingente de flor de lótus. — Ela sorri. — O que dói é a saudade.

— Não conheci meu pai — conto.

— O que aconteceu?

— Não sei — respondo, sorrindo sem motivo. — Minha mãe nunca contou. Acho que ele não queria ser pai. Bom, eu só tenho suposições.

— Ela nunca te contou?

— Eu nunca perguntei quando realmente deveria, e foi ficando para trás.

— Não tem curiosidade?

— Tive, por muito tempo. Agora, não mais.

Sinto meu corpo tremer. Agora, era de frio.

Minha roupa ainda está ensopada.

Ela inspira devagar e sorri para mim, como se quisesse mudar o teor triste da conversa.

— Acabei de ter uma ideia! — exclama com animação. — Na verdade, duas ideias.

Ela se vira para o banco traseiro, procurando algo.

Viro-me para ajudá-la.

— O que procura?

No minúsculo espaço entre o banco e a caçamba há tantas coisas que não consigo imaginar o que ela busca.

— Meu violão — responde enquanto enfia a mão no canto direito. — Está aqui. Segure essa caixa... — pede, tirando vários objetos. E, logo, ela puxa o instrumento. — Ah! Sabia que não tinha levado para casa. — Já que estamos aqui, se importa se eu...

— Claro que não.

Na verdade, acho que não seria uma boa ideia para o meu psicológico.

Ela sorri e passa a mão sobre o violão para tirar a poeira. Toca devagar alguns acordes e o afina com cuidado.

— Qual é a outra ideia?

Ela indica com o rosto o vinho entre a gente.

— O vinho?

Ela concorda.

— Podemos beber. Depois te dou outro de presente.

— Ah, não por isso. Mas — ergo a minha mão. — Não trouxe um abridor comigo.

Aurora sorri. Um sorriso arteiro e ajeitando o violão ao lado, se vira para trás novamente.

— Toma. — Ela me entrega o objeto e eu arregalo os olhos. — Não fique com essa cara. As mulheres têm de tudo dentro de um carro.

Ela sorri e volta a colocar o violão na posição correta enquanto eu abro o vinho.

— Alguma sugestão? — pergunta.

— Terei um show particular? — pergunto, fazendo força para puxar a rolha.

— É. Acho que sim.

Abro a garrafa.

— Como vamos... — Eu iria falar que não tinha taças, mas ela pega a garrafa da minha mão e bebe no gargalo um gole e depois, estende para mim.

— Talvez isso nos aqueça um pouco — falo, esfregando as mãos para esquentá-la, antes de pegar e beber um pouco.

— Filipe! Está com frio? Eu estou com o seu casaco. Só não posso tirá-lo agora...

Ela estende a mão e pega a sua blusa que está estendida sobre o painel do carro. Eu havia me secado nela.

— Não! Nem pensar — digo.

— Procurei por um casaco nessa bagunça — indica a parte de trás. — Mas não encontrei. Quem errou de vir de camiseta sem trazer um casaco fui eu. Não é justo você sentir frio.

— Jamais deixaria você sentir frio. Eu aguento.

— A temperatura caiu muito, Filipe. Deve estar uns 10 graus e você está molhado.

Pisco algumas vezes. Não sei o que ela tem em mente.

De repente, ela chega mais perto, encostando a sua perna direita na minha esquerda.

Seus olhos me questionam.

— Precisamos ficar perto — murmura bem próximo. — O vinho vai ajudar. Calor do corpo também ajuda. Tudo bem?

Apenas faço que sim com a cabeça, sem me mover demais diante da sua

aproximação.

Seu nariz e bochechas estão rosados por conta do frio. Sua calça e seus cabelos também estavam encharcados. Bebo um grande gole do vinho e ela faz o mesmo.

É difícil ir contra a vontade excruciante de abraçá-la para aquecê-la.

Filipe! O que você está pensando?

Ela ajeita o violão sobre o colo.

— Já que você não me deu sugestão, padre, vou cantar uma que gosto, pode ser?

Faço que sim.

De um jeito tão simples e fácil, ela começa a tocar o violão e quando abre sua boca para cantar, eu percebo algo que nunca havia sentido antes.

*Me fita que eu gosto de me enxergar
Por dentro do teu olho
É tão bonito de lá
Tem cor de Marte
E teletransporte
Pra galáxia que mora em você*

Eu estou perdido. Completamente perdido.

*Me prova, me enxerga, me sinta, me cheira
E se deixa em mim
Me escuta no pé do ouvido
Todos teus sentidos
Que afetam os meus
Que querem te ter
Que tu me escreveu
E mais uma vez
Me bordou*

Sinto-me entorpecido. Talvez eu devesse ter sugerido uma música. A sensação de encantamento parece invadir o meu ser por completo. Assim que acaba a canção, ela se vira para mim e sorri lindamente.

O caminho que eu estava seguindo era desconhecido e, talvez, muito perigoso.

— Está irritada? — pergunto, querendo não transparecer o que estou sentindo e minha voz sai sem força.

Ela franze o cenho, sem entender.

— Mais cedo você disse que gostava de cantar quando estava irritada.

— Eu estava irritada com algumas coisas e... Não. Não só quando eu estou só irritada. Nesse caso, é uma mistura de irritação com essa lama, com... paz.

— Paz?

— É. Esses últimos dias foram intensos. Primeiro por toda a ansiedade do vinho, Pablo com essa história de casamento, Otto com a história de... Ah, e outras coisas.

Ela aperta os lábios, como se percebesse que havia falado demais.

— Enfim, foram dias intensos. É bom ficar ao lado de alguém que não me cobre uma atitude ou que espere de mim algo que eu não possa dar.

— Então você vai continuar me mostrando a região? — A pergunta era para ser feita apenas mentalmente.

— Você foi a melhor coisa que ocorreu nesses dias.

Pisco demasiadamente. Queria ir para o lado. Mostrar a distância que eu deveria impor. A culpa é toda minha.

— Calma, padre — diz, sorrindo para mim. — Estou dizendo que foi a melhor coisa para eu fugir um pouco de tudo.

Eu estremeço.

— Me dê sua mão — Ela coloca o violão de lado, pega minhas mãos e cobre com as suas quando percebe o meu tremor.

Mal sabe que não é só o frio.

Não haveria mesmo de saber.

Após alguns minutos, terminamos a garrafa de vinho e ficamos tentando nos aquecer. A chuva parece diminuir de intensidade.

Aurora desgruda um pouco e, chegando para frente, olha para cima.

— Está parando!

— Parece que sim.

— Olhe... — ela aponta e me chama para ver. — Quantas estrelas!

Imito sua posição e entre algumas nuvens, centenas de estrelas salpicam o pequeno espaço no céu.

— Nunca havia visto tantas estrelas.

Ela sorri.

— Acha melhor eu tentar de novo? — pergunta, mexendo na chave do

carro.

— Não. Acho que o solo ainda está muito encharcado. Pode atolar ainda mais.

Ela concorda e boceja tapando a boca.

— Eu cantaria outra música, Filipe, mas — boceja novamente. — O sono chegou. Você deveria descansar um pouco também.

Ela recosta no banco, ao meu lado.

Sem pensar demais, eu estendo o meu braço e a deixo se encaixar em mim, escorando sua cabeça em meu peito.

Sinto a quentura do seu corpo tão perto.

Tremo novamente, mas com a sensação prazerosa que invade minhas terminações nervosas.

Não sei o que pensar. Não sei como fazer.

Apenas fico imóvel, sentindo o vai-e-vem da sua respiração. Com os olhos presos em seu rosto, sinto seu agradável aroma.

E, já perdido, ajeito uma mecha dos seus cabelos, tirando-os do seu rosto. Sentindo na ponta dos meus dedos dormentes. Eu não deveria ter bebido.

Seu sono profundo me faz compartilhar da mesma paz que ela disse sentir.

— Eu não deveria ficar tão perto, Aurora — sussurro, mais para mim do que para ela. — Por favor... não fique tão perto.

E assim, com a exaustão causada por sentimentos alucinados, adormeço com ela em meus braços.



*“Uma noite longa
Pruma vida curta
Mas já não me importa
Basta poder te ajudar
E são tantas marcas
Que já fazem parte
Do que eu sou agora
Mas ainda sei me virar
Eu tou na Lanterna dos Afogados
Eu tô te esperando
Vê se não vai demorar”
Paralamas do Sucesso – Lanterna dos Afogados*

Abro os olhos assustada e olho para o lado.

— Desculpe, não quis acordá-la. — Filipe está dirigindo o Sun. — Não estou acostumado a dirigir esse tipo de carro e...

O dia raiou e, pelo visto, Filipe conseguiu tirar o carro do buraco.

— Espero que não se importe. Você estava num sono pesado.

— Não... eu... — Sinto o meu corpo e minha cabeça doerem enquanto me ajeito no banco. — Que horas são?

— Seis horas.

Percebo que estamos chegando a Monte Belo.

— Nunca deixei ninguém dirigir o *Sun* — digo, sorrindo.

— Desculpe, eu tentei te acordar, mas você não...

— Tudo bem. Estou vendo que ele está se comportando bem com você.

— Esse carro é ótimo. *Sun* é porque é amarelo?

— Ele é como o sol — sorrio, sentindo pontadas na cabeça.

Ele me olha de lado.

— O que foi?

— Dor de cabeça.

— Devemos tomar um banho quente e descansar.

Viro meu rosto para o outro lado e reviro os olhos com meus pensamentos sórdidos com padre e banho.

Ok, Aurora. Ele é lindo, legal, simpático, gentil e até mesmo dormimos juntos no carro. Claro, vestidos, claro, e... e ele é padre. Deus, ele é PADRE!

— Devemos. Devemos sim.

Filipe estaciona em frente à igreja e se vira para mim.

Ainda consigo ver vestígios da lama em seu lindo rosto. Seus cabelos estão bagunçados.

— Não sabia onde era a sua casa então... Consegue mesmo dirigir? Eu posso levá-la e depois dou um jeito.

— Está tudo bem, Filipe. Estou acostumada com essas dores de cabeça. Vai passar. Obrigada.

Ele concorda com a cabeça.

— Eu que agradeço o dia de ontem — diz ele. — Por mais que tenhamos atolado no meio do nada, eu não me divertia assim há muito tempo.

Eu mostro um pequeno sorriso. Sinto a verdade em sua voz.

— Eu também, Filipe.

Seus olhos presos em mim fazem meu coração bater mais forte.

Em um gesto inesperado de gentileza, ele se inclina para frente e beija minha bochecha.

Levanto minha sobrancelha para isso e ele sorri.

O que ele está fazendo?

Coro. O coração está disparado.

Nesse momento, em uma onda de consciência, consigo perceber que estar tão perto dele talvez não fosse uma boa ideia.

Se ele não fosse padre, diante do que sinto com seu toque e as coisas

estranhas que ele me faz sentir, tudo soaria como uma inocente paquera.

Mas ele é um padre.

Compartilhando um sorriso tímido comigo, Filipe sai do carro.

Eu me sinto como uma mulher que acabou de sair com um cara que curtiu e não é recompensada com um beijo nos lábios.

Eu o vejo entrar na casa do padre Giovanni sem me mover de lugar.

Respiro fundo e mordo o lábio inferior pensando nos seus olhos azuis.

Eu me arrasto no banco para o lado do motorista e ligo o *Sun*.



— 9 dígitos? — Só posso ter ouvido errado.

— Acima de 200 milhões — diz doutor Ferrari com a maior naturalidade do mundo.

Estou perdida.

— Meu Deus! 200 milhões de reais.

— Não, Aurora. Dólares.

O quê?

Cheguei à mansão nas pontas dos pés. Claro que foi em vão.

Otto e minha mãe estavam acordados e nem perguntaram sobre a minha noite longe de casa. Como imaginava, pensaram que eu estava com Pablo. Foi bom porque me poupou explicações sobre dormir no meio do nada com o novo padre da cidade.

O que eu não contava era que Doutor Ferrari também havia madrugado e estava à minha espera para uma reunião tão cedo.

Ferrari me olha com complacência. Acho que percebeu a minha notável falta de noção com tudo que estava por vir.

— A fortuna é baseada de acordo com todos os bens: a vinícola aqui no Vale, os hectares produtivos também na Bahia, Chile, Espanha... — Ele vai lendo em um papel, com os óculos caídos sobre o nariz — A marca Casa Fontenelle, o grande acervo de vinhos na cave da vinícola e aqui da mansão; as obras de arte pessoais; sua própria distribuidora, participações em ações de outras multinacionais, fora os empreendimentos imobiliários que constituem em prédios, armazéns, galpões, lojas e casas, a maioria deles são aqui na região sul e sudeste.

— Isso é muito — digo com a voz embargada.

— É — Otto dispara, sentado em sua enorme cadeira. — Por isso temos que deixar tudo bastante organizado pra quando eu...

— Senhor Fontenelle sempre foi um homem de negócios, Aurora — comenta Ferrari como se eu não soubesse. — Ele octuplicou a fortuna da família e está em ascensão até hoje.

— Eu sabia que era muito, mas não sei se conseguirei com tanto...

— Não tenho dúvida nenhuma que você conseguirá — Otto bate sua bengala no chão chamando minha atenção. — Como você não é minha herdeira direta, preciso deixar tudo documentado para que não haja problemas quando eu morrer.

Dessa vez ele fala com todas as letras: quando eu morrer.

— Não ouse me deixar sozinha nisso.

— Não pretendo. — Ele mostra um sorriso quase simpático. — Não, por enquanto. Não posso ajudar por aí fora, já que meus joelhos não cooperam, mas estarei aqui para aconselhá-la. Por isso, boa parte do que tenho já estará em seu nome e sob a sua responsabilidade.

— Além disso, você terá milhares de empregados — diz Ferrari. — É só saber administrá-los.

— Estudei enologia, doutor, não administração — falo, levemente irritada.

— O Senhor Otto nem cursou o ensino superior — retruca ele, erguendo os olhos sob os óculos de lentes grossas.

Era toma lá dá cá.

— Fiz o que deveria ter feito! — Otto fala com firmeza, querendo por fim na troca de farpas. — Aliás, deveria ter se preocupado com a chuva que tivemos ontem, mas preferiu dormir fora.

Franzo o cenho e ameaço falar, mas ele levanta uma mão.

— Não quero desculpas — diz. — Os funcionários estão calculando a perda, mas a princípio, não foi nada tão preocupante.

Ele não havia me dado oportunidade para perguntar nada.

— Isso vai exigir muita responsabilidade, Aurora — continua. — Além do que você possa imaginar. Terá que estar pronta para tudo. Vou deixar passar esse deslize apenas porque você está de férias.

— Foi por isso me deu as férias, não foi? — Minha voz sai trêmula. Queria perguntar sobre as parreiras, mas a raiva toma conta de mim. — Por que eu não teria mais tempo para nada após toda essa responsabilidade?

Ele torce a boca. Otto era tudo, menos burro.

— Aproveite suas férias, Aurora — afirma, pedindo com um gesto os papéis para o advogado. Ajeita a resma sobre a mesa e assina cada uma das

folhas.

— Nada melhor do que começar o trabalho sentindo-se renovada — concorda Ferrari, indicando os locais onde Otto deve assinar.

Não consigo forçar nenhum sorriso.

— Alguma dúvida? — pergunta Otto. — Se não, pode ir aproveitar as suas férias.

Faço que não, mas na verdade elas eram infinitas. Apenas não havia conseguido formular nenhuma delas.

— Pode ir — diz, me dispensando sem ao menos me olhar.

Quase clamo para que perceba meu desespero, mas não faço.

Saio do escritório tremendo.

Vejo minha mãe parada, em frente a mim, com o olhar curioso.

— O que foi, minha filha?

Eu preciso pensar.

Preciso pensar em tudo isso.

Conseguindo me mover, corro para o meu quarto e fecho a porta com força.

O que ele pensa?

Eu havia acabado de chegar, caramba! Eu estava ilhada!

É claro que veria como as parreiras tinham se comportado com a chuva.

Busco ar em meus pulmões.

A dor de cabeça já não é o meu maior problema. Andando de um lado para o outro no quarto, abro a janela e vejo as parreiras de uvas testemunharem minha covardia.

200 milhões de dólares.

Eu seria milionária.

O que há comigo que não consigo me sentir feliz com essa grandiosidade?

Ouçó batidas na porta e ela se abre.

— O que aconteceu, Aurora? — pergunta minha mãe.

Viro-me para ela.

— Nada! — falo mais alto do que o normal. Quero que ela saia daqui.

— Como nada? Você bateu a porta e isso é falta de educação. Otto e doutor Ferrari...

— O quê? Não posso bater à porta da minha própria casa, mãe? Ah, não! Essa casa não é minha, não é? Você sempre faz questão de me lembrar disso. Não posso cuspir no prato que como diariamente, não é? Você sempre diz o que eu tenho que fazer e sempre me lembra do quanto preciso ser compreensiva, tolerante e, acima de tudo, agradecida por tudo que Otto faz por mim, mas...

— O que está dizendo, Rory? — Ela mostra em fisionomia a perplexidade com o que acabo de dizer.

— Estou dizendo que estou perdida! Confusa em uma vida que não havia escolhido para mim!

De repente, a porta se abre um pouco mais e Otto entra no meu quarto.

Minha mãe faz uma cara de choro.

— Deixe-nos a sós, Fátima, por favor — pede Otto.

Ela abaixa a cabeça e sai com as mãos ao rosto.

Viro-me novamente para a janela, depois de ver a carranca do Otto em desaprovação.

Após alguns segundos em silêncio, ouço as batidinhas da bengala enquanto ele anda.

— A culpa é minha, Aurora.

Sua voz calma me faz virar em sua direção.

— Estou nervosa, só isso — falo, já arrependida do meu pequeno show. Deveria ir agora mesmo pedir desculpas a minha mãe.

Ele nega com a cabeça. Seu semblante, nesse momento, é uma incógnita. Ali não há sorriso ou raiva.

— Essa casa é sua — diz ele.

— Eu sei. Eu sou grata por tudo.

— Não quero que seja grata.

— Não, eu fui maldosa e...

— Aurora... ouça... — Ele se senta na beirada da minha cama e pede com a mão que eu me sente ao seu lado. Faço o que ele pede.

Em sua mão está a papelada que ele assinou.

— Desculpe — peço.

— Eu nunca te perguntei se era isso que você queria. Acho que criei expectativas em cima dos meus desejos e atrolei tudo.

— Eu sabia, Otto. No fundo eu sabia que isso aconteceria. É só que te perder e ter toda essa responsabilidade nas minhas costas ao mesmo tempo me assusta. Eu perdi meu pai uma vez. Não quero perdê-lo também.

Otto abaixa o olhar e quando volta a mim, percebo seus olhos marejados.

— Eu tive uma ideia — diz ele, fungando. — Vou deixar isso com você.

— Ele mostra os papéis. — Não quero que seja infeliz, minha filha. Já basta o que fiz com Lorenzo. Ele partiu magoado comigo porque eu achava que sabia o que era melhor para ele. Não posso errar duas vezes, Rory.

Pela primeira vez vejo Otto vulnerável, falar de Lorenzo era algo que o deixava muito abalado. Minha mãe já havia me contado sobre a relação complicada dos dois, mas ele nunca quis falar disso comigo.

— Que tal você pensar no assunto sobre ser minha herdeira? Quero que pense nos prós e contras. Prometo que irei aceitar a sua escolha.

Um nó se instala em minha garganta.

Aperto os lábios.

Eu sei o quanto deve estar doendo nele. Otto não tem ninguém.

— Otto, eu...

— Não diga nada, Aurora. Você está de férias. Aproveite para pensar, tudo bem? No final dela, você me diz o que decidiu. — Ele se levanta e me dá um beijo na testa. — Vou deixar isso aqui. — Ele coloca a papelada sobre a mesa do computador.

Concordo com a cabeça, sem conseguir falar.

Ele sai do meu quarto, dando um aceno rápido e com um semblante triste.

Deixo meu corpo cair sobre a cama.

Encaro o teto, exausta e, querendo esvaziar a mente, fecho os meus olhos.

Um par de olhos azuis aparece e, sem entender o motivo, consigo o que preciso: paz.



Acordo no final do dia, me espreguiçando com a dor de cabeça ainda latejante.

Pego um analgésico e vou até a cozinha.

Não encontro ninguém. Nem Otto, nem minha mãe.

Agradeço mentalmente e pegando um copo de água, engulo o remédio.

Não querendo voltar para cama, resolvo sair de casa.

Tomo um longo banho. Coloco uma calça jeans, uma camisa preta, bota de cano curto e vejo o casaco do Filipe sobre a minha cama.

Sorrio e o levo comigo para o *Sun*.

Minutos depois chego em Monte Belo e estaciono o carro na praça.

Pego o casaco do Filipe e bato na porta do Padre Giovanni, que logo atende.

— Oi — digo, forçando um sorriso sobre a surpresa estampada na cara do padre.

— Oi, Aurora. O que devo a honra?

Honra?

Quase reviro meus olhos, mas me controlo.

— O Filipe está? — pergunto sem delongas.

— Padre Filipe? Hum... não. Ele saiu, acho que foi correr por aí.

— Ah. Tudo bem. Depois eu falo com ele, então. Obrigada.

Seguro o casaco com força nas mãos e começo a caminhar.

— Ei, guria! — Ele me chama e me viro.

Ele torce a boca que fica ainda mais franzida sobre sua pele e barba branca.

— Agora é amiga do padre?

— Acho que sim, por quê?

— Ele sabe que você é ateia?

O quê? Eu ouvi direito?

— Ateia? — pergunto, sem acreditar na pergunta.

— É. Que não acredita em Deus.

— Eu sei o que significa ateia, padre.

— Você não vem à igreja, não fez catequese e nunca pagou o dízimo. —

Ele enrugando ainda mais a sua testa. — Acredito que seu envolvimento com Deus seja nulo.

Sinto meu sangue subir à cabeça.

Cerro os meus olhos em sua direção e o fuzilo apenas com o olhar.

— Não. Filipe não sabe. — Mostro-lhe um sorriso cínico com a carga certa de deboche.

Ele ergue as sobrancelhas brancas sob os grandes óculos.

— Com certeza ele pedirá outra pessoa para levá-lo para conhecer o lugar quando souber.

— Ah é? Você contará ou eu? — Coloco uma das mãos na cintura. Pronta para atacar com mil palavras.

— Eu já dei umas dicas, mas acho que precisarei ser mais claro.

O que esse homem está falando?

— Que assim seja, padre Giovanni. Desculpe, eu tenho que ir. Tenho mais o que fazer.

Forço um sorriso mais debochado ainda.

Saio da frente da sua casa com raiva e ouço sua porta fechar.

Jogo o casaco do Filipe dentro do Sun e arfo.

Velho chato!

Onde já se viu?!

No outro lado da praça, vejo Pablo, que acena animadamente quando me vê e caminha em sua direção.

Preciso mesmo de uma dose forte de qualquer bebida destilada com mais

de setenta por cento de álcool.

Pablo sorri de orelha a orelha quando pega meu rosto e me dá um beijo.

— Oi, sumida. Eu te liguei o dia todo, Rory.

Lembro que, depois de ter ficado sem sinal à noite, não coloquei o celular para carregar quando cheguei. Aliás, Otto não me deixou com tempo para isso.

— Acho que está sem bateria em casa.

— O que fez de bom hoje? — pergunta, puxando minha mão para dentro do bistrô.

— Eu dormi.

— Você está bem? Está com uma cara de cansada. Dormiu mesmo?

— Dor de cabeça. Só isso. Mas e você? O que fez?

— Reabasteci o estoque aqui do bar, encomendei algumas coisas na internet... Ainda bem que segui seus conselhos, Rory. Se não fosse você, eu estaria infeliz e sujo de graxa lá nas oficinas do meu pai.

Sorrio para ele.

Eu era boa em dar conselhos. Pelo menos serviu para ele. Quanto a mim, eu estava em um barco, mas não conseguia comandar e o deixava à deriva.

— Ele entendeu?

— Quem? Meu pai? Acho que nunca irá entender, mas está se acostumando com a ideia. Ele veio ontem aqui e até bebeu uma cerveja.

— Que bom. Logo ele vai perceber essa sua felicidade.

— E aí, como foi ontem com o padre?

Ergo meus olhos e aponto para o Gim atrás dele, fazendo o gesto para me servir uma dose.

— Foi normal — digo, optando por não falar da noite.

— Tem certeza? — Me surpreendo com a pergunta.

— Hum?

Será que ele sabe que passei a noite com o padre? Mas não teve nada a...

Ele levanta a garrafa de gim na mão.

— Quer mesmo beber? Você disse que está com dor de cabeça.

Quase arfo.

— Eu preciso mesmo disso. Vamos, Pablo. Não estou te pedindo a garrafa e, sim, uma dose.

Ele me serve sem questionar mais e me acompanha na dose.

Deixo-o falar sobre como está se saindo bem com os fornecedores, como conseguiu desconto de vinte por cento em uma das mercadorias, como o seu pai o influenciou na negociação. Ele explica a forma como está armazenando a comida e como está achando o seu cozinheiro meio preguiçoso. Eu o deixo falar

por quase uma hora. Confesso que meus pensamentos muitas vezes voam para longe dali.

— O que acha? — pergunta ele.

— O quê?

— Você nem está me ouvindo, não é?

— Estou. É que... — aponto para a cabeça como uma forma de não o magoar.

A verdade é que dor está mais amena.

— O que disse mesmo? — Tento reverter a situação.

— Estava perguntando sua opinião sobre qual vinho eu compro para harmonizar com a nova salada verão crocante que adicionei ao menu.

— Sauvignon Blanc ou um espumante bem gelado como um *brut*, moscatel. Eu não sou sommelier, Pablo.

Ele revira os olhos com a minha falta de paciência.

— Desculpe — peço. — Estou com muita coisa na cabeça e isso tem me deixado meio aérea.

— O que está acontecendo?

— Pablo, eu vim aqui justamente porque queria esquecer um pouco. Por favor, entenda isso.

— Eu quero apenas te ajudar.

Abro um sorriso gentil e pego sua mão.

— Eu sei.

Pablo sorri apertando os lábios e, de repente, como se repensasse no caso, fecha os olhos, nega com a cabeça e puxa sua mão da minha.

— É por isso que a nossa relação não vai adiante, Rory. Você sempre me deixa falar, falar, falar. Sabe quantos anos estamos nisso?

— Três — falo de uma só vez. — São três anos, Pablo.

— Quero participar da sua vida, Rory. Não só quando seu vinho está bom e você está gostando da prova. Não só quando você está animada e agitada com o trabalho. Quero saber quando você está triste. Queria que quebrasse esse muro que insiste em construir entre nós dois.

— Desculpe, hoje não... por favor. — Levanto-me da banquetta, impaciente. — Eu volto outra hora.

Viro-me em direção a porta, querendo evitar essa conversa. Não pela discussão em si, mas por não saber como lidar com isso.

— Isso! Fuja mesmo! É só isso que sabe fazer.

Sem aguentar, estressada com tudo o que vem acontecendo, volto para perto dele aborrecida ao extremo.

— Não fale besteira, Pablo — sussurro entre dentes, próximo ao seu

rosto. — Eu não estou fugindo de nada! O mundo não gira em torno do seu umbigo. Não vou sujar a sua vidinha perfeita com pais perfeitos com meus problemas! E olha como você está sendo incoerente. Há poucos dias me pediu em casamento. Quer se casar com alguém que constrói um muro para ficar longe? Esse é o tipo de casamento que sonha pra você? Não venha colocar a culpa em mim pela forma acomodada que levamos essa relação! Não me cobre mais do que eu posso te dar, ok? O que quer, hein? Brincar de casinha com alguém que você mal consegue entender? Vê se cresce, Pablo!

Parada, na mesma posição, depois de soltar toda a raiva que estava sentindo, respiro fundo e percebo o que acabei de fazer.

Ele, espantado, engole com dificuldade todas as palavras amargas que acabei de cuspir sem nenhum cuidado.

Pisco algumas vezes e vejo os seus olhos castanhos caírem em uma evidente decepção.

O que estou fazendo? Nós nunca brigamos. Nunca!

— Pablo, eu estou nervosa e...

Ele volta a me olhar.

— Isso não te dá o direito de ser grosseira.

— Não. Não leve isso em consideração, eu...

— Acho melhor você ir embora mesmo, Aurora. Depois, com calma, nós conversamos.

— Mas...

— Vá. Embora. Aurora — pede pausadamente, com o olhar firme nos meus. — Por favor.

Diante da sua notória tristeza, meus olhos lacrimejam. Eu não deveria fazer isso com ele. Sem querer piorar as coisas, apenas concordo.

E, mais uma vez, vou deixando as coisas para depois.

Saio do bar com o coração apertado.

Atravesso a praça e entro no *Sun* sem olhar para os lados até que ouço Giulia me chamar.

— Ei! — ela grita e caminha na minha direção. — Estava tentando te ligar e...

— Meu celular está desligado em casa.

— Nossa! Que cara péssima. O que houve?

Assim que ela faz essa pergunta, uma lágrima cai do meu olho.

— Eu sou uma idiota, Giulia!

Ela dá a volta no carro e entra no carona.

Desabo em choro. Não me lembrava da última vez que eu tinha chorado. Giulia me abraça e eu acabo contando a ela sobre o que estava me deixando tão

nervosa. Sobre a herança que estava quase em minhas mãos.

Ela ouve com toda atenção do mundo e reflete sem me interromper.

— Eu não quero perder a minha vida. Só isso.

— Quer sinceridade? — pergunta.

— É o que mais quero. Estou perdida.

— Não acho que você esteja perdida, Rory. Acho que falta algo que você ainda não encontrou. Algo que faça você se sentir completa. Sei lá, talvez seja a falta de um equilíbrio para todas as coisas.

Faço que sim, enxugando o rosto.

— Eu tenho sonhos, Giulia. Quero ir para *Bordeaux*, quero poder construir uma casinha com vista para o pôr do sol e...

— Espera. Você tem anseios materiais e tal. Mas ninguém sonha em ter o ar para respirar, sendo que ele é essencial para viver, não é? Não sentimos falta de algo que nunca precisamos lutar.

— De onde você tirou isso? — pergunto, abismada.

— Sou uma guria vivida.

— Não, você não é.

— O Fê é filósofo — conta. — Não o Fê padre, claro! O Fê de Felício, meu novo rolo. Ele é professor na Universidade de Caxias do Sul. Passamos as últimas noites namorando e...hum... conversando também. Ele anda me ensinando muita coisa, amiga.

— Estou vendo. Aproveite esse seu Fê.

— Vou sim. O meu Fê está valendo a pena. É aquela história: que seja eterno enquanto dure.

Sorrio, me sentindo um pouco mais leve por desabafar.

— Me conta, e o Otto? O que falou sobre tudo isso?

— Ele deixou a papelada na minha mesa.

— A vida é sua, minha amiga. Você precisa se encontrar antes de pegar tudo isso e se tornar infeliz com a decisão.

— Está sendo difícil colocar tudo em perspectiva, Giulia. Não posso negar o pedido dele e deixar a Casa Fontenelle nas mãos dos seus parentes distantes, pessoas com as quais nem temos contato.

— Então você já tem a decisão?

— Só não sei como fazer isso.

Ela respira fundo.

— Talvez eu esteja fazendo tempestade num copo d'água.

— Mas ninguém está dentro de você pra saber o que sente. Agora me diz, o que falou para ele?

— Para o Otto?

— Não. Para o Pablo.

— Como sabe que...

— Eu o vi indo atrás de você, mas percebi que ele desistiu no meio do caminho e voltou para o bistrô cabisbaixo.

— Brigamos — digo e ela franze o cenho.

— Brigaram? — pergunta, incrédula.

— Eu briguei, na verdade.

— Vocês nunca brigaram.

— Eu sei. Para tudo há uma primeira vez, não é? Eu estava nervosa. Tudo o que vem acontecendo com o Otto e mais cedo eu fui grosseira com a minha mãe também e...

— O que disse ao Pablo, Rory? — ela repete a pergunta e eu conto a ela quase que palavra por palavra. — Sinto-me péssima por isso.

— Isso foi...

— Horrível, eu sei, Giulia.

— É. Você foi má. Ele não merece isso.

— Eu sei que não.

— Mas você não falou nenhuma mentira, não é?

Arregalo os olhos.

— Ué! Por que está contando tudo isso para mim sobre a herança e não contou para ele?

Eu poderia dizer que não sabia a resposta, mas seria uma mentira.

— Por que você vai falar o que deve ser falado. Não vai apenas concordar comigo e sorrir achando que estou fazendo drama.

— Você não é dramática. Ele deve saber disso. Na verdade, acho que é a pessoa que mais guarda as coisas para si que eu conheço. É difícil ser sua amiga.

— Eu imagino. Acho que é por isso que te contei. A verdade é mais dura do que isso, Giulia. Conclui que a opinião dele não importa. É como se eu fosse desperdiçar meu tempo em contar a ele tudo isso e, no fim, nada tenha adiantado.

— Eu fico triste, Rory. Triste porque fui eu que o apresentei para você e, sinceramente, não consigo ver Aurora sem Pablo e vice-versa. Não é porque vocês estejam sempre juntos, pois sendo bem sincera, isso quase não acontece, mas, sei lá, eu sempre achei vocês um casal tão lindo.

— Isso não é suficiente, não é?

Ela faz que não e fica calada diante da minha declaração.

Um pouco mais à frente, vejo Filipe diminuir o passo chegando à casa do padre Giovanni, de camisa grudada no corpo, calça comprida e tênis, ele me avista dentro do carro e retira o fone de ouvido das orelhas acenando com um

sorriso lindo no rosto. Meu coração dá um salto e os batimentos aceleram. Sorte que a Giulia não consegue ouvi-lo.

Isso também logo acabaria. O Padre Giovanni iria se certificar de que o Filipe não se tornasse meu amigo, pois eu sou uma pecadora. Acho que depois dos olhares que dei para ele ontem, o Filipe não vai nem questionar essa possibilidade.

Pecadora, eu? É! Talvez eu seja mesmo. Principalmente quando pensei em beijá-lo ontem.

Hostilizo meus pensamentos.

Aceno de volta, fingindo nenhuma animação e me viro no banco para Giulia que percebe minha agitação um tanto quanto forçada com um olhar desconfiado.

— O que está pegando?

— Como assim?

Ela indica a cabeça para onde Filipe está.

— Com o padre.

— Nada.

— Nada? Tem certeza? Você sabe fingir muitas coisas, Aurora, mas agora não fez uma boa atuação, não.

Eu me ajeito no banco do carro.

Ela bate seus enormes cílios postiços e espera minha resposta.

— Dormimos juntos.

— O QUÊ? — Ela grita.

Tampo sua boca.

— Shhhh... não é isso que você está pensando. Está louca?

— Você acabou de dizer que dormiu com o padre! — Ela sussurra gesticulando desesperada.

— Não! Não dessa forma, sua mente poluída! Nós ficamos atolados.

Ele me olha desconfiado.

— A chuva. Lembra-se da chuva? O *Sun* atolou quando fui ao Lote 12 e não conseguimos sair.

— Lote 12?

— Eu sei. Por favor, não conte para ninguém que fui até lá. O Otto talvez não goste.

Agora é ela que tampa a boca com a mão evitando uma risada alta.

— Vocês dois ficaram naquele carro desconfortável a noite inteira. Se estivesse com o carro novo isso não aconteceria, não é?

— A culpa não foi do *Sun*, Giu. Foi minha.

— E sobre o que conversaram a noite toda?

— Tomamos banho de chuva e observamos as estrelas.

Ela para de rir.

— Isso é bem romântico.

— Não fale besteira. O Padre Giovanni acabou de dizer que sou uma pecadora e que vai contar para o Filipe

— Ele disse isso?

— Que eu sou pecadora? Não. Não com todas as letras, mas insinuou. E sim, ele disse com todas as palavras que contaria para o Filipe.

Ela ri da situação e eu acabo rindo também.

— Amiga, você está mais enrolada do que linha em carretel.

— Estou. Mas não por causa dele. Isso não tem nada a ver.

— Não adianta mentir para mim.

— Olha o que está falando, Giulia! — Repreendo-a. — Ele é padre.

— Desculpe — sussurra. — Era uma brincadeira.

Eu estremeço e volto sentir dor, agora em todo corpo.

— Está com frio?

— Um pouco.

Passo a mãos sobre os meus braços e Giulia checa a minha temperatura no pescoço.

— Você está com febre.

— Acho que é um resfriado. A chuva de ontem e... — arfo. — Melhor eu ir, Giu.

— Vou com você.

— Não. O Pablo também é seu amigo e ele precisa ser ouvido tanto quanto eu.

— Tem certeza?

— Absoluta.

Ela concorda e me abraça.

— Vê se coloca seu celular para carregar.

— Pode deixar.

Ela sai do *Sun* e para no lado de fora.

— Promete que vai se acalmar?

Concordo.

— Se cuida!

Mando um beijo no ar para ela e ligo o carro para voltar para casa.



*"Por seus frutos os conhecereis.
Porventura colhem-se uvas dos espinheiros,
ou figos dos abrolhos?"
Mateus 7:16*

Estou correndo o mais rápido que posso. Não sei se já passei do limite da cidade. Olhando para os lados percebo que fui além do que havia ido nos últimos dias. Apenas parreiras carregadas de cachos de uva estão ao meu redor, mas continuo na tarefa animadora de ir o mais rápido que posso.

Estou agitado. Não dormi quando cheguei. O cochilo tirado dentro do carro foi o suficiente para não me deixar cansado.

Por sorte, o padre Giovanni não havia saído do quarto cedo quando cheguei e não precisei ter que lhe contar todo o contratempo da noite passada. Na certa isso não o deixaria feliz.

Assumi como minha missão divina a tarefa de rezar assim que fiquei sozinho no meu quarto, mas o rosto de Aurora preso na minha cabeça não me permitiu. Todas as vezes que fechava os meus olhos, ela vinha em minha mente como uma canção da música favorita. Ainda conseguia ouvir a música que

cantou. Estava difícil desfazer esses pensamentos e, por isso, desisti da reza e me forcei a correr para esvaziar a mente.

A proposta havia sido feita, mas fracassada. A cabeça estava mais cheia do que nunca ao relembrar cada momento e cada conversa que tivemos ontem. Ainda consigo sentir o cheiro dos seus cabelos próximo a mim. Tal lembrança reflete minha motivação enquanto mantenho ainda mais potência na corrida.

Sinto ir até o meu limite. Até que, exausto, eu paro. Sufocado. Eu me apoio nos joelhos, buscando o ar em meus pulmões.

O que está acontecendo comigo?

Permaneço assim por alguns minutos, recuperando a normalidade dos batimentos cardíacos.

Endireito meu corpo completamente e olho para o céu.

— O que você espera de mim? O que quer que eu faça com essas lembranças, senhor?

Sem resposta e decepcionado comigo mesmo, faço o caminho de volta andando, sem pressa.

Chego a pensar que estou perdido, mas depois de uma hora, consigo me situar e logo chego à praça principal, onde se localiza a igreja e a casa do padre Giovanni.

Como se meus pensamentos tomassem forma, vejo o *Sun* parado na praça e, logo avisto Aurora e Giulia dentro do carro.

Meu coração salta em um compasso acelerado como se eu recomeçasse a maratona de logo cedo e, involuntariamente, aceno com um sorriso.

Penso em ir até lá. Perguntar como ela está, mas seu gesto foi, no mínimo, simples.

O que eu queria? Que ela soltasse fogos quando avistasse um padre?

Resolvo então entrar na casa, angustiado.

Ela não iria mais querer ficar perto de mim. Na certa, colocou a cabeça no travesseiro e pensou que tudo o que fez foi uma burrice.

Eu não sou idiota. Percebi que meus olhares eram correspondidos e, muitas às vezes, podia até prever o que ela estava pensando. O que aconteceu na noite de ontem iria, com toda a certeza, reforçar sua decisão de evitar essa possível reação química que existia entre nós.

No fundo, eu torcia para que eu estivesse certo em minhas percepções.

Encontro o padre Giovanni lendo alguma coisa no sofá.

— Seu celular tocou — ele me informa, sem me olhar.

Nossa relação não estava das melhores e esse era mais um problema que eu deveria resolver.

— Obrigado, padre — agradeço o recado, vou até o quarto e pego o meu

celular.

Uma ligação perdida do Bispo Túlio.

Fecho a porta do quarto devagar e retorno a ligação.

— Oh, Filipe! Como está aí no Sul, meu filho? — Sua voz é reconfortante, mais até do que eu poderia imaginar.

— Estou bem e o senhor?

— Com saudades sua. Não só eu, mas todos aqui no Rio.

— Mande meu abraço para todos.

— Mandarei sim. Mas me diga, como estão sendo os primeiros dias?

— Foram interessantes.

— Interessantes? Isso seria bom ou ruim?

— Um pouco dos dois.

Eu não queria enchê-lo com problemas. Eu deveria me virar sozinho.

— Mas não é nada que eu não consiga resolver, padre. Fique tranquilo.

— E, por acaso, já provou o famoso vinho daí?

— Já sim. Conheci uma enóloga e provei o seu vinho. Fantástico, Túlio.

E eu me lembrei de você na hora.

— Oh, meu filho. É bom fazer amigos. E padre Giovanni? Esse velho não anda te perturbando, não, é?

— Ainda estou avaliando a melhor forma de lidar com ele.

— Essa é uma boa saída. Não esqueça que estou sempre aqui, tudo bem?

— Eu sei que sim.

Nós nos despedimos e eu resolvo organizar algumas coisas para ocupar a cabeça, até que encontro a pequena caixa que Milena havia me dado.

A caixa da minha mãe que trouxe na bagagem. Abro-a com cuidado, sentando-me na beirada da cama.

Podia sentir meu olhar de tristeza quando vejo alguns objetos, como o seu rosário tão querido, e fotos antigas bagunçadas na caixa.

Sinto tanto a sua falta, mãe.

Por que teve que partir tão precocemente?

Respiro fundo e pego uma das fotos.

Eu deveria ter por volta dos 10 anos de idade. Estava sentado na mesa de casa junto com Milena. Era o meu aniversário e ainda lembro o quanto minha mãe havia economizado para comprar um filme para a máquina fotográfica manual que a sua patroa tinha lhe emprestado. Acho que foi o meu primeiro registro em foto. Não me recordo de ter visto fotos de quando era mais novo do que essa.

Pego algumas fotos 3x4 da minha mãe em vários anos diferentes. Uma pose séria típica de fotos que estampam documentos de identidade e carteira de

trabalho. Uma pena que ela também mantinha essa fisionomia fora da fotografia.

Remexendo, vejo também fotos que nunca havia visto. Em uma delas, bastante antiga, vejo um casal idoso e consigo perceber que é minha mãe, bem nova, no meio deles. Na parte detrás da foto, à caneta, está escrito:

1980.

Meus queridos pais.

Hermínia e Elias.

Ela sempre dizia que não tinha nenhuma recordação do seu passado.

Por que ela nunca me mostrou essa foto?

Vou passando por todas as fotos. Muitas são minhas, quando ainda era um adolescente, em campanhas na escola. Em outras, não consigo reconhecer as pessoas.

No fundo da caixa, debaixo das fotos, estão dois pequenos cadernos de brochura. Um parece ser mais antigo do que o outro. Congelo ao lembrar que um deles era o que minha mãe estava abraçada no dia que faleceu.

Algumas vezes via minha mãe escrevendo algo, mas nunca perguntei o que era. Eu não perguntei muitas coisas e talvez seja por isso que carrego tanta mágoa em meu coração.

Abro o mais envelhecido com as mãos um pouco trêmulas.

Escrito a lápis, na primeira página da frágil folha do caderninho, está o seu nome: Paola Sartori.

Sua letra é inconfundível e, diante de algo tão real, lágrimas invadirem meus olhos.

Passo a mão sobre o escrito e tento controlar a emoção.

O que poderia estar escrito nesses papéis?

Por um segundo, eu sinto que não deveria invadir a sua privacidade.

Alguém bate na porta do meu quarto e fecho o caderno colocando de volta à caixa. Assim que a porta abre, eu vejo o padre Giovanni.

— Eu me esqueci de te dar outro recado.

Coloco a caixa no lugar onde estava e presto atenção nele.

— A filha da Fátima esteve aqui ainda pouco.

— O que ela queria?

— Não sei. Pensei que você soubesse, já que está tão perto dela.

— Ela apenas me levou para conhecer a vinícola onde ela trabalha, padre. Não há mal nisso — enfatizo tanto para ele quanto para mim mesmo.

Ele arqueja uma das sobranceiras grossas.

— Trabalha? — Ele solta uma risadinha. — Desde que o velho Otto ficou doente é ela quem manda e desmanda naquilo tudo. Sabe sorte, guri? É o que essa menina tem. Onde já se viu a filha de empregado se tornar a única dona de uma fortuna, não é? — Sinto uma pitada de condenação. Aliás, em tudo que tem relação à Aurora.

— A Aurora é uma boa moça.

— Aí é que você se engana, guri. Toda árvore que não produz bons frutos é cortada e lançada ao fogo.

— Você está sendo maldoso com a menina, padre.

— Eu disse a ela, Filipe. Disse que você é um homem bom e que não gostaria de ficar perto de uma pessoa que nega a Deus e que zomba das nossas crenças.

O quê?

— O que você fez?

— Disse a verdade. Você é novo na cidade, guri. Não pode ser ligado a ela. A Fátima está sofrendo porque vê a filha cada vez mais distante do Senhor e numa tentativa desesperada, o jogou para ficar perto dela.

— Padre Giovanni... eu vou falar apenas uma coisa para o senhor. Com todo o respeito do mundo que tenho, mas, por favor, jamais fale algo que eu realmente não disse. Isso é uma mentira. Eu não ficarei preocupado com o que os outros falam. E o que eu puder fazer para ajudar Aurora, eu farei. Afinal, todos somos filhos de Deus. Eu não vi nada que ponderasse negativamente sobre a índole dela. E mesmo que fizesse, não caberia a mim julgá-la. Apenas Deus tem esse poder.

Ele faz um bico, reprovando minha resposta.

— O recado foi dado — diz, jogando uma mão para o alto, saindo do quarto.

Levanto-me e fecho a porta novamente. Fico com raiva.

Então foi por isso que ela mal falou comigo lá fora?

Pego meu celular. Parece que algo me sufoca dentro do peito.

Quero desfazer essa grande mentira.

Abro a mensagem e digito:

Não fique chateada pelo que o padre Giovanni falou.

Ele não sabe o que está fazendo.

Olho para as palavras.

Fecho os meus olhos e tento me acalmar.
Nem eu. Nem eu sabia o que estava fazendo.
Talvez essa seja a resposta que pedi a Deus.
E, sem pestanejar, apago a mensagem e desligo meu celular.



É madrugada. Depois de me revirar na cama por mais de duas horas, eu desisto da minha luta com a insônia e vou até a cozinha em busca de um copo de água.

Penso em ir até a sala e assistir um pouco de TV, mas não quero acordar o padre. Penso em sair e caminhar mais uma vez, mas o frio da casa me dá certeza de que lá fora está congelante.

Volto para o meu quarto e ando pelo pequeno cubículo angustiado com o que estou sentindo.

Parece que Aurora resolveu se instalar nos meus pensamentos de modo incisivo.

Irritado comigo mesmo, resolvo rezar e lembro-me do rosário da minha mãe. Eu preciso me ajoelhar e clamar ao único que pode me ajudar. Preciso de mais fé para desfazer o que parece estar dentro de mim. Talvez o terço da minha mãe me ajude.

Sentindo uma pontada de esperança, abro o guarda-roupa e a caixa que eu estava em busca, cai sobre o meu pé fazendo um barulho seco sobre o silêncio do lugar.

Quase solto um palavrão com a dor repentina.

Agacho sobre as fotos que esparramaram sobre o chão para começar a juntá-las e novamente me vejo com o pequeno caderno da minha mãe.

Deixando as fotos de lado, levanto-me com o caderno e me sento na cama, encarando aquele objeto como algo apavorante.

Munido de uma tentativa quase desesperadora de querer tirar Aurora dos meus pensamentos, resolvo com total valentia abrir a primeira página dos segredos mais íntimos da minha mãe. E, para a minha surpresa, não é apenas um caderno e, sim, um diário.

18 de março de 1986

Estou no ônibus. Já são 20 horas de viagem. Seu filho se remexe em meu ventre. Talvez esteja tão cansado quanto eu do sacolejar do desconfortável ônibus. Ou talvez ele esteja apenas sentindo o nó preso na minha garganta.

Quando sugeri nossa fuga era para podermos ter uma vida sem julgamentos. Eu não poderia mais viver nesse lugar.

Você me beijou. Beijou a minha barriga. Ainda consigo sentir os seus lábios.

Senti tanta verdade em você.

Por que não me encontrou na rodoviária?

Por que não veio comigo?

Eu esperei por você. Incrédula de que você me abandonaria, esperei até o último minuto o ônibus zarpar. Você não apareceu.

Agora as lágrimas caem pelo meu rosto, banhando de dor a minha face. A prova quase palpável de que me deixou. Meu coração está esmigalhado e mesmo assim fico tentando buscar alguma resposta pela sua ausência.

Eu só queria que você tivesse sido verdadeiro. Sincero. Assim como foram os meus sentimentos por você.

Eu deixei tudo, sem olhar para trás. Mas o mais doloroso será conviver sem metade do meu coração.

É difícil imaginar como será a minha vida assim que desembarcar no Rio de Janeiro. Sozinha, sem nenhum rumo, sem você e com uma única certeza: a ferida deixada por ti jamais será cicatrizada.

Para sempre sua,

Paola.



*“Eu ainda estou aqui
Perdido em mil versões irreais de mim
Estou aqui por trás de todo o caos
Em que a vida se fez”
Sandy - Me Espera - feat. Tiago Iorc*

Alguns dias depois

— Não vai sair da cama, Aurora? — A voz da minha mãe me irrita.
Viro para o outro lado e coloco o travesseiro por cima da minha cabeça.
Essa é a frase que mais a ouço repetir nos últimos dias. Quando ela não está, Otto se prontifica a assumir o cargo da chatice.

Peguei uma forte gripe junto com uma enxaqueca de matar e tive que ficar de repouso. Claro que nos últimos dois dias, eu procrastinei na cama para não levantar. A herança, a briga com Pablo e um par de olhos azuis proibidos foram os reais motivos para me esconder.

Fátima tira o travesseiro do meu rosto e senta na beirada da cama.

— O que está havendo com você?

Arfo e, com o cabelo desgrenhado, sento-me.

Os olhos tristes da minha mãe cortam meu coração.

— Estou com dor de cabeça. Aliás, parece que ela nunca passa.

— Dor de cabeça? Cadê aqueles seus remédios? Não minta para mim, Aurora. Não é por causa disso que você está aí.

Eu não estava mentindo sobre a dor que me acompanha, mas confesso que estava intensificando tudo.

— Só queria curtir o tempo ócio enquanto eu posso, mãe.

— Otto me contou — diz, passando a mão no avental com estampa de abacaxis. — Você terá grandes responsabilidades, minha filha, mas Deus pode te ajudar nisso.

Reviro meus olhos e deito novamente, cobrindo minha cabeça com o lençol.

— Quer me derrubar novamente, mãe?

— O que está havendo com você?

— Você já perguntou isso!

— Deus é a única solução.

Eu me descubro e olho para ela.

— Deus não olha para mim, mãe.

— Não fale isso, minha filha.

— Eu não quero brigar. Só me deixe em paz.

— Estou nervosa. Você nunca se deixou abater. Nunca caiu doente e nem quis ficar tanto tempo na cama. Estou preocupada.

— É uma fase, mãe. Logo passa. Estou em um momento meu.

— Trate de acabar logo com esse momento. Ele já durou tempo demais. Por que não vai dar um pulo lá no prédio da degustação? Talvez observar os clientes te ajude nisso.

— Estou de férias. Esqueceu?

— Tenho certeza que Otto não se importará. Promete que vai tentar?

Ela tenta me mostrar um sorriso.

Concordo para evitar um confronto.

Ela fica satisfeita e depois de me dá um beijo na bochecha, sai do meu quarto.

Sento-me novamente da cama e resolvo levantar. Entediada.

Vou até o banheiro e me assusto quando vejo meu reflexo no espelho. O cabelo mais parece um ninho de passarinho e os olhos estão inchados de tanto dormir.

Como se me olhasse de volta, o pingente de lótus que meu pai havia me dado, cintila.

— Queria que estivesse aqui, pai.

Seguro o meu presente tão precioso e o beijo.

Eu me odeio nesse momento. Eu me odeio porque parte de mim queria voltar para o quarto. É assustador a forma como eu estou lidando com os problemas. Essa não sou eu.

Lutando contra a vontade de me abater novamente, eu tomo um longo banho e desembaraço os cabelos com cuidado. Visto calça jeans e uma camisa comum.

Saio do quarto esperando um estardalhaço de comemoração, mas não o caminho está completamente vazio, sem sinal da minha mãe ou de Otto.

Na certa está resolvendo algum pepino, já que eu ando incomunicável e de férias.

Ele não deveria estar por aí.

Vou para a varanda e me sento em uma das poltronas que Otto adora.

Minha mãe aparece e, sem dizer nada, me entrega a cuia com chimarrão recém-feito e coloca a garrafa térmica em uma mesinha ao lado. Agradeço com um sorriso e ela entra novamente.

Respiro fundo e bebo o líquido quente com prazer. Ele aquece meu corpo e parece que me acaricia. Sorrio sozinha com a boa sensação.

— Com licença... — Olho para o lado e vejo o homem que trabalha na vinícola, o mesmo que me viu trocando o pneu do Sun no outro dia e que me abordou quando eu estava chateada com o papo da herança.

Eu ainda não tinha perguntado seu nome.

Ele retira a sua inseparável boina marrom, colocando-a sobre o peito.

— Como está, Aurora? — pergunta com um sorriso acolhedor.

Franzo o cenho e levanto-me.

— Eu estou bem. — Mostro um sorriso também. — Desculpe, eu sou péssima com nomes. Você é o...

— Mattias. Gosto de ser chamado de Mattias. — Ele estica uma das mãos.

Ele não é tão velho assim. Acho que as roupas surradas e a boina o envelheciam demais.

Eu o cumprimento.

— Nos vimos algumas vezes lá fora e...

— Sim. Eu me lembro de você, só não recordava do nome. Eu até deveria, já que trabalha aqui. Peço desculpas por isso.

— Não se incomode com isso, senhorita. São muitas pessoas para se lembrar de todas elas.

Sorrio e concordo.

— Então, Mattias, alguma coisa que eu possa ajudá-lo?
— Gostaria de ver o Otto — diz, olhando ao seu redor.
— Hum, o Otto não está em casa. Será que eu posso...
— Não se preocupe, Aurora. — Ele sorri. — Não há nada com o que se preocupar.

— Tem certeza?

Com olhar calmo e sorridente, ele assente.

— Não há nada que não podemos resolver sozinhos. — Ele aperta os lábios e coloca a boina na cabeça. — Problemas sempre existirão.

Arfo, concordando com a cabeça.

— Seria tão mais fácil se eles não existissem, não é, Mattias?

— Sim, mais fácil, porém se não quisermos ter problemas, basta não existir.

— É. É verdade — sorrio.

— Existir se resume em batalhar todos os dias contra esses problemas. Resolvê-los é a grande recompensa. É aí que vem as nossas experiências. Não aprendemos que o fogo queima sem que possamos sentir na pele.

Respiro fundo, achando aquele papo estranho, porém tudo parece se encaixar no momento em que me encontro. Resolvo absorver o que ele acabou de falar.

— Você tem razão.

Ele sorri de volta.

— Agora, olhe que dia lindo... — Ele aponta para a vista totalmente descoberta na qual a casa tem. O céu azul-celeste, as parreiras em verde vivo e um sopro de vento refrescante. — Lindo demais para cruzarmos os braços e vermos a vida passar, não é?

Concordo, com um nó na garganta.

— Desculpe, eu estou falando demais.

— Não... não tem problema, Mattias. Era exatamente o que eu precisava ouvir.

Ele meneia em agradecimento.

— Se me der licença, Aurora, eu preciso ir. Vou resolver os meus problemas e, que a senhorita, possa resolver os seus com sabedoria.

Mattias se vira e sai caminhando devagar. Eu apenas fico parada. Por um breve momento, me permito experimentar a sensação de um otimismo verdadeiro.

O que estou fazendo?

Seguro novamente minha flor de lótus em meu pescoço.

— Lindo demais para cruzarmos os braços e vermos a vida passar. É

verdade. Ele tem razão.

O que posso fazer para mudar isso?

— Falando sozinha, Rory? — Minha mãe aparece.

Entrego o chimarrão na sua mão e beijo sua bochecha.

— Me desculpe, mãe, por estar sendo uma filha chata.

Ela alisa meu rosto e com os olhos marejados, aceita minhas desculpas.

Entro em casa já sabendo o que deveria ser feito.

Pego os documentos que Otto havia me dado e assino onde encontro o meu nome completo e rubrico as folhas assim como ele fez.

Não leio. Otto fez isso por mim. Entro no escritório dele e coloco a papelada sobre a sua mesa.

Meu coração pula ao imaginar a alegria dele.

Estava fazendo o que deveria ser feito. Na verdade, nunca houve dúvidas quanto a essa escolha. No fundo, eu queria mesmo que entendessem o meu espaço e que a minha opinião fosse levada em conta.

E no processo, acabei entristecendo tanto Otto quanto a minha mãe.

A nova realidade me atinge: eu seria a nova proprietária da Casa Fontenelle.

Afirmar isso me faz sentir um frio na espinha.

Tento me acalmar e pego meu celular no quarto.

Giulia veio aqui em casa me visitar alguns dias atrás, mas pedi para minha mãe mentir que eu estava dormindo. Não estava a fim de ver ninguém.

Resolvo ligar meu celular e ele apita com as mensagens atrasadas e ligações perdidas.

Abro meu WhatsApp e vejo a mensagem antigas da Giulia.

Oi!

Cadê você?

Sua mãe disse que você não quis me atender.

Mãe!

Reviro meus olhos. É claro que ela não mentiria.

Tudo bem. Eu sei o que está acontecendo.

Sabe que eu estou aqui, né?

Psiu!

Amiga?
Está aí?

Nenhuma mensagem do Pablo.

Ele ficou realmente magoado comigo.

Nenhuma mensagem do padre Filipe.

Bom, Giovanni deve ter falado um monte de besteira para o homem.

Seguindo o conselho da minha mãe, pego a chave do *Sun* e vou para os prédios da vinícola. Se encontrar o Otto lá, chutarei sua bunda grande de volta para casa. Ele não pode ficar perambulando por aí.

Poucos minutos depois chego ao prédio de degustação e visitação.

O carro do Otto está estacionado.

É claro que ele estaria aqui.

O jardim está cheio de turistas tirando fotos, bebericando vinho com sorrisos nos rostos. Fico feliz.

Cumprimento algumas pessoas conhecidas no lado de fora e entro logo no restaurante.

Otto está sentado com Gael, nosso sommelier, no restaurante.

Puxo a cadeira e sento-me à mesa, sem anunciar minha presença.

Os dois me olham. Otto de forma mais espantada.

— Você não deveria estar aqui, não é, Otto?

— Não estou fazendo nada demais, Rory.

— Chegou em uma ótima hora, Aurora — diz Gael. — Estávamos...

— Gael — eu o interrompo. — Você é uma das pessoas que mais confiamos aqui na vinícola. Não sei se Otto lhe contou, mas, a partir de hoje, eu ficarei responsável por tudo que acontece aqui na vinícola, tudo bem?

Otto franze o cenho.

Gael concorda admirado e olha para o chefe.

— É. — Confirma Otto para Gael, abrindo um sorriso de alívio. — Aurora será a minha sucessora em tudo. No momento ela está de férias, mas depois disso tudo deverá ser reportado a ela e, Gael, conto com você para dar a ela o suporte e entendimento em algumas áreas.

Gael sorri e afirma que fará o que foi pedido.

— A Casa Fontenelle está em ótimas mãos, senhor Otto — diz Gael. — Aurora é a pessoa que mais conhece esse lugar, depois do senhor, é claro.

Eu pego a sua mão e agradeço com o olhar.

A vinícola tinha ótimos profissionais e pessoas maravilhosas. Eu só poderia agradecer.

— Como eu dizia... — continua Gael. — Estávamos falando de você, ou

melhor, do seu vinho.

— Ah é? Qual é a novidade?

— O lançamento — fala Otto com um sorriso bastante animado. — Marcamos para daqui a alguns dias.

— Alguns dias?

— Isso. A colheita começará logo e isso ocupará todo o tempo. Acho que será bom que a festa seja antes da colheita — conta Otto.

— Inclusive — Gael me entrega um envelope. — Os organizadores deixaram comigo alguns convites. Estão prontos. Esses podem ficar com você. Se precisar de mais alguns, só me avisar.

Pego de sua mão e abro um dos envelopes.

No convite as letras em dourado explicam a grande comemoração:

*A Casa Fontenelle tem o prazer de convidar para o lançamento do mais
novo
rótulo da nossa vinícola:
AURORA
Safrá 2012*

Agradeço o que estavam fazendo pelo Aurora e por mim.

Otto se levanta da mesa e Gael vai até a recepção deixar a sua pasta.

— Então você fez a sua escolha? — pergunta Otto e eu levanto-me também.

— Deixei a papelada assinada na sua mesa.

Otto me abraça.

Ele é de poucos abraços, mas sei o quanto essa informação é importante para ele. Seu trabalho não seria entregue ao vento. Seu olhar fica mais leve.

— Serei grato eternamente, minha filha.

Beijo o seu rosto e levanto os convites em minha mão.

— Vou começar bem toda essa responsabilidade, não é? Acho que já tenho para quem dar esse primeiro convite. Cadê Giulia? Não a vi.

— Ela está de folga pela manhã — conta Otto. — Sua mãe alugou a Giulia para ela ser sua substituta.

— Como assim?

— Ela está levando o tal padre pra conhecer os lugares durante essa última semana, já que você estava indisposta.

— O QUÊ? — Minha surpresa não era para ser dita em voz alta.

— Ah! Você conhece sua mãe, não é? Aquela ali adora deixar as pessoas ocupadas. Parece que sentiu pena do novo padre porque o velho Giovanni... — ele chega perto do meu ouvido. — Anda meio lelé da cuca.

— Isso eu já sabia.

— Você acredita que ele falou para sua mãe que eu estou negando Deus em minha vida por não estar indo à missa aos domingos? Tenha santa paciência!

— Acredito. Ele me disse coisa pior.

— Estou impossibilitado! Olhe para mim, pendurado nessa maldita bengala! Nem dirigir sozinho eu posso mais. E esse velho tem quase a mesma idade que eu! — Ele se aproxima e sussurra no meu ouvido: — Não espalhe que eu estava aqui, viu!

— Não farei isso.

Sorrimos.

— A Fátima disse que o novo padre é um bom rapaz.

— Ele é sim.

Suspiro.

Talvez mais coisas do que ser apenas um bom rapaz.

— Convide ele para o lançamento do vinho.

— Farei isso.

— Bom, agora eu vou indo.

— Eu te levo para casa, Otto.

— Não. Gael falou que me levaria, assim como me trouxe. Vamos tomar um licor lá em casa. Agora tenho motivos reais para comemorar. Não se importe comigo. Vai aproveitar o dia.

Ele beija minha testa e caminha na direção do Gael.

Mal sabia Otto que eu não tinha nada para fazer.

Volto a me sentar e peço ao garçom uma taça de vinho rosé e resolvo ligar para Giulia.

Uma pontada de raiva me invade.

Será que Filipe sabia que Giulia também não ia à igreja e nem fazia questão? Será que Giovanni não lhe contou isso?

Claro que não. O padre chato ama pegar no meu pé.

Giulia não me atende.

Bebo a taça toda e me despeço do pessoal. Para seguir em frente, eu precisava fazer mais uma coisa. No fundo, acho que havia postergado demais essa atitude.

Entro no Sun e ligo para o Pablo.

— Alô — ele atende sem muita animação. Eu não estava esperando algo diferente.

— Oi, Pablo, sou eu Aurora.

— Eu sei que é você. Como está?

— Bem, quer dizer, melhor da gripe.

— Que bom.

— Você está em casa? Eu queria...

— Estou no bistrô. Cheguei cedo para organizar algumas coisas. Hoje à noite vamos comemorar o aniversário da Giulia.

Aniversário da Giu? Eu esqueci!

— Ah sim, claro. Será que eu posso ir até aí?

— Preciso responder?

Satisfeita com a resposta, despeço-me e desligo a ligação.

Alguns minutos depois chego a Monte Belo do Sul e estaciono em frente ao bistrô.

Meu coração se aperta, mas eu precisava deixar o Pablo livre para viver a vida dele. Havíamos prorrogado o nosso relacionamento por tempo demais e chegou a um ponto em que não existiam mais motivos para continuar.

Saio do carro respirando fundo. Não ensaiei nenhuma frase, não sei o que devo falar, apenas sei que devo fazer o que é certo, sem magoá-lo. Pablo era um bom homem e só merece coisas boas.

Ajeito a blusa e entro no bistrô.

Quase levando um banho de água fria, ele sorri quando me vê.

Era incrível a capacidade dele de esquecer as coisas que aconteceram.

Talvez eu quisesse que ele demonstrasse alguma raiva por mim. Que tivesse algum sentimento que eu teria no seu lugar.

Seria tudo tão mais fácil.

— Oi — ele vem me beijar e, sutilmente, eu viro o rosto. O beijo fica no canto da boca.

— Sua vaca sumida! — A voz alta de Giulia me assusta, enquanto seus passos se aproximam, abraçando-me por trás.

— O que faz aqui? — pergunto, espantada. — Acabei de ligar e você não atendeu...

— Cheguei agora, mulher, nem vi meu celular.

— Aliás, feliz aniversário, Giulia.

— Você lembrou? — Ela faz um beicinho.

Olho para o Pablo que me dá uma piscadela. Ele percebeu que eu havia esquecido.

Eu a abraço apertado.

Quando abro os olhos por cima dos ombros da Giulia, vejo os olhos azuis mais belos que já havia visto na vida.

Filipe me olha de volta, com um sorriso em seus lábios e engulo em seco com o coração disparando.



*“Quando passares pelas águas estarei contigo,
e quando pelos rios, eles não te submergirão;
quando passares pelo fogo, não te queimaras,
nem a chama arderá em ti”
Isaías 43:2*

Durante os últimos dias, agradei pelo fato da Aurora não estar mais ao meu lado. Porém, em outros momentos, a curiosidade falava mais alto e eu perguntava algo sobre ela para as pessoas que a conheciam. Principalmente quando soube que ela estava doente, de repouso por conta de uma forte gripe.

Eu poderia resumir os últimos dias como uma recuperação por antecipação. Foquei nas minhas orações e no motivo maior da minha transferência. É um recomeço, uma nova vida.

Pude tentar reiniciar a relação com o Padre Giovanni, mostrar para ele que não estou aqui para roubar seu posto. Ele ainda não me deixa fazer muitas coisas, mas já não me olha como uma ameaça.

Os textos da minha mãe me fizeram companhia. Através dos seus escritos, posso sentir ela mais presente agora do quando estava ao meu lado.

Seus relatos eram como cartas destinadas exclusivamente ao homem que a abandonou, o homem que deveria ter cuidado dela e ter sido o meu pai. Ela nunca comentou nada que me fizesse sentir amor por esse homem, mas também nunca incitou a raiva. Apenas não o mencionava. Em nenhum momento.

Às vezes, durante a leitura diária, fecho o caderno me sentindo um invasor sem caráter. Se ela não queria me contar, por que eu deveria ler? Mas, no fundo, eu começava a entendê-la e sentir, sem julgá-la, as dores que sempre carregou por ter sido deixada.

E assim, sem pressa, para não deixar tudo pesado demais dentro de mim, eu leio seus textos com o coração apertado.

Com a finalidade inicial de tirar Aurora da cabeça, eu poderia dizer que a tentativa foi um sucesso.

Até agora.

Até esse momento.

Até estar diante dela.

É como se algo reacendesse dentro de mim com mais força.

Eu não deveria sentir nada disso.

Seu rosto tão angelical me deixa irrequieto. Aurora se parece com uma boneca de porcelana. Porém, eu conseguia ver não só sua fragilidade, mas também sua força. Seus cabelos escuros caídos sobre o ombro me dão a visão perfeita.

— Oi, Aurora. — Minha voz perde força.

Ela sorri para mim. Um sorriso brilhante, assim como os seus olhos. Um sorriso que quase me faz perder a razão.

— Quer dizer que fui trocada? — Colocando as mãos na cintura, ela pergunta mantendo o sorriso em mim.

— Sua gripe durou tempo demais — responde Giulia, tendo a sua atenção.

— Sua mãe, ela...

— Tudo bem, Filipe. Estou brincando. Giulia é uma guia bem divertida.

— Sim, ela é — concordo. Porém, não era ela.

Giulia fica satisfeita com a resposta e olha para o seu celular.

— Eu preciso ir trabalhar. Estou atrasada. Não posso me aproveitar da boa vontade do chefe, não é? Filipe... — Giulia se vira na minha direção. — Tem certeza que não vai querer voltar mais tarde? Não vai ter nada indecente para um padre. Apenas algumas taças de vinho rolando, algumas doses de *grappas*, bolo, guaraná e muitos doces pra você! — Ela ri do que fala. — Ah! E Aurora cantando.

— Eu? — Rory franze o cenho.

Pablo concorda e bate palma.

— Você trouxe presente? — Giulia pergunta a ela.

Aurora nega.

— Mas eu...

— Então esse é o meu presente.

— Mas...

— Não tem mais, vai! Por favor...

Giulia faz um biquinho e junta as mãos para a amiga.

— Tudo bem — diz Aurora, sendo convencida.

— Perfeito, Rory! E aí, padre? Pense com carinho.

— Pensarei, Giulia.

Ela agradece e me dá um beijo na bochecha.

— Uau! — fala, segurando meu ombro. — Para um padre você é muito cheiroso, viu!

É minha vez de sorrir.

O que ela está falando?

Só porque sou padre preciso ficar fedorento?

Aurora revira os olhos e Pablo sorri.

— Tomo banho todos os dias — brinco.

— Isso não é banho. Isso é perfume importado. Sou do interior, mas não sou burra, padre.

— Eu não disse que...

— Giulia! — Aurora a chama. — Não está atrasada?

— Sim! Muito!

— Você vai pegar o bolo? — pergunta Pablo.

— Ih, eu já estava esquecendo! Aurora, você quer fazer um favor para mim? Tenho um grupo para atender em vinte minutos. Você pega o bolo pra mim? Não posso chegar atrasada.

— Claro.

— É na Via Trento — diz Pablo. — Eu mesmo iria buscar, mas preciso organizar tudo e...

— Não tem problema, eu pego.

— Que ótimo, amiga! Está reservado no meu nome. É naquele café maravilhoso que fomos mês passado.

— Sim, eu sei.

Giulia se vira para mim.

— Por que não vai com a Aurora, padre? — Abro a minha boca sem saber o que falar e os olhos de Aurora pairam em mim. — Eu disse que o levaria para conhecer aquela parte do Vale dos Vinhedos, mas já que Aurora vai...

Olho nos olhos dela, que está sorrindo.

— Por mim, tudo bem — Aurora sorri apertando os lábios.

— Então ótimo! Até mais tarde! Aiiiii, eu estou tão animada! — Giulia sai saltitante do bar.

— É bom ir com essa mocinha mesmo, padre — Pablo fala para mim. — Ela adora ir rápido demais naquela estrada. Talvez com você ela pise menos no acelerador do *Sun*.

— Ficarei de olho — digo e ele agradece.

— É melhor a gente ir logo — Aurora dá alguns passos em direção à saída e vou atrás dela.

— Rory! — Pablo a chama. — Você disse que queria conversar comigo.

Sua expressão ficou séria por um segundo e um silêncio se instala. Em uma passagem de olhos rápida pelos dois, resolvo deixá-los a sós.

— Eu vou esperar lá fora. Tudo bem?

— Não — diz Aurora. — Nossa conversa não será rápida. — Podemos deixar para amanhã? — pergunta ao namorado.

— Pode ser, Rory.

Não sinto firmeza na sua resposta.

Ela acena para ele e sai do bar. Aceno também para o Pablo.

— Vê se vem à noite, padre.

Concordo com a cabeça e aceno um até logo.

Aurora entra na sua caminhonete e abre a porta do carona para mim.

— Quer mesmo que eu vá? — pergunto. Ela mantém as sobrancelhas juntas e sem sorriso.

Ela parece perceber a cara emburrada, fecha os olhos e respira fundo antes de abri-los novamente.

— Eu preciso de companhia, Filipe.

Aceito o convite.

Eu sabia que não deveria, mas algo parece me puxar para dentro do carro. Desde o minuto que a vi estou com a sensação de borboletas no estômago.

Eu já havia sentido essa sensação e ela não poderia condizer com a minha atual situação.

— Estava com saudade do *Sun* — digo e ela abre um sorriso.

Pronto. Era isso que eu queria.

Aurora sorrindo é como a beleza do nascer do sol. Seu nome enquadra perfeitamente com o que ela é. Seus lábios tem um tom avermelhado e posso jurar que ela não passou nada para deixá-los assim.

O frio em meu estômago aumenta e, como sempre, censuro meus pensamentos. Meu coração pulsa rapidamente e consigo sentir o meu ar faltar.

Eu devo parar com isso! Parar!

— *Sun* estava com saudades de você também. — Ela dá uma batidinha no painel do carro. — Viu, *Sun*? Você é especial. Só não nos deixe na mão.

É a minha vez de sorrir.

Aurora liga o carro e vamos em direção ao Vale dos Vinhedos.

— Como está sendo? — pergunta ela.

— Com o quê?

— Com a *Giulia*.

— Ela é muito divertida, adora falar e é incrível como ela conhece todo mundo.

Aurora sorri e concorda com a cabeça, sem tirar os olhos da estrada.

— Ela é *papuda* mesmo.

— *Papuda*?

— Adora tagarelar. Fala muito. É gíria da região.

— Sim, ela é *papuda*. Uma *papuda* legal, mas não é você.

Ela me olha por alguns segundos e volta a encarar a estrada.

O que eu acabei de dizer?

Quero consertar o que disse, mas nada vem em mente. Preciso tentar.

— Eu... só quis dizer que... acho que somos mais parecidos... sei lá.

Poucas coisas me deixam sem palavras, mas desde que conheci Aurora, isso acontece com frequência.

— Tudo bem, *Filipe*. Pode dizer que *Giulia* te deixa meio sem-graça.

— É, é isso.

Não. Não é.

— Falar do seu perfume não foi algo legal mesmo.

Na verdade, eu não me importo com isso.

Viro minha cabeça um pouco mais para olhar para ela. Cabelo esvoaçante sobre o rosto. O sol batendo em sua pele translúcida.

— Fiquei me sentindo culpado — digo.

— Por quê?

— Por você ter ficado gripada.

— Não se sinta assim, *Filipe*. Aquele dia foi divertido.

Sorrio.

— Eu estava mesmo precisando parar um pouco e pensar na vida, nos problemas.

— É, isso é bom.

Aurora liga a seta do carro e vira para outra estrada na qual a placa indica: Via Trento.

— Aqui tem mais vinícolas do Vale dos Vinhedos.

Ela me mostra cada uma que passa e vai explicando um pouco sobre elas. Confesso que não presto muita atenção. Quando a olho não consigo focar em mais nada.

Por algumas vezes, me obrigo a virar o rosto e fecho os meus olhos com força. Até que ela estaciona, pega o celular no bolso da calça e vê a hora.

— Vamos. Você precisa comer a melhor torta de maçã do Vale dos Vinhedos.

Ela sai do carro e eu a acompanho.

No padrão das placas turísticas, leio o nome do local: Leopoldina Jardim.

O nome faz jus ao local porque o jardim é primoroso. Árvores centenárias e bancos de madeira espalhados proporcionam todo o ar agradável. Consigo ver alguns casais brindando com taças de espumantes e até mesmo grupos fazendo piquenique sobre o gramado.

Aurora me leva até um sobrado rústico que é um restaurante extremamente aconchegante. Paredes em pedras, mesas de madeira escura, música ambiente com *soul* e quente. O aquecedor ligado no pequeno lugar deixa o ambiente ainda mais confortável.

Quem diria que algumas semanas atrás eu estava sofrendo com o calor do Rio de Janeiro?

Sentamos em uma das mesas para dois e somos atendidos por uma jovem simpática.

Aurora pede uma taça de *Tempranillo* e eu peço um café e, claro, a torta de maçã.

— Que bom que pediu café — ela diz. — Eu te dei vinho naquela primeira noite. Se minha mãe souber que estou embebedando um padre, ela não irá gostar muito.

— Você não me embebedou.

Ela sorri e, a cada sorriso, meu coração parece mudar de compasso.

Nossos pedidos chegam e posso atestar que a torta é incrível.

Nina Simone toca baixinho. Aurora ergue a sua taça com o vinho, gira o líquido e cheira com os olhos fechados ao som de *Feeling Good*. Seu ritual me deixa impactado. É quase um mantra que me deixa em êxtase. Seu gesto quando bebe a delicada taça é sensual e quase erótico. Tanto que sinto meu corpo reagir de forma inesperada toda a sua inocente sedução.

Deus, o que está havendo comigo?

Junto as pernas, me condenando pela reação física que a visão me causa e a torta que está no talher cai no meio do prato.

— Eu adoro esse vinho espanhol — ela diz, mordendo o lábio inferior, ao abrir os olhos.

— E eu adoro Nina Simone. — Tento fazê-la não perceber que eu estava encarando-a.

— Não te levaria aonde eu não gostaria. Afinal, somos parecidos, não é? Concordo, constrangido comigo mesmo.

— Gostou da torta?

Assinto com a boca cheia.

Depois de engolir com dificuldade, limpo a boca no guardanapo.

— O que sente quando bebe um vinho? — Minha curiosidade é tão grande que não consigo guardar a pergunta para mim. — Você ama vinho?

Talvez ela sinta a mesma coisa que senti quando a vi beber. Aquilo foi muito atraente.

Minha pergunta a faz sorrir.

Ela para, respira fundo e olha um pouco para o teto como se pensasse no que falar.

Merda!

— Hum, deixe-me ver... Essa pergunta não é difícil, Filipe. É desafiadora. daquelas que a gente nunca pensou na resposta, sabe? Por que amo vinho? Acho que gosto de pensar na vida do vinho. No que passou enquanto as uvas cresciam. Em como o sol brilhava para que elas ficassem fortes. Se choveu, se teve geada. Gosto de pensar em quem plantou, cuidou e colheu. Se o vinho for muito velho, em como essas pessoas podem ter morrido. Eu sei... é mórbido pensar assim, mas, essa sou eu. — Ela sorri. — Gosto de pensar no que se passou quando as uvas cresciam, sabe? Acho que tudo em relação à uva com o tempo é história. O modo como ele evoluiu, como se transformou. Se... — Ela ergue a sua taça. — Se eu bebesse esse vinho amanhã, ele teria um gosto diferente porque uma garrafa de vinho está, de fato, viva. Ela vai evoluindo e ganhando complexidade até chegar ao seu auge. E então começa seu inevitável declínio. É... — suspira.

— Poético — completo.

— É. Tem razão. É poético. Eu sempre digo que o vinho é uma bebida para se apreciar. Não é algo que você pede em uma balada. Bom, pelo menos não em minha opinião. Ela é para juntar as pessoas, não dá para beber uma taça ou uma garrafa apenas por beber. É uma bebida para conversas, para confraternizar, degustar, aquecer a alma. É isso! — diz ao perceber o que acabou de dizer. — O vinho aquece a minha alma. Quando eu era pequena gostava de ficar no meio das barricas de carvalho. No início acho que era apenas para sentir o mesmo aroma que tinha o meu pai. Eu sentia tanta saudade que era a forma que eu encontrava de ficar mais perto dele.

Eu conseguia compreender. É assim que ando me sentindo ao ler o diário

da minha mãe.

— Acho que o meu amor pelo vinho começou ali. Desde bem pequena comecei a ajudar os funcionários a girar as garrafas dos espumantes na cave. — Ela ri com a lembrança. — Era uma tarefa divertida para uma menina de 7, 8 anos. Eu gostava também de contar cada garrafa e ficava fascinada com o longo tempo que eles precisavam descansar. A magia que o vinho sofre quando passa pela barrica de carvalho, todo o aroma e gosto se transformam em algo indescritível. Fazê-lo é ainda mais prazeroso. Eu costumo dizer que é presenciar milagres.

— Então você acredita em milagres?

Seus olhos cintilam.

— É claro que acredito. Você pôde ver apenas o superficial lá na Casa Fontenelle, mas no dia-a-dia é fascinante acompanhar cada processo. Desde a colheita, a prova do mosto, a fermentação, a adição das leveduras e por aí vai.

Sua emoção ao falar do que tanto ama é palpável.

— Eu li que o Vale dos Vinhedos é a maior região fabricante de vinhos no Brasil.

— Noventa por cento dos vinhos brasileiros vem daqui.

— Uau! Isso é bastante.

— Sim. A Serra Gaúcha é a maior região vinícola do país. O *terroir* daqui é propício para que as uvas fiquem fortes.

— *Terroir*?

— *Terroir* é uma palavra francesa, mas não tem uma tradução propriamente dita. Falamos *terroir* para um conjunto de características específicas de uma região. Características geográficas, geológicas, climáticas e, até mesmo, humanas.

— Eu lembro que me falou sobre fazer o mesmo vinho em lugares diferentes o sabor não será o mesmo.

— Exato. — Ela sorri, como se ficasse feliz por eu ter lembrado.

— *Terroir* é isso. Esse conjunto interfere na elaboração dos produtos de origem agrícola. E isso atinge diretamente na planta, mudando e deixando o sabor e aroma exclusivos da região. Aqui, por exemplo, a altitude varia entre 200 metros, no fundo dos vales, até 900 metros nos topos. Os solos são ácidos e com boa drenagem. Os invernos são frios, com geadas e, ocasionalmente, neve.

— Sêrio? Neve?

— Sorte sua que o verão está chegando, mas os verões são amenos.

— Eu detesto muito calor. Posso dizer que sofria no Rio de Janeiro por conta disso.

— Não irá mais sofrer, Filipe.

Ela bebe seu vinho novamente e desvio o olhar para não piorar a minha situação.

Eu ainda sinto a reação entre as minhas pernas.

— Eu só falo, Filipe! — ela sorri, colocando a taça de volta à mesa. — Estou parecendo a Giulia. Não deveria me achar tão parecida com você por causa disso.

Faço que não com a cabeça.

Aurora é parecida comigo. Eu pude perceber isso logo quando a vi pela primeira vez. Mas, ao mesmo tempo, percebo que ela é diferente de todas as pessoas que eu já conheci.

Não tem apenas uma beleza extraordinária, mas também pela inteligência e intensidade, com um charme impregnado em cada gesto que faz. Por trás da voz firme e segura, parece manter uma capa que esconde a sua vulnerabilidade e medos. Acho que é por isso que me sinto tão igual a ela.

— Gosto de ouvir suas histórias

— Eu não sei nada. Mas um dia, quem sabe.

Ela sorri e pede a garçonete mais uma taça.

— Pablo deixou claro que você pisa fundo na Via Trento — digo.

— Por isso que você irá dirigir a volta, Filipe. — Ela me dá uma piscadela.

Quase entro em pane.

— E você, Filipe?

— Eu o quê?

— Por que virou padre?

Pisco algumas vezes e coço a barba.

— Bom, seguindo pelo vinho, vou reformular a pergunta: qual a intensidade do sol que te iluminou? Qual o tipo de terreno e qual a essência em que fez seguir por essa escolha tão peculiar?

Eu sorrio. Aurora tem um equilíbrio de inteligência e carisma que me fascina.

Penso na resposta e, com pensamentos tão longe do que é a minha aptidão, me sinto pérfido.

— Minha mãe. Ela era muito católica e desde pequeno eu quis ser padre.

— Só isso?

— Não tenho tantas histórias para contar como você. Meu sol foi mediano, minha terra como tantas outras. A minha não foi como a sua.

Ela nega com a cabeça.

— As minhas histórias são dos outros, Filipe. A minha mesma é sem graça. Ou, melhor dizendo, nem começou.

— Não é sem graça. Você faz um trabalho incrível.

Ela sorri novamente.

— Eu poderia dizer o mesmo, padre.

Não respondo. Apenas concordo, abaixando o olhar.

Aurora bebe a sua segunda taça e me olha com curiosidade.

— Você nunca namorou? — Sua pergunta é direta e quase me faz cuspir o café que estou tomando.

Limpo a boca novamente.

— Eu já namorei.

— Jura? — Ela arregala os olhos, apoiando o rosto na mão direita com o cotovelo sobre a mesa. Eu tinha a sua atenção por completo. — Não precisa ficar vermelho, padre.

Sinto meu rosto arder.

Merda.

— Desculpe — ela pede achando graça. — É que nunca tive um amigo padre e você disse que escolheu desde criança...

— Como todos na vida, às vezes escolhemos um caminho mais longo até achar a estrada correta.

Analiso a frase que acabei de dizer. Eu preciso me apegar a ela. Ela franze o cenho e começa a rir.

— Está rindo de mim, é? — brinco.

— Não. Sim... desculpe. Eu sempre sorrio quando estou... — Aurora pede com a mão que eu esqueça o que iria dizer. — Mas me diga. Como foi esse namoro?

— O nome dela é Milena — complemento antes que ela faça perguntas piores.

— A que ligou no outro dia? — Ela abre a boca.

— Somos amigos até hoje — explico.

Agora ela ergue uma sobrancelha.

— Isso é uma revelação e tanto, Filipe.

— A Milena é uma pessoa muito especial. Hoje ela é casada e sou grande amigo do esposo dela também.

— O que fez desistir dela?

— Eu não desisti, apenas segui a minha vocação.

— Eu sou a dona da Casa Fontenelle. — Aurora diz rápido. — Eu sou a nova dona de toda a fortuna Fontenelle. Já que você me contou algo tão íntimo, senti que poderia desabafar também.

Padre Giovanni falou algo do tipo, mas não dei bola.

— Você é a dona?

— Não até recentemente, por isso não te falei antes. — Ela mostra um sorriso meio nervoso. — Assinei alguns papéis hoje e... — Ela levanta os ombros como se fosse algo simples. — O Otto não tem ninguém e esse é o meu caminho, padre. — Eu me remexo na cadeira e ela bebe o restante de vinho. — E agora estou atrasada para buscar o bolo da minha amiga. Você vai ao bistrô mais tarde?

— Não poderia negar tantos pedidos, Aurora.

Ela sorri.

Não! Eu não conseguiria negar o pedido. Não conseguiria ficar no outro lado da rua sabendo que Aurora estaria tão próxima.

Respiro fundo.

— Podemos ir? — ela pergunta.

— A hora que quiser.

Algo dentro de mim diz que a cada passo que avanço, eu caminho em direção a algo com graves consequências.

Mas como parar com algo que me atrai de uma forma tão intensa?

E, por mais que eu não quisesse pensar assim, o errado parecia o caminho mais certo a ser tomado.



*“Você está na sombra do olhar
Pensei em te guardar, mas foi melhor assim
Na sombra do olhar
Tentei te encontrar, mas nada além de mim
De onde estou posso ver
O caminho que me leva a você
Diz pra mim o que eu já sei
Tenho tanta coisa nova
Pra contar de mim”
Malta – Diz pra mim*

Percebi os olhares alegres do Otto e da minha mãe quando me viram sair do quarto toda arrumada para a confraternização de aniversário da Giulia. Deixei o cabelo ondulado solto, vesti uma calça escura, uma camisa jeans e bota de cano curto com salto alto. Nada estonteante demais, mas comparado aos últimos dias, para eles é uma vitória. Antes de sair de casa, pude entregar o convite do lançamento do meu vinho para minha mãe, fazer as pazes e pedir perdão novamente a ela por estar sendo uma chata. Prometi que os dias macabros

havam ficado no passado.

Eu estou focada. Focada em tudo que viria e tudo que deveria fazer.

Não consegui falar com Pablo hoje mais cedo, mas tentarei, de alguma forma, falar depois da festa. Não tinha mais como adiar a situação. Não teria como dormir mais uma noite com esse peso dentro de mim.

Estaciono o *Sun* na praça de Monte Belo.

No outro lado da rua vejo Filipe conversando com algumas pessoas na porta da casa do padre Giovanni. Percebo que ele está arrumado, mas não fico olhando demais.

Era estranho, mas desde que Filipe chegou parece que sempre, de alguma forma, estamos por perto. E o mais louco de tudo é perceber o que tudo isso causa dentro de mim.

Meu coração acelera, minhas mãos transpiram e meus pensamentos são pecaminosos. Hoje, enquanto conversávamos no Leopoldina Jardim, passou pela minha cabeça como seria o seu beijo, o seu toque em minha nuca, seu peito perto do meu. É ainda mais difícil quando olho no fundo dos seus intensos olhos azuis. É tão vivo, charmoso e sensual a forma como ele presta atenção em tudo que falo, que seria impossível não querer prová-lo de forma carnal. E, por alguns momentos, quase consigo sentir que ele pensa o mesmo.

Talvez eu esteja mesmo maluca e fico imaginando coisas que não existem.

Não é certo! Não é.

Eu sei e tenho consciência disso, mas não precisava mentir para mim mesmo sobre os meus desejos. Agora, coloca-los em prática, isso sim seria impossível. Eu o respeitava e sabia da sua condição.

Talvez a solução para evitar toda essa confusão seria evitar ficar ao lado dele. Evitar esses pensamentos sórdidos com o padre.

Pego o bolo da Giulia que está ao meu lado, o espumante que trouxe de presente, minha bolsa e saio do carro, fechando a porta com o corpo. Entro com pressa no bistrô e encontro o lugar cheio.

É difícil ver o bistrô com tanta gente. Geralmente é frequentado por turistas que se esbaldam nas vinícolas da região e chegam aqui para terminar de se afogar nos vinhos.

O som está alto e reconheço alguns amigos de Giulia conversando nas mesas.

Entrego o bolo para a ajudante do Pablo, que o guarda no balcão. Pergunto pela Giulia e ela aponta para o aglomerado de pessoas e a encontro pelos cabelos brilhantes.

Ela me vê e acena, me chamando.

Caminho em sua direção, cumprimento seus amigos e entrego o presente.

— Espumante *Brut Swarovski*, safra 2011? Meu Deus!

— Parabéns, Giu.

Ela me abraça forte.

— Obrigada, amiga. Essa garrafa é especial. Não vou abrir aqui. —

Agora toma... — Ela pega um copo sobre a mesa e me entrega. — Vodca com energético. Bebe!

Pego, bebo um pequeno gole e faço uma careta.

— Não é como seu vinho ou esse espumante, mas dá uma relaxada boa — afirma, virando outro copo.

Devagarzinho coloco o copo em cima da mesa. Não estou com vontade de beber isso.

— Cadê o Pablo? — Ainda não o tinha visto.

Giu aponta para o outro lado do bistrô.

Lá está ele.

Rodeado de algumas pessoas, a maioria mulheres elegantes. Ele gargalha alto com um copo de vodca na mão.

Ali, eu vejo um Pablo diferente.

— O que foi? Ciúmes? — Giulia sussurra no meu ouvido.

Faço que não.

— Antes fosse.

Ela levanta um ombro.

— Pablo é um homem bonito. Sabe que quando vocês terminarem...

— Por que nunca vi aquele sorriso? — aponto para ele, sem querer ouvir Giulia.

Ela ergue uma sobrancelha e olha para ele novamente.

— Ele sorri assim sempre, não?

Nego.

— Boa noite! — A voz que anda tomando meus pensamentos me faz parar de olhar para o Pablo.

— Ah! — Giulia grita — Você veio!

Olho para Filipe, que sorri ao receber o abraço da minha amiga.

Ele entrega uma caixinha preta a ela, que abre com pressa.

Dentro está um relicário.

— Que lindo, padre!

Ela coloca no pescoço e agradece com outro abraço.

— Padre bebe vodca com energético? — pergunta Giulia e quase sorrio.

Ele ergue uma das mãos e nega.

— Não. Obrigado, Giulia. Eu vou pedir uma água.

Giu dá de ombros e se vira para o grupo de amigos e mostra os presentes que acabou de ganhar.

— Oi, Rory. — Filipe se vira para mim.

Seus olhos se prendem aos meus e, novamente, nossos olhares se encaixam.

— Oi, Filipe.

De pé, acabamos atrapalhando a passagem dos garçons no corredor até que nos esgueiramos para um lado do bistrô, rente à parede.

Encontro uma pequena mesa no canto e nos sentamos.

Passando os olhos pelo lugar, Pablo me vê e acena sem sair do lugar.

Aceno de volta.

Filipe também.

— Vocês estão bem? — Filipe pergunta.

— Quem?

— Você e Pablo.

Respiro fundo.

— Acho que estamos no caminho — respondo, sorrindo para ele.

Filipe aceita a resposta. Volto a olhar para o Pablo, que continua sorrindo.

Uma morena alta se pendura nele e não para de encará-lo.

Filipe vê a mesma cena que eu.

— Está cheio hoje, não é? — ele pergunta, mudando o assunto.

Volto a olhar para ele.

— É. Giulia conhece Deus e o mundo, lembra?

Ele concorda.

— Você não conhece essas pessoas?

— Conheço, mas minha vida é corrida. Não traço muitos laços. Não sei se me entende.

— Entendo perfeitamente.

— Ah, trouxe algo pra você — digo, abrindo minha bolsa.

— Para mim?

Entrego a ele o convite do lançamento do Aurora.

Ele arqueia uma sobrancelha.

— Lançamento do seu vinho?

— É. O Otto fez questão de comemorar.

— Quatro anos precisam mesmo ser comemorados.

— É, eu acho que sim.

— Obrigado, Rory.

— Você vai? — pergunto, parecendo desesperada. — Quero dizer...tudo bem se não...

— E não tomar aquele vinho maravilhoso de novo? É claro que irei. Com todo o prazer.

Eu sorrio com uma animação acentuada.

— Que bom. Eu fico feliz. Pode levar um acompanhante, talvez, sei lá, o padre Giovanni queira ir e... — Tento me controlar.

— Obrigado mesmo, Rory.

— Então — respiro fundo, buscando ar em meus pulmões. —, Filipe... somos só nós dois aqui nessa mesa. Não vai pedir só uma água, não é?

— E o que sugere?

— Como enóloga, um vinho, claro. Não será um Aurora, mas... Ah, você precisa prometer não contar para minha mãe que vou te dar vinho, ok?

Peço ao garçom um dos vinhos coloniais maravilhosos que eu sei que Pablo tem na adega.

Somos servidos e quando Filipe prova o vinho, faz a expressão que eu adoro ver nas pessoas: surpresa.

Mas Filipe tem algo a mais.

Acho que a sua condição de padre me deixa intrigada ao ponto que querer ler em seus olhos todas as dúvidas e objeções de uma vida tão regrada.

Seu lindo rosto e seu jeito mais formal andam me deixando muito incomodada. Não é um incômodo ruim, é mais um incômodo pela proibição dos pensamentos causada pelas sensações que vinham acopladas ao que eu sinto ao estar ao seu lado.

A sua atenção destinada apenas a mim quase me hipnotiza.

Mordo o lábio inferior com a respiração rápida.

Eu quero beijá-lo! O incômodo me invade novamente.

— Own! Que lindinho, vocês dois aí! — Giulia nos acha e faz uma cara bonitinha, pestanejando demasiadamente.

O que ela está fazendo?

— Sabe o que lembrei? — Giu indaga e eu só queria poder calar a sua boca. Ela, com certeza, falaria besteira. — Vocês já pensaram nos nomes de vocês juntos? Tipo, Aurora e Filipe. É dos contos de fadas! O casal mais lindo e fofo! Meu preferido depois da Bela e a Fera, claro e...

Levanto-me e seguro o seu braço. Ela está exagerando.

— Que tal uma água, amiga? — pergunto.

— Que água nada! — Ela ajeita a postura, parecendo perceber seu excesso. — Desculpe! Foi só uma brincadeira, padre.

— Tudo bem, Giulia. — Filipe diz com um sorriso.

Ele parece entender mesmo.

Ela me abraça apertado.

— Ele é tão bonito que acabo esquecendo que ele é padre — sussurra ela no meu ouvido.

— Vamos fazer karaokê no palco! Uhull! Quero ver você lá também, Filipe!

— Se eu cantar todo mundo vai embora, Giulia. Vou deixar essa tarefa para a Rory.

Ela se vira na minha direção.

— Não fuja de mim. — Ela me dá uma piscadinha.

— Não vou.

— Ah! Já ia me esquecendo! Quero apresentar alguém a vocês. — Ela sai por um segundo e volta carregando um homem pela mão.

O homem sorri quando nos vê e ajeita os óculos de grau.

— Esse é o Fê! Felício. — Ela ri sozinha. — O meu Fê. O Fê certo.

Eu e o Filipe sorrimos ao nos lembrarmos do primeiro dia que ele chegou e toda a confusão que fiz com o nome.

Nós nos cumprimentamos e Giulia conta o seu dia ao seu amado, que se diverte com a história.

Felício não tem nada a ver com Giulia à primeira vista. Ela é toda *maluquete*, adora falar alto, é espalhafatosa, e ama ser o centro das atenções. Felício parece todo contido e sorri timidamente.

Mas, como dizem por aí, para o amor não há limites.

Alguém chama Giulia no microfone e ela corre para lá com seu o Fê.

Eu e Filipe voltamos a nos sentar.

Bebo o vinho todo da minha taça.

— Conto de fadas? — Filipe pergunta, com a testa franzida e em tom divertido.

No fundo, queria que ele tivesse se esquecido disso.

— Ela bebeu demais.

Ele sorri esperando a resposta.

— Será que você pode me contar sobre isso?

Abro a minha boca e respiro fundo.

— Já assistiu ao filme d'A Bela adormecida?

Ele franze o cenho.

— Talvez quando criança.

— Você se lembra do nome deles?

Ele faz que não.

— A princesa Aurora é amaldiçoada ao furar o dedo no fuso de uma roca e, no fim, só acorda com o beijo do amor verdadeiro. O nome do príncipe no filme da Disney é...

— Filipe — completa ele.

— Sim. Aurora e Filipe — reviro os olhos.

Ele aperta os lábios e sorri de lado, mostrando uma das covinhas na bochecha.

Que sorriso é esse?

Tirando a minha tensão, sorrio também.

— Por favor, não ligue para o que ela...

— Está tudo bem, Aurora. Eu não me importo. — Ele semicerra os olhos.

Por que ele faz isso?

Encho a minha taça com o restante do vinho.

— Vou buscar outro — digo.

Levanto-me com pressa. No caminho, passo pela mesa ao lado, pego o copo de vodca que Giulia me deu e engulo de uma só vez. Está horrível. Quente. Minha cabeça gira.

Eu não gosto de misturar bebidas, mas para ficar vendo Filipe olhar para mim a noite toda, seria mais do que necessário.

— Aí está você! — Pablo enlaça as mãos na minha cintura e beija meu rosto. — Não foi falar comigo.

Delicadamente dou um passo para trás.

— Você estava ocupado.

Não sei o porquê, mas ele fica feliz com a minha resposta.

— Aquele pessoal fez faculdade comigo. Não os via há um tempão.

— Que bom, Pablo. Eu... — aponto para o bar.

— O que você queria falar comigo?

Paro de me mover.

— Agora não é hora. Depois conversamos sobre isso.

Eu tinha algo para fazer. Voltar para mesa e...

Ele não liga e volta a me abraçar.

No canto, vejo Filipe olhando para nós dois, e desvia o olhar quando repara que eu o vi.

Pablo começa a me embalar ao som da música que toca contra a minha vontade.

— Fica aqui comigo — diz no meu ouvido, mordiscando o lóbulo da minha orelha.

— Estou fazendo companhia ao...

— Ele é padre, Rory. Você não gosta de padres.

Separo meu corpo do dele e ergo meus olhos.

— Não fale assim...

— Finja que se esqueceu de voltar e fica aqui comigo...

Ele volta a me abraçar mais forte.

— O que está havendo com você? — pergunto, tirando as mãos dele de mim, sem cuidado.

— Você é minha namorada. Não posso curtir a noite abraçado com você?

Pablo segura o meu rosto.

— Para com isso, Pablo. Eu...

— Oh, o padre foi embora. Você está liberada — diz ele e eu não encontro Filipe na mesa. Na porta, eu o vejo de costas saindo do bistrô.

Meu coração pulsa de uma forma que nunca havia sentido antes.

Ele foi embora? Ele me deixou aqui? Sozinha?

Perda, solidão e aflição. Todas essas sensações me invadem e sou tomada por um desespero desconhecido.

Sinto minhas pernas tremerem.

Eu não sei o porquê, mas sinto um vazio enorme se instalar em meu peito.



*“E Deus limpará de seus olhos toda a lágrima;
e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor;
porque já as primeiras coisas são passadas.”
Apocalipse 21:4*

Levanto-me da cadeira sem olhar para eles novamente. Eu não deveria me importar, mas a raiva acometida ao ver Pablo abraçando a sua namorada me causa aversão.

Não quero que ele a toque! Não quero que faça o que eu desejo fazer!

É um erro! Um erro enorme!

O pior é que eu sabia disso antes mesmo de vir.

Quem sou eu para pensar assim? Eu não tenho esse direito!

Por que ando insistindo em algo que só vai causar dor? Por que estou sendo irresponsável?

Saio do bistrô com raiva. Raiva do Pablo, raiva da Aurora, raiva de mim.

Poucas vezes esse sentimento se fez tão presente.

O que está acontecendo comigo?

Vou atravessando a praça em passos largos. Eu preciso fugir. Preciso

retomar a minha razão. Mais uma vez. Estava se tornando rotina ter que fazer isso na presença dela.

— Filipe! — Ouço a voz de Aurora atrás de mim.

Paro de andar. Fecho os meus olhos e eles ardem.

Meu coração está batendo descompassado. Eu deveria estar me acostumando com o modo como ele reage à sua presença.

Ele não deveria agir dessa forma.

Viro-me devagar e a encontro. Linda. Bela. Graciosa. A mulher que anda tirando meu sono. Tirando meu foco. Me fazendo sentir sensações que não posso sentir.

Minha perdição. Meu pecado.

Por outro lado, certo alívio me atinge ao saber que ela não está mais nos braços do Pablo. Ela está aqui na minha frente.

Parece que o ar volta a circular em meus pulmões.

Aurora está apenas a alguns passos de distância de mim e consigo ter uma visão completa dela. Seu peito desce e sobe com rapidez. Posso sentir essa mesma batalha acontecendo comigo. Dentro de mim.

Tão pequena, tão frágil, tão linda.

Como é errado algo que me faz tão bem? Tão vivo?

Eu nunca havia me sentido assim em toda a minha vida.

Sem ter domínio sobre o meu corpo e o que sinto, desfaço a distância entre nós com rapidez e, com a respiração ofegante, eu a abraço.

Eu a abraço apertado.

Respiro fundo, controlando meu coração e beijo o topo da sua cabeça.

Um beijo delicado. Repleto de emoções e impressões.

Sinto toda a fragrância dos seus cabelos. Nossas respirações parecem se igualarem e o prazer que experimento quase me faz chorar.

Os espasmos dos meus músculos diante da percepção de ter seus braços envolvidos na minha cintura me deixam sem ação.

Eu saí do Rio de Janeiro por um mandamento. No fim, sabia que seria para me encontrar. Para buscar algo que me faltava. Para recomeçar. Mas aqui, nesse momento em seus braços, é a percepção concreta de que esse é o lugar que eu sempre busquei. É o melhor lugar do mundo.

Com uma das mãos, acaricio seus cabelos.

Eu queria fazer muito mais. Depois de longos segundos, ela me solta um pouco e quase a puxo de volta. Não queria soltá-la.

Aurora ergue o olhar. Seus olhos marejados quase me desestabilizam de vez.

Acaricio seu rosto com o polegar. Seus olhos, seu nariz, suas bochechas

e, por fim, seus lábios. Eu queria sentir sua pele em meus dedos desde o primeiro dia em que a vi.

Tão macia. Tão perfeita.

Ela abre seus olhos e pisca algumas vezes.

— O que está fazendo comigo, Filipe? — Sua voz sai num sussurro quase inaudível. Se não fosse a frase que eu mais repetia a mim mesmo, não entenderia.

Um carro passa rápido pela praça deserta e instintivamente, eu a solto.

Deus, o que estou fazendo?

Ela, na minha frente, se recompõe, olhando para o chão. Ameaça dizer alguma coisa, mas parece desistir.

Talvez agora eu consiga ver com mais clareza. Era como se as vendas que eu usava fossem retiradas e eu conseguisse enfim enxergar além daquele limite. Além do horizonte. Na direção, até então, desconhecida.

Avistar além do que eu julgo ser proibido. E é. É proibido. É errado. É desonesto com os votos que fiz para a vida. É tudo isso, porém, é lindo. É humano. É maior do que eu.

Ela oscila na direção contrária a minha em uma tentativa frustrada de se manter longe. Eu percebo o quanto ela estava brigando consigo mesma.

Parece que meu coração para de bater.

Até que ela se vira, dá dois passos para longe, para e, de repente, volta. Tão perto que quase a abraço novamente.

— Por que saiu do bistrô? — Suas bochechas estão vermelhas.

Coloco as mãos no bolso da calça e abaixo a cabeça.

Nego com a cabeça. Não quero responder a essa pergunta. Não quero admitir em voz alta a minha fraqueza.

— Olha para mim, Filipe, por favor.

Faço o que ela pede, sem objeção.

— Por que saiu?

Deus, ela está tão séria.

— Acho que você sabe a resposta.

Ela pisca várias vezes. Sorri de nervoso, como se não acreditasse no que estava acontecendo.

Se não fosse tudo que eu estava sentindo dentro de mim, poderia alegar que é um sonho. Mas é real.

Mas eu não posso.

Eu não posso.

— Me desculpe, Aurora. Eu não deveria ter feito isso.

— Não. Você não deveria — concorda com a voz entrecortada.

Franzo o cenho e abaixo a cabeça novamente.

Estou envergonhado.

O que ela pensaria de mim?

— Seria demais te pedir para que esqueça? — peço. Minha voz sai sem força.

— Seria impossível.

— Eu sinto muito. Eu...

— O que estamos fazendo, Filipe?

— Não sei do que está falando — minto.

— Tudo bem. Vai fingir que nada acontece quando estamos juntos?

Então não me olha mais com esses... — Ela levanta uma das mãos.

— Com o quê?

— Com esses olhos que parecem... — ela arfa. — Deus! Deus, Filipe!

Eu... eu estou muito brava. Muito brava com você! O que... Deus!

O que eu estou fazendo com essa mulher?

— Não O chame! Por favor — peço. Estou me sentindo um monstro.

Aurora arregala os olhos.

— Por quê? Não sou digna disso? Acha que eu não acredito nele?

— Não. Não foi isso que eu...

— Você está enganado, Filipe. Eu acredito! Ao contrário do que todo mundo deve pensar, eu acredito mais nele do que em mim mesma.

— Eu jamais duvidei disso. Alguém com um olhar tão puro como o seu não...

— Puro? — Ela ri. Vejo uma lágrima cair do seu olho. — Eu quero te abraçar novamente. Isso é puro? E isso não vai acontecer de novo, não é?

Faço que não com uma dor lacerante no peito.

— Tudo bem, eu...

Ela aceita minha afirmação e enxuga o rosto.

— Me perdoa, Rory, mas eu não posso.

Ela abre a boca e parece compartilhar da mesma dor que estou sentindo.

— Aurora! — Pablo a chama da porta do bistrô.

Dou dois passos para trás no mesmo segundo.

Ela se vira e ele a chama com a mão com gargalhada e risadas das pessoas ao lado.

Por sorte, parece não ter visto a nossa carícia.

Aurora se volta para mim.

— Eu preciso voltar. — Ela sorri forçadamente secando outra lágrima.

Faço que sim. Não consigo falar mais nada.

Ela queria ficar, talvez tanto quanto eu queria que ela ficasse.

Fico paralisado. No centro da Praça de Monte Belo. Olhando a mulher que se alojou em meus pensamentos se distanciar de mim.

Tudo o que eu queria nesse momento era ir atrás dela. Voltar para os seus braços e não deixar mais ninguém tomar o lugar que amaria ter só para mim.

Mas não posso. Não só por mim, mas por ela.

Assim que ela entra no bistrô sinto toda a tensão cair sobre o meu corpo, que dói por completo.

Entro na casa do Padre Giovanni e vou direto para o meu quarto.

Eu quero esquecer.

Eu quero esquecê-la.

Perdão, Deus, meus pensamentos são pecadores!

Pego a bíblia e me ajoelho sobre o chão de madeira. Rezo o terço e peço perdão.

Leio alguns versículos, mas não consigo me concentrar,

Eu me desespero. Me falta ar. Me falta tanta coisa. Me falta ela.

Está doendo demais dentro de mim.

Sobre o pequeno criado-mudo vejo o diário da minha mãe.

Pego-o e abro em qualquer página.

28 de fevereiro de 1988.

Nosso pequeno Filipe completou um aninho em setembro.

Faz três meses que te enviei uma foto dele. Foi uma luta para conseguir dinheiro para a foto em seu batizado e outra, maior ainda, para deixá-lo quieto em uma pose bonita.

Eu não iria fazer isso, mas, em nome do que vivemos, achei que você iria ficar feliz em ver que ele está bem. Mas também não recebi nenhuma resposta.

Filipe me lembra você em cada sorriso. É grande e esperto. Ele deu os primeiros passos com onze meses e adora que eu reze para ele. Ele sempre adormece como um anjinho.

Seria tão bom poder compartilhar tudo isso com você.

Por que você não retornou minhas cartas? Eu ainda tinha tantas esperanças. A cada dia essa esperança vai se esvaindo do meu ser e deixando em seu lugar um buraco em meu peito. Sinto sua falta. Sinto muito a sua falta.

*Da sua amada,
Paola.*

Fecho o diário e o jogo no outro lado da cama.

Minha mãe nutria um amor por um homem que não a quis.

Estou sufocado, angustiado, agoniado.

Abro a janela do quarto querendo ar fresco.

As luzes do bistrô ainda piscam. Através da porta aberta do lugar, vejo Aurora. Eu a reconheceria há milhares de quilômetros de distância. Para minha tristeza, ela abraça Pablo.

E, novamente, sinto meu coração parar.

Fecho os meus olhos com a sensação de frustração.

É como deve ser. Ele e ela.

Jamais eu e ela.

A história se repete. Como se a minha vida repetisse a história do diário da minha mãe. Uma história sobre as dores e os momentos que nunca aconteceram. Um conto que dirá dos beijos que não foram dados, das mãos que nunca puderam se tocar, dos risos contidos e das verdades que só quem sente muito pode decifrar.



*“Lembra de ficar um pouco mais
Quando pensar em ir embora
E querer muitos minutos à toa
Sem se importar com a demora”
Anavitória – Nós*

Por que ele me abraçou?

Por quê?

Eu o queria.

Eu me sinto tão errada porque eu quero o toque do seu abraço quente mais uma vez.

Eu me sinto tão imunda porque só de pensar em suas mãos em mim fico louca de desejo. *Se ele me causa isso apenas com um abraço, o que mais eu poderia sentir?*

Sinto-me envergonhada e enojada de mim.

E o que é pior em tudo isso? Eu quero que aconteça novamente.

Tanto.

A confirmação de que tudo que sinto quando estou com ele é recíproco

não me deixa feliz.

Se para mim há uma batalha, não consigo imaginar o que seja para ele.

Enxugo as lágrimas idiotas que caíram sobre o meu rosto. Respiro fundo e entro no bistrô com um nó na garganta.

Só quero pegar minha bolsa e ir embora. Vou até a mesa que estávamos e a pego.

Por sorte, Giulia canta *Like a Virgin* alto no palco.

Quando tento sair à francesa, Pablo me encontra na porta.

— O que está fazendo?

Forço um sorriso e levanto um pouco os ombros.

Eu não sei!

Não sei o que estou fazendo!

Ele segura um copo cheio. Pego da sua mão e bebo a vodca de uma só vez e ele arregala os olhos, assustado.

Parada a sua frente, vejo os seus olhos. Seria tudo tão mais fácil se eu sentisse a mesma coisa por ele.

Sem pensar demais, eu o abraço.

Abraço apertado.

Pablo acaricia minhas costas.

Eu queria sentir a mesma coisa por ele. Não por um padre.

Aninhada ao Pablo, meu coração não acelera. Minhas pernas não ficam estremecidas. A vontade de nunca mais sair também não existe.

E o teste fracassa.

Pablo não é Filipe.



Acordo com o sol no rosto e cabeça estourando de dor.

O lugar é conhecido. As paredes em azul claro me dão a certeza de onde estou.

Viro-me para o outro lado da cama e vejo Pablo, dormindo.

Ah, merda!

Levanto o lençol que me cobre e vejo que estou apenas com lingerie.

O que eu fiz? O que fizemos?

Sento-me devagar para não acordá-lo. Preciso me lembrar de como vim parar na casa do Pablo.

Eu estava triste e liguei o foda-se.

Pablo me deu mais bebida. Giulia também. Eu me afoguei para poder esquecer.

Giu me arrastou para o palco e não me recordo nem de qual música cantei. Deve ter sido um desastre.

Lembro-me de querer ir embora, mas o Pablo não deixou. Pegamos carona com alguém que também não lembro e pronto. Não consigo lembrar de mais nada.

Pablo se remexe e me vê.

— Bom dia — diz se despreguiçando.

Forço um sorriso.

A dor na cabeça por conta da ressaca está dilacerante.

— Tem algum analgésico? — pergunto.

— No banheiro. Lá na caixinha de remédios.

Levanto-me com o lençol sobre o corpo e vejo minhas roupas dobradas em cima da poltrona.

Antes de entrar no banheiro, me viro para ele.

— Nós... — aponto para nós dois.

— Não lembra, não é?

Faço que não.

Detesto não ter controle sobre as coisas.

Eu deveria ter tido pelo menos um pouco de bom senso.

Deveria ter ido embora quando Filipe foi.

Ele se senta na cama, achando minha pergunta engraçada.

— Pegamos carona e você dormiu dentro do carro. Eu só te coloquei na cama.

Aceito a resposta com um sorriso casto. Pego a minha roupa na poltrona e coloco dentro da minha bolsa. Abro a terceira gaveta da sua cômoda, sem cerimônia, e pego uma calça mais antiga e uma camiseta cinza. É a gaveta onde eu costumo deixar roupas sobressalentes para quando durmo aqui.

Entro no banheiro.

É quando eu me dou conta que fazia mais de um mês que eu não vinha dormir com ele.

Isso deveria ser um sinal, ou não?

Respiro fundo, aliviada por não ter transado com Pablo. Isso seria um caos. Engulo um remédio, tomo um banho rápido e me visto.

Quando saio do banheiro, encontro Pablo colocando um short de moletom.

— Ei, não precisa ir embora tão depressa — reclama ao me ver

arrumada.

— Nós precisamos conversar, Pablo.

Ele me olha e ajeita o cabelo, se sentando novamente na cama.

Eu me sento na outra extremidade.

— Em primeiro lugar, muito obrigada por me trazer em segurança. Eu exagerei.

— Todos nós exageramos, foi uma noite legal — ele abre um grande sorriso.

Ali não havia nenhum vestígio de que ele sabia o teor da conversa.

Meu peito se aperta. Ele deveria prever. Não é possível.

Aperto os lábios.

Para mim, foi uma noite péssima.

Lembro-me do Filipe e meu peito não só se aperta, como dói.

Na minha frente, Pablo mantém o sorriso.

— Pablo, eu...

— Podemos esquecer todas as brigas, Rory. Eu amo você.

Sinto-me péssima, mas não tinha outra saída. Fecho os meus olhos por milésimos de segundo e os abro novamente.

— Eu acho que chegamos ao fim, Pablo.

— O quê?

— Não, eu não acho. Eu tenho certeza.

Ele faz que não com a cabeça.

— Como você pode dizer isso?

— Você não vê? Essa relação não é como qualquer outra.

— É isso que você quer? Uma relação igual à de todo mundo?

— Não estou dizendo isso.

Ele se levanta, alterado.

— O que quer dizer então? Hein?! É justamente isso que tanto prezo na gente. Conseguimos entender o tempo um do outro e...

— Você precisa entender que...

— Nós temos algo lindo, Aurora! Nós...

— Eu não te amo, Pablo! — Não haveria outra oportunidade ou um melhor jeito de dizer isso. Eu preciso ser sincera com ele.

Nada do que ele falasse iria mudar o que sinto.

Eu não queria ouvi-lo sobre como tudo para ele era perfeito. Não era para mim.

— Como não ama? — indaga com a voz entrecortada.

— Me perdoa.

Seus olhos expressam pânico.

— E só reparou isso agora? Três anos depois?

Eu não sabia o que era amar até...

Faço que sim. Constrangida.

— Você mentiu pra mim esse tempo todo? Você disse. Poucas vezes, mas disse que me amava.

— Eu achava que sim, eu...

— Você acabou de acordar... — Ele se senta ao meu lado e pega a minha mão. — Você está nervosa com sei lá o quê... Não vamos nos precipitar e...

— Pablo, me ouça...

— Eu vou te dar um tempo. Um tempo para pensar e...

— Pablo! — falo um pouco mais alto, querendo que ele pare. Puxo minha mão da dele. — Eu não estou me precipitando.

— Vai dizer agora que o problema é com você? De novo?

— Não. Nós dois somos o problema — digo.

Ele faz que não com o dedo.

— Eu te amo. O problema não é meu.

— Não. Você não me ama.

Ele fica bravo com a minha resposta. Nunca havia visto essa sua expressão.

— Não coloca palavras na minha boca, Aurora! Você não está aqui dentro. — Ele aponta para o coração. — Sempre consegui te entender. Sempre dei espaço a você. Sempre evitei exigir algo porque a gente é assim.

— Mas é aí que está! Talvez eu tenha querido isso ou então não teríamos estendido por tanto tempo essa relação.

— Você vai me deixar, é isso?

— Pablo, nós não éramos um casal há muito tempo.

— Como? — pergunta ele e não compreendo.

— Como o quê?

— Como percebeu que não me amava sendo que nunca amou ninguém?

Engulo em seco.

E, nesse momento, eu percebo algo devastador.

Porque o mais perto do amor que eu já senti era por um padre.

Levanto-me da cama, atordoada. Eu não tinha mais o que dizer.

— Você ama outra pessoa? — Sua pergunta soa desesperada.

Pego minha bolsa sem conseguir olhar para ele.

— Espera aí!

— Isso é ridículo, Pablo. Não vou te responder isso. A nossa relação não tem nada a ver com essa resposta.

Ele demonstra uma expressão espantada, incrédulo com o que acabou de

perceber. Abro a porta do seu quarto.

Eu sou uma burra por não conseguir, ao menos, mentir.

— Espera... Rory...

Passo pela sala e abro a porta principal pegando o celular e pedindo um taxi. Encontro os convites dentro da minha bolsa.

— Por favor, vamos resolver...

Vou até ele e seguro uma das suas mãos, colocando então um convite do lançamento do vinho.

— Espero que possamos continuar amigos, Pablo. Talvez você não compreenda agora, mas eu tenho certeza de que a vida irá te mostrar que foi o melhor para nós dois. Seu apoio foi fundamental. Eu só tenho que agradecer. Espero que consiga ir à festa e obrigada por tudo.

Ele observa o convite e não esboça nenhuma emoção. Eu o entendia e me apoiava ao fato de que ele perceberia que deveria ser assim.

Pablo não diz mais nada. Apenas volta para sua casa e fecha a porta.

Não é difícil responder como me sinto nesse momento. Parece que tirei um peso das costas e, ao mesmo tempo, sentia muito por ele. Pablo merece muito mais do que eu poderia lhe oferecer.

O táxi logo chega e vou para Monte Belo pegar o *Sun*.

Ao chegar na praça, entro no *Sun* e quando vou dou a partida, vejo um amontoado de gente no meio da praça e avisto minha mãe com as mãos no rosto. Ela parece chorar.

Meu coração salta.

Saio do *Sun* correndo e vou até ela.

— Mãe?

— Minha filha! — Ela me abraça apertado.

— O que foi? O que está acontecendo?

Sobre seus ombros vejo todas as suas amigas em lamúrias. Em um canto mais afastado, Filipe sério.

— O que foi, mãe? Pelo amor...

Eu estou desesperada.

Ela chora ainda mais.

Filipe chega perto e toca o meu ombro.

— O que está aconteceu, Filipe?

— Dona Eleonora. Ela faleceu ontem à noite.

Olho para as senhoras que estão ali. E, realmente, Eleonora não está entre elas.

— O que houve com ela?

— Coração. — Soluça minha mãe. — Ela tinha problema no coração.

Ela era minha amiga, Rory.

— Eu sinto muito, mãe. Muito mesmo.

Ela concorda, secando o rosto com um lenço branco que Filipe a entrega e eu a abraço.

— Como está o padre Giovanni? — Minha mãe pergunta a ele.

Filipe franze o cenho e nega com a cabeça.

— Ele deveria estar aqui, não? — indago.

— Ele se trancou no quarto desde que soube da notícia — responde Filipe. — Não quis abrir a porta.

— Eleonora era muito próxima ao padre — diz minha mãe com pesar.

Ergo meus olhos para Filipe, que está emocionado.

— A família dela disse que logo o corpo chegaria para a missa — fala uma das senhoras. — Poderia rezar uma missa para a gente, padre Filipe, já que o padre Giovanni não tem condições?

Filipe parece enrijecer ao meu lado.

Seus olhos alternam entre os presentes.

— Eu...

— Por favor, padre. — Minha mãe pede.

É estranho. O proibido sempre foi presente. Porém, foram poucas as vezes que me recordei com tanta convicção a sua real condição: Padre. Ele é padre. Um padre real. Daqueles que rezam missas e fazem cerimônias. Daquele que abençoa e que não se relaciona com mulheres.

E eu estou apaixonada pelo único homem que não poderia estar.

Com tantos olhos sobre ele, Filipe concorda.

— Fica comigo, filha? — pergunta minha mãe virada para mim.

Faço que não, sem pensar.

E ver Filipe ministrar uma missa?

Ver a sua vocação e sentir o meu amor se esvair mais?

Nem pensar!

— Me desculpe, mãe. Você sabe que não entro na igreja — sussurro em seu ouvido.

— Por mim, filha. Por favor.

É a minha vez de olhar para Filipe, que abaixa o olhar.

Ele sente, assim como eu, que isso faria tudo mudar.

— Bom, eu vou abrir a Igreja — diz Filipe, sem me olhar.

As senhoras agradecem.

Comentam sobre o horário do enterro e como a família recebeu a notícia. Fico triste pela perda dela. Por mais que eu quisesse sair dali, não poderia negar ao pedido da minha mãe. Em contrapartida, conhecendo-a como eu conheço, sei

que no fundo está apenas aplicando a situação para um bem maior: me fazer entrar na igreja. Ela sabe da minha resiliência em relação à religião.

A Igreja Matriz de São Francisco de Assis é aberta e as senhoras e outras pessoas que vão brotando na praça vão entrando. Eleonora era bastante conhecida na região. Praticamente sou arrastada pela minha mãe, que entrelaça seu braço no meu para que eu não a solte.

Ao entrar na Igreja tudo parece voltar. Todas as sensações da última vez que estive aqui. E, a causa, era a mesma: a morte.

Sinto minhas pernas tremerem. Minha mãe repara e segura minha mão com mais força.

— Seu pai ficaria feliz por você estar aqui.

Eu esperava que sim e resolvo me apegar a isso.

As pessoas se sentam nos bancos de madeira.

Eu havia esquecido como esse lugar é lindo. Para uma cidade tão pequena, ela é grandiosa.

No altar, vejo Filipe com túnica e quase saio correndo. Como se a certeza da sua condição me mostrasse a cruel realidade.

Filipe não usa roupa de padre no dia a dia e talvez isso tenha me feito esquecer tantas vezes.

Abaixo minha cabeça. Não queria vê-lo assim.

Eu estava amando um homem que havia destinado a vida a Deus.

Olho para a imagem de Cristo crucificado com o coração apertado.

Não precisava me punir dessa forma, Senhor.

Minutos depois minha mãe me cutuca.

— Aleluia! Padre Giovanni está aqui! Eleonora iria querer que ele rezasse a missa.

Avisto o altar novamente e padre Giovanni fala algo para Filipe. Ele parece respirar fundo e, passando os olhos por mim, sai dali.

Padre Giovanni está bastante abatido, com o rosto inchado e vermelho.

Filipe reaparece logo depois usando roupas comuns. Caminha pelo corredor central da igreja e passa por mim. É impossível não nos olharmos.

Estou com nó na garganta e feliz por ver que Filipe não irá dar a missa.

O caixão com Eleonora chega, junto com a família.

A perda é sempre dolorosa. Saber que jamais verá aquela pessoa nessa vida é quase enlouquecedor. Ainda sinto tanto a falta do meu pai que parece que a saudade só aumenta.

Não vejo Filipe durante a missa de corpo presente. Também não procuro.

Tudo está tão agitado dentro de mim que mal consigo respirar.

As lembranças me dominam.

Todos os domingos começavam com a missa da manhã na nossa casa. Não sei se ele vinha mais pela minha mãe, mas nunca vi meu pai reclamar. Ele tinha um jeito peculiar de ser e, se tratando de um homem do interior, era diferenciado. Ele era devoto à natureza. Sentava comigo à beira do vale apenas para tentar me mostrar a beleza do mundo. Existe muito mais além, dizia ele.

Ele gostava de ler. Lia rigorosamente a bíblia, citava Allan Kardec e até mesmo Buda. Por isso ele me presenteou com o pingente da flor sagrada: Lótus. O lótus, na filosofia Budista, é pureza do corpo e da mente. Ele tinha tanta fé em mim. Eu amava isso nele. A sua facilidade em ser e não ser de lugar nenhum. Não me lembro dele contar sobre algum sonho ou desejo. Ele era feliz com o pouco que tinha e isso era o bastante.

Eu era tão nova quando ele faleceu e mesmo com tão pouco tempo de vida ao seu lado, fui dominada por uma sabedoria grandiosa.

Acho que ele não ficaria feliz em saber que eu carregava tanta mágoa de Deus.

Engulo em seco e a missa acaba. As pessoas se abraçam e vão saindo da Paróquia aos poucos. Acompanho minha mãe de braços dados conversando com suas outras amigas.

Na porta da igreja, pronta para sair dali, eu me viro novamente para o altar e vejo Filipe sentado sozinho, de costas para mim, em um dos bancos no meio da igreja.

Sem dizer nada a minha mãe, desenlaço nossos braços e a deixo sair com os parentes da senhora Eleonora.

Devagar, caminho em sua direção e me sento ao seu lado.

Filipe não reage. Continua com a cabeça meio erguida para o altar.

— É sempre muito angustiante lidar com a morte — diz ele, percebendo a minha presença.

— É. Acho que é a maior angústia que podemos sentir.

— Será? — Ele me olha de lado rapidamente.

Meu coração dispara.

Ficamos alguns segundos em silêncio e quando olho em volta, percebo que estamos sozinhos.

— Você veio à igreja — afirma ele, baixinho.

— Sabe há quanto tempo não venho aqui? Ou a nenhuma outra?

Ele faz que não com a cabeça.

— Há mais de 14 anos.

Filipe se vira para mim.

— Por quê?

Respiro fundo e me viro para o altar.

— Quando meu pai caiu ao meu lado foi um choque. Ouvi o médico dizer para a minha mãe que apenas um milagre o faria acordar. Então, fui fazer o que minha mãe sempre dizia ser o correto. Ela dizia que Deus era o único que tinha o dom para fazer milagres, o senhor de todas as coisas e... — arfo. — Afinal, a história era que se pedíssemos com fé, Deus nos atenderia. E eu vim. Vim até aqui. Até essa igreja com toda a fé que uma menininha de nove anos, que amava o seu pai incondicionalmente, poderia ter. Ainda consigo me lembrar da angústia que sentia em meu peito. O medo de perder o meu melhor amigo era grande demais. Mas... — Meus olhos se enchem de lágrimas. —, mas ele não me ouviu. Ele não fez o milagre que eu tanto esperava, mesmo com tanta fé dentro de mim. Então eu parei.

— Parou?

— Parei. Alguns dias depois meu pai teve morte cerebral diagnosticada por conta do aneurisma. Não tive tempo de me despedir e nem de dar um último abraço. Deus não me ouviu, Filipe. Nem quando eu mais precisava dele. Por que eu deveria ouvi-lo?

Filipe me olha. Seu olhar é complacente. Eu nunca havia contado essa história para ninguém. Nem mesmo a minha mãe.

As lágrimas escapam dos meus olhos e meu peito se aperta.

— Por favor, não chore, Rory.

— Ele não ficaria feliz com isso, Filipe. Eu precisei voltar aqui para perceber isso. Ele não ficaria feliz com tanta mágoa dentro de mim.

Ele enxuga meu rosto com o dedo.

— Fez as pazes com Ele?

Faço que não.

— Preciso trabalhar nisso — choro mais.

— Não se preocupe tanto, Rory. Deus conhece o seu coração. Ele sabe a pessoa que você é. Para mim, isso é suficiente.

Ele acaricia meu rosto com uma das mãos e, sem perceber, acaricia também a minha alma com a sua declaração.

Até que ele me abraça.

Um abraço forte.

Sinto toda a sua bondade e carinho.

Quase me desfaço em seus braços com o abraço que eu tanto ansiava em sentir novamente.

Enfim, eu consigo me acalmar.

— Desculpe, eu não deveria estar falando de mim nessa situação e...

— Não se preocupe, Rory. Ouvir você me faz feliz. Seja em qualquer situação.

Nós dois voltamos a olhar o altar.

— Eu te disse que não conheço meu pai, não disse? Que minha mãe foi abandonada — fala, desfazendo o silêncio. Faço que sim com a cabeça. — E por isso, ela foi infeliz a vida inteira.

— Eu sinto muito.

— Por muito tempo me senti culpado, achando que tudo o que eu fiz para ela se orgulhar e se alegrar não haviam sido o suficiente.

— Tenho certeza de que ela tinha orgulho de você — digo. Filipe é um homem bom e sempre falava de sua mãe com um carinho imenso. Não era difícil perceber isso.

— É. Talvez sim. Eu tentava a todo custo suprir a falta que ele fez a ela, mas não deu. Ela foi embora com a mesma dor que carregou por tantos anos.

— Não podemos nos culpar por algo que não temos controle — falo.

— Você ouviu o que acabou de dizer? — Ele se vira novamente para mim. — Não. Não podemos ter controle. A hora do seu pai havia chegado, Rory. Não havia nada que você pudesse fazer. E meu pai preferiu não fugir com a minha mãe e ter uma família com ela. Eu não poderia obrigá-lo a isso. Não tivemos controle e, mesmo assim, nos sentimos culpados. E sabe qual é a maior aprendizagem que tenho nisso tudo?

Faço que não.

— Que eu sou humano. Um ser-humano comum. Que sente e que se chateia, magoa por qualquer coisa. Às vezes, sendo padre, as pessoas nos veem como robôs. Robôs perfeitos que vivem de forma exemplar. Seres que não se preocupam ou que não têm sentimentos. Simplesmente máquinas que abençoam e perdoam qualquer um.

— Vi mais sentimentos em você do que em muita gente.

— Aí é que está, Rory. Você me vê além do padre. Você vê o Filipe. Por mais que eu tente dizer que os dois são a mesma pessoa, eles não são.

Abaixo a cabeça e Filipe levanta meu queixo para olhar em meus olhos.

— Eu fiz votos para toda uma vida. Achei que nunca aconteceria o que está acontecendo dentro de mim.

Meu coração dispara.

— Mas? — Minha voz sai em um sussurro.

— Mas eu sou falho. Não irá adiantar eu me punir. Acho que estou cansado disso.

— Me perdoa por...

— Não. Não peça perdão, Rory. Por favor... não peça perdão a mim. — Ele fecha os olhos e respira fundo antes de abri-los novamente. Fitando-me com seus profundos olhos azuis. — A minha condição não me permite ir além, mas,

ao mesmo tempo, eu sinto que não devo ficar longe.

— Então não fique.

Ele me olha. Realmente me enxerga por completo. Eu sinto arrepios pelo corpo. Eu me sinto quente e fria ao mesmo tempo. Estou tremendo. Nesse momento, sou invadida por um sentimento que me dá a certeza de que poderia passar meses, anos, uma vida inteira, mas ele sempre seria único para mim.

— Só iremos nos machucar. Sabe disso, não sabe?

Eu concordo, sentindo minha garganta fechar. E, novamente, não consigo segurar as lágrimas.



*"Não veio sobre vós tentação, se não humana;
mas fiel é Deus, que não vos deixará tentar acima do que podeis,
antes com a tentação dará também o meio de saída,
para que possais suportar."
1 Coríntios: 10:13*

Diante do desespero de ter que reger a missa, finalmente me dei conta das convicções que estavam tão óbvias dentro de mim.

Eu estava em pecado. Meus pensamentos já não pertenciam apenas a Deus e ao meu trabalho. Eles pertenciam à Aurora.

Era a única coisa que não poderia acontecer. A única que eu diria ser impossível.

Afago o cabelo de Aurora sobre o meu colo. Sinto o seu choramingar diante da sua respiração curta.

Eu não queria dizer apenas que não conseguia ficar longe dela. Eu queria poder dizer que eu a desejo, que ela pertence aos meus sonhos, que meus dias são mais felizes quando a vejo, dizer que eu estou completamente apaixonado e entregue a todas essas aspirações. Mas não posso.

Sentindo-a assim tão perto de mim, com toda a sua vontade e disposta a viver intensamente, me causa uma profunda tristeza.

Eu a amo.

Eu a amo como jamais amei alguém.

Percebo que eu não fugia de nada do Rio de Janeiro. Não fugia dos fantasmas que herdei da minha mãe, nem dos sentimentos que compartilhei durante toda a minha vida. Fugi de mim mesmo. Fugi do homem que sentiu desejo por Milena, fugi da vida como uma forma de pagar por todas as dores da minha mãe. Minha punição. Foi por isso que fiquei tão animado com a minha transferência.

E, convencido desse sentimento tão real, uma lágrima cai sobre o meu rosto.

Ergo meus olhos enxergando tudo com uma clareza quase enlouquecedora e, de repente, vejo o padre Giovanni retirando a túnica enquanto nos observa, ao lado do altar.

Paro de respirar.

Acho que Aurora repara, porque logo desfaz o abraço e vê onde meus olhos estão pairados. Assim que compreende o motivo do meu enrijecimento, ela se arrasta pelo banco, mantendo distância. Ela ajeita o cabelo, envergonhada.

— Bom, eu... — ela fala para mim. Seu rosto está vermelho e seus olhos molhados. — Eu já vou.

Concordo, sem me mover demais.

Ela se levanta e ouço seus passos até sair da Igreja.

Padre Giovanni espera ela sair para enfim ir à sacristia.

Levanto-me e vou atrás dele.

Não sabia ao certo o que ele viu e nem como interpretou, mas precisava tentar explicar.

Abro a porta e o vejo guardando sua túnica.

— Como está, padre?

Ele não fala, apenas acena com a cabeça.

Pude ver como Eleonora era alguém muito importante para ele.

Mas agora não sabia se a sua falta de fala era pela perda ou pelo acabou de ver.

— Sinto muito pela Eleonora, padre. — Eu já havia dito isso, mas estava nervoso.

Eu sentia de verdade.

Ele concorda e se senta em uma das cadeiras de madeira e, inesperadamente, começa a chorar.

Um choro alto. Desesperador.

É doloroso ver um senhor tão forte como ele colocando tanta dor para fora.

Sento-me ao seu lado e o deixo chorar.

— Há algo que eu possa fazer pelo senhor? — pergunto, quando ele parece se acalmar.

— Consegue trazer Eleonora de volta?

Olho para ele. É visível, quase palpável a dor que dilacera o seu rosto.

— Eu não posso. Eu não posso fazer isso — digo, diante do seu olhar aflito, e, sem muito esforço, capto o que está diante de mim.

— Não cometa o mesmo o erro que eu — diz ele.

Eu encaro o chão, certo das minhas percepções.

Queria dizer que não sei do que ele está falando, mas não faço.

— Eu e Eleonora éramos muito amigos, sabia?

— Não saberia viver sem ela por perto. — Ele solta uma risada baixinha ao se lembrar. — Eu me sinto perdido.

— Nunca disse isso a ela?

Ele me olha aturdido com a pergunta e me arrependo de fazê-la.

— Onde já se viu?! — pragueja com seu jeito turrão. — Eu não precisava dizer. Ela sabia muito bem.

Padre Giovanni amava Eleonora e ela a ele.

Como eu não percebi isso antes?

Perdi as contas de quantas vezes eu a via em sua casa e o jeito tão cuidadoso que ela cuidava dele.

— Ela se casou, teve seus filhos, ficou viúva e eu sempre estive ao seu lado.

— O que faria diferente, padre?

Ele volta a me olhar, profundamente triste.

— De alguma forma eu a prendi a mim. Fui egoísta. Eu a mantive perto apenas para me sentir bem.

— Mas você a amava.

Ele abre a boca para reclamar, mas desiste. E, sem conseguir mentir, concorda com a cabeça.

— O erro não foi sentir amor. O erro foi ser egoísta. Por causa desse amor, Eleonora nunca foi feliz no casamento e nunca conseguiu sair daqui.

Franzo meu cenho. Eu tentava compreender rápido demais uma vida de mais de oitenta anos.

— O senhor nunca pensou em...

Novamente, ele mostra sua carranca.

— Fiz promessas para uma eternidade, padre Filipe. Jamais trairia os

meus compromissos com Deus.

Ele enxuga o rosto e se levanta. Agora parece ter raiva de mim.

— Eu nunca abracei Eleonora daquela forma, Filipe. Lembre-se de quem você é, do que escolheu ser. Não pense só em você. E nunca mais pergunte nada sobre Eleonora para mim. Você não ouviu nada, não é?

— Claro que não, senhor.

Ele caminha pela sala, para no meio e se vira de novo para mim.

— A partir de hoje, eu o manterei ocupado. Nada de ficar por aí arranjando conversa fiada.

Fico paralisado.

— Padre, eu...

— Alguma objeção a minha exigência, padre Filipe? Pelo que sei o Vaticano te mandou aqui com um objetivo, não é? Estou velho e agora estou mais ciente disso. Então, se vai cuidar do meu rebanho, está na hora de começar.



Dias depois

Padre Giovanni cumpriu a sua promessa. Ele me mantém ocupado.

Agora eu tinha visitas marcadas na casa dos fiéis e atualizava os arquivos da igreja no computador. Eram décadas de organização feitas à mão e eu não estava nem na metade.

Não sabia se era bom ou ruim. Estava inquieto e para não agir precipitadamente, deixo os dias passarem porque os que se sucederam a minha chegada foram complexos.

Pensei mil vezes em mandar mensagem para Aurora. Outras mil vezes em perguntar a alguém sobre ela. Mas não fiz e meu coração estava apertado.

Não havia mais passeios pela cidade. Não havia mais fugidas para o Bistrô do Pablo. Não ouvi mais a sua voz doce. Ficar sem ver Aurora era o que me deixava mais angustiado.

A tentativa de me manter ocupado está sendo um sucesso, mas ele sabe que, uma vez dentro do coração, estará para sempre marcado em mim.

Aurora é a dona dos meus pensamentos, dos meus anseios, dos meus desejos carnis, dos meus sonhos. Aurora é a personificação do amor em mim.

Eu ansiava por tê-la por perto a qualquer momento. Mas eu só sentia a distância. Não só física, mas a distância da vida. O que nos impedia de viver esse amor. O imenso abismo que nos impede de estar juntos.

O Padre Giovanni estava mais quieto. Mantém sua firmeza, mas eu consigo ver a saudade que carrega.

Antes da morte de Eleonora eu estava procurando alguma casa para alugar aqui nos arredores, mas desisti por enquanto. Ele precisa de alguém por perto nesse momento. E, em meu benefício, o melhor da situação em continuar morando com ele era a oportunidade de ficar de olho para ver se Aurora aparecia no bistrô. Só a possibilidade de vê-la me deixava eufórico.

Padre Giovanni fez a escolha dele em relação ao que me contou e se punia, não por não ter tido o momento que tanto desejou com Eleonora, mas sim do quanto a deixou presa. Um amor impossível, proibido. Era o que eu tinha. O que eu sentia.

Um amor que nunca havia imaginado na minha vida. Talvez o amor que minha mãe teve pelo meu pai.

Continuo lendo as cartas da minha mãe e conclui que sua dor era mais presente do que havia imaginado. Não era difícil ler frases em que ela se perguntava o porquê do seu abandono. Eu apenas me limito a não ter mais sentimentos ruins pelo homem que fez isso com ela.

Desligo o computador depois de digitalizar mais alguns documentos.

Vou para casa e faço uma ligação via Skype com Milena e Bruno. Eles reparam o meu desânimo, mas falo que é apenas cansaço. Fico feliz por matar saudade dos meus amigos.

Janto a comida que o padre fez e visto a minha roupa de caminhada.

Agora corro antes de amanhecer e de dormir. É bom porque, geralmente, a cidade está vazia e é o tempo que deixo destinado para pensar apenas na minha vida.

Aperto o passo e, apesar de minhas tentativas falhas de me tranquilizar quanto a falta que sinto de algo que nunca foi meu, eu sempre me sinto melhor quando chego até as parreiras de uva. Respiro fundo o aroma da fruta. Aurora tem um pouco desse cheiro. Costumo fechar meus olhos e deixa-la entrar em mim. Não sei por quanto tempo faço isso, mas saio dali com a sensação de que nunca será suficiente.

Passo pelo pátio da cidade, voltando para casa e vejo Pablo, saindo da casa de alguém. Ele me vê e acena no outro lado da rua. Aceno de volta, mas não diminuo o passo largo até que ele me chama.

Eu paro e ele atravessa a rua. Apertamos a mão em cumprimento.

— Como vai, padre? Está sumido.

— Estou bem. Trabalhando bastante dentro da igreja e você, como está?

— Não muito bem. Eu ia até a igreja mesmo conversar com você. Pedir uns conselhos.

Meu coração palpita em antecipação. Ele está abatido. E eu me sentia assim também. Como aconselhar?

— Por enquanto o padre Giovanni ainda mantém tudo voltado para ele em relação a...

— Não. Não queria conversar com o padre, sabe. Não com o Giovanni. Acho que ele não entenderia muito coisas do coração e tal.

Ajeito minha postura.

— E eu sim?

— Eu sei que você é padre também, mas temos quase a mesma idade e você conhece Aurora e... — ele respira fundo e eu perco o ar. — Ela me deixou.

Encaro o chão por alguns minutos e noto um frio subir pela minha espinha.

— Sinto muito.

— Faz alguns dias. Foi na manhã seguinte à festa da Giulia.

Uma alegria me invade e me sinto péssimo por esse sentimento diante da tristeza dele. Eu estou todo errado.

— Será que posso te acompanhar até a praça?

Respiro fundo e concordo. Caminhamos lado a lado.

Eu queria mesmo era poder procurar pela Aurora. A saudade que sinto dela parece triplicar.

— Eu achei que iríamos nos casar, padre.

— É, eu sei — respondo, sem saber do que estou falando.

— Eu achava que nossa relação era perfeita.

Concordo com a cabeça.

— Ela sempre dizia que eu era legal porque não a perturbava. Nunca dormi na casa dela porque Otto não gostava e eu entendia. Não nos víamos todos os dias porque ela sempre trabalhava demais. Não disse para ela que achava besteira fazer curso na Europa e sei lá onde. Eu nunca...

— Por quê? — pergunto.

— Por que o quê?

— Por que nunca disse para ela que achava besteira ela estudar fora?

— Porque ela não iria gostar. Todo mundo sabe que Aurora vai ser a dona de toda a Casa Fontenelle. Ela não precisa sonhar em ir lá pra Europa e fazer o mestrado. Não é porque não me importo com ela, padre. É porque sei o trabalho que ela tem e isso só iria deixá-la mais esgotada.

Paro de andar. Uma súbita raiva do que ele acabou de dizer me domina.

Ele não se importava com os seus sonhos.

— O que você quer que eu fale, Pablo?

Ele para de andar também e levanta os ombros.

— A verdade.

— Você não foi verdadeiro com ela — digo rispidamente.

Ele franze o cenho.

— Como não fui?

— Você apenas foi aceitando tudo sem mostrar que se importava.

Deveria dizer o que achava.

Ele aperta os lábios e concorda com a cabeça.

— Eu sempre tive medo de perdê-la. Essa é a verdade.

— E acabou perdendo. Infelizmente as coisas não acontecem sempre do jeito que queremos.

— Eu quero reconquistá-la, padre. Quero provar que eu posso mudar. Que eu posso ser um bom marido no futuro, um bom pai. Eu vou passar a dizer o que penso. Vou exigir coisas. Vou mostrar interesse. Vou amá-la do jeito que eu quero e posso. Eu amo aquela mulher, padre, e sei que não há ninguém no mundo mais perfeito para isso do que eu.

A última frase de Pablo quase me faz ir para trás.

Repito-a em meus pensamentos, deixando-a destruir meu coração e percebendo todo o estrago que faz dentro de mim.

Não há ninguém no mundo mais perfeito do que ele.



*“E mesmo que em ti me perca
Nunca mais serei aquela
Que se fez seca
Vendo a vida passar pela janela”
Maria Gadú - Quando fui chuva feat. Luis Kiari*

— O que faz aqui? — Abro a porta da minha casa e encontro Filipe.
Não sei que horas são, mas as luzes da mansão estão todas apagadas e posso apostar que todos estão dormindo.
Filipe me olha entristecido e faz o meu peito se contrair.
Sua dor parece a minha.
— O que foi, Filipe? Aconteceu alguma coisa?
Fecho meu roupão ao sentir o vento gelado entrando pela porta.
Eu queria perguntar como ele chegou até aqui, mas não faço.
— Eu precisava te ver — responde tremendo.
Respiro fundo e pego sua mão para que entre. Ele está gelado e veste apenas uma camisa de manga curta.
Fecho a porta com rapidez.

— Você está congelando.

— Eu não me importo — diz ele em um sussurro.

Ele encara o chão e eu dou dois passos até quase grudar meu peito em seu abdômen.

— Por que está aqui, Filipe?

Ele ergue os olhos até os meus.

— Eu precisava te ver e...

Eu sorrio um pouco e passo a mão sobre seu peito, sua reação ao toque me comove. Ele fecha os olhos e respira melancolicamente. Quase parece sentir dor.

Filipe abre os olhos novamente e me encara por um momento.

Eu queria dizer alguma coisa, mas sua boca vem ao encontro da minha e o único som que faço é um gemido de prazer.

Ansiei tanto por ele que todo o meu corpo dói. Calor e desejo se amontoam em mim.

Jogo minhas mãos em seu cabelo e pressiono meu corpo contra o dele. Nossos lábios estão apressados enquanto a paixão dentro de nós transborda.

Ultrapassando o desejo, ele morde meus lábios e meu queixo. Gemo novamente quando seus beijos se movem para o meu pescoço. Fecho os olhos e deixo a cabeça cair para trás.

Até que seus lábios param de me tocar ele e segura meu rosto entre suas mãos.

— Eu te...

Ouçõ a porta bater. Filipe me solta.

A porta bate novamente e, mais uma vez.

Até que eu acordo.

Filipe desaparece e eu estou deitada na minha cama.

Abro os meus olhos com a respiração rápida e me sento na cama.

Era um sonho. Apenas um sonho.

Sentindo um aperto no coração, deixo uma lágrima cair, diante da idealização louca que ando sentindo.

Eu não aguento mais isso!

Ouçõ a porta do meu quarto bater novamente.

— Filha! Está acordada? — Minha mãe pergunta do outro lado da porta.

Levando-me da cama, enxugando o rosto. Não quero que ela me veja chorando. Explicar o motivo está fora de cogitação.

— Sim, mãe. Vou só tomar um banho.

— Você tem visita. Não demore.

— Visita?

Ela não responde.

Abro uma brecha da porta com pressa, mas ela já não está mais ali.

Será Filipe?

Meu coração dispara.

Será que ele entendeu o que está acontecendo?

São em momentos que nos sentimos com remorso que cogitamos inúmeros cenários e hipóteses do que poderíamos ter feito. E se...? E se? Tudo o que consigo pensar no momento é: E se eu tivesse falado? Ter sido sincera, expressar abertamente os seus sentimentos.

A condição do Filipe não me permitiu ir além, nem ao menos me deixou ligar ou procurar por ele durante esses dias. Essa não era uma escolha minha.

Não está sendo fácil. Enquanto os dias passam, eu vou deixando o sentimento de vazio maior que o mundo viver dentro de mim. Agora, até nos meus sonhos ele mora.

Como posso sentir tanto a falta dele? É um sentimento tão louco, tão intenso e, ao mesmo tempo, tão desconhecido, que parece que tenho dependência dele. A forma como Filipe preenche o vazio que me acompanha e me incomoda é quase inimaginável. É algo que nunca senti antes em minha vida.

É o amor. O tal amor que tanto falavam e eu nunca havia provado. O amor que tira o meu fôlego, que me faz sentir especial, que me faz sentir viva e querer a cada momento viver ainda mais.

No meu caso, no meu amor há sofrimento. Não nos sentimentos que foi crescendo. Não no quanto eu o admiro e no quanto estou ligada a ele. Mas nos motivos que nos impedem de viver esse amor.

Deus, eu queria estar ao lado dele o tempo inteiro!

O sofrimento é não poder fazer isso. É o amor proibido. Isso dói. Dói demais.

Tomo um banho rápido. Ajeito meu cabelo e imagino mil razões diferentes para que ele possa ter vindo até aqui. Passaram-se dias e eu me mantive distante para que ele compreendesse tudo.

Coloco a mão em meus lábios e fecho meus olhos. O sonho havia sido tão real. Eu ainda podia sentir a quentura da sua boca.

Respiro fundo. Giulia tem entrada aberta na casa. Ela mesma viria bater insanamente a porta do meu quarto. Não seria sobre o trabalho. Otto anda controlando de perto os meus dias de descanso. Só pode ser Filipe.

Saio do quarto com o coração na boca e, chegando à sala, parece que tomo um banho de água fria sobre a cabeça. Pablo está sentado no sofá, recebendo um copo de suco da minha mãe.

Deixo meus ombros caírem um pouco.

Eles me veem.

— Deixarei vocês conversarem sozinhos — diz minha mãe, olhando para mim. — Otto está na vinícola para os preparativos do lançamento do vinho no final de semana que vem e eu vou fazer compras em Bento, tudo bem?

Aceno com um sorriso forçado.

— Tchau, Pablo — diz ela, dando um beijo na bochecha dele e recebe outro. — Espero vê-lo na festa da Aurora, hein?

— Com certeza, senhora Fátima. Obrigado.

Ela sorri satisfeita e, antes de sair, me olha com um sorriso encorajador. É incrível ver como ela é a maior defensora da minha relação com Pablo. E eu só queria entender o motivo.

Ele coloca o copo de suco sobre a mesinha e se levanta.

— Oi, Rory.

— Oi, Pablo? Como está?

A primeira pergunta que eu queria fazer era: o que está fazendo aqui, Pablo? Nós não nos falamos desde que terminamos.

Aponto para o sofá para que ele volte a se sentar. Faço o mesmo, na poltrona da frente.

— Eu queria dizer que estou bem.

— Pablo, nós...

— Eu sei. Sei que terminamos. Eu entendi tudo, Rory. E eu te entendo. Juro que entendo o porquê terminamos.

Respiro demoradamente. Eu não queria fazer isso de novo.

— Eu senti tanto a sua falta. Tanto, Rory. Queria poder fazer tudo diferente.

— Nós já conversamos, Pablo.

A verdade é que eu sinto um carinho enorme por ele. Por todos os anos que ficamos juntos.

— Olha... — Ele se levanta e fica na minha frente, agachando-se até se ajoelhar. — O meu amor por você é tão grande que pode ser suficiente, por enquanto. Eu não sou louco, Rory. Eu sei que você gosta de mim e eu posso esperar.

Recuando o corpo para trás e levanto um dedo em advertência.

— Não faça isso, por favor, Pablo.

— Eu que te peço: por favor. Me deixe falar tudo o que sinto. Eu te amo. Eu quero poder cuidar de você. Quero poder me casar com você... — Seus olhos castanhos claros ficam molhados.

Meu coração dispara em quase um desespero. Eu não quero que ele faça isso.

— Eu errei. Errei porque não sabia o que fazer. Eu sempre quis ficar ao seu lado o tempo todo e, por mais que eu ficasse chateado por não a ter por perto, eu nunca reclamei, nunca disse o que eu pensava. — Ele pega a minha mão.

— Pablo...

— Talvez tivéssemos brigado mais — continua, sem parar. — Talvez tivéssemos mais tempo juntos. Talvez eu tivesse participado de mais coisas da sua vida. Deixei você entrar na minha, mas não me forcei a entrar na sua. Eu errei. Errei, Rory, mas tenho uma vida inteira para mudar isso. — Ele sorri e busca ar. — Ele disse que eu conseguiria te reconquistar. E que seria a coisa certa a fazer vir falar com você. Por isso estou aqui. Para dizer com sinceridade todas as minhas intenções. Ele estava certo por que... — Ele respira fundo. — Olhando para você, eu tenho a certeza que sim.

— O que você disse? — pergunto.

— Que eu te amo.

— Não, não. Quem disse para você vir aqui?

— Eu estava desesperado. Conversei com o padre Filipe e foi ele que me incentivou. Espero que não se importe, eu...

Arrasto a poltrona para trás e levanto-me, soltando sua mão da minha.

Filipe? Filipe falou para Pablo tentar retomar o namoro comigo?

O gosto da desesperança invade todo o meu corpo.

Parece que o chão embaixo de mim se abre e eu caio em um abismo infinito.

Parada, de costas para Pablo, tampo minha boca com as mãos trêmulas.

— Por que o Filipe fez isso? — sussurro, mas ele ouve.

— Ué, ele é padre. Pedi alguns conselhos ontem e foi muito útil por que...

Viro-me para ele, que franze o cenho.

— Não chore, Rory. Eu não quero que você chore — diz ele, vindo para perto.

Nem eu tinha percebido que estava chorando.

Enxugo o rosto com pressa, tentando engolir, sem sucesso, o nó alojado na garganta.

— Desculpe, Pablo, mas eu...

— Por favor, não responda agora... — Ele pede desesperado com a mão.

— Me dê a chance de reconquistá-la. Eu posso fazê-la feliz, Rory. Eu posso. Apenas confie em mim.

Não consigo abrir minha boca.

Meu mundo parece ter saído de órbita.

Ele pega algo na calça e estende para mim. Fixo o olhar na caixinha preta em sua mão.

— Comprei para te dar no dia em que te pedi em casamento. Não posso mais ficar com ele, Rory. — Ele abre a caixinha e dentro vejo um lindo solitário com uma pedra de topázio branco. — Toma. — Ele estende para mim.

Nego com a cabeça, dando um passo para trás.

— Não estou pedindo para que coloque no dedo. Estou pedindo para que fique e pense nele e no meu pedido. Pense em quanto posso te fazer feliz.

Ele pega minha mão e coloca o delicado anel na palma e fecha meus dedos.

Pablo aperta os lábios, me dá um beijo na bochecha e, sem dizer mais nada, se move em direção à porta, deixando-me sozinha.

Abro a minha mão e fecho os meus olhos sentindo demais por tudo aquilo.

O que você está fazendo, Filipe?

Eu choro. Choro mais uma vez e quando retomo a consciência sei exatamente o que fazer.

Vou até o meu quarto, coloco o anel sobre a minha cabeceira, pego minha bolsa e as chaves do *Sun*. Eu preciso falar com alguém. Eu preciso colocar para fora antes que eu exploda. E só tinha uma pessoa que eu poderia contar toda essa loucura.

Enxugo meu rosto, desço as escadarias da mansão e entro na minha caminhonete. Coloco a chave na ignição tremendo. O *Sun* não pega.

— Não é hora disso, *Sun*. Por favor, colabora.

Tento mais duas vezes e ele só faz barulho, mas o motor não pega. A ideia de pegar o carro novo não me agrada.

— Algum problema, Aurora? — Tomo um susto quando vejo Mattias, um dos nossos empregados da vinícola, o homem que sempre está por perto nos meus momentos mais insanos.

Deixo meu corpo cair sobre o encosto do banco.

Faço que sim com a cabeça. Mattias e suas perguntas que quase me fazem desabar.

— Todos do mundo, Mattias.

— A senhorita precisa de ajuda? — Seu olhar é de complacência.

— A caminhonete não está pegando e eu preciso muito sair.

— Abra o capô. Vou dar uma olhadinha.

Faço o que ele pede e ele retira sua boina e vai até a frente do *Sun*. Mattias olha por dez segundos o motor, fecha o capô e volta até a minha janela.

Franzo o cenho Ele não teve tempo de fazer nada.

— Respire fundo, Aurora — pede e fico sem entender nada, mas, diante do meu estado emocional, faço o que ele pede. — Agora ligue o carro novamente.

Incrédula, giro a chave mais uma vez e, para o meu espanto, *Sun* pega de primeira.

Arregalo os olhos surpresa e Mattias sorri para mim.

— Obrigada, Mattias.

— Não me agradeça, Aurora. As coisas sempre acontecem para quem merece. É só ter fé e paciência.

Agradeço novamente e saio entre as parreiras até chegar ao prédio de visitação da vinícola.

Por sorte, encontro Giulia na entrada.

— Ah, oi... — diz sorridente. — Eu ia te ligar hoje pra...

— Giulia, você tem algum tempo? — pergunto e ela repara que é sério.

— Não, mas posso falar com o Gael pra me substituir. Só preciso encontrá-lo e...

Olho para a atendente do prédio na bancada e eu aviso que Giulia estará indisponível, para ela avisar ao Gael.

Vamos para o andar superior e entramos em um dos escritórios do Otto e tranco a porta.

— Ei... isso é sério mesmo? O que aconteceu? — pergunta Giulia atinada.

— Prometa que irá ouvir e não vai me criticar? Eu faço isso por mim mesma, não quero carregar mais culpa — peço e ela se espanta.

— Agora estou preocupada.

— Promete?

— Claro que sim.

Respiro fundo com o coração batendo forte. Ter sentimentos pelo Filipe é algo estarrecedor, mas revelar esse segredo para alguém era ainda mais apavorante.

— Eu estou apaixonada.

Ela arregala os seus grandes olhos verdes, e depois solta um sorrisinho.

Não sei qual é a graça.

— Ah! Eu sabia que quando você terminasse com Pablo iria sentir falta, Rory. Fica tranquila porque o cara é doido por...

— Não! Não, Giulia. Não pelo Pablo.

Ela se espanta mais uma vez e coloca as mãos na cintura.

— Como assim? Você está saindo com alguém e nem me contou?

— Não. Eu não estou saindo com ninguém.

— Agora não estou entendendo mais nada.

— Estou apaixonada pelo...

— Pelo?

— Pelo Filipe.

Seus olhos abrem ainda mais e sua boca faz um ‘ó’ imenso.

Viro-me e coloco as mãos nos cabelos.

— Espera! — pede com a mão. — Eu não entendi direito. Você está apaixonada por um Filipe. E... — ela diz devagar. — Filipe não é o novo padre de Monte Belo, não é? — Ela faz uma careta com medo da minha resposta.

Volto para perto dela e faço que sim com a cabeça.

— Ele mesmo.

— Você está louca?

— É. Eu acho que estou.

— ELE É PADRE, AURORA!

Peço um gesto para que ele fale baixo.

— Você mesmo estava dando em cima dele e...

— Mas era uma brincadeira, eu jamais iria... Meu Deus, Aurora! Onde você está com a cabeça?

— Num lugar sombrio.

— E?

— E o quê?

— Aconteceu alguma coisa entre vocês?

— Giulia! Ele é padre!

— Ah! Então você se recorda disso, não é?

— Eu acho que não pensei muito e fui me encantando por ele.

— E ele?

— Eu não sei, eu... estou perdida. Eu não consigo parar de pensar nele, Giulia. É uma coisa tão louca que parece que eu preciso dele para sorrir, para fazer sentido a minha vida.

— Você o ama! Jesus me acuda! Você ama o padre?

— Eu não sei, eu... — arfo longamente. — Se isso não é amor, minha amiga, eu não sei o que é.

— E ele? — repete.

— Eu pensei que ele sentisse a mesma coisa. Eu percebi no seu olhar, eu... Na verdade, eu não sei mais de nada. Ele aconselhou Pablo a ir até a minha casa e pedir para voltar. Eu estou confusa. Não fui clara o suficiente. Eu não disse a ele as coisas que estou sentindo, eu...

— Calma, Rory. Você precisa de calma — pede, mas nem ela consegue fazer isso e se vira de um lado para o outro.

— Eu preciso dele.

Ela aperta os lábios.

— Ele é padre, Rory. P.A.D.R.E.

— Eu sei, eu...

Eu sento no pequeno sofá de canto.

— Eu precisava desabafar, Giulia. O que acha que devo fazer?

— Deve ir até ele e falar tudo.

— Falar que eu o amo? Pedir para ele deixar abandonar a sua batina?

— Não peça isso. Essa uma decisão que só cabe a ele.

Concordo com o coração apertado. Diante do que ele fez Pablo fazer, sinto medo.

— Como dizer que eu o amo sendo que ele não pode... não pode me tocar, não pode me ter...

— É. Ele é padre, mas antes disso, ele é homem. Eu cheguei a ver os olhares entre vocês, mas confesso que não pensei muito sobre isso. Até porque é surreal.

— Como deixei isso acontecer, Giu?

Ela levanta os ombros.

— Sei lá. Não é uma resposta difícil, Rory. Filipe é lindo e é gente boa e... tem todo aquele jeitinho formal e as palavras bonitas e... é um príncipe.

Abaixo minha cabeça novamente.

— Estou que nem bala perdida, sem rumo.

— Só cuidado para não ferir pessoas inocentes.

— Não há inocentes nessa história, Giulia. Todos nós sabemos do risco que estamos correndo. Estamos em zona de guerra e levar um tiro é inevitável.

— Vai até ele! — incentiva ela.

— Não posso.

— Claro que pode.

— Não posso fazer isso.

— Você pode dizer o que sente e pronto. Ninguém é obrigado a nada, Rory. Ele pode largar a igreja.

— Essa é a vida dele.

— É, mas você vai querer ficar remoendo isso a vida toda? É melhor sofrer por algo que tentou do que nunca ter tentado. A escolha será dele. Apenas dele.

— Você acha mesmo?

Giulia senta ao meu lado.

— Amiga, eu já teria agarrado o homem na primeira vez que sentisse que ele nutria algo por mim. Estou falando para você fazer o certo. Não por ele. Por

você. Assim você terá feito a sua parte e... — ela suspira — Seja o que Deus quiser.

Deus.

Deus não estava ao meu lado.

Ou fui eu que resolvi abandoná-lo por tantos anos?

Seguindo os conselhos de Giulia, parto para Monte Belo do Sul com o coração na mão e uma esperança quase morta dentro de mim.



*"O Senhor é o seu protetor;
como sombra que o protege,
ele está à sua direita."
Salmos 121:5*

A cada instante fico tentando me perdoar por sentir saudades daquilo que nunca aconteceu. Fico tentando encontrar alguma solução para algo que parece ser irremediável.

Aliás, era duro admitir o amor que sinto por Aurora. Era o segredo da minha vida. O segredo mais nebuloso e belo que já tive.

Ouvir Pablo contar dos planos com ela me fez cair na realidade dolorosa dos fatos. Tudo que ele disse, todas as promessas de fazê-la feliz, era o que eu sentia vontade de fazer, mas que jamais poderia.

Ele a amava. Não sei o quanto, mas se chegasse perto do que eu sinto, era certeza de que ele conseguiria cumprir o papel muito bem.

Aurora é linda e merece um homem que pode dar a ela tudo o que eu não posso.

Em que momento eu deixei de pensar assim? Em que momento eu me fiz de cego e não percebi as barreiras que nos impediam?

Eu me deixei levar por todo o encantamento e por tudo que me ligava a ela, mas não pensei nas consequências. Deixar a batina não é como trocar de emprego, sair de um banco e ir para o outro. É deixar para trás uma opção de vida, os votos feitos, o comprometimento assumido. É me deixar morrer um pouco. Eu não posso fazer isso. Não posso largar algo que minha mãe teve tanto orgulho.

Por que tudo tem que ser tão complicado?

Aurora poderia ter aparecido antes, poderia ter entrado na minha vida quando eu tive dúvidas.

Quando tive o embate com Milena sobre a minha escolha, no fundo, eu não tinha dúvidas da minha vocação. Deus sempre falou comigo através das minhas orações e eu sempre me deixei ser guiado por Ele.

Eu sei também que é incoerente comparar o que senti por Milena e o que sinto por Aurora. O que eu sinto por Aurora vai além do que eu imaginava significar o amor entre um homem e mulher.

Amá-la é tão fácil. Tão simples. E me apaixonar não estava nos meus planos quando saí do Rio de Janeiro, não estava nos meus planos de vida, mas aconteceu. E, agora, arrancar esse sentimento em mim será a tarefa mais árdua da minha vida. Aliás, será excruciante e, sendo honesto comigo mesmo, duvidava do sucesso em esquecê-la. Eu precisava me agarrar em algo.

Aconselhar Pablo a reconquistá-la foi, com certeza, a coisa mais difícil que eu fiz na vida, embora fosse a correta.

O que minha mãe pensaria de mim? Deus em primeiro lugar. Sempre.

Meus votos foram feitos com convicção e com toda a fé que tenho dentro de mim. *Quando eu fui esquecer disso?*

Eu não poderia me perder ainda mais, por mais que doa tanto. Por mim, por ela. Por tudo que eu poderia causar.

Eu não condenaria Aurora a um amor que jamais se tornaria concreto. Ficaria apenas guardado no coração. Sem os toques que eu anseio, sem beijos que eu sonho, sem o futuro que eu cheguei a imaginar.

Preparo o café da manhã e me arrumo para ir à igreja. Padre Giovanni saiu mais cedo para rezar uma missa na comunidade de Santa Bárbara.

Antes de sair de casa, ouço a porta bater.

Pego minha mochila, pronto para sair e abro a porta.

Para minha surpresa, Milena me vê e abre um sorriso. Ela retira os óculos escuros do rosto e abre os braços.

— Olá, mocinho!

Eu fico espantado com a sua presença e a abraço apertado.

Era bom abraçar um amigo.

— O que faz aqui?

— Como o que estou fazendo aqui? Tirei alguns dias para trabalhar *home office*, comprei uma passagem pra Porto Alegre e aluguei um carro pra chegar aqui. Eles nem sabem que eu saí do Estado — Ela sussurra a última frase. — Eu e o Bruno estávamos preocupados com você. As últimas vezes que te vimos no Skype achamos você um pouco... hum... tenso.

— Eu deveria te dar uma bronca por vir e não me avisar, sabia?

— Eu sei, mas resolvi arriscar. E aí, não me chama pra entrar?

Abro espaço para que ela entre.

Milena guarda os óculos na bolsa e analisa o lugar.

— Casa de madeira.

— Aqui é comum.

— É. Eu vi na estrada. Que cidadezinha fofa, Filipe. Mas...

— Mas?

— Jamais conseguiria viver em uma cidade tão pequena. Você sabe, não é? Eu sou muito urbana.

Ela me olha.

— O que está acontecendo? Por que está assim?

— Eu estou bem, Milena.

— Eu te conheço desde criança. Não minta pra mim.

Alguém bate na porta.

Milena olha o celular dela.

— Olha, eu vou para o hotel lá em Bento Gonçalves fazer *check-in*, deixar as minhas malas e resolver alguns problemas do trabalho. Estão loucos sem mim. — ela torce a boca. — Vim direto para cá para te ver, mas como vi que está vivo e com saúde, então posso respirar com mais tranquilidade. Podemos jantar juntos? Acho temos muito que conversar.

— Claro que sim.

— Vou querer respostas para tudo.

Aperto os lábios e concordo. Eu não estou tão certo disso, mas estou feliz por ela estar aqui.

— Pretende ficar muito tempo? — pergunto.

— O suficiente pra saber que você esteja bem.

Eu sorrio.

— É mentira. Tenho até domingo. Bruno não conseguiu folga e... não fico muito tempo sem o meu maridão. — Ela faz uma careta.

Novamente batem na porta.

— Ih — Ela aponta para a porta. — Vou aproveitar e ir embora. Preciso de um banho e trabalhar. Você já comprou um carro?

— Ainda não.

— Então eu venho te buscar. Não conheço nada aqui. Escolha o restaurante, por favor.

— Deixa comigo.

Ela caminha até a porta e eu a abro.

Do outro lado está Aurora.

Sinto o sangue correr pelo meu corpo com força. Seu olhar vai de mim para Milena.

Ela ajeita a postura e quase perco meus sentidos.

Que saudade eu estava dessa mulher. Que saudade de vê-la.

Tento não demonstrar a euforia fisicamente.

— Oi, Filipe, eu queria falar com você, mas posso voltar mais tarde.

Milena vira a cabeça devagar na minha direção e sorri um pouco.

— Oi, eu sou Milena, prazer... — Ela estende a mão para Aurora, que a cumprimenta.

Vejo Rory franzir o cenho.

— Sou Aurora.

— Milena — digo nervoso. — Aurora é uma amiga. Mora aqui na região.

— Ah! Que legal. Prazer.

— Rory, essa é minha amiga do Rio de Janeiro, Milena — apresento-lhes.

Pelos olhos de Aurora, percebo que ela consegue se lembrar da nossa conversa. Que Milena teria sido minha namorada antes de eu escolher seguir na vida sacerdotal.

Por que contei isso?

— Prazer em conhecê-la também — diz Aurora.

Ficamos ali, os três, mudos.

Até que Aurora dá um passo para trás.

— Eu posso voltar depois.

— Não — fala Milena. — Eu estava mesmo de saída, Aurora. — Ela passa por Rory, descendo os poucos degraus da casa.

De costas para Aurora, ela me olha e aperta os lábios. Acenando.

— Te vejo mais tarde?

— Combinado.

Vemos Milena entrar no carro prateado e partir após uma buzina e um *tchauzinho* com a mão.

— Essa Milena é...

— Sim, essa é aquela Milena.

Ela arqueia as sobrancelhas.

— Uma grande amiga — ênfase.

Ela faz que sim, abaixa o olhar e volta para mim.

— Preciso falar com você, Filipe. — Seu rosto tem um leve rubor.

Meu coração soca meu peito com força.

Olho de um lado e para o outro. A praça está vazia e, sem pensar demais, pego sua mão e a levo para o anexo, ao lado da igreja, abro a sala que fica a organização da igreja e a fecho.

— Eu não posso entrar na sua casa?

— A casa não é minha. Seu carro está estacionado na frente e todo mundo a conhece, Rory. Você, mais do que ninguém, sabe que cidade pequena as paredes têm ouvidos e olhos. E padre Giovanni não está em casa.

— A Milena entrou.

— Eu não me preocupo comigo, Aurora.

Ela concorda, compreendendo a minha preocupação era apenas com o que falariam dela.

Ficamos alguns passos de distância um do outro. Uma distância segura.

Ela está parada. Totalmente inerte. Calça jeans, camisa preta de bolinhas brancas e sapatilhas. Seu cabelo está preso em um rabo de cavalo e seus lábios acompanham o tom das suas bochechas.

Fecho os meus olhos e respiro fundo.

— Milena parece ser uma mulher legal.

— Ela é.

Rory faz que sim e sinto que ela está desconfortável.

— Por que mandou o Pablo fazer aquilo? — pergunta. Sem rodeios.

Seu rosto não tem o sorriso que tanto amo ver.

— O que ele fez? — indago baixinho.

— Não finja que não sabe. Ele me deu um anel! Ele quer recomeçar.

Abaixo o olhar com a certeza do que foi feito.

— Sou padre, Aurora. Dei o conselho que ele pediu.

— E em mim? Não pensou em mim?

Volto a olhar para ela.

— O tempo inteiro. Deus, o tempo inteiro.

Pareço perder o duelo duro dentro de mim.

Ela se aproxima e eu sou incapaz de fugir dali.

— Você não pode achar que Pablo me faria feliz. Que eu o aceitaria de volta apenas porque você pediu. Eu jamais faria isso com ele. Porque eu amo você.

Pisco algumas vezes ao ouvir o que ela acabou de dizer.

— Eu amo você, Filipe — repete.

— Como você pode ter certeza disso? — Tento me manter imparcial, mas é uma tarefa quase impossível diante de tudo o que sinto.

Ela sorri e prende os lábios com os dentes, contendo muitos sentimentos no gesto.

— Da mesma forma que sei você também me ama.

Nego com a cabeça, sem conseguir olhar para ela.

— Diz pra mim, Filipe. Diz que sou maluca e que você não sente o mesmo.

Não consigo falar isso. Não consigo mentir dessa forma.

— Senti sua falta. — Me limito a dizer e, no mesmo segundo, me arrependo. Não consigo olhar diretamente em seus olhos.

— Eu esperei por você. Esperei por algo que nem sei o que é.

— Você não consegue ver, Aurora? Não consegue ver a que ponto nós chegamos?

Ela respira profundamente e percebo a sua tentativa frustrada de regular a respiração.

— Eu consigo, Filipe. Consigo ver perfeitamente.

Aurora se aproxima ainda mais, levanta devagar sua mão e toca meu peito, em cima do meu coração. Seu toque me causa espasmos. Como se eu estivesse levando um choque. Eu queria cobrir sua mão na minha e deixá-la presa rente a mim para todo o sempre.

— A única certeza que tenho nesse momento é que estou fazendo tudo errado — sussurro. — Errado com você, errado com os compromissos que fiz. Errado com Deus.

— Errado? — ela nega, com os olhos cheios de lágrimas e um sorriso casto nos lábios. — Eu tenho poucas certezas no mundo e, acredite Filipe, eu gosto disso. E uma dessas certezas é que o amor não é errado. Seja qualquer tipo, forma, maneira e condição que ele exista. É tão lindo, tão prazeroso. Não é errado quando ele é tão verdadeiro e singular. Você é um homem lindo. Por dentro e por fora e eu precisava deixar isso claro para você. Preciso seguir sabendo que você soube disso.

Fecho os meus olhos como se o que ela havia acabado de dizer não fizesse sentido, mas eu sabia perfeitamente que era ao contrário. Nunca havia ouvido algo que me tocasse tanto.

A animação dentro de mim se fixa no meu coração que está totalmente fora de ritmo em um batuque frenético. Eu também a queria com todo o meu corpo e a minha maldita alma pecadora.

Eu deveria ter resistido. Resistido a cada passo avançado, a cada olhar

proibido, a cada canção da hipnótica melodia que sai da sua boca, das risadas fáceis, das palavras sinceras. Deveria ter parado enquanto o sentimento era novo e desconhecido. Eu deveria, mas não o fiz.

Não deixei de aproveitar cada sorriso, cada nota musical mágica que emana da sua doce voz, das coisas que nos unem, das dores que nós compartilhamos, da amizade simples e descomplicada. Eu estava em um combate árduo o tempo inteiro. Combate com os meus próprios sentimentos. Eu perdi.

Deus, perdoe-me, eu perdi!

Desfaço o último e pequeno espaço entre nós e encosto minha testa na sua. Respiro fundo querendo sentir todo o seu cheiro que tanto amo.

Nego para mim mesmo, e expresso em negação com a cabeça, sob os olhos atentos dela.

— Eu só posso te dar a minha amizade, Rory. Desculpe, mas é a única coisa que posso te oferecer, nada além disso.

Sua fisionomia me devasta e ela aperta os lábios, piscando várias vezes, fazendo que sim com cabeça, agora, sem olhar em meus olhos.

— Tudo bem. Eu compreendo... eu... eu só precisava deixar claro para você os meus sentimentos.

Ficamos ali, com os olhos grudados um no outro. Tantas coisas se passam na minha cabeça.

— É melhor eu ir. — Ela se vira para me deixar.

— Aurora... — Chamo-a, sem saber o motivo. Quando ela se volta para mim eu apenas queria me desculpar e tirar a dor dos seus olhos, por tudo.

— Peça, Filipe. — Sua voz soa embargada, como se algo impedisse dela expressar com clareza. É o choro que ela tentava conter. — Por favor, eu só preciso que você peça para eu não ir embora daqui.

Seus olhos estão suplicando tanto quanto a sua voz e eu estava enfim no último *round* de uma luta onde entrei e sabia que teria grandes desafios a serem ultrapassados desde o momento em que olhei no fundo dos seus olhos e fui fisgado pela luz que ela emana.

Deus, eu não posso.

— Eu não posso. Preciso que entenda. Eu jamais poderei dar a você o que Pablo poderá. Minha história está ligada à igreja para sempre

Encontro o último vestígio de razão que ainda continua em meu ser.

— Você não pode ou não quer, Filipe?

Pisco meus olhos um pouco mais devagar. Eu sabia que essa conversa teria que acontecer. Uma hora ou outra chegaríamos até aqui. Não havia mais como estender algo que estava tão presente entre nós.

— Eu não posso, Rory. Não posso. — Eu precisava ser sincero com ela. Dizer a verdade.

Eu a quero, mas não posso.

A lágrima que ela segurava agora escorre rapidamente sobre o seu delicado rosto e a vejo engolir com certa dificuldade, enquanto sacode um pouco a cabeça em afirmação, visivelmente constrangida.

Engulo em seco e abaixo meus olhos. Com o meu silêncio ela apenas enxuga mais uma vez o seu rosto.

Meu coração fica tão acelerado que sinto cada batimento passar pela minha corrente sanguínea. É a primeira vez que estamos falando tão francamente sobre algo que estava nos acompanhando há tanto tempo.

Eu acho que não evitei o suficiente. Não poderia ter deixado chegar a esse ponto. Mas como negar? Como negar essa conexão, sendo que desde o primeiro momento que a vi, percebi que jamais conseguiria esquecê-la. É tão complicado se desprender de promessas divinas, como se o certo fosse simplesmente me render ao que sinto, mas que com essa entrega eu estaria sendo cruel e indo contra tudo que eu lutei e quis na vida.

— Se Deus me desse uma chance de viver outra vez, Filipe, eu clamaria por ter você.

— Não temos outra chance, Rory. Deus nos deu uma única vida.

Ela sorri. Um sorriso nervoso com olhos encharcados. Algum sentimento sombrio passou pelo seu rosto. Foi apenas por um segundo, e naquele momento eu vi uma tempestade nascer dentro dela, uma dor aterrorizante.

— Não diga isso... — Seu olhar cai em tristeza. — Por favor, não diga. Eu preciso me apegar em algo.

Sem mais me controlar, eu a abraço. Eu a abraço como sempre sinto vontade. Como eu a abracei na praça, como eu abracei aqui na igreja.

É o máximo do que eu posso. O máximo que já está ultrapassando todos os limites.

Ela se afasta um pouco e me olha nos olhos.

E, sem conseguir me mover, Aurora parece ficar na ponta dos pés e, sem que eu espere, ela gruda seus lábios nos meus.



*“Sei lá o que te dá, não quer meu calor
São Jorge, por favor, me empresta o dragão
Mais fácil aprender japonês em braile
Do que você decidir se dá ou não”
Djavan – Se*

Encostar meus lábios nos dele é o gesto mais genuíno que fiz em toda a minha vida. O mais real e verdadeiro.

O gosto dos seus lábios é igual ao dos meus sonhos.

Até que Filipe me afasta, sem corresponder, chocado com o meu descontrole.

Seus olhos azuis me encaram e eu me encolho.

— Não faça isso, Aurora. Eu sou padre e viverei assim o resto da minha vida.

Ele solta meus braços e oscila para longe de mim, ficando de costas. Fico parada, sem conseguir perceber em que ponto eu perdi a razão. Eu sabia o quanto ele também estava brigando consigo mesmo.

— Desculpe.

— Você tem noção do que fez? — Ele se volta para mim. Tinha certa

raiva em seu tom de voz. — Isso não pode acontecer de novo. Ouviu?

Pisco algumas vezes, evitando as malditas lágrimas que queriam sair e, levanto o rosto.

— Então não faça escolhas por mim! — esbravejo diante da sua exaltação. — Eu não ficarei com Pablo só porque quer e porque você não pode. Eu sou dona da minha vida. Se não quer que eu faça isso, não chegue perto! Não fale comigo! Não se meta na minha vida! Desculpe, mas eu não posso ser só a sua amiga. Eu não tenho e não quero ter maturidade pra isso! Você ouviu?

Filipe altera sua feição de raiva e aperta os olhos. Vejo seu peito descer e subir com pressa. Compartilho dessa sensação, mas a percepção imediata que tenho é que isso não mudaria nada.

Ele não largaria tudo por mim e, por mais que esse fosse o meu desejo, jamais imploraria por isso.

Com essa certeza, eu corro.

Logo eu, que nunca me senti tão vulnerável, fujo para não encarar a realidade do amor não correspondido.

Entro no *Sun* como se fugisse de um fantasma. Mas não era. Era apenas eu constrangida por mostrar explicitamente o meu amor por Filipe. Inspiro e levanto o rosto. Eu me recuso a chorar aqui.

Ligo o *Sun*, vou para casa e me tranco no quarto.

Eu não queria ser uma opção, queria ser sua escolha.

Talvez o amor que ele sente não seja suficiente para largar tudo.

Seguro meu pingente de lótus e deixo o choro preso sair.

Por que as pessoas nos deixam?

Eu o amo tanto Filipe que não sei explicar o que ele significa para mim. E agora eu havia o afastado para sempre. Meu coração dói ao compreender de fato o que isso significava.

Por que às vezes dizemos o que não queremos?

Com pensamentos autodestrutivos, ouço as batidinhas na minha porta e ela se abre um pouco.

Sento na cama e enxugo o rosto com pressa.

— Rory?

Otto coloca apenas a cabeça para dentro do quarto.

— Posso entrar?

— Eu... eu não estou bem...

Ele ignora o que digo e entra.

No momento em que ele percebe o meu estado, seu semblante de assustado muda para preocupado.

— O que houve, Rory?

— Desculpe ter batido a porta.

Ele se senta na ponta da cama, ajeitando sua bengala ao lado.

— Que se dane a porta! O que está acontecendo com você? Há tempos estou estranhando suas atitudes. Seu humor anda oscilando bastante.

— Estou com dor de cabeça — digo, sentindo uma fisgada sob a testa. Querendo que ele se sinta satisfeito com a resposta. — Vai passar. — Eu choro novamente, baixinho. — Prometo que vai. Não se preocupe.

Ele aspira.

— Ainda é por causa da herança?

Nego.

— Então o que está te atordoando tanto?

— Amor — conto. Eu não tinha porque mentir para ele.

— O que o Pablo...

— Pablo não fez nada — enxugo o rosto. — Aliás, Pablo não tem nada a ver com isso. Como eu disse, terminamos há alguns dias.

— Sua mãe disse que ele veio aqui hoje.

— Veio. Ele vê esperança na gente, mas não há.

Ele franze o cenho e coça a barba.

— Nunca a vi chorar pelo Pablo.

— Eu nunca o amei de verdade. Não como amo agora.

— Eu posso saber quem é? Eu conheço?

Faço que não novamente.

— Desculpe.

Ele aperta os lábios em um sim.

— Às vezes o amor machuca — diz ele, abaixando a cabeça. — Meu filho, Lorenzo, sofreu por amor.

Era a minha vez de franzir o cenho.

— O que aconteceu? — pergunto, abraçando as pernas em cima da cama.

— Ele se apaixonou por uma mulher da região.

— E? — A curiosidade sobre o que aconteceu com Lorenzo era grande.

— Ele era jovem demais e a gurua era casada.

— Sério?

Ele faz que sim.

— Eu e Elena fomos contra, claro, e o mandamos para a França para estudar. Mas ele voltou, alguns anos depois, mais apaixonado do que nunca.

— E o que ele fez? — pergunto, enxugando o rosto. Eu queria era saber como tirar esse amor do meu peito.

— A primeira coisa foi ir atrás da gurua que era apaixonado.

— Não dá para ir contra o amor, não é?

— Não. Uma pena que eu só pude ver isso depois que ele se foi. Eu disse que se ele fosse ficar com a guria, iria deserdá-lo. Foram tantas brigas. Tantos arranca-rabos desnecessários. Se eu pudesse voltar atrás...

— Você o deixaria ficar com a moça?

Ele respira fundo. A história mexia com ele.

— Ela era casada com um velho chato e morava lá por Monte Belo do Sul. Era uma guria pobre e sem recursos. Eu pensava mil coisas. Que estavam se aproveitando do Lorenzo e eu nunca aprovei. Nunca disse ao meu filho que estaria ao lado dele para sempre. Ele morreu sem sentir isso.

— Você só queria o bem dele.

— É, mas com esse desejo, eu só o fiz sofrer. Não se escolhe amar alguém. Acontece, não é?

— O amor é louco demais, Otto.

— Não posso dizer isso diante da minha experiência com Elena, mas com Lorenzo, eu posso dizer que sim, ele é louco. — Ele ajeita os óculos. — O que te impede de ser feliz com o rapaz que ama?

Aperto os lábios.

— Tantas coisas. Talvez nem você entendesse.

— Tem certeza? Sou um velho. Já vi muitas coisas na vida.

— Não. Não do que se passa comigo.

Ele junta as sobrancelhas.

— É tão sério assim?

Concordo e começo a chorar novamente.

— Seu amor não é correspondido?

Eu sorrio. Sorrio diante das lágrimas.

— Ele me ama. Sei que ama.

Ele arregala um pouco os olhos.

— Não, Otto. Ele não é casado. Acho até que é pior do que isso.

Agora ele não entende mesmo do que estou falando.

Nem se ele soubesse entenderia.

— Minha filha... — Ele me abraça. — Eu não erraria uma segunda vez e, diante do que te conheço, uma guria tão forte e firme, eu sei que esse amor não é em vão. Então, vou te dizer o que eu deveria ter dito ao Lorenzo quando ele disse que a vida dele era aquela mulher: quando é amor, não adianta fugir. Não adianta negar o que é verdade. O que é para ser seu, sempre volta. Não sofra tanto. Se é para ser, será. Deus se encarrega de fazer isso, Rory.

Deus?

Ele não esteve presente quando pedi pelo meu pai e não estará ao pedir o amor de um homem que fez votos para a eternidade.

Deus não estaria ao meu lado.



*"Ainda assim,
atende à oração do teu servo e ao seu pedido de misericórdia,
ó Senhor, meu Deus.
Ouve o clamor e a oração que teu servo faz hoje na tua presença."
2 Crônicas 6:19*

Caio de joelhos no lugar em que ela me deixou.

Eu posso me conter a todo instante, mas não posso controlar o amor que cresce dentro de mim.

Abaixo minha cabeça em total desesperança e clamo a Deus:

— Senhor, eu estou aqui. Venho neste momento pedir a Ti a tua luz, a tua glória, o teu poder. Eu sei que você sabe tudo o que está passando no meu coração e na minha alma, mas, por favor, Senhor, tenha piedade de mim. Me guie no melhor caminho.

Não sei por quanto tempo permaneço ali. Eu só queria tirar do meu corpo a dor que foi vê-la ir embora.

Eu queria pedir para que ela ficasse. Queria poder retribuir o beijo mais doce que tive em minha vida. Queria poder dizer que também a amo. Que seu

amor não é em vão, mas não pude. Eu não poderia.

A minha fé não seria menor do que esse amor. Não poderia!

Arrasado e decepcionado comigo e pelo que estou fazendo à Aurora, volto para casa.

Pego o diário da minha mãe e abro em alguma página aleatória. Meu intuito é apenas fazer meus pensamentos pararem. Mas a verdade era que eu buscava algo que acalmasse meu coração mais do que a mente.

Filipe me disse que quer ser padre.

Quanto orgulho sinto do nosso guri.

Tenho certeza de que você também sentiria. Por tudo que ele é e por toda a sua bondade comigo.

Deus me coloca de pé todos os dias desde que você me deixou. Acho que ele percebeu isso e mantém sua fé voltada a Cristo.

A verdade é que eu só quero que ele seja feliz. Ter a felicidade que não pude encontrar.

Que a sua fé seja inabalável. Eu estou fazendo o possível para que isso perpetue em sua vida. E que assim seja. Amém.



Milena para o carro em frente da casa. Fecho a janela do meu quarto, vou até ela e entro no seu carro.

— Oi!

— Oi, Milena.

— E aí, já sabe para onde vamos?

— Desculpe, eu nem... — Eu não consegui pensar em nada. Nem me lembrei disso depois de tudo que aconteceu com Aurora. Eu ainda estou absorto.

Ela olha de um lado para o outro.

— Acho que ali é o único lugar aberto nessa cidadezinha, não é? — Ela aponta para o bistrô do Pablo e eu respiro fundo. — Algum problema com aquele lugar?

Nego.

A verdade é que teria sim. Eu iria falar para irmos para Bento Gonçalves, mas depois ela teria que voltar para Monte Belo para me deixar. Ficaria tarde demais. No Vale dos Vinhedos tem muitos restaurantes, mas não tive cabeça para

planejar algo.

— Ficamos aqui mesmo! — Ela sorri para mim e sai do carro.

Eu a acompanho.

— Que gracinha de lugar.

— É sim.

No pequeno palco ao lado, está um rapaz cantando. Imediatamente me recordo da Aurora. No primeiro dia em que a vi e a ouvi cantar.

Agora parece que um buraco se fez em meu peito.

Logo um garçom nos indica uma mesa. Não olho para muitos lados.

Milena se senta à minha frente e pede uma cerveja. Eu peço água.

— Água?

Aperto os lábios.

— Estava com saudade, Filipe.

— Eu também estava.

— Eu imagino como esteja sendo difícil a adaptação aqui.

— A cidade e as pessoas são ótimas.

Ela arqueja uma sobrancelha.

— Incluindo a Aurora?

Eu me assusto.

— O que foi? — indaga. — Falei alguma besteira?

— Falou — digo de modo ríspido.

Ela ajeita a coluna na cadeira e sorri. Um sorriso quase debochado. Eu conheço Milena muito bem. Sei o que ela está pensando. Só não queria contar a ela.

— Eu sabia que estava acontecendo alguma coisa com você! Não só em vê-lo pelo computador, mas eu sentia.

Eu fico bravo.

— Irmãos de alma, você se esqueceu? Hum?! — Seria difícil esconder algo dela.

Nego.

— Não sei do que está falamos.

— Sabe sim. Irmãos de alma.

Eu e Milena sempre falamos isso. Eu não havia conhecido ninguém que me compreendia tanto quanto ela. Foi assim quando criança, quando estivemos juntos e mesmo depois que a deixei para seguir no seminário.

— O que está acontecendo com você?

— Não está acontecendo nada.

É a vez dela de ficar brava e cruza os braços.

— Vou fazer a pergunta mais uma vez: o que está acontecendo?

Pisco algumas vezes e, diante do meu visível desconforto, vejo Pablo chegar à nossa mesa.

— Oi, padre. Como vai?

— Bem. — Não consigo dizer mais nada.

— Oi... — Milena estende a mão. — Sou Milena. Amiga do Filipe.

— Seja bem-vinda, Milena. Amigo do padre é meu amigo também. Sou o Pablo.

Olho para Milena, sem encará-lo e eles se cumprimentam.

— Querem alguma coisa, está tudo bem aqui?

— Está ótimo! Essa cerveja artesanal é a melhor que já bebi.

— Bah! Isso é mais do que bom! Vou providenciar um vinho aqui da região. Da Vinícola onde Aurora, minha namorada, trabalha. — Milena me olha de soslaio e volta-se para ele. — Você precisa provar. É por conta da casa.

Ela sorri para ele e, irritado com tudo, quase levanto e vou embora daqui.

— Será um prazer, Pablo.

— Vou pedir para o garçom trazer. Qualquer coisa, eu estou à disposição.

— Obrigada.

— Ah, padre, aceita também uma taça da Casa Fontenelle?

Nego, agradecendo com um aceno com a cabeça e o Pablo se retira.

— Hum... isso foi... — Ela torce a boca. — Interessante.

Ergo meu olhar para ela.

— Não sei do que está falando, Milena.

— Ah, está bem. Esse rapaz é namorado da tal Aurora que foi te procurar hoje?

— Eles não são mais namorados.

Agora ela arqueia as duas sobrancelhas.

— Você gosta dela, Filipe?

Afronto seus olhos.

O que eu poderia fazer?

Fico calado diante da sua percepção.

Estava tão explícito assim?

A taça que Pablo pediu chega. Ela agradece e, assim que o garçom sai, se debruça sobre a mesa para chegar mais perto de mim.

— Vou reformular a pergunta: você está apaixonado por ela?

— Olha o que está falando, Milena.

— Pergunta simples. Sim ou não. Não me enrola, Filipe. Eu só quero que diga para mim, porque eu já sei a resposta.

— O que quer que eu faça? Que eu diga que sim? O que vai mudar? Não vai mudar absolutamente nada. Eu continuarei sendo padre. Eu continuarei

sendo quem eu sou e, no fim, nada disso tem relevância.

Ela respira fundo e volta a se sentar direito.

— Obrigada pela resposta.

— Como soube? — pergunto, sem mais me segurar.

Ela sorri. Um sorriso simples e bebe um gole do vinho.

— Hum... Isso realmente é muito bom.

Por que ela está tratando isso de forma simples? Nada disso era simples.

— Irmãos, lembra? Nós temos uma ligação incomum, meu amigo. Achei por muitos anos que era por todo o amor que sinto por você.

— Milena...

— Estou explicando. Tenha calma.

— Desculpe.

— Voltando... Nós dois não estávamos destinados a ficarmos juntos e, por mais que muitas vezes isso tenha me machucado, eu entendi e fiz esse amor se transformar. Eu quero apenas o seu bem.

— Eu sei disso.

— Não era pra ser comigo, mas com ela? Nunca vi você olhar pra ninguém assim.

— Eu não sei o que dizer. Estou lutando para esquecer. Falar parece que vai me matar um pouco mais.

— Você a ama? — ela questiona baixinho e, pela primeira vez na noite, vejo um assombro em seu rosto.

— Mais do que eu poderia imaginar.

Ela aperta os lábios diante da minha confissão e fica calada por um tempo.

Eu estava avançando em um caminho sem volta.

— Quando Bruno largou o seminário e resolveu ficar comigo não foi algo simples...

— O Bruno ainda não tinha sido ordenado, Milena.

— Calma. Não é esse o meu ponto, Filipe. Ainda me lembro de algo que o Bruno me disse. Não sei o porquê, mas ela ficou gravada na minha memória. No início eu ficava questionando por que não foi você quem largou tudo. O que faltava em mim? — ela ri um pouco. Um sorriso cheio de sentimentos. — O amor. Amor entre um homem e uma mulher não foi o suficiente.

— Milena, não...

— Deixe-me falar. Isso não dói mais. O Bruno me faz feliz. Sou grata a Deus todos os dias por colocá-lo na minha vida. E foi justamente através de você.

— O Bruno tem sorte.

— É. Ele tem também — ela sorri. — Com o tempo pude ver que o amor é algo único. Você pode ter várias paixões na vida, mas amor... amor é só um. Independentemente de estar junto ou não.

— Eu ameí você.

— Não. Você era apaixonado por mim. Éramos amigos, próximos, jovens e...

— Eu estou perdido.

— Está. Eu sabia que no fundo você estava com algum problema, mas não desse tamanho.

— Não posso fazer nada, Milena. É um amor impossível.

— Não existe amor impossível, Filipe. Existe apenas a opção de não querer lutar por ele. Você tem escolha. Todos nós temos.

— Não — enfatizo com a cabeça. — Eu não posso decepcionar Deus, decepcionar o Bispo Túlio, decepcionar minha mãe.

— E você? Já pensou em você?

— Pensei tanto e deu nisso. A culpa foi toda minha.

— Não existe culpado. Ninguém manda nos sentimentos, Filipe. Nem parece que você tem 30 anos e passou por tantas coisas na vida. Não seja infantil!

— Não é isso, Milena. Eu fiz uma escolha para a vida. Fiz votos com Deus. Isso não é simples ou algo que eu possa desfazer a qualquer momento. Está errado.

— Errado? Errado é viver infeliz. Você acha que Deus iria querer isso pra você? Por acaso se lembra de tudo o que sua mãe passou?

Sua pergunta me faz calar.

Parece que levo um soco na boca do estômago.

— O que quer dizer com isso? Dizer que eu posso escolher viver esse amor? Que eu posso viver como qualquer um? Posso casar e ter filhos? E o que irei fazer? Hum? Do que viverei? Que futuro eu terei? A minha vida foi destinada ao sacerdócio. Não imaginei algo diferente.

— E agora que a conhece, imagina viver sem ela?

Fico calado e recebo outro golpe.

Meu coração parece entrar em pane e abaixo a cabeça.

— Ela é linda — diz Milena.

Ergo meus olhos.

— Eu não a conheço, mas você sabe que sou bastante apegada ao lance de energia. Não parece ser linda só por fora.

— Ela é perfeita. Perfeita para mim.

Milena aperta os lábios com um sorriso casto.

— Não estou aqui para dizer o que você deve fazer. Eu sei que você é capaz disso. Talvez o meu papel aqui seja te dar outra perspectiva. Alguém sabe do que está acontecendo com você?

Nego.

O Padre Giovanni desconfia, mas jamais falaria abertamente com ele sobre isso.

Ela respira fundo.

— Sei que não é uma questão fácil de ser resolvida. É a sua vida. Não há margem para erro, não é? Mas pense. Não se proíba de ponderar sobre as escolhas que você pode fazer. Se depois de refletir ainda achar que deve continuar com seus votos, então continue, mas não deixe de refletir sobre tudo. Prometa que vai fazer isso?

Concordo, sem conseguir falar nada sobre.

— Eu ficarei aqui alguns dias. Talvez desabafar te ajude.

— O que Bruno te disse quando escolheu largar o seminário? — pergunto. — Você não falou.

— Ah! — ela sorri. Parece se recordar do dia. — Ele disse que o amor é o mais próximo de Deus.

E, novamente, me sinto nocauteado.



*“Só hoje eu desisti de nós mil vezes
E te odiei com mil razões diferentes
E aí você sorriu e já era
Me convenci que era impossível
E que amar demais sempre representava perigo
E aí você me olhou e já era”
Kell Smith – Nossa conversa*

*Alguns dias depois.
Lançamento do vinho Aurora.*

Eu penso muito antes de dormir. Eu imagino cenas na minha cabeça. Eu pratico as coisas que quero dizer. Eu tenho infinitas ideias para tentar burlar toda a história. Eu faço planos para o dia seguinte, penso em todas as pessoas que sinto falta. Eu penso em todos que me julgariam. Eu me faço muitas perguntas, muitas delas sem respostas. E aqui está novamente o tempo comandando o meu destino. Na minha profissão, na minha vida. Eu não tinha controle algum. Ele sempre rege a velocidade que tudo acontecia.

Se eu achava ruim esperar anos com a concretização de algo, agora eu não tinha nenhuma estimativa de quando conseguiria pensar em Filipe sem que doesse o meu coração.

Estou deixando o tempo encarregando de curar a minha alma e, assim, ocupei minha cabeça pensando no dia de hoje e no trabalho. Voltei ao trabalho essa semana e estou animada com as minhas novas ideias de contrabalancear pontos fracos de uma casta com os fortes de outra com o objetivo de criar algo harmonioso e até mesmo um vinho monocasto, varietal, com apenas um tipo de uva.

Essa era minha espera certa. Com menos chances de erros e, quem diria, com menos aflição.

Eu não tinha escolha. Nem mesmo se eu quisesse. Eu não poderia fazer nada em relação aos meus sentimentos por Filipe e nem aos dele.

O pouco de controle que eu tenho, eu usei com sabedoria. Não fui a Monte Belo do Sul durante os últimos dias. Mantive uma distância de quilômetros para que não nos víssemos. Foi uma tentativa fracassada de tentar me manter segura.

Estou inquieta. A possibilidade de vê-lo hoje está mexendo comigo.

Filipe foi convidado para o lançamento, mas depois de tudo o que aconteceu entre nós dois, eu acredito que ele não virá. A verdade é que em alguns momentos desejo sua presença, meu coração fica rápido com a possibilidade e, em outros momentos, eu sou dura. Seria melhor não o ver.

A verdade é que eu ainda me sentia perdida e apaixonada.

— Eu sabia que ficaria linda de vestido, minha filha — diz minha mãe.

Ajeito o vestido no corpo, me olhando no espelho.

Eu não usava vestido, mas, como minha mãe disse e me convenceu, a ocasião pedia. O vestido longo com cauda de sereia e de cor marsala é sugestivo e, realmente, lindo.

Meu cabelo e maquiagem estavam prontos. Um coque alto com a franja caída de lado e a uma maquiagem leve combinando com o todo o resto.

Eu nem me reconhecia no espelho. Acostumada com tênis, camiseta e calça jeans, me ver assim me traz uma sensação de que eu cresci. Os 23 anos, mesmo tendo sido envolvido em tempo integral ao cultivo e produção de vinho, ainda pareciam tão pouco. Havia tanto para viver.

Respiro fundo e fico feliz com o meu reflexo.

Ao meu lado está minha mãe, babando, olhando para mim.

— Estou tão feliz por você, Aurora.

Eu a abraço. Ela também está diferente.

Um vestido azul bordado com pedrinhas brilhantes e o cabelo preso em

um coque.

Beijo seu rosto.

— Você também está linda, mãe.

Uma batida na porta do meu quarto nos chama a atenção.

— Posso entrar? — pergunta Otto antes de abrir.

— Entra!

Otto veste um terno italiano no tom de cinza. Ele vê o meu vestido e dou uma volta no mesmo lugar.

— Você está fabulosa, Rory. Nunca a vi de...

— Vestido. É, eu sei. Só diga que eu não estou parecendo uma pata.

— Nem se quisesse.

Eu sorrio e vou abraçá-lo.

— Obrigada por isso — digo em seu ouvido.

— Eu que agradeço, minha filha. Está nervosa?

Respiro fundo.

— Ansiosa.

Ele olha para a minha mãe.

— Oh! Quase não te reconheci, Fátima.

— Ah! — ela levanta uma das mãos. — Os profissionais eram bastante... hum... profissionais.

Sorrimos juntos.

— O senhor que está chiquérrimo — digo, ajeitando sua gravata da cor de vinho, no mesmo tom do meu vestido.

— Preciso estar a sua altura.

— Sempre estará.

Ele bate uma vez com a bengala no chão.

— Prontas para uma noite especial, senhoritas?

Acenamos em concordância. Ele dá um braço para mim e outro para a minha mãe e assim vamos até o carro que nos espera para nos levar até o salão principal da vinícola Casa Fontenelle.

Uma vez, quando eu era adolescente, minha mãe me contou que o livro de cabeceira do meu pai era de *Tolstoi* e tinha uma frase que ele amava e sempre recitava para ela: o segredo da felicidade não é fazer sempre o que se quer, mas querer sempre o que se faz.

Felicidade é resumida em momentos. Não existe o status de ‘eu sou feliz’ e sim ‘eu estou feliz’. Eu estou feliz nesse momento. É a comemoração de algo tão importante para mim. Dos anos de espera e pelo sucesso no resultado. Eu não poderia estar de forma diferente.

Prometo a mim mesma que hoje nada iria fazer essa felicidade ir embora.

A primeira pessoa que encontro quando chegamos é a Giulia.

Sua cara de espantada quando me vê é engraçada.

— Você está linda, amiga — diz, emocionada. Falo o mesmo para ela.

É bom ver que as pessoas que gosto estão tão felizes quanto eu.

Cumprimento os primeiros convidados. Enólogos da Casa Fontenelle, Enólogos importantes do Brasil inteiro e até internacionais. Viticultores da região, exportadores, produtores parceiros, donos de grandes redes varejistas, pessoas ligadas ao mundo do vinho e jornalistas de revistas nacionais e internacionais de agronomia, gastronomia e vinhos. Até um dono de um *Châteaux Bordeaux*, amigo de Otto, também está aqui nos prestigiando.

Bordeaux ainda estava nos meus planos. Agora, assumindo a Casa Fontenelle, seria mais difícil, mas eu não estava mais tão desesperada como antes. Estou me adaptando ao tempo do mundo. Sem pressa.

A decoração é linda. Mesas delicadamente postas em tons pastéis. O modo formal não era algo tão comum na nossa convivência, mas dava ao local e a situação toda a importância que ela tinha.

Cumprimento funcionários da nossa vinícola, amigos da região, famílias inteiras e dou entrevistas para os jornalistas.

Otto pensou em tudo. Parecia que, enquanto eu lutava durante os quatro anos para o vinho ficar perfeito, ele planejava minuciosamente esse dia.

A banda contratada toca músicas brasileiras, deixando o ambiente ainda mais agradável.

Gael, nosso sommelier, se encarregou de ser o cerimonialista. Eu estava à espera do grande ápice da noite: o rótulo do vinho.

Deixei nas mãos do Otto a escolha. Ele tratava diretamente de todos os rótulos da Casa Fontenelle e sabia o quanto ficaria feliz com esse cargo.

O vinho Aurora é exposto e o seu novo e primeiro rótulo junto a ele.



Abraço Otto com todo amor do mundo. Agora Aurora está pronto para a comercialização nesse lindo e apaixonante rótulo.

— Flor de lótus — digo, analisando com alegria a garrafa em minha mão.

Otto está emocionado comigo.

— É você, Aurora. Precisa ter toda a sua essência. Seu pai ficaria orgulhoso de você, guria.

Concordo e deixo uma lágrima escapar. Ele ficaria.

E, com a emoção à flor da pele, meus olhos são atraídos para a entrada do salão e sou impactada com a presença do Filipe em um terno escuro.

Viro-me para Otto.

— Está pálida, Rory. Está se sentindo bem?

— Sim — sorrio em meio ao nervoso. — Sim, eu estou bem.

Meu coração está frenético dentro do peito. Ele veio!

Minhas pernas tremem e o garçom nos oferece o Aurora. Pego duas taças e respiro fundo com a boca do estômago fervilhando.

Peço licença a Otto e vou caminhando devagar pelo salão com o vestido justo e com o *scarpin* alto que insistiram me vestir. Seguro com firmeza as taças nas mãos ao encontro dele, que é recebido por Gael.

Ao chegar mais perto, vejo Milena sair de trás dele, segurando seu braço.

Paro no meio do caminho e ele, enfim, me vê.

Seus olhos pairam em mim em um gesto afetuoso, suave. Previ que toda a tensão e carga que nos impedem de ficar juntos seriam algo constrangedor, mas não. Não é assim que me sinto.

Filipe sorri. Um sorriso que quase me desfaz por completo.

Ele deixa Milena com Gael e vem para perto.

Não consigo me mover. Seria capaz de derrubar as taças em minhas mãos de tanto que tremo.

Observo seus passos de forma minuciosa, como se fosse em câmera lenta, sem desviar o olhar. Ele mantém um sorriso lindo nos lábios.

— Oi, Rory. — Seus olhos azuis me acalmam. Quase me perco neles.

Não consigo falar. Aceno com a cabeça e entrego a ele uma das taças.

Ele bebe um gole sem deixar de me olhar.

— Parabéns pelo lançamento. Seu vinho... — Ele ergue a taça. — é fabuloso.

— Que bom que veio — digo de uma só vez e todos os conceitos de ser melhor não vê-lo se esvaem bem na minha frente.

— Eu jamais deixaria de vir, Rory.

— Posso ficar feliz com isso? — A pergunta tinha muitos significados. Talvez eu não devesse tê-la feito.

Ele franze o cenho e abaixa o olhar por milésimos de segundos e se volta para mim. Quando abre a boca para responder, alguém me chama por trás do seu ombro direito.

— Rory...

Filipe dá um passo para o lado mostrando quem está nos atrapalhando.

Avisto Pablo, vestindo um terno azul marinho e com um sorriso inocente. Ele cumprimenta Filipe com a cabeça rapidamente e se aproxima de mim me dando um beijo no rosto.

— Parabéns, Rory.

— Obrigada, Pablo.

Pablo tem mandado mensagens todos os dias desde que me pediu para tentarmos reatar o namoro. Por mais que muitas dessas mensagens eu não responda, ele continua a enviá-las. São declarações e desejos de ter o futuro que ele imaginou para nós dois. Se ele soubesse o quanto isso me afasta ainda mais dele, jamais as diria. Mas eu não conseguia simplesmente bloqueá-lo e dizer que não.

Ele me estende uma caixa pequena em sua mão.

Eu me assusto. Sinto os olhos de Filipe em nós dois. Ele não sai de perto. De novo? Outro anel? Pablo só pode estar ficando louco.

Reparando meu estado, Pablo abre a caixinha com pressa e mostra uma delicada pulseira.

— É apenas um presente. Pelo vinho.

A pulseira tem um pingente de um cacho de uva.

Sorrio e aperto os lábios.

— Não precisava se preocupar com isso — digo.

— Como eu disse, é apenas um presente. Quando eu vi achei a sua cara. Precisava ser seu.

Pego a pulseira.

— É linda. Obrigada.

— Posso? — pergunta ele, apontando para o meu pulso.

Concordo e olho para Filipe ao lado, enquanto Pablo coloca a pulseira em mim.

Filipe está estático. Seu semblante também.

Pablo termina de colocar a pulseira e beija meu rosto novamente.

— Você está linda.

Agradeço com olhar, vendo Milena chegar ao nosso pequeno e tenso grupinho.

— Ah, oi! — Ela segura no braço do Filipe e me cumprimenta com um aperto de mão e faz o mesmo com o Pablo. — Parabéns, Aurora. Seu vinho... — Ela está com uma taça na mão. — É delicioso. Fiz até uma encomenda com o senhor Gael. Preciso levá-lo para o Rio. O Bispo Túlio que irá gostar, não é, Filipe?

Filipe agora mantém seus olhos em Pablo. Um olhar quase raivoso.

Meu coração está rápido demais.

— Não é, Filipe? — repete Milena, pedindo sua atenção.

— Sim — diz ele, colocando uma mão no bolso da calça, parecendo retomar a consciência. — Ele irá.

Talvez eu fosse sádica, mas no fundo, uma pequena parte de mim, está se inebriando com a situação.

A percepção de saber que eu ainda não estava sozinha em meus sentimentos era reconfortante, mas ao mesmo tempo, confusa. Não sabia se estava feliz ou triste com isso. Eu causava a ele as mesmas sensações que tanto me julgava ser errada.

Filipe abaixa um pouco o olhar e volta para mim.

Até que sinto Pablo pegar na minha mão.

— Vamos dançar?

Eu estou tão impactada com a presença do Filipe que nem estou prestando atenção no que estava ao meu redor.

Olho para Pablo, que espera minha resposta.

A banda toca O Vento do Jota Quest e, algumas pessoas próximas ao palco, estão dançando juntas.

Sem fazer nenhum gesto, Pablo entende como um sim e me tira dali me guiando até perto do palco.

Ele segura minha cintura com uma mão e junta seu corpo no meu.

Sentindo por tudo, deixo minha cabeça cair sobre o seu peito. Fecho os meus olhos e, quando os abro, consigo ver Filipe parado, no mesmo lugar, agora sozinho, com apenas a sua taça na mão.

Sinto meus olhos se encherem de lágrimas e cantarolo a música olhando para ele.

*Se você foi, vou te esperar
Com pensamento que só fica em você
Aquele dia, um algo mais
Algo que eu não poderia prever.*

*Você passou perto de mim
Sem que eu pudesse entender
Levou os meus sentidos todos pra você
Mudou a minha vida e mais
Pedi ao vento pra trazer você aqui*

Mesmo longe vejo seus olhos azuis brilharem. Até que Milena chega perto dele novamente e o puxa para longe do meu campo de visão.

Fecho meus olhos e deixo a lágrima presa cair.

O que estou fazendo? O que ele está fazendo comigo?

Eu prometi a mim mesma. Eu prometi que hoje eu não iria deixar a

felicidade. E olha o que estou fazendo?

Enxugo o meu rosto sem que Pablo perceba e quando a música acaba eu afasto meu corpo do dele.

— Não adianta tentar, Pablo — digo baixinho, apenas para ele. — Eu não posso dar a você o mesmo que está disposto a me dar.

Seu sorriso some.

— O seu amor não será suficiente. Não para sempre. Desculpe.

Ele abaixa os olhos e, sentindo muito, ele solta a minha mão que segurava com firmeza.

Eu saio dali. Discretamente.

Observo a Giulia caminhando assustada para perto. Erguendo uma das mãos, peço a ela para que não me acompanhe e, assim, encontro um dos escritórios do salão vazio.

Entro e me seguro na parede, buscando o ar que parece ter sumido dali.

Eu não posso viver assim!

Preciso tomar uma atitude. Ficar parada só irá me fazer sofrer.

Eu queria lutar. Queria lutar por esse amor, mas eu não podia e isso está acabando comigo.

— Aurora...

Meu coração para.

Minhas pernas voltam a tremer e tudo que eu mais queria era guardar essa voz para sempre na minha memória.

Eu me viro e o encontro.

O homem por quem eu estou apaixonado. O homem que me fez descobrir o amor. Filipe.

Ele caminha na minha direção.

Ajeito a minha postura e pisco várias vezes para não deixar as lágrimas escaparem dos olhos. Ele para perto. Tão perto que consigo sentir seu cheiro.

Ergo minha cabeça para olhar em seus olhos e eles contêm lágrimas presas tanto quanto os meus.

Eu poderia retirar todas essas dores que seus olhos transmitiam, mas não podia negar o desejo que irradiava do meu corpo. Eu precisava dele, assim como suas ações, mesmo que perturbadoras, também deixavam claro que precisam de mim.

Filipe entrelaça seus dedos nos meus. Um gesto tão simples, mas com tanto sentimento. Deixamos nossos dedos se tocarem. Sem pudor, sem proibição, sem esconder nada. Sentir sua pele na minha me faz perceber o quanto eu amo esse homem.

A banda no salão agora toca João de Barro do Leandro Léo e ele aperta

um sorriso nos lábios com as sobrancelhas juntas.

Com a outra mão, Filipe coloca a minha franja para o lado. Ele passa a olhar meu rosto por completo. Nossos dedos ainda se tocam. Fico apenas querendo que esse minuto dure uma eternidade.

Até que ele cochicha a música para mim, assim como eu fiz com ele.

*Oh meu Deus me traz de volta essa menina
Porque tudo que eu tenho é o seu amor
João de Barro eu te entendo agora
Por favor me ensine como guardar meu amor*

*O meu desafio é andar sozinho
Esperar no tempo os nossos destinos*

— Dança comigo, Rory?



*“O amor não se alegra com a injustiça,
mas se alegra com a verdade.
Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.”
1 Coríntios 13:6-7*

Seguro sua fina cintura. Devagar, com delicadeza. Junto seu corpo ao meu e nos embalamos na música.

Meu coração e minha cabeça estão lutando. Minha cabeça está dizendo não, mas meu estúpido coração não vai ouvir.

Eu só estou deixando-o comandar. Eu precisava ouvi-lo por um momento sem o prejulgamento da minha razão. Queria que ele me deixasse em paz. Sinto o pulsar do meu coração por cada canto da minha pele. Seguro sua mão e a abraço.

É um estado perigoso. Eu me vejo inclinado à imprudência. Na verdade, eu estou centralizando nela tudo o que eu quero para mim. E, por mais que seja prazeroso confessar isso a mim mesmo. Imediatamente, a sensação de alerta assume. Eu sempre fui forte a tentações e estou de mãos atadas.

Seu abraço é viciante e a única dúvida que me atinge quando aspiro seus

cabelos é: eu estou caindo num abismo sem fim, assinando minha condenação eterna ou estou indo rumo a me entregar por completo a essa paixão delirante que me abrange e, assim, levar em conta toda a interpretação real e sincera que Bruno, meu amigo, teve de Deus.

O amor é o vínculo da perfeição. E era apenas isso que eu via nesse momento. A perfeição de nós dois juntos.

Eu a amo. Eu a amo demais.

— Você está linda nesse vestido — digo em seu ouvido. Deixando todas as sensações antes proibidas tomarem o meu corpo. Quase todas.

Ela me abraça ainda mais forte. E eu só queria morar dentro dos seus braços para sempre.

— Aurora... — Puxo seu queixo para cima para que ela me olhe. — Eu queria completar aquela frase que você não conseguiu no dia que nos conhecemos.

— Qual frase?

— Você disse que Pablo era ótimo, mas...

— Mas? Complete.

— Ele não era o homem da sua vida.

Ela sorri. O sorriso que tanto amo.

— Você e a sua mania de querer explicar tudo, Filipe.

— Tem coisas que há necessidade, Rory.

Ela sorri um pouco.

— Você está certo. Ele não era. Ele não é.

— Não — concordo, com alegria em meu peito e sinto a felicidade se irradiar. — Ele não.

Uma lágrima cai do seu olho e ela encosta sua testa em meu peito.

Beijo sua cabeça e aspiro com todo afeto do mundo seus cabelos. Acaricio suas costas e eu queria mais. Eu queria tudo. Eu a queria por completo.

Até que alguém bate na porta aberta para chamar nossa atenção.

Aurora dá um pulo para trás e eu vejo o quanto ela tem medo. Eu não poderia julgá-la. Eu só tinha perdido o meu juízo e, para ser sincero, há muito tempo.

Eu era o seu segredo e ela era o meu.

Ela ajeita o cabelo, visivelmente envergonhada e sorri quando vê um senhor de idade, alto, de cabelos brancos, parado na porta esgueirado por uma bengala de madeira brilhante.

— Otto. — Ela vai até ele e entrelaça o seu braço no dele. — Quero te apresentar... — Aurora está com o rosto vermelho. — Esse é Filipe.

Ajeito a minha postura.

Aurora faz um gesto para que eu me aproxime e assim o faço, colocando uma das mãos nervosas no bolso da calça e outra estendendo para o senhor. Ele me cumprimenta.

— É um prazer conhecê-lo, senhor Fontenelle.

Otto coloca os olhos em mim e franze as sobrancelhas brancas.

— Filipe? — indaga.

— Sim — diz Aurora ao lado. — O novo padre.

Sua última frase sai quase sem coragem.

Por tudo que ela me contou, Otto era como se fosse o seu pai. Seu carinho e respeito por ele era notável. Imagino o quanto seja duro para ela falar isso. Está sendo para mim que preciso apenas ouvir esse sacrilégio.

O senhor parece cambalear para o lado, perdendo os sentidos.

Rapidamente, eu e Aurora o seguramos.

— O que foi, Otto? O que está sentindo?

Ele me encara novamente. Tinha certo pavor naquela reação.

Ajeito minha postura assim que ele se recompõe e fico paralisado.

Será que ele percebeu enquanto eu beijava seus cabelos?

O senhor está pálido e não consegue tirar os olhos de mim.

— Eu.... — ele arranha a garganta e acomoda a bengala no chão. — Eu só fiquei um pouco tonto.

— Quer que eu te leve para casa? — pergunta Rory. — Eu posso...

— Não. — diz, agora olhando para ela. — A festa é sua. Eu pedirei alguém para me levar. Acho que bebi demais.

Ela concorda.

— Tem certeza?

Ele me olha novamente.

— Tenho sim.

— Vamos, eu vou me certificar de que entre em um carro — fala Rory, segurando o braço dele.

Eu me mexo para ajudá-la, mas ela pede com a mão para que eu pare.

— Pode deixar, Filipe. Eu já volto.

Fico parado vendo-a levá-lo embora.

Alguns longos minutos, ela volta.

— Como ele está? — pergunto.

— Aparentemente bem. Desculpe...

— Pelo o quê?

Ela se aproxima.

— Estamos indo longe demais, Filipe.

— Eu já fui além, Rory. Faz tempo.

— Eu irei para o inferno? — questiona baixinho, com a voz repleta de culpa.

— Não fale isso nunca mais. Por favor. — Desfaço o pouco de espaço entre a gente e aliso seu rosto com a parte de trás dos meus dedos. — É claro que não. Você será julgada pelo amor.

— E você? Você acredita nisso?

— Eu? Eu fiz votos com Deus. Não sei se ele me perdoaria.

— Eu queria poder dizer algo sobre como Ele veria a situação, mas nós não temos uma relação próxima, Filipe.

— Você tem mais do que imagina.

Ela me abraça novamente e eu retribuo.

— Eu posso fazer outro pedido a Deus? Será que agora ele me ouviria?

— Ele sempre nos ouve, Rory.

— Eu peço que Ele o perdoe.

Pego seu rosto entre as minhas mãos.

Eu quero beijá-la. Quero sentir seus lábios juntos aos meus mais uma vez. Dessa vez, sem afastá-la.

Eu quero curá-la da culpa que sente.

Prevendo o que aconteceria, Aurora pisca algumas vezes e dá um passo para trás.

— Eu... eu preciso voltar para a festa.

Apenas faço que sim com a cabeça.

Eu não poderia exigir seus beijos. Eu não poderia pedir mais dos seus abraços. Eu não poderia nada daquilo.

E assim, ela sai da sala, me deixando ali, acompanhado pelo querer e desejo. Ambos que eu nunca deveria ter deixado crescer dentro de mim.



*“My hands they were strong
But my knees were far too weak
To stand in your arms
Without falling to your feet”
Adele – Set Fire To The Rain*

Será que Deus está me punindo por tê-lo ignorado tantos anos?

Eu não entendo porque o destino fez isso com a gente, sabendo que nunca poderíamos ficar juntos.

Tudo o que tenho experimentado com Filipe é uma mistura de sentimentos: amor, desejo, medo, felicidade, tristeza...

São sentimentos tão contraditórios e conflitantes que fazem meu coração se alegrar e doer ao mesmo tempo. Porém, todos esses sentimentos estão resumidos e comandados por apenas um: o amor.

Eu só queria tê-lo sem me culpar tanto. Quero poder tocá-lo por completo. Quero poder sentir novamente seus lábios e que eles possam corresponder meus beijos.

A raiva que me invade agora é a certeza de todo o impedimento para

viver esse amor. Nada estava em minhas mãos. Eu fui clara o suficiente para mostrar o quanto o amo e o quanto o quero.

Infelizmente, o entendimento de que tudo me faria chorar por solidão era maior do que qualquer outra suposição. É doloroso esperar por algo que você sabe que pode não acontecer, mas, é ainda mais doloroso desistir, quando você sente que é tudo que você sempre quis. A sensação é angustiante.

Todo o meu lema de não deixar a tristeza me pega vai por água abaixo.

Faço o meu papel de enóloga feliz pela sua produção durante todo o restante da festa. Por dentro eu estava gritando.

Filipe foi embora logo depois que previmos o que aconteceria conosco se ficássemos mais tempo naquela sala. Não sei como, mas consegui me afastar. Talvez porque sabia que a culpa seria maior. Os seus olhos mostrariam sua condenação do crime tão aparente e eu não queria ver isso. Não novamente. Não queria que ele sofresse assim como eu sofro por não poder me permitir.

Não sei que horas eu saio da festa, mas a aurora do início da manhã desponta no horizonte.

Retiro meus sapatos apertados antes de subir as escadas da mansão. O alívio é imediato. Subo degrau por degrau analisando toda a noite.

Eu me sento no topo da escada com dificuldade por conta do vestido e vejo o alvorecer diante das parreiras de uvas. Como disse Mattias, o nosso funcionário que perambula por aqui: lindo demais para cruzarmos os braços e vermos a vida passar.

Essa era de verdade a minha essência. A minha veracidade. A minha escolha. O amor do Filipe era a prova de como eu seria completa.

A gente sempre tem a mania de colocar o amor como o auge de tudo e, nesse momento, eu não poderia ser egoísta. A festa foi linda. Eu vi pessoas alegres e, realmente, felizes por mim e fui avisada por Gael que a maioria das garrafas da primeira safra de 2012 já estavam reservadas. Lá se foram os primeiros seis mil litros do meu primeiro vinho produzido. O rótulo Aurora havia sido um sucesso e perdi as contas dos elogios que recebi.

O sol nasce iniciando mais um dia lindo. Sorrio sozinha, sentindo a luz iluminar meu rosto. Essa é uma vitória que merece ser sentida.

Algum tempo depois, levanto e me viro para a mansão, elevando o rosto para os três andares acima de mim.

Respiro fundo e algo chama a minha atenção no segundo andar. A luz do único quarto trancado da casa está acesa. O quarto do Lorenzo.

Quem está no quarto do filho do Otto?

Meu coração se aperta e entro na mansão com a maior rapidez que o vestido me permite. Largo os sapatos pela sala e subo o primeiro lance de

escada, erguendo a barra do vestido.

No corredor, vejo a luz vindo do quarto que está aberto.

Era como se rompesse algo sagrado na casa. A única regra que havia aqui: não entrar no quarto do Lorenzo.

Ao chegar perto, vejo os móveis antigos em madeira rústica, uma cama e cabeceira crua. Em uma escrivaninha no canto há um livro aberto, lápis e envelopes rasgados. Quando olho para o outro lado, meu sangue congela.

Otto está caído no pé da cama.

Grito o mais alto que posso, segurando sua cabeça sobre o meu peito.

— OTTO! OLHE PARA MIM... — Dou batidinhas em seu rosto. Minhas mãos tremem e sua pele está gelada.

Em uma das mãos, ele segura sua bengala deitada no chão e, na outra, agarra com força um papel. Retiro da sua mão as duas coisas, colocando-as sobre a cama sem pensar demais.

Ele abre um pouco os olhos.

— Não, Rory... Eu... eu... Rory... — Sua voz não tem força

— SHHH! Por favor — Começo a chorar. Um choro desesperado e grito novamente. — Otto, eu estou aqui. Respire fundo!

Começo a transpirar, a sentir falta de ar e um medo quase paralisante quando ele fecha os olhos e não os abre mais.

Até que ouço o meu grito se juntar ao desespero da minha mãe.

— Meu Senhor Jesus Cristo! — Ela se abaixa até a gente.

— Mãe! Mãe, pegue um celular! AGORA!

Ela sai correndo.

— OTTO! Por favor, não faça isso comigo, por favor...

Ele mantém os olhos fechados. Eu o abraço apertado e sinto uma respiração fraca.

— Deus! Por favor... me ajude! Não o deixe ir! Por favor, Deus! — Clamo com a mesma fé que eu tive um dia.

Pouco menos de um minuto depois, minha mãe chega com o aparelho em mãos. Ela me entrega e eu ligo para a emergência.

A sensação que tive, ainda quando criança, quando vi meu pai cair ao meu lado e nunca mais acordar é a mesma que me domina nesse momento.



Medo. Muito medo de perder quem tanto se ama.

É o medo que me acompanha há tantos anos e que, nos últimos tempos, tem se feito presente mais do que deveria.

Otto era mais do que meu mentor. Ele era o meu pai, meu amigo, minha inspiração profissional. Eu ainda tenho tanto para aprender com ele.

Vejo algumas pessoas passarem pelo hospital parando para analisar a minha situação: vestido caríssimo, maquiagem toda borrada no rosto, descalça. Foi o desespero que não me deixou fazer nada quando encontrei Otto caído no quarto do seu falecido filho.

A ambulância chegou alguns minutos depois. Seria mais rápido se eu e minha mãe tivéssemos conseguido levantá-lo para levar para um carro, mas foi impossível. Otto é um homem grande.

Já faz algumas horas que ele entrou na Unidade de Terapia Intensiva. Bati o pé dizendo que seria melhor a sua transferência para Porto Alegre ou São Paulo, mas o médico foi categórico dizendo que ele não aguentaria o transporte nem de helicóptero, que seria a forma mais rápida. O médico foi sincero e não nos deu muitas esperanças. Sua pressão não estava baixando e seu coração estava muito fraco para aguentar alguma intervenção cirúrgica.

Otto toma remédio para pressão alta há mais de dez anos e sempre soube controlar muito bem. Caiu doente ano passado por conta de uma queda em casa e por isso só andava com a bengala. Ele é um homem forte para os seus oitenta e poucos anos e vê-lo daquele jeito me deixou em pânico.

Outro médico chegou a me perguntar se ele havia tido fortes emoções nas últimas horas e eu respondi que foram várias.

Chorei nesse momento ao lembrá-las: a festa que ele tanto quis fazer para mim. A sua visível alegria ao ver o Aurora com o rótulo novo em minhas mãos. A surpresa nas vendas. O quarto do Lorenzo. Mantive o fato de ele me ver abraçada a um padre em segredo, mas isso também entrava na lista.

Sim, foram muitas coisas que poderia ter causado isso, ou apenas a junção de tudo.

Ele não pode me deixar sozinha. Não agora.

Minha mãe, sentada ao meu lado, segura a minha mão com força.

— Precisamos ter fé — diz ela.

Concordo

— Precisamos. — Era a única coisa que havia me sobrado.

Giulia e Gael são os primeiros a chegar e nos ajudam com palavras motivacionais e lanches que insistimos em não comer. Dava para ver o quanto estavam sentidos também.

— Acho que você é o centro das atenções do hospital, amiga — diz

Giulia olhando para a criança que está nos encarando.

Faço uma careta para ela, que foge dali.

— Você está péssima, Rory.

— Eu sei.

— Está parecendo que estamos no apocalipse, tipo *The Walking Dead* e você é um zumbi recém-transformado.

— Obrigada pelo elogio, Giu.

— Deveria ir para casa.

— De jeito nenhum.

Giulia pega em minha mão.

— Olha para sua mãe... — pede ela. Ela está de pé, em frente à máquina de café, sendo acudida por Gael. — Ela está de roupão.

— Não posso sair daqui, Giulia.

— Amiga, você pode apenas ir tomar um banho, tirar esse borrão do rosto e pegar uma muda de roupa para a sua mãe.

— E se o médico vir falar com a gente? Preciso saber se a pressão melhorou e...

— Eu ficarei aqui e te mantenho informada. Prometo. A não ser que queira que eu vá com você.

— Não... — Aperto os lábios. — Eu prefiro que fique aqui com ela e que me avise.

Giulia concorda. Ela avisa a minha mãe e ao Gael do que eu iria fazer e me coloca dentro de um táxi na porta do hospital.

Vou para casa com o coração doendo.

Tomo um banho rápido e sofro para tirar todo o vestígio da maquiagem. Visto uma roupa confortável, que não me faça ser o centro das atenções do hospital, e pego roupas para minha mãe e até para o Otto na esperança de trazê-lo logo para casa.

Antes de voltar ao hospital, vou até o quarto do Lorenzo que ainda está aberto e do mesmo jeito que o vi há algumas horas.

O vento sopra com força as cortinas empoeiradas em tons de cinza com manchas amarelas.

No chão estão alguns papéis espalhados. Relembro que ele segurava um desses e o vejo sobre a cama junto com a sua bengala.

Choro baixinho.

Otto sentia tanto pela morte de Lorenzo. Talvez eu nem saiba o quanto, mas eu conseguia perceber a sua relutância em falar dele.

Em cada canto daquele quarto parece que o tempo não passou. Lorenzo parecia viver e voltaria a qualquer momento. Até um copo de vidro está seco

sobre sua escrivaninha.

Sento-me na pequena cama de solteiro no centro do quarto e aliso com carinho a bengala de Otto que está aqui.

— Você vai sair dessa, seu velho turrão. Deus vai me ouvir dessa vez.

Pego a folha que ele segurava.

O papel é antigo e está amarelado. Com cuidado e sem me punir por estar fazendo algo que talvez Otto não concorde, abro o papel. Em uma linda letra desenhada, leio as primeiras linhas daquela carta endereçada ao próprio Lorenzo e, dessa vez, sinto meu sangue gelar em meu corpo.



Um dia você descobre que tudo que você vive ou viveu foi, na verdade, uma sombra do que poderia ter sido. Percebendo assim que os conceitos e dores que foram tão presentes foram sem razão, sem necessidade. Dispensável. Não só as suas, mas as das pessoas ao seu redor.

Aqui, em minhas mãos, está o principal motivo da pressão de Otto ter ido às alturas. Não foi por culpa minha, mas sim da curva no vento que fez toda a sua vida vir parar aqui.

Eu tremo. Não sei se sorrio ou se choro. Levanto da cama com o equilíbrio prejudicado por conta do nervoso.

Vou até a mesa e pego os envelopes abertos. Todos vieram pelo mesmo remetente e sinto-me completamente absorta.

Choro mais, por Otto. Por como ele deve ter se sentido.

Será que ele sabia antes?

Tento me acalmar.

Eu deveria manter comigo e pensar com cuidado tudo o que eu poderia fazer. Isso mudaria muita coisa. Mudaria tudo.

Com essa notícia, volto para o hospital, com toda a esperança do mundo para falar com Otto sem que ele passe mal.

Estaciono o *Sun* e entrego os documentos que o hospital havia solicitado. Entrego a minha mãe as mudas de roupas e ela agradece. Giulia me avisa que ainda não tem nenhuma notícia. Teríamos que esperar.

Vou até a lanchonete do hospital e peço um café sem açúcar e procuro um lugar vazio para me sentar e pensar em tudo que estava acontecendo. O mais

importante agora era que Otto se recuperasse. Depois eu iria lidar com toda a descoberta que fiz.

Caminhando até encontrar um lugar perfeito, encontro Mattias parado em um dos corredores com a sua inseparável boina nas mãos. Quando me vê, abre um sorriso.

— Ei! Oi, Mattias.

— Como vai, Aurora? — pergunta com o seu casto sorriso de sempre.

— Não muito bem.

— Soube o que aconteceu com o Otto e por isso vim até aqui.

— Muito obrigada pelo seu apoio, Mattias. Mas não há nada o que podemos fazer. Otto está na UTI lutando pela vida.

— Nós precisamos rezar, Aurora. Podemos fazer isso.

Seus olhos ficam brilhantes e vejo o carinho que aquele trabalhador tem pelo Otto.

— Sim. Só nos resta isso.

Ele concorda e coloca uma mão sobre a minha em forma de solidarizar com a situação.

Agradeço com todo o meu coração.

— Aurora! — Ouço a voz que tanto amo me chamar pelas minhas costas. Viro-me e vejo Filipe. Vou até ele e o abraço apertado.

Ele me aninha em seu peito e me sinto, pela primeira vez em algumas horas, segura.

— Que bom que está aqui, Filipe.

— Giulia me avisou e não pensei duas vezes.

— Obrigada por vir.

Ele pega meu rosto.

— Não haveria outro lugar onde eu poderia estar, Rory. Como ele está?

— Sem notícias. Ele passou mal e o encontrei caído. Foi horrível.

— Não pense nisso. Vamos direcionar nossos pensamentos para o que importa.

— Eu preciso rezar — digo com meu coração aos pulos. — Eu preciso fazer alguma coisa.

Filipe se emociona. Seus olhos demonstram todo o carinho e o quanto sente por tudo.

Ele pega a minha mão e me guia pelos corredores do hospital.

— Foi a primeira coisa que eu perguntei às atendedoras do hospital... — diz me puxando devagar.

Até que para e me olha.

— O quê? — pergunto.

Filipe aponta para o lado.

Em uma porta de vidro fumê vejo o que está escrito em uma pequena placa branca: capela.

Entramos de mãos dadas e sentamos juntos na sala vazia que tem um pequeno altar e Jesus pregado na cruz

Filipe não desgruda a sua mão da minha e agradeço por isso.

Ele fecha seus olhos e abaixa sua cabeça, fazendo sua oração pessoal.

Vejo o homem ao meu lado. Eu preciso tanto dele. Parece que nele há toda sensatez da minha vida. O motivo para me sentir completa.

Eu fecho os meus olhos e faço o mesmo por longos minutos.

Converso com Deus. Peço perdão por todos os anos distante e termino dizendo que sei que ele conhece o meu coração. Assim como Filipe me falou.

Filipe me abraça forte e eu choro.

— Chore, meu amor. Eu estou aqui.

Sua frase entra em meu coração e volto a olhá-lo.

Eu sou seu amor. Assim como ele é o meu.

Não falo sobre isso e o abraço novamente.

— Eu não quero que ele morra, Filipe.

Ele beija meus cabelos.

— Rory...

Ele se afasta um pouco e segura minhas mãos.

— Isso que aconteceu com o senhor Otto. Diga-me que não foi culpa nossa. Por favor.

Nego com a cabeça e ele enxuga as minhas lágrimas.

— Por um momento eu achei que isso tinha ajudado, mas...

Eu respiro fundo. Não era para contar a ninguém, mas diante do meu estado e, se tratando do Filipe, não vejo nenhuma objeção em fazer isso. Talvez alguém de fora possa me dar uma luz.

— Mas?

Eu me mexo para pegar a carta em meu bolso da calça jeans.

— Encontrei Otto no quarto do seu falecido filho com isso em mãos. Eu não sei o que fazer e acredito que nem ele sabia o que estava escrito nela.

— E o que é? — pergunta, vendo o antigo e delicado papel em minha mão.

— De onde veio essa, tem dezenas — digo. — As cartas vieram do Rio de Janeiro, talvez você possa a me ajudar a juntar o quebra-cabeça e descobrir o que pode ter acontecido.

Coloco a carta em sua mão e espero a sua reação ao ler.

Só que Filipe fica pálido de imediato e sua reação me assusta

profundamente. Ele me olha assombrado.

Uma lágrima desponta sobre seu rosto atônito e ele volta a ler a carta em suas mãos.

Filipe não conhece Otto para sentir tanto por ele.

Eu não consigo entender nada. Meu coração acelera e coloco a mão em um dos seus braços, tentando encontrar algum vestígio do Filipe que eu conheço.

— Filipe, o que foi? — sussurro com frio na barriga.

Seus olhos vidrados no papel vão a mim.

— Meu Deus, Aurora. Meu Deus!



*“Os filhos são herança do Senhor,
uma recompensa que ele dá.”
Salmos 127:3*

Já estava claro quando senti meu celular vibrar sobre a mesinha de cabeceira. Primeiro veio o susto, depois o desespero por saber que Aurora precisava de mim. Giulia estava com a voz entristecida quando contou o que havia acontecido com Otto e se eu podia ir até o hospital.

Não pensei duas vezes e peguei as chaves do velho carro do padre Giovanni que só decora a garagem.

Encontrar Aurora no hospital me dá a sensação de que Deus está guiando o meu caminho. Porém, agora, meu mundo parece desabar sobre a minha cabeça.

Na minha mão a resposta da pergunta da minha vida inteira:

13 de setembro de 1986,

Meu amor,

Seu filho nasceu. Ele é lindo e saudável. Agradeço a Deus pela benção que me foi dada e é nele que dedico a sua vida.

Recomeçar não está sendo fácil, mas esse pequeno guerreiro me traz lições que me incentivam a levantar da cama todos os dias.

Desculpe te manter informado de tudo. Gosto da impressão de que você sorri ao ler as cartas que mando mesmo com o silêncio das suas respostas. O importante é sentir o que deveria ser feito. Você é pai. Talvez tenha tido dúvidas e por isso não fugiu comigo. Eu compreendo. Juro que compreendo.

Seu filho é igual a você. Sem tirar nem pôr. Acho que essa seja a resposta para tudo: O bebê tão lindo em meus braços. Ele tem a cor dos seus olhos, tem seus cabelos castanhos e seu nariz perfeito.

Eu escolhi o seu nome enquanto lia o quinto livro do Novo Testamento: Atos dos Apóstolos. Um dos sete. O evangelista. Deus sussurrou seu nome em meio à leitura sobre a passagem por Samaria e proclamação do evangelho, não poderia ter escolhido melhor. Tocou meu coração.

Por que você não vem conhecê-lo? Por que não conhecer o pedaço de você?

Eu te amo e sempre estaremos a sua espera.

*Para sempre sua,
Paola.*

O corpo não consegue funcionar como deveria e parece que estou preso em um pesadelo.

— Filipe? Por favor... fala comigo...

Aurora está falando ao meu lado, mas eu não consigo compreender.

Leio mais uma vez a carta entregue por ela.

A mesma letra.

A mesma escrita.

A mesma assinatura.

O significado daquilo me deixa apavorado e, sem prestar atenção ao meu redor, releio a carta em minha mão. Haveria de ser engano. Deveria ser.

Eu escolhi o seu nome enquanto lia o quinto livro do Novo Testamento: Atos dos Apóstolos. Um dos sete. O evangelista. Deus sussurrou seu nome em

meio a leitura sobre a passagem por Samaria e proclamação do evangelho, não poderia ter escolhido melhor. Tocou meu coração.

Filipe. O evangelista. Um dos sete homens acreditados, cheios de espírito e de sabedoria: Filipe.

Aurora tira o papel das minhas mãos com rapidez e me olha espantada.

Seus olhos contém o mesmo medo que eu sinto.

— O que foi? — Ela segura a minha mão e chega perto do meu rosto. — O que aconteceu, Filipe?

— Onde encontrou essa carta? — pergunto.

— Não encontrei apenas uma. Tinham várias e todas dessa mulher...

— Paola — completo com a voz embargada.

— É. Aparentemente estavam lacradas até ontem à noite. Mas...

— Aurora! — Fátima abre a porta da capela chorando. — Aurora! Otto acordou! O médico disse que ele chamou por você. Por favor, venha logo, minha filha!

Com os olhos coberto de lágrimas, Rory volta a me olhar.

— Vai — digo baixinho. — Ele precisa de você. — É a única coisa que consigo dizer nesse momento.

Ela enxuga o rosto, me abraça sem se importar com a presença da mãe e sai da capela com pressa.

Por alguns segundos permaneço na mesma posição até que sinto Fátima sentar ao meu lado.

Ajeito minha postura e olho para o altar.

Não consigo raciocinar direito. Não consigo ver o propósito de Deus em toda a loucura que se forma na minha cabeça.

Fátima agradece baixinho de olhos fechados.

Eu não consigo reagir. Queria sair dali, mas não consigo.

Assim que ela termina sua prece, seus olhos me percorrem.

— Obrigada por ajudar Rory, padre.

Apenas aperto os lábios e concordo.

Ela se levanta e caminha devagar.

— Senhora Fátima...

Ela para e me olha.

— A senhora conheceu Lorenzo?

Minha pergunta a faz enrugar a testa.

Não consigo formular nenhuma desculpa para a pergunta, mas não me importo com isso.

— Eu trabalhava na roça naquela época. Ele estudou fora muitos anos e

quase não o víamos por aqui.

— Como ele morreu? — pergunto.

— Há muitos anos. Foi um acidente de moto lá no Vale dos Vinhedos. Uma grande tristeza — ela suspira. — Eu... eu preciso ir ver Otto. Só vim procurar por Aurora e para agradecer por essa benção. Se não importa se eu... — ela aponta para a saída.

Faço que não. Ela agradece com a cabeça e de mãos juntas sobre a barriga sai da capela me deixando só.

Estar apenas com os meus pensamentos nesse momento me faz quase pirar com as hipóteses e proposições do que eu nada sabia.

A letra era da minha mãe.

Ela falava de mim.

As mesmas folhas de caderno. Ela escrevia para ela, para ele.

A grande resposta me causa frio na espinha: Lorenzo seria meu pai.

Meu pai? Isso não fazia sentido nenhum!

Um mundo onde existem mais de seis bilhões de pessoas e eu encontraria meu pai assim? Não! Isso é impossível!

— Deus... — olho para cima. — Eu sei... sei que o senhor é o Deus do impossível, mas... mas...

Eu preciso mais do que respostas divinas. Nesse momento me sinto incrédulo e, totalmente perdido, consigo me levantar e sair da capela.

Pego o carro do padre Giovanni e volto para Monte Belo do Sul confuso nas diferentes versões que crio na minha mente.

E só uma pessoa poderia me ajudar nessa tarefa.

Paro o carro no acostamento do Vale dos Vinhedos. Saio do carro e pego meu celular. Disco o número do único em que conhecia minha mãe mais do que eu mesmo: Bispo Túlio.

— Alô, Filipe! Como vai, meu filho? Pensei que estivesse esquecido desse velho...

— Eu... eu preciso ser direto, Túlio. Se não, eu acho que sufocarei. — Eu não tinha tempo para uma conversa informal em que conto como anda meus últimos dias. Se fosse assim, eu apenas falaria de Aurora. Mas não posso, estou tomado por dúvidas que elas quase me fazem parar de respirar.

— Do que está falando?

— Apenas diga-me que eu estar aqui, nessa região, foi uma coincidência. Diga-me que eu não estou louco em achar que eu descobri quem é o meu pai. Por favor, Túlio, eu estou te pedindo ajuda.

No outro lado, silêncio.

— Um momento — ele pede depois de um minuto. Parece ir para algum

canto para poder falar comigo.

Eu estou sufocando.

— Filipe...

— Estou louco, não estou?

— Filipe, sua mãe sempre foi uma amiga querida e...

Tampo minha boca com a mão prevendo o que ele falará.

— Eu não sou louco?

— Não — responde e uma lágrima cai dos meus olhos.

— Deus! Eu não estou entendendo mais nada.

— Eu odeio ter que fazer isso por telefone, Filipe.

— Não é hora de se calar, Túlio. Você me mandou para cá! Você sabia que eu o encontraria. Agora fale o que eu preciso saber.

— Eu prometi a sua mãe que jamais contaria sobre o seu pai.

— Sua promessa não vale mais.

— Sua mãe foi deixada por esse homem, mas...

— E porque me mandou vir para o lugar onde eu poderia encontrá-lo?

QUE TIPO DE AMIGO VOCÊ ERA? — eu grito. Eu jamais havia gritado com ele. Meu respeito sempre foi tão grande e nesse momento eu só sinto decepção.

— Do que consegue sentir o amor das pessoas.

— Do que está falando? Minha mãe sofreu a vida toda! Você sabe disso!

— Sei e por isso fiz essa escolha tão difícil. Você precisava saber a sua história.

— Minha história? Minha história é passado, Túlio! Morreu junto com ela. Junto com a minha mãe.

— Acalme-se, Filipe.

— Acalmar? Você tem noção do que está me pedindo?

— FILIPE! — ele grita do outro lado.

Eu me calo.

Desesperado.

Atormentado.

— Vou pedir para que se acalme novamente. Eu te darei as respostas que tenho, mas preciso que respire fundo.

Não respondo.

— Sabe o porquê te mandei para aí? — pergunta ele. — Porque sua mãe falava desse homem com o maior amor que eu já ouvira alguém falar de outra pessoa. Porque em nenhum momento da sua tristeza, ela falou algo que depreciasse a conduta dele. Ela guardou para si o amor e sofreu porque não o tinha ao lado.

— Ela nunca falou dele para mim. Ela o odiava pelo que fez!

— Não! Você está errado. Ela não tinha raiva ou mágoa. Ela não falava porque não conseguia demonstrar em palavras o amor que sentia, sem que você se perguntasse o porquê dele não estar por perto. Ela não tinha respostas e preferiu se calar.

— Então você concluiu que esse homem era bom?

— Eu concluí que você deveria saber. A verdade é que deixei nas mãos de Deus. Se fosse para você conhecê-lo, que ele colocasse em seu caminho. Estava no seu destino.

— Você usou sua influência para isso? Usou para me mandar para cá?

— Eu apenas fui um instrumento de Deus. Nunca deixei de pedir a sua mãe que contasse sobre seu pai para que fizesse essa escolha de procurar ou não.

— Sabe o que é pior? Eu nem terei a oportunidade de perguntar a ele o motivo de não me conhecer. O porquê nos abandonou! Ele morreu, sabia disso? Ele morreu há muito tempo!

— Isso explica muita coisa.

— Você sabe que errou, não sabe? Você errou comigo. Errou em não me contar antes de eu vir. Errou em...

— Faria tudo de novo. Eu não me arrependo.

— Ah não? Você não sabe do que está falando! Você não trouxe apenas meu pai para a minha vida! As consequências disso são... Deus! Eu... Chega, Túlio! Eu não quero mais te ouvir, eu...

— Espero que você consiga ver algo de bom nisso.

— Não há nada de bom nisso. É como remexer feridas.

— Às vezes é preciso para que elas possam se curar de vez.

— Qual era o nome dele? — pergunto.

Eu preciso de provas. De provas mais concretas do que a carta que tive em minhas mãos. Mais do que todas que eu tinha.

— Mas você não descobriu?

— Sim. Eu só quero ter a chance de que seja tudo um grande engano.

— Fontenelle. O nome dele é Lorenzo Fontenelle.

Fecho meus olhos.

— Eu sempre senti que Lorenzo precisava contar a sua história, Filipe. Não deixe essa oportunidade passar, meu filho. Por ela. Por Paola. Por você.

Nesse momento eu só consigo sentir uma coisa: a mesma tristeza que por longos anos habitava no coração da minha mãe.

E, sem entender os propósitos de Deus e de quem mais quisesse se meter na minha vida, entro no carro e parto para casa com a mente em pane.

Se eu convivi inquieto sem a resposta sobre quem era o meu pai, agora eu me sinto preenchido por milhares delas.



*“Fico acordado noites inteiras
Os dias parecem não ter mais fim
E a esfinge da espera
Olhos de pedra sem pena de mim”
Paralamas do Sucesso – Seguindo estrelas*

Entro na UTI. Otto está com máquinas ligadas ao seu corpo que fazem um barulho contínuo e irritante.

Seus olhos logo me encontram. Chego perto e seguro sua mão.

— Oi...

Com a outra mão ele retira o respirador que o impede de falar.

— Não tira, Otto.

Ele ignora meu pedido e respira fundo.

— Preciso falar.

Seus olhos estão inchados e sua cor mais pálida do que já é. Meu coração fica apertado.

— Você me assustou, sabia?

Sinto uma lágrima descer sobre a minha bochecha e me sento na

pontinha da cama, ao seu lado.

— Desculpe, essa não foi minha intenção.

— Depois você me paga por isso — brinco e ele sorri um pouco.

— Rory, eu preciso te falar uma coisa. Quero que preste atenção. Eu descobri uma coisa muito importante.

Faço que sim.

— Otto, eu não vamos falar disso agora... — Não queria que sua pressão subisse e ele passasse mal novamente.

— Eu não sei se estarei vivo amanhã, Rory, me deixe falar.

Engulo em seco e mais uma lágrima cai.

— Não fala assim.

— Estou correndo contra o tempo. Por favor, só peço que me ouça.

— Eu estou aqui — falo, acarinhando sua mão e alisando seus cabelos brancos.

— Eu encontrei... encontrei...

— Eu sei, Otto. Eu li a carta que você estava segurando. Você tem um neto — falo com cuidado, sem toda a ansiedade que está dentro de mim. Sorrio e ele faz o mesmo.

— Sim, guria. Um neto.

— Paola era a mulher que Lorenzo foi apaixonado? Aquela que me contou a história?

— Ela mesma.

— Então... — Enxugo o rosto. — Trate de ficar bom para corrermos atrás desse neto. Temos um mundo pela frente.

— Primeiro eu preciso que me responda uma coisa...

— O quê?

— O padre...

— Otto... Filipe é só um amigo e aquele abraço...

— Filipe é do Rio de Janeiro?

Franzo o cenho.

— Sim. Por quê?

— Porque nunca vi alguém com os olhos tão parecidos com os de Lorenzo na vida. Os mesmos de Elena.

Demoro alguns segundos para compreender sua confusão.

— Com Lorenzo?

— Sim. Foi por isso que eu fui ao quarto do meu filho. Eu senti tantas saudades dele e...

— Otto... Filipe não...

Como um raio, sinto as lembranças de como Filipe falou da sua mãe e da

ausência do pai me atingirem.

A minha mãe foi abandonada pelo meu pai. Ele me contou e demonstrou uma tristeza profunda com o que isso causou na vida dela e na sua.

Levanto-me, soltando a sua mão.

— Não pode ser possível — digo baixinho, para mim mesma.

— Rory... Eu preciso te falar que Lorenzo, ele...

A enfermeira e o médico entram na sala.

— O senhor precisa descansar, senhor Otto — diz o médico.

— Já descansei demais — resmunga ele.

A enfermeira volta a colocar o respirador em seu rosto e ele revira os olhos. Volto para perto dele com as pernas bambas.

Algum medicamento é colocado no soro que está fincado em seu braço.

— É apenas um remédio para te fazer relaxar.

— Dormir? Eu não quero dormir, eu...

Ele reclama mais ainda, praguejando algo em italiano no final.

Chego perto do seu rosto e beijo sua testa.

— Calma! Eu sei o que fazer, Otto. Não se preocupe. Eu prometo para você que encontrarei seu neto.

Ele para de resmungar e assente com o olhar antes de fechar os olhos e dormir. Aproveito para conversar com o médico que diz que, a princípio, Otto não corre risco de morte, mas ele é bastante claro ao dizer que a idade dele está avançada e que eu deveria estar preparada.

Sinto um nó na garganta. Era a realidade que eu tanto queria fugir.

Ele será transferido para o quarto ainda hoje. Uma parte do meu coração se acalma, já outra está em polvorosa dentro do peito.

Saio do quarto e pego a carta que estava no bolso e releio pela milésima vez.

Filipe... Por isso Filipe ficou tão assustado e...

Sinto falta de ar.

Não! Isso não é possível. Filipe não veio para cá para isso. Otto está emotivo e Filipe se emocionou com a história. É isso!

Eu só tenho um lugar por onde eu posso começar a tarefa que acabei de prometer ao Otto: o quarto do Lorenzo.

Lá não tinha só essa carta, mas continha dezena delas. Certamente haveria mais informações.

Nervosa, guardo novamente a carta no bolso da calça, vou até a capela e não acho o Filipe. Encontro minha mãe no saguão e a abraço acalmando-a com a notícia que Otto ficará bem.

— Amém — diz, juntando as mãos em agradecimento.

— Eu preciso ir.

— Vai aonde, Rory? — pergunta Giulia.

— Eu... eu... preciso resolver uma coisa.

— Se ele está bem porque está tão aflita? — indaga minha mãe.

— Outras coisas, mãe.

Beijo sua bochecha e agradeço a Giulia por tudo.

— Tem certeza de que não precisa de ajuda? — pergunta ela ao me abraçar.

— Vá para casa, amiga, descansar. Você nos ajudou demais. Eu preciso fazer algumas coisas sozinhas.

— Sabe que pode contar comigo, não sabe?

Concordo e a abraço mais uma vez.

Coloco a bolsa no ombro e convenço a minha mãe ir para casa após ver Otto. Ela garante que fará isso.

Ao me virar para sair do hospital, resolvo tirar uma dúvida antes.

— Mãe... Conhece Atos dos Apóstolos?

— Claro. É um livro do Novo Testamento. Por quê?

— O evangelista, um dos sete. Tem algo sobre Samaria, uma coisa assim — completo, tentando parecer o mais normal possível. Claro que, para ela, uma pergunta minha sobre a bíblia é algo bastante incomum.

— Lucas. Isso. Acho que é o Lucas, o Evangelista, minha filha.

Um sopro de ar me invade e eu sorrio. Não era Filipe.

Dou outro beijo em seu rosto e vou para o carro.

Entro no *Sun* e o ligo até que vejo minha mãe correndo chegando próximo ao carro.

Abaixo o vidro.

Ela para, buscando fôlego.

— Eu errei. Lucas foi quem escreveu Atos. Um dos sete. O que foi a Samaria depois da perseguição que espalhou aos cristãos foi Filipe. Filipe, o Evangelista. Minha cabeça não está...

— Filipe?

Ela concorda, colocando a mão no coração para recuperar o ar.

— Você não me respondeu o porquê...

— Logo você saberá, mãe. Prometo.

Minhas pernas voltam a tremer. Se ela soubesse o que se passa na minha cabeça, surtaria comigo.

Eu estava prometendo muitas coisas hoje.

Com a cabeça a mil, mudo meu roteiro e não vou para casa remexer nos papéis. Coloco o *Sun* para correr na estrada para Monte Belo do Sul.

Filipe sabia disso? Ele veio com esse intuito?

Essas perguntas eu só saberia através dele.

Antes mesmo de chegar ao pórtico da cidade, vejo Filipe caminhar rente as parreiras de uva da região e *Sun* grita quando eu paro bruscamente.

Nossos olhos se encontram através do retrovisor e dou r.

Abro a porta do carona.

— Entra! Por favor.

Ele faz o que peço. Entro na primeira rua de estrada de chão deserta entre os vinhedos e paro o *Sun*.

Filipe fica quieto e não me olha.

Ficamos em silêncio durante alguns segundos.

— Conversei com Otto — digo.

Ele ergue o olhar para mim, um olhar caído, sem animao, mas continua calado.

Eu me arrasto no banco e fico bem perto dele.

Seus olhos azuis agora cintilam.

— Eu preciso te contar uma coisa, Aurora.

— Paola... Paola era a sua mãe? — pergunto.

Ele concorda.

— Por que não me contou?

— Contar? Contar o quê? O que nem eu sabia?

— Você... espera. Eu não estou entendendo mais nada, Filipe. Eu estou perdida, nervosa, estou...

— Você consegue imaginar como eu estou? Até poucas horas não sabia nem o nome do meu pai. Minha mãe sofreu por esse homem e nunca teve coragem de me falar dele. E eu descobri... dessa forma... com aquela carta.

— Como isso pôde acontecer? Você veio para cá e... Não, Filipe. Não vai querer que eu acredite que isso foi coincidência ou Deus que te enviou e...

— Eu ainda estou tentando digerir o motivo como isso aconteceu. Mas pode ter sido qualquer coisa, menos providência divina. Não quero falar sobre isso.

— Eu preciso saber, Filipe.

— Alguém de confiança da minha mãe está por trs de tudo. Eu não sabia, Aurora. Eu não... Deus, eu quis saber sobre ele por tanto tempo. E agora... agora eu só queria esquecer.

— Como pode falar isso? Você nem o conheceu.

— Ele não quis saber de mim, não quis da minha mãe!

— Desistir é a jeito mais dolorido de resolver um problema. Eu não sei o motivo disso ter acontecido, mas o pouco que eu soube era que Lorenzo amava

muito a sua mãe.

— Por favor, não fale isso...

Ele abaixa o rosto. Parece chorar.

Coloco a mão sobre seu ombro.

— Otto está sendo transferido para um quarto, Filipe. Nada melhor do que ele para te contar o que aconteceu.

— Eu não quero saber. Isso morreu com a minha mãe.

— Olha para mim... — peço. — Por favor...

Ele me olha. Sua face está molhada.

Seco com o dedo e seguro seu rosto.

— Otto tem mais de oitenta anos. Ele está velho. A verdade é que ele não viverá por muito tempo. Você precisa conhecê-lo. Você precisa saber a sua história. Precisa tirar essa mágoa e assim seguir em frente.

Ele fecha os olhos e, sem me controlar, beijo seu rosto.

— Eu te amo, Filipe — digo e ele abre seus olhos azuis. — Eu não sei como será meu futuro ou... — sorrio nervosa. — ou o seu. Do pouco que sei, é que ninguém é feliz por completo sem saber o motivo de alguns sentimentos. Eu sei os meus. Eu te amo. Te amo porque você passou a ser a pessoa que me entende. A pessoa que faz meu coração bater forte. A qual anseio em ver todos os dias. E, quando vejo, parece que meu mundo parece girar em volta dos seus olhos...

— Aurora, por favor...

— Mas eu sei, eu sei que isso não deveria acontecer, Filipe. Mas, como você mesmo já me disse, tudo tem um propósito, mas não necessariamente explicação. Você merece conhecer Otto. E Otto conhecer Filipe. — Coloco minha mão em seu peito e ele parece sentir um leve choque. — Deus sabe o que tem no seu coração. Apenas se guie nele.

Filipe levanta uma mão e alisa meus cabelos.

— Isso dói tanto, Rory. Tudo... tudo dói tanto.

— Você consegue — digo, acariciando seu rosto.

— Fica ao meu lado?

— Sempre. Sempre que você permitir, meu amor.



*"... No mundo tereis por aflições,
mas tende bom ânimo, eu venci o mundo."
João 16:33*

Nunca havia sentido tantos assombros ao mesmo tempo: raiva, medo, aflição, angústia, dor. Todas tinham um gosto indigesto e, ao mesmo tempo, tão comum. Eu havia experimentado cada uma delas em diferentes estágios da vida enquanto vivia com a minha mãe.

Eu estava tentando virar a página que me fazia ligar a ela e os sentimentos que achei que ela sentia. Segundo Túlio, ela não sentia raiva do homem que seria o meu pai. Era amor. Um amor tão grande que não conseguia explicar o porquê de ele não nos querer.

No leito do modesto quarto particular do hospital, senhor Otto Fontenelle está deitado. Eu posso dizer com veemência que estou entorpecido por tudo que está acontecendo. Tanto que não consigo nem ter a noção do que isso significava para a minha vida. Não de uma forma mais ampla. A verdade é que a dor que eu via em minha mãe não apagaria tão fácil ao saber que Lorenzo havia sido um bom homem. Não mudaria nada.

Olho para o lado e vejo Aurora. Nesse exato momento, eu só queria poder pegar a mão dela e não largar mais.

Ela vai até a cama onde Otto está.

— Oi... eu voltei — diz Rory baixinho.

Ele abre os olhos e a recebe com um sorriso.

Fico parado, longe, rente a porta, apenas vendo a interação entre eles. Eu me encolho para que ele não me veja. Aurora estava com medo de que ele pudesse passar mal novamente e decidimos que veríamos seu estado emocional antes de qualquer movimento.

— Não me deixaram falar tudo naquela hora, guria — diz ele, deitado.

— Você precisava descansar.

— Não deixe mais fazer aquilo comigo, Rory. Por favor.

— Eu tentarei.

— Eu queria falar sobre meu neto. Eu queria poder falar a ele tantas coisas... queria te contar e talvez você fale para ele caso...

— Estou aqui, não estou?

Vejo a veia das suas mãos saltarem apertando a da Aurora.

— Lorenzo morreu por culpa minha, Rory.

— Não diga isso, Otto. Você jamais faria algum mal a ele.

— Eu fiz.

Sinto o nó na garganta crescer e quase me sufocar. Meus músculos tremem sob a pele.

— Eu... eu quero te contar tudo... assim eu garanto que a história não morra comigo, minha filha.

Aurora olha de soslaio em minha direção. Encosto na parede atrás da mim buscando algo para me escorar.

Eu estava prestes a estar diante de toda a história que nunca foi contada.

— Conte-me, Otto. O que aconteceu com Lorenzo e Paola?



1986

Lorenzo

Caminho pela viela de parreiras em direção a casebre de madeira. O

mesmo trajeto que faço todos os dias, respectivamente, no mesmo horário, nos últimos seis meses desde que voltei da temporada de estudo na Europa.

Abro a porta devagar. Eu não via mais aquele lugar como apenas uma pequena casa fria, úmida e abandonada no meio de hectares de plantações de uva. De fato, ela era antes de passar a ser quase um lar.

No canto direito há dois cobertores de tricô que minha mãe havia bordado forrando o colchão no chão. No outro, improvisei o fogão à lenha que serve para aquecer nos dias de frio. Uma chaleira, dois copos, uma rosa murcha sobre a bancada de madeira meio podre e um tear antigo completa o lugar que fora esquecido por alguma família de imigrantes italianos.

Dois minutos depois a porta se abre.

Nosso reencontro havia recomeçado há seis meses, mas parece que a cada dia em que essa cena se repete mais fico apaixonado.

Seus olhos cor de mel me encaram e ela vem para me abraçar forte.

Eu não aguento mais essa situação. Eu iria encará-lo e falar toda a verdade. Estou disposto a enfrentar as represálias ou até mesmo a fúria que a escolha causaria a tantas pessoas apenas para ter Paola a hora que eu quisesse, não só as escondidas.

— Você está tremendo, Paola.

Ela retira o lenço preto que cobre a cabeça e joga sobre a cama.

Ela sempre diz que com o apetrecho seria mais difícil que alguém a reconhecesse. Mesmo eu dizendo que a estrada era inabitada.

— O que foi? — pergunto apreensivo.

— Não posso voltar para casa.

— Não volte. — Seguro seu rosto e beijo seus lábios. — Eu te disse isso antes. Eu vou resolver tudo e...

— Estou grávida.

Sua frase me faz parar.

— Grávida?

Ela tira sua mão do meu rosto e se vira.

— Não posso voltar para o meu marido, Lorenzo.

Fico surpreso com a notícia, mas meu momento paralisante dura apenas alguns segundos.

— Isso... isso é maravilhoso.

Paola se vira para mim. Não há um sorriso em seu belo rosto sofrido.

Passamos por tantas coisas desde que nos vimos pela primeira vez.

Ainda me recordo do primeiro dia em que a vi: no seu casamento.

Lembro-me de como achei asqueroso aquele velho viúvo com fama de ignorante se casar com uma adolescente recém-chegada a cidade. Tão bela e ao

mesmo tempo, tão triste.

Tínhamos apenas 15 anos. Para mim, foi amor à primeira vista. Desde aquele dia não consegui mais tirar Paola dos meus pensamentos.

Nós nos encontrávamos em poucos minutos quando ela ia levar o queijo que fazia para a minha mãe toda a semana. Lembro-me do quanto ansiava pelas segundas.

De jeito tímido e indefeso, conquistar sua confiança foi algo difícil. Sempre oferecia algo em troca pela presteza em trazer o queijo. Geralmente era um pedaço de bolo que minha mãe havia feito. Eu não tinha muitas ideias naquela época.

Paola parecia amedrontada o tempo inteiro e mal me olhava nos olhos. Meu amor foi crescendo. Um amor totalmente platônico e impossível. Porém, continuei. Não poderia deixar de tentar encontrar uma brecha por detrás daquele rosto fechado. O primeiro sorriso que me deu foi quase um ano depois.

Foi ali que vi o meu propósito da vida. Tão novo e sabia o que eu queria fazer para sempre: fazê-la sorrir.

Quando consegui dar o nosso primeiro beijo, ela ficou três semanas sem aparecer para entregar o queijo. Quase enlouqueci. Mas, não poderia fazer nada. Paola era apenas o meu sonho.

Até que ela voltou e sorriu mais uma vez.

O beijo aconteceu mais uma vez e não fugiu mais. Foi depois disso que ela me contou que seu marido ofereceu um pedaço de terra para sua família em troca da sua mão para casamento. Com olhar caído, me contou que não tinha escolha. Seus pais eram de uma cidade distante dali e eram muito pobres.

As suas visitas que antes duravam apenas 20 minutos entre entregar a encomenda e tomar um chá com a minha mãe, passaram a durar muito mais quando nos escondíamos na cave que meu pai mantém na casa.

Eram os momentos em que eu realizava os meus sonhos. Eu a beijava. Eu a tocava, eu a desejava como nenhum homem havia feito.

Entre promessas de que tiraria ela daquela casa com um marido que detestava, nosso romance proibido teve fim. Meus pais descobriram e o inferno começou.

Minha mãe não quis mais os queijos de Paola, que eram o único motivo em que seu marido a deixava sair de casa. Meu pai, que até então me deixava solto pelas parreiras, achou que era a hora de eu estudar fora do país. A briga foi grande. Mas com 16 anos e sabendo apenas colher uvas das parreiras, não tinha muita escolha.

A história foi mantida em segredo por eles. Claro, não gostariam de ver os seus nomes manchados por todo o Vale e região. Os Fontenelles são honrosos,

disse meu pai.

E, assim, fiquei quatro anos estudando em Londres, longe de Paola. Porém, meu coração nunca deixou de ser dela.

Estudei e me formei. Queria poder voltar e reivindicar o amor de Paola só para mim. Como deveria ser. Minha maior dor não era por estar longe, mas porque sabia o quanto ela sofria por estar presa a uma relação encomendada.

Há um ano voltei para a região, pronto para recomeçar de onde havia parado.

Nosso reencontro não havia sido do jeito que eu almejava durante anos. Pelo contrário. Paola virou as costas quando passou por mim em uma das festinhas na praça da cidade.

Convencê-la de que eu nunca a havia esquecido foi difícil. Tivemos várias brigas. Porém, o amor ainda existia. Mas nossos problemas só estavam começando.

Seus pais haviam falecido e era apenas ela que cuidava do seu marido.

Eu, por outro lado, era apenas um jovem adulto formado, mas que ainda dependia financeiramente dos pais. Eu sabia que qualquer coisa que iria relacionar à Paola, eles seriam contra e não me ajudariam.

Desde então mantemos a relação escondida.

Colocamos nosso mundo perfeito nessa casa velha. Fingíamos que o destino estava do nosso lado.

Agora tudo mudaria. Paola está grávida.

— Isso é maravilhoso — repito.

— Maravilhoso? Meu marido é velho, mas tem a sanidade em dia. Nós não temos nada há muitos anos. Você sabe disso. Não posso dizer que estou grávida.

— Eu vou dar um jeito.

— Não temos nada, meu amor.

Vou até ela e a enlaço em meus braços.

— Por que sente tanto medo?

— Porque não imagino o que ele faria comigo numa situação dessas. Talvez me mataria e mataria você também.

Seguro seu rosto.

— Não vou deixar que ele faça nada.

— E os seus pais?

— Eles terão que aceitar a minha escolha. Não tenho mais 16 anos, Paola.

— Eles jamais me aceitariam.

Seus olhos cintilam em lágrimas.

É verdade. Eles jamais aceitariam.

— Vamos fugir — digo sem titubear.

— Fugir?

— Eu te disse que tenho algumas economias. Não é muito, mas dá para a gente começar. Eu tenho um diploma e conseguirei um trabalho logo. Seu marido jamais saberá para onde fomos e vamos recomeçar. Do jeito que nós sempre sonhamos, Paola.

Ela abaixa a cabeça.

— Você faria isso por mim? Deixaria todo seu conforto, toda a sua herança por mim?

Eu sorrio. Sorrio pela pergunta tão banal.

— O que farei com tanto dinheiro se não tiver o motivo da minha felicidade ao meu lado? Serei um homem aprisionado.

Enxugo seu rosto com a mão.

— Eu só preciso que diga que confie em mim — peço.

— Eu confio. Eu confio, meu amor.

— Então, me encontre amanhã, na primeira hora da manhã na rodoviária de Bento Gonçalves. Leve apenas o necessário. Eu te buscarei lá de carro.

— E para onde vamos?

— Rio de Janeiro. Tenho alguns amigos que fiz em Londres que foram para lá. Eles nos ajudarão.

Ela concorda, amedrontada.

— Saia na madrugada — digo. Pego a minha carteira e a entrego um pouco de dinheiro. — Fique com isso, talvez possa precisar até eu chegar. Se eu for te buscar em casa levantaremos suspeitas e não quero que ninguém saiba que fugimos juntos. Meus pais vão desconfiar, mas aí será tarde. Depois que perceberem nossa falta, nós estaremos longe.

Eu a abraço novamente.

— Eu te amo — sussurra.

— Eu te amo ainda mais, Paola.

Ajoelho-me sobre seus pés e abraço sua fina cintura.

— Eu farei qualquer coisa por você — falo para o ser que cresce na barriga da mulher da minha vida.

Ela se ajoelha também e beija meus lábios. E assim nos amamos mais um pouco.

Algum tempo depois com a recém-ideia de fugir acertada entre nós dois, volto para casa.

Encontro os meus pais na sala.

— Onde estava, Lorenzo? — Meu pai, Otto Fontenelle, pergunta com

seu jeito bravo de sempre.

— Estava por aí — respondo, indo em direção ao meu quarto sem querer um embate com ele.

Pego uma mala e coloco algumas peças de roupa. Coloco sapato e algumas roupas de cama e banho que minha mãe deixa no meu guarda-roupa.

Pego meus documentos e fecho a mala.

Sento-me na cama e respiro fundo.

Deixá-los não seria fácil. Principalmente a minha mãe.

Por conta de toda a história com Paola, a minha relação com meu pai foi a pior possível. Sua obrigação para que eu ficasse longe de Paola foi além ao me mandar para França. Mal sabe ele que quando o amor é verdadeiro, ele jamais se acaba.

Toda vez que eu o olho, relembro da dor que nos causou e que ainda causa. Se me apoiasse naquela época, não estaríamos fazendo essa loucura hoje.

Eu conheço meu pai. Sei que ele jamais mudaria de opinião.

Jantei com os dois e dou um abraço bem apertado na mãe antes de ir dormir.

Durmo pouco durante a noite e antes do sol nascer eu me levanto.

Pego a mala e me arrumo.

Seria o início de uma nova vida.

Da vida que eu sempre almejei com Paola.

Eu deixaria muitas coisas para trás, mas não poderia deixá-la novamente. Eu não suportaria perde-la mais uma vez.

Saio do quarto em direção à sala e, antes de abrir a porta, eu paro.

— O que está fazendo? — Sua voz vem como um trovão.

Viro-me e vejo meu pai.

— Eu...

— Pensa que sou burro, garoto?

— Não sei do que está falando.

— Ah, você sabe sim. Eu não fiquei esse tempo todo sustentando sua vida de vagabundo pra você sair na calada da noite.

— E o que você quer? Que eu vire um colono como o senhor? Eu não quero a sua vida!

— Perdeu o juízo, Lorenzo?!

— Não. Eu só não quero perder o meu amor.

— Aquela mulher é casada. Você é novo e merece...

Ele vem na minha direção e eu dou um passo para trás.

— O que vai fazer pai? Vai me mandar embora de novo? Sinto muito, mas não sou mais um garoto.

— Você é um moleque inconsequente.

— Eu amo Paola, pai. Você não vai conseguir entender.

— Nem se eu nascesse de novo. Você não pode amar uma mulher que pertence a outro homem. Você quer isso? Quer o resto?

— E se eu dissesse que ela vai ter um filho meu? — digo, segurando com força a mala.

Seus olhos mostram ira. Otto Fontenelle é conhecido como um homem bravo, mas nunca o vi tão furioso.

Para minha surpresa, ele começa a rir. Ele ri alto com um deboche enojado.

— Você é mais ingênuo do que eu imaginei, garoto. Mais burro também. Essa mulher te enfeitiçou.

Nego, nervoso.

— Vai criar filho dos outros? Ela está grávida? E você vai achar que o filho é seu? Você está sendo patético.

Ele continua a rir e fico constrangido. Ouvi-lo dizer dessa forma me faz sentir-me um merda.

— Não. Ela não está — minto. Não queria ouvir mais essa risada.

— Cuidado. Ela pode ser esperta. É claro que dizer que um filho do Fontenelle vai valer mais a pena.

— Eu a amo — digo mais uma vez.

— Ama porra nenhuma! Você quer o que ela te dá. Você quer a facilidade de transar com ela todos os dias. Ou você acha que eu não sei que você tem um lugar só para isso?

Ele sabia. Era difícil esconder algo dele.

— Não tivemos escolha.

— Você tem. Muitas. Você tem o mundo em suas mãos e olha o que está fazendo!

— Eu a escolho, por isso estou indo embora.

— VOCÊ É UM FONTENELLE! — ele grita com sua voz grave.

Minha mãe aparece no canto da sala. Chorando, coloca a mão no peito e nos observa.

— Desculpe, mãe. Eu preciso ir.

— Você não pode! — diz ele.

— Eu posso e vou.

— Vai viver como um miserável, Lorenzo!

— Melhor do que miserável de espírito. Você vai terminar sozinho, pai.

Viro as costas e saio da casa.

— Lorenzo! — ele vem atrás de mim. — Lorenzo! Volte aqui! Não pode

nos deixar!

Começo a descer as escadas e paro no meio.

— Vai me deixar ficar com ela? — pergunto, com o coração na mão.

— Não posso permitir uma coisa dessas. Vai roubar a mulher?

Nego com a cabeça.

— Eu tentei, pai. Eu tentei. — Desço o restante das escadas.

O sol está nascendo. Eu ainda tenho um caminho grande até chegar à rodoviária de Bento Gonçalves.

— Como vai sair daqui? — ele pergunta, assim que entro no meu carro.

Parado ao lado, vejo-o segurar a chave da minha caminhonete.

— Você não vai levar nada meu — diz entredentes.

— Esse carro é meu!

— A C10 é minha! Eu que paguei. Daqui você só vai levar as suas roupas. Sinta-se por satisfeito. Não vou cooperar com essa loucura, Lorenzo!

— Meu filho... — Minha mãe se aproxima e implora. — Por favor, não faça isso.

Saio do carro e a abraço forte.

— Não chore, mãe. Juro que mando notícias para a senhora, mas não posso ficar sem ela.

— Olhe o que está fazendo com a sua mãe! É isso que você quer, nos matar? — indaga meu pai.

— Não, mas é isso que você faz comigo todos os dias.

— Eu só quero o seu bem, Lorenzo.

— Fazendo o que você quer. Eu quero outra coisa. Quero uma vida diferente!

— Construí um império para você e quer que eu jogue fora?

— Faz o que quiser com ele. Não quero nada seu!

Ao lado, no canto, vejo seu carro estacionado e uma moto antiga na qual utilizam para o trajeto rápido entre os vinhedos. A chave pendurada no guidão.

Não penso duas vezes. Mesmo se eu andasse toda a vinícola até a estrada e pegasse uma carona com alguém que passasse, ainda chegaria atrasado para chegar à rodoviária.

Não posso correr o risco. Deixo a mala no chão. Coloco mão no bolso da calça para me certificar que a minha carteira está ali e pego a moto em segundos.

Minha mãe cai de joelhos com as mãos juntas e meu pai coloca as mãos na cabeça quando consigo fazer a moto ligar.

— Lorenzo... por favor... não faça isso... Lorenzo...

Não respondo ao meu pai e arranco com pressa.

Só dá tempo de ouvir mais uma vez meu nome sendo ecoado pelas vastas

plantações de uva.

— LORENZO!



— O que aconteceu com ele depois que foi embora? — pergunta Rory.

— Nunca mais o vi. Não do jeito que eu queria.

— Ele fugiu com Paola?

— O acidente de Lorenzo foi naquele dia — conta Otto com a voz embargada. — Ele bateu contra uma árvore e morreu na hora. Ele não chegou onde queria ir.

Minhas pernas perdem as forças e só não caio porque a parede atrás de mim me sustenta.

— Eu não disse o quanto o amava, Rory. Eu não disse o quanto sentia. Eu só pensei em mim. A culpa foi toda minha por ele sair com aquela moto com tanta pressa.

— Eu sinto muito, Otto — lamenta Aurora. — Eu sinto muito mesmo.

Ela me olha e tomado por uma constatação absurda, eu saio do quarto sem falar nada.

Ando pelo corredor aturdido e entro no único lugar que parece brotar subitamente à minha frente: a capela.

Eu me ajoelho rente ao andar.

— Senhor, meu Deus. Retira de mim a dor que esmaga meu peito. A mesma dor que minha mãe sofreu. Deus, eu clamo por ti.

Sem perceber, Aurora chega e fica também de joelhos.

Eu a abraço. Abraço tão forte que quero me fundir a ela para tentar aliviar a minha dor. Ficamos conectados dessa forma por bastante tempo antes de eu soltá-la e enxugar meu rosto.

— Ela sofreu a vida inteira achando que tinha sido abandonada pelo homem que amava. Ele só não apareceu por que...

— Essa é uma das coisas que não tem explicação, Filipe. O destino deles foi triste. Mas o amor existia. Sempre existiu.

— O amor não é suficiente, Rory.

— Não fale assim.

— Minha mãe... essa história... ela teria me contado, Aurora...

— Otto não mentiria sobre algo assim, Filipe. Eu sempre imaginei que

teria acontecido algo bastante triste para que ele nunca contasse essa história.

— Eu não acredito nele. Não acredito que minha mãe era casada e... Ele está inventando isso por raiva dela. É o tipo de homem que jamais aceitaria uma pobre mulher como nora.

Levanto desnortado.

— Filipe... — ela se levanta também. — Ele pode até ter pensado assim naquela época, mas ele se arrepende e...

— Tarde demais. Os dois morreram. Não foi só o meu pai que morreu naquele dia, Aurora. Ele matou os dois. Os dois!

— Eu entendo a sua frustração e...

— Frustração? Eu não vivi em um lar maravilhoso e sem preocupação como você.

Ele cerra o olhar.

— Eu trocaria toda a tranquilidade para ter meu pai de volta, Filipe.

— Rory, eu... eu estou nervoso e...

— Não adianta você ficar assim. Essa história muda tudo.

— Isso não muda nada — digo.

— Como não? Otto é sozinho e você é o her...

— Eu sou padre! — grito. — Sei que você não entende muita coisa sobre isso, mas descobrir que sou neto dele não vai fazer você perder o peso da responsabilidade!

Aurora se cala, dá um passo para trás com seu rosto vermelho.

Meu coração chega a doer. Vê-la sofrer por minha causa me deixa ainda mais decepcionado.

— Eu preciso de um tempo.

Ela concorda e sei o quanto luta por dentro para não chorar.

— Vai embora, Filipe.

Percebo o quanto estou sendo grosseiro com ela.

— Rory, eu...

— Vai embora! — É a vez de ela gritar.

Sem saída, eu saio da capela, deixando com ela mais uma parte de culpa.



*“Hoje eu admiti pra mim mesmo
Eu tenho um grande vício
Pra que mentir pro meu coração?
Tava cada dia mais difícil
Talvez eu seja um pouco sem juízo
Talvez eu queira mais do que preciso
Mas pensando bem, diz o mal que tem
Querer mais de você”
Malta – Nada se compara*

Dias depois

— Você está me ouvindo? — Giulia pergunta, colocando a xícara de café sobre a mesa da minha nova sala no prédio de degustação da Casa Fontenelle.

— Desculpe, Giu, eu estava com o pensamento longe. Minha cabeça está explodindo.

Ela revira os olhos e recomeça.

— Essa história do Filipe ser neto do Otto...

— Shhhh!

— Não tem ninguém aqui nesse andar. Fique tranquila.

— Ninguém sabe dessa história, Giu. Otto prefere que tudo fique como está. Pelo menos até o exame sair.

— Exame?

— De DNA. Parece que Filipe fez questão.

— Eu também faria. — Ela bufa um pouco. — Eu estava pensando com os meus botões. Acho toda essa história bem novela das nove, sabe? Com reviravoltas bastante loucas e tal.

— Filipe foi manipulado para estar aqui. Longa história.

— E vocês? Não estão se falando?

Faço que não e meu coração se aperta. Meus dias estavam sendo difíceis. É complicado sorrir quando o mundo parece ter te tirado os motivos. Tenho focado ainda mais no trabalho. Está sendo bom porque é um tempo que tiro para não pensar apenas nele.

Por outro lado, Otto estava tendo uma recuperação ótima. Voltou para casa na semana passada e está feliz. Dá para ver em seu rosto a alegria por ter encontrado o neto.

Eles se encontraram enquanto eu estava trabalhando. Otto me contou os detalhes desse encontro. Em como tinha certeza que Filipe era o seu neto mesmo sem o resultado do exame. Contou em como pediu seu perdão e como teria feito tudo diferente se tivesse uma segunda chance. Mostrou o quarto do Lorenzo e deu-lhe todas as cartas que Paola havia enviado, achando que seu amado estava vivo.

Eu ouvi com emoção toda a sua animação. Otto estava feliz mesmo sabendo que seu único herdeiro não poderia herdar nada sendo padre. Sua felicidade era plena apenas em saber que Lorenzo deixou alguém para que ele se redimisse e pedisse perdão.

Perdi as contas de quantas vezes eu disse que o destino havia sido infeliz com eles dois. Otto, no fundo, jamais se perdoaria. Ele não queria que Lorenzo morresse. Preferia milhões de vezes que ele tivesse fugido com Paola do jeito que queria.

Desde então eu estou com o coração quebrado. Filipe permanece longe e isso me deixa angustiada. É difícil se manter distante quando entende que a pessoa precisa de você. Não sabia como ele estava levando a situação depois do baque da descoberta.

— Não mandei mensagens e nem liguei para ele desde que tudo aconteceu no hospital e, pelo que reparei, ele prefere assim também — digo.

— Ele é padre, Rory. Dá um desconto. Ele deve estar em quarentena.

É a minha vez de revirar os olhos.

— Essa é a frase que mais falo a mim mesma: ele é padre.

— E pelo jeito ela não entrou direito nessa cabecinha, não é?

Nego. Eu não conseguia mais mentir.

Filipe é o único homem que me tocou de verdade. O que atingiu profundamente a minha alma.

— Onde eu fui me meter, Giu?

Ela levanta os ombros.

— Eu não sei. Só não queria estar na sua pele.

Respiro fundo.

— Obrigada pela ajuda.

— Amiga, eu só posso ser uma boa ouvinte. Nunca me apaixonei por um padre.

— Sem deboche, Giulia.

— Olha, eu não sei de muita coisa, né, amiga? Eu estava querendo te falar isso há mais tempo, mas diante de toda essa confusão de neto, filho e briguinha entre vocês, eu acabei não contando.

— Contando o quê?

— Na noite de lançamento do Aurora.

— O que têm?

— O Padre Filipe foi com aquela mulher e tal.

— Sim, Milena. É uma amiga.

— Eu conversei com ela um bom tempo.

— Ah é. E o que ela falou de importante?

— Amiga, a mulher não tem costume de beber e depois de duas taças estava igual a uma matraca ao meu lado.

— E?

— Ela reparou o quanto Filipe não parava de te olhar. Estava até bastante perceptível, na verdade. Será que ela sabe? Sabe o que está acontecendo entre vocês dois?

— Não sei. Só sei que eles já foram namorados.

— Sério? Essa história fica cada vez mais cabeluda.

— Antes de virar padre, claro. Mas ela disse alguma coisa, sobre o Filipe?

— Ela disse que muitas vezes não estamos vivendo nossos sonhos porque preferimos viver o medo.

— Eu não tenho o que fazer, Giulia. A escolha não é minha. Por isso estou mantendo a distância que ele prefere.

— Será mesmo? O cara é padre. Fez uma escolha da vida e mudar assim

é meio louco, não acha?

— Eu entendo. Porém, repito: a escolha é dele.

— Você queria que o amor que sente fosse o suficiente, não é?

Deixo meu corpo cair sobre o encosto da cadeira.

— É. Acho que sim — digo.

— A escolha é dele mesmo, mas se você ama tanto esse homem, tem que estar certa que fez de tudo. Quer chegar daqui a alguns anos e se arrepender?

— Eu fiz de tudo.

— Então não haverá brecha para um arrependimento. É isso que está me dizendo?

— É. É isso mesmo.

Ela pega sua xícara, bebe todo o líquido e levanta.

— Bom, mais um dia de trabalho chega ao fim. Ia te chamar para irmos até o bistrô do Pablo, mas acho que a situação entre vocês também não anda boa.

— Ele precisa de um tempo para entender que acabou. Eu não tenho problema em ir lá, Giu, mas quero dar esse tempo a ele. Pablo sempre será um bom amigo.

— Eu prometi que iria até lá. Vou ouvir um pouco as suas lamúrias e tentar dar alguns conselhos.

— Vai sim. Ele precisa.

Levanto-me também e pego minha bolsa. Tranco minha sala, vamos juntas para o estacionamento e nos despedimos.

Minutos depois chego em casa. Entro na sala e deixo minha bolsa sobre o sofá quando ouço uma risada alta do Otto e vejo minha mãe chegar pelo corredor.

— O que está acontecendo? — pergunto a ela.

— Otto está com Filipe — conta com um sorriso.

Logo minhas terminações nervosas ficam eufóricas dentro do corpo.

Ajeito meu cabelo e minha mãe me vê.

— O que foi, mãe?

— O resultado deu positivo. Filipe é neto do Otto de verdade.

Meu coração bate forte.

— Que bom, mãe. Fico feliz por Otto.

— Eu também, minha filha. Quer bênção maior do que essa?

Pego minha bolsa com pressa e caminho para o corredor.

— Não vai falar com eles?

— Não. Melhor eles ficarem a sós. Vou para o quarto, mãe.

Não espero a resposta. A verdade é que eu não queria ver Filipe. Não queria voltar à estaca zero da minha tentativa de esquecê-lo.

Quero deixar do jeito que ele prefere.

Uma hora depois, tentando controlar minha ansiedade, ouço uma batida na porta e peço para que entre.

— Oi, Rory — diz Otto.

— Ei, como está? — pergunta, fazendo gesto para que ele sente na cama.

— Sua mãe contou? O exame deu positivo. Eu sou avô do Filipe — conta emocionado.

Vou até ele e o abraço.

— Fico muito feliz pelo senhor.

— Eu sei que fica.

— Filipe é um homem incrível e eu não poderia ter neto melhor.

— Ele é.

— Estamos nos conhecendo e é uma coisa nova para mim. É como se meu filho revivesse. Ele deve estar me achando louco.

— Você é um pouco louco, Otto. — Ele sorri. — Brincadeira. Filipe é um homem bom, jamais pensaria isso.

— Filipe falou sobre a sua condição de padre mais abertamente. Sobre não poder receber herança.

— Não, ele não pode.

— Queria poder tirar um pouco do seu fardo, guria.

— Não é fardo, Otto. Eu estava apenas tendo uma crise existencial. A minha vida é a Casa Fontenelle.

— Filipe disse isso. — fala, erguendo os olhos para mim. — Disse que jamais haveria alguém melhor do que você para esse papel. Estou tentando aproveitar ao máximo o meu neto. Uma pena que logo ele irá embora.

— O quê?

— Ele não te contou? Pensei que vocês fossem amigos. Eu os vi abraçados naquela noite e, se não fosse a semelhança de Filipe com Lorenzo, eu focaria mais nesse abraço. Mas depois conclui que estou velho e que as coisas estão mudando. Não quis passar de ultrapassado e...

Levanto-me com pressa.

— Por que ele vai embora?

— Coisas da religião. Precisa ser transferido. Acho que pelo fato de termos nos encontrado e...

Pego um casaco no guarda-roupa com pressa.

— O que está fazendo? — pergunta ele.

— Eu preciso tentar. Eu preciso tentar, Otto. — Eu estou chorando.

— O que está dizendo?

Olho para ele com todas as dores centralizadas no peito. E, como se seus

olhos vissem mais claramente, ele os arregala.

— Filipe é o homem que você ama, Rory? — indaga baixinho.

Nego com cabeça em meio ao choro e, sem saída, confirmo. Eu não sei o que dizer.

Ele se levanta também.

— Filipe é padre, Aurora! Você não...

Eu sorrio em meio ao choro. Quantas vezes eu precisaria ouvir isso para poder entender de verdade?

— Eu sei. Eu sei e me culpo por isso.

Ele me olha aturdido e, sem que eu espere, me abraça forte.

— Vá! — diz em meu ouvido.

Paro de chorar e olho para ele.

— Vai fazer o que deve ser feito, Aurora. Eu neguei isso ao Lorenzo. Não vou errar mais uma vez.

Não consigo dizer nada. Recebo um beijo na testa como uma bênção e saio de casa com pressa.

Eu preciso esgotar as minhas chances de tentar.

A vida me cobraria a ilusão de ter tentado algum dia. E eu não estava disposta a sofrer por um passado que poderia ter feito diferente.

Não como Otto. Não como Lorenzo. Não como Paola.

Eu iria atrás dos meus objetivos. E o maior deles, no momento, é dizer ao Filipe, mais uma vez, sem demora, o quanto eu o amo e o quanto o quero para mim.



*“Confie no Senhor de todo o seu coração
e não se apoie
em seu próprio entendimento; reconheça o Senhor
em todos os seus caminhos,
e ele endireitará as suas veredas”
Provérbios 3:5-6*

Eu poderia dizer que aprendi mais sobre mim nos últimos dias do que nos anos que se passaram.

Um turbilhão de sentimentos tomou conta do meu ser.

Não houve engano. Busquei nos registros do padre Giovanni pela minha mãe e encontrei a confirmação de que ela havia se casado anos antes de fugir para o Rio de Janeiro. Consumi a minha revolta com o tempo necessário. Ponderei e questionei todos os dias.

O mais difícil não foi lidar com o homem que, de uma forma quase direta, causou toda a desgraça. Otto mostrou tanta compaixão por descobrir seu neto que, de fato, me comoveu. O que mais doeu foi perceber o quão em vão foi o sofrimento da minha mãe. Lorenzo a amava e nunca a abandonaria.

Consegui compreender tudo o que havia acontecido com a cabeça mais fria. Minha mãe nunca foi uma mentirosa ou aproveitadora. Ela omitiu a sua história, talvez por medo, por dor. E o exame de DNA foi a prova que eu daria a Otto da índole da minha mãe.

Eu sempre acreditei que Deus nos mostra o caminho correto e o errado. Cabe a cada um fazer a escolha por qual seguir. Indecisão é adiar um sofrimento desnecessário. Eu queria dar um fim na angustia que eu carregava dentro de mim.

Achei por muito tempo que Deus me guiava até Aurora.

Ah, Aurora. Se soubesse o quanto de amor que cresceu dentro de mim.

Meu caminho estava predestinado. Ele era estreito e apertado e eu não sabia o que encontraria no fim quando cheguei em Monte Belo. Durante o trajeto conheci a mais bela flor. Uma flor de lótus. A mesma que ela carrega em seu pescoço. Ela iluminou meu caminho a cada manhã. A cada despertar da aurora. Eu me senti vivo. Eu me senti especial.

Eu me apeguei a Santo Agostinho: com o coração se pede. Com o coração se procura. Com o coração se bate e é com o coração que a porta se abre.

Não fui forte o suficiente para apenas olhar o caminho, desviei e me vi abraçado à linda flor.

Mas eu teria que soltá-la.

Algo dentro de mim, em minhas orações, me diz para seguir o meu caminho. Algo mais forte do que eu: Deus.

Creio que Ele tem algum propósito para mim. Ele é o único que consegue compreender o quanto eu sofreria com essa escolha.

Reli várias vezes o Salmos 55:22: lança o teu fardo sobre o Senhor, e ele te sustentará; nunca permitirá que o justo seja abalado.

Eu o lancei.

Entrego a minha vida novamente a Ti, senhor. Que seja feita a sua vontade.

Diante da certeza que invade meu coração, pedi transferência perante o bispo da região. Tive que contar a verdade sobre a descoberta familiar, o que foi motivo suficiente para o pedido ser aceito. Conteí ao padre Giovanni toda a história e, para minha surpresa, o homem ficou triste com a minha designação. Logo teria outro padre auxiliar para resmungar.

Guardo as cartas da minha mãe na caixa. Inclusive, as cartas que Otto havia me dado. Coloco cada roupa na mala. A sensação de vazio me acompanha em cada respiração dada. O amor por Aurora eu prefiro deixar apenas guardado no peito.

Eu não sabia como agir, apenas precisava perseverar nas escolhas que

estou fazendo.

Lá fora uma chuvinha chata parece estar entristecida em comoção ao meu estado de espírito.

Ouçõ uma batida na porta do meu quarto e peço para que entre.

— Arrumando suas coisas? — pergunta o padre Giovanni.

— É. O bispo disse que a transferência sai ainda nesta semana. Estou só adiantando.

Ele torce a boca.

— Tem visita para você na sala.

Coloco o casaco que está na mão dentro da mala e olho para ele.

— Aurora. Ela quer falar com você.

Meu coração salta.

Eu esperava que ela compreendesse que a distância que impus era necessária. Na verdade, eu torcia para que não precisasse olhar em seus olhos e dizer que eu iria partir.

— Vai lá — fala o padre. — Não seja covarde como e fui e diz à menina que está indo embora.

Ajeito a minha postura e concordo.

— Vou para a igreja — diz. — Tenho alguns afazeres. Mais tarde eu retorno.

Padre Giovanni sai e eu respiro fundo para controlar meu nervosismo.

Vou até a sala e vejo Aurora de costas, de frente para a janela aberta.

É difícil entender o quanto ela significa para mim. Até mesmo a palavra amor parece-me pequena.

— Aurora.

Ela se vira. Parece iluminar mais uma vez a minha vida. Uma última vez. Uma trança de lado está molhada por conta da chuva e deixa ainda mais linda.

Perco os sentidos.

— Será que podemos falar um minuto?

Concordo e aponto para o sofá para que ela se sente.

— Não, eu estou bem. Prometo que serei breve.

— Não quero que seja, Rory.

Ela olha para o seu tênis e parece buscar ar. Eu queria dizer o quanto senti sua falta nesses dias.

— Primeiro... — digo. — Eu queria me desculpar pela última vez que nos falamos. Eu estava perdido e acabei sendo grosseiro com você.

Ela ergue o olhar para mim.

— Tudo bem, eu entendo. As coisas parecem que saíram dos eixos, não

é?

— Completamente.

— Você vai embora? — ela pergunta. Seu rosto tem um rubor que eu já havia visto. Seus lindos olhos estão encobertos, como se ela reprimisse tudo dentro de si.

— Eu preciso.

Ela nega com a cabeça e dá um passo em minha direção.

— Otto precisa de você, Filipe.

— Otto tem você, Aurora.

Ela nega novamente.

— Está fugindo?

Não consigo responder essa pergunta em tom alto.

Sim, eu estava.

— A única alegria que dei a minha mãe foi me tornando um homem de Deus, Rory. Diante do seu sofrimento e todas as minhas promessas eu não posso continuar aqui.

— Como você ainda pode enxergar tudo isso como algo proibido?

— É proibido, Aurora.

— Não existe amor proibido, Filipe. Proibido é negar o que sente. Negar o que sinto. Negar o carinho que eu gostaria de te dar. Negar todo o amor que tenho para te oferecer. Isso, sim, é pecado, deveria ser proibido — diz em lamúria, quase em um sussurro, entre os lábios.

— Meu comprometimento com Deus veio antes do amor que eu sinto por...

Eu queria completar a frase. Dizer com todas as letras: eu amo você, Aurora. Como jamais imaginaria amar alguém.

Deus, porque isso teve que acontecer?

Era esse o propósito que eu tinha? Testaria a minha fé?

Ficamos parados, um de frente para o outro, por alguns minutos que parecem não ter fim. Até que ela nega com a cabeça.

— Desculpe, eu... eu não acreditei quando soube que me deixaria. — Aurora seca a lágrima e o canto dos olhos, forçando um sorriso sem graça. Um sorriso que esmaga o meu peito. — E eu sei. Sei o quanto a igreja é a sua vida. Eu deveria compreender. Estou sendo ridícula vindo aqui, Filipe, mas eu precisava tentar.

Ela abaixa o olhar novamente.

Sinto o pulsar frenético do meu coração nos meus ouvidos.

Dou um passo até chegar rente a ela. Seguro seu queixo e levanto-o para que ela olhe para mim. Meus pensamentos me traem. Eu a queria para mim, eu

queria tirar toda a tristeza que assombra seu rosto. Preciso resgatar o sorriso feliz e leve que ela carregava.

— Você não é ridícula — afirmo, sussurrando e isso é suficiente para outra lágrima cair do seu olho. — Jamais fale de você dessa maneira. Você é a mulher mais incrível que conheci na vida, Aurora.

Sem pensar muito meus polegares que seguram seu queixo, vão direto para sua boca. Passo os dedos suavemente, querendo de alguma forma, prová-los, senti-los novamente.

Aurora fecha seus olhos e me sinto mais confortável para analisar todos os detalhes do seu perfeito rosto. Os desejos carnavais retomam com mais intensidade e sem querer lutar contra isso, permito-me apenas em inebriar-me com sua proximidade.

O que estou fazendo?

— Peça, Filipe...

Sua súplica me faz quase chegar ao êxtase.

Deus, o que estou fazendo com ela?

Eu não posso. Eu não posso.

— Desculpe. — E faço que não com a cabeça.

Aurora abre os olhos e dá um passo para trás, se distanciando.

— Não precisa dizer nada. Eu estou me sentindo perversa. Estou te dizendo para ir contra tudo que você sonhou para você.

— Não. Não, Aurora. Nem se quisesse você seria capaz de ser perversa.

Ela sorri um pouco em meio as lágrimas.

— Então me deixe dizer tudo o que sinto?

Era a minha vez de baixar o olhar.

Por medo.

Ela chega mais perto.

— Eu consegui ver, Filipe. Eu consegui ver nós dois juntos. Logo eu que nunca quis pensar muito no futuro. Logo eu que nunca me vi presa a alguém, percebi que a alegria vem do amor. Daquele que se quer estar perto.

— Por favor...

— No meu futuro, eu supria todos os seus medos com o carinho que tenho para te dar. Eu queria o tudo com você. Queria casar. Queria sentir seus beijos. Os beijos que nunca demos. Queria te desejar sem me punir. Queria poder sentir seu toque. Queria filhos. Criar um ser que tivesse seus olhos e sua bondade. Queria me tornar melhor por você. Queria torná-lo completo, assim como eu seria. Com você, Filipe. Apenas com você.

Ela para e parece enfim respirar.

— Aurora, eu...

— Não precisa dizer nada. Eu só precisava que você ouvisse.

Deus, eu a amo tanto!

Antes que ela vire, eu pego sua mão e puxo rapidamente, fazendo seu corpo grudar no meu. Nossas respirações estão tão rápidas e descompassadas que ficam visíveis através do vai e vem dos nossos peitos. Não sei quanto tempo permanecemos assim, apenas nos olhando e deixando embriagarmos um do outro. Eu queria poder imaginar que o mundo parou e só havia nós dois. Seria tão mais fácil.

Limpo a lágrima que cai sobre o seu rosto.

— Qualquer coisa que eu fizesse indo contra a igreja, não seria eu. Tenho comprometimento com Deus, Rory.

— E eu sou Aurora. E sou muito mais eu quando estou com você.

— Não fale assim. O Senhor sabe quantas vezes eu desejei que pudesse tê-la encontrado antes. Antes de ter me tornado padre. Mas não posso ir contra isso. Por favor, Aurora, é para o nosso bem — digo como uma lamúria e encosto minha testa na sua.

Eu queria ficar perto. Perto o quanto podia.

Fecho os meus olhos e ela os dela.

— Eu não o tenho de corpo e alma. Então, não está tudo bem. Nada bem.

— Por favor — suplico novamente, sentindo a dor excruciante em meu peito.

Respiro fundo sentindo seu aroma doce, sua pele recostada a minha. Seus lábios tão próximos.

— Se eu sei o que é amor, Aurora, é por sua causa — digo e no mesmo instante me arrependo.

— Isso deveria ser suficiente.

Abro os meus olhos e encontro os seus. A tensão paira no ar.

Nos meus pensamentos passam tantas ideias do que eu gostaria de fazer com ela que, ultrapassando todas as barreiras da força, eu me controlo.

Eu sempre me contive ao máximo para não dizer com todas as palavras que a amava. Cheguei a pensar no mesmo futuro que ela acabou de declamar. Porém, todas as mudanças da vida me fizeram caminhar para trás e verificar, com mais contundência.

Queria ter coragem para dizer o que meu coração manda. Porém, mais uma vez, uma vozinha me faz perceber que o caminho é outro.

Não consigo explicar, mas algo me diz que eu preciso dizer não. Preciso ir contra o amor tão grande que existe em mim.

E, indo contra os meus sentimentos e desejos carnavais, eu apenas ajo da forma mais correta a ser feita e beijo sua testa demoradamente, respirando fundo

o seu aroma que tanto me deixa seduzido uma última vez.

Ajeito o seu cabelo e sinto a dor esmagando meu peito.

— Não vou largar o meu sacerdócio, Aurora — enfatizo e sinto-me rasgando ao meio.

Ela pisca várias vezes e morde o lábio inferior em uma tentativa de não chorar mais.

— Eu só quero que saiba que eu jamais te esquecerei, Filipe.

Fico sufocado.

Faço o que é certo, deixando sua mão para que vá para longe de mim.

Ela se vira com rapidez. Abre a porta e sai em disparada.

Eu preciso responder. Preciso ser sincero mais uma vez. Preciso dizer que ela jamais será esquecida também.

Enfim, consigo me mover e vou atrás dela com pressa.

— Aurora! — grito.

Só dá tempo de ver a caminhonete deixando um rastro no chão.

Ela partiu.

Fez o que eu pedi.

Por que ainda dói tanto?

Volto para dentro de casa e caio no chão em joelhos. Fechando os olhos, tentei imaginar o inverso deste momento.

— Eu queria te dizer, Aurora — digo, como se ela ainda estivesse aqui.

— Queria te dizer que eu amo você. E para sempre amarei. Por toda a eternidade, até o fim dos meus dias... amém.

Queria afogar a dor no meu peito, mas não havia nada que ajudasse nesse tipo de absolvição.

Eu precisava sentir.

Apenas sentir.



*“Agora eu quero ir
Pra me reconhecer de volta
Pra me reaprender
E me apreender de novo
Quero não desmanchar com teu sorriso bobo
Quero me refazer
Longe de você”
Anavitória – Agora eu quero ir*

Eu não tinha o objetivo de me apaixonar e, muito menos, de me apegar. Poucas metas faziam parte dos meus sonhos. E, em nenhuma das hipóteses, poderia imaginar encontrar um grande amor. Ainda mais dessa forma. Como uma bomba intocável.

Queria entender quando passei a incluí-lo e imaginar apenas um futuro com ele. Em que momento eu havia imaginado que isso poderia ser diferente? E não foi. Infelizmente tudo isso estava só no meu coração. Minha alma está destroçada. E a culpa de estar sentindo isso é apenas minha. Eu busquei. Eu fui atrás. Eu estava sendo a errada em tudo. Errada em amar alguém que jamais

poderia ser meu.

A dor corrói todo o meu corpo. Dói como uma rocha presa em minha garganta. O vazio da sua falta é excruciante.

Eu tentei. Eu fiz tudo o que pude.

Ligo meu carro com uma velocidade descomunal. Eu queria sair dali o mais rápido possível.

Nunca mais quero vê-lo!

Nunca mais quero sentir o que sinto nesse momento.

Piso fundo no acelerador do *Sun* pelo Vale dos vinhedos e seguro meu pingente de lótus com força. Tanta que sinto a palma da minha mão latejar.

Por que ele não embarcou nos sonhos que idealizei?

Eu perdi. Perdi a batalha contra a sua religião. Perdi pelos seus medos e receios. Perdi por ele não me amar o suficiente.

O QUE EU TE FIZ, DEUS?

Deus!

Sorrio sozinho em meio às lágrimas.

Deus não olha por mim. Ele me abandonou há muito tempo.

Vou ziguezagueando pelas curvas sinuosas.

A chuva aperta.

Limpo as lágrimas dos meus olhos.

De repente, e, de relance, em mais uma curva fechada, vejo Mattias parado à beira da estrada.

Eu me assusto e piso no freio de forma involuntária.

Sun derrapa após a curva com a pista molhada. Meu coração acelera.

Tento mantê-lo firme sob as minhas mãos com desespero.

Mas é em vão.

DEUS...

...cuida de mim.



*“Muitos são os planos
no coração do homem,
mas o que prevalece
é o propósito do Senhor.”
Provérbios 19:21*

Eu sabia que as consequências dessa escolha me matariam um pouco. Eu tinha consciência disso. Mas eu tenho fé. Fé no Deus que me diz o que fazer e, mais ainda, que me faça compreender que isso tem um propósito que, até então, eu desconheço.

Termino o dia arrumando o restante das minhas coisas.

Eu sentiria falta não só do amor que deixarei aqui, mas também dos laços estabelecidos nessa cidade. Tudo ficaria perpetuado em mim. Toda a simplicidade e cordialidade. Até mesmo pelo avô que eu nem sabia existir. Eu sentiria falta do cheiro de uva adentrando pela janela do meu quarto. Sentiria pelas caminhadas inspiradoras. Pelas parreiras que confidenciei minhas dores.

Meu olhar em todo canto de Monte Belo do Sul havia mudado desde que eu soube que minha mãe havia vivido aqui. Minha história se iniciava nesse lugar e, por mais que tudo tenha sido um baque, entendia a importância de saber

a verdade. Enquanto uma parte de mim havia se preenchido de alguma forma, Aurora deixava em mim outra parte vazia. E ela seria, para sempre, inabitada.

Coloco minha mala na sala com o coração triste e sento-me no sofá. Meu celular toca. Pego-o e vejo o nome de Giulia. Por um momento penso em não atender. Eu ainda estou sentindo toda a tensão que foi dizer adeus para o amor da minha vida. E, pior, não do jeito que eu gostaria que tivesse sido.

Atendo e, do outro lado da linha, ouço um choro que me faz saltar.



Deus.

Eu te pedi ajuda.

Ajuda por tudo que estava fora das minhas condições.

Pedi para me auxiliar. Pedi para me guiar nas escolhas.

Com o coração aberto e fiel ao Senhor.

Pedi tanto. Pedi por mim, pedi por ela.

Agora eu teria mais uma culpa em meus ombros.

Eu queria entender, Senhor.

Eu queria entender o porquê está fazendo isso comigo.

Por quê?

Entro no hospital como um trovão.

Não sei nem como consegui chegar até aqui com o carro do padre Giovanni diante da dormência em meu corpo.

Aurora sofreu um acidente no Vale dos Vinhedos. Foi apenas o que Giulia conseguiu pronunciar em meio ao choro. Foi o suficiente para eu entrar em pânico.

Eu encontro a Giulia no corredor e ela me abraça.

— Onde ela está, Giu? — pergunto com pressa.

— Está fazendo alguns exames.

— O que aconteceu?

— Ela bateu contra uma árvore — diz entre lágrimas e fico em choque.

— Chegou desacordada porque bateu a cabeça no volante. Só soube hoje pela manhã.

— Meu Deus.

— Calma — pede com as mãos. — Ela já acordou. Fátima acabou de me dizer. Está fora de perigo.

Sinto minhas pernas perderem as forças e me sento no banco atrás de mim.

Giulia senta-se ao meu lado.

— Diz que ela está bem novamente, Giulia. Por favor... — Sinto a lágrima cair sobre o meu rosto.

Ela aperta os lábios diante da minha vulnerabilidade.

— Ela está bem.

Respiro fundo aliviado. Porém, sei que jamais me perdoarei por tê-la deixado ir embora daquela forma.

A história poderia ter sido pior.

Por minutos achei que a havia perdido. Que eu a havia perdido para sempre. Eu não sei o que seria de mim se soubesse que viveria em um mundo em que a Aurora não estivesse.

— Desculpe te ligar daquela forma. É que eu não sabia ainda como ela estava. Fátima estava em desespero ao meu lado e...

— Otto?

— Eu não sei, eu cheguei ainda pouco e Fátima não quis sair de perto dela.

— Claro.

Ela me olha de soslaio.

— Você a ama, não é?

Era a minha vez de olhá-la.

— Eu sei que você não pode responder, Filipe, mas...

— Eu a amo mais do que a mim mesmo.

Minha resposta a faz calar e um sorriso brota em seu rosto.

— Só de pensar em perdê-la dessa forma eu... — Respiro fundo, buscando a ar, que parece escasso.

— Você tem escolha, não é? Sempre temos.

— Eu não posso, Giulia.

— E disse isso a ela?

— Disse. E olha o que causou.

Ela abre um pouco mais os olhos.

Fátima sai de uma das salas e nos levantamos de imediato.

Quando me vê, ela chega perto e me abraça.

— Que bom que está aqui, padre.

— Como ela está? — fala Giu.

— Fez uma ressonância quando chegou por conta da batida na cabeça, mas os médicos pediram mais exames e depois mais outros. Recebeu quatro pontos no supercílio. Está reclamando um pouco do incômodo. São horas

fazendo exames. Eu sei que a batida foi feia e é preciso, mas estou nervosa com tudo isso. Só por vê-la bem, acordada e falando, me sinto melhor.

Meu coração se aperta.

— Ela está acordada então? — pergunto.

— Por enquanto, sim. Ela está agitada e, por isso, o médico deu um remédio para ela dormir e descansar. Posso falar que você está aqui, padre.

— Não... eu... — Eu não poderia fazer isso com ela mais uma vez. Por mais que a minha vontade fosse ir até lá e mudar tudo.

— É melhor eu ir — Giulia diz.

— Vai sim, minha filha. Ela vai gostar.

Giu dá uma piscadinha para mim e entra no quarto de onde Fátima saiu.

— Aurora disse para eu não contar ao Otto sobre isso, mas como vou esconder dele?

— Ela não quer que ele se preocupe no estado em que está.

— É. Eu nem sei como ele reagiria.

— Aurora sabe o que faz, senhora Fátima.

— Sabe. Quer dizer, nem tanto. Já falamos para ela não andar igual louca por essas estradas, mas é teimosa. Agora tive que mentir para Otto que não me viu acordada em casa. Eu não sei como fazer isso. Eu...

— Como aconteceu? O acidente? — pergunto, segurando seus ombros.

— Ela falou que se assustou porque viu um funcionário da vinícola na beira da estrada e perdeu o controle. Eu nem conheço esse funcionário. Rory nasceu de novo, padre. Eles me mostraram fotos e o carro que tanto ama está destruído. Ela bateu contra uma árvore. A batida foi tão forte que a árvore partiu ao meio e caiu sobre o lado do carona. Por um milagre o lado do motorista quase não foi atingido. Ela só bateu o rosto sobre o volante. Está com a testa um pouco inchada e o corte. Minha menina nasceu de novo, padre. Deus a salvou.

Concordo com a cabeça.

Ela aperta os lábios com os olhos marejados e me abraça novamente.

— Senhora Fátima? — O médico atrás dela a chama.

— Oi, doutor.

— Os resultados dos exames ficaram prontos.

Fátima me olha com as sobrancelhas juntas e se volta a ele.

— O que foi? A minha menina não está bem?

— Pode me acompanhar até a minha sala?

Ela concorda nervosa e segura a minha mão.

Sinto sua mão tremer sobre a minha. O médico caminha a frente e vou com ela.

Ele abre a porta do seu consultório e dá espaço para que ela entre.

— Você é... — Ele me olha.

— Ele é padre. Amigo íntimo da família — responde Fátima sentando-se em uma das cadeiras.

— Sou doutor Marcelo. Fiz os primeiros atendimentos a Aurora.

Eu o cumprimento e ele me dá espaço para que eu entre também. Sento-me também e ele a nossa frente.

— Como eu disse, os exames da Aurora ficam prontos.

Ficamos os dois calados, esperando que ele continue.

— Aurora não sofreu nenhuma fratura, está consciente e, pelo estado que o carro ficou, podemos dizer que foi muita sorte.

— Foi Deus que protegeu a minha filha, doutor.

Ele assente um pouco.

— Fizemos também uma tomografia para ver se tinha alguma lesão cerebral porque sua pancada ocorreu na face.

— E? — pergunta ela.

A porta do consultório é batida e outro médico surge.

— Esse é o doutor Ramon, neurovascular aqui do hospital.

Ele nos cumprimenta e o semblante deles me deixa angustiado.

Ramon puxa outra cadeira do canto e se senta.

— Aurora sente dores de cabeça com frequência, senhora? — pergunta com o cenho franzido.

Fátima me olha antes de responder.

Estranho sua pergunta e instintivamente meu coração acelera.

— Sim... ela sempre toma um remédio para dor e ela tem enxaqueca desde adolescente e...

Eu mesmo já havia presenciado essas dores em algum momento em que estávamos juntos.

— O que tem isso, doutor?

— Como eu disse, fizemos uma tomografia — explica o doutor Marcelo.

— E nela vimos uma alteração em uma artéria cerebral, senhora. Como a Aurora teve o trauma, acionei o doutor Ramon, que após ver o exame, solicitou uma angiorressonância que serve para visualizar as artérias e veias do corpo com mais abrangência.

— E está tudo bem, não é? Tudo bem com a minha filha?

— Aurora tem uma dilatação anormal de uma artéria localizada no cérebro.

Como?

— É um aneurisma cerebral. Ele está localizado na bifurcação de artéria basilar. — Sua revelação me tira dos eixos.

— Meu senhor Jesus! — exclama Fátima sentindo a dor da notícia. — Não! Ela não tem... foi meu esposo. O meu falecido marido que teve e...

— O pai da Aurora teve aneurisma?

— Sim. Há mais de 15 anos. Ele morreu sem saber que tinha isso. Desmaiou e nunca mais acordou.

Fátima começa a chorar. Seu choro é abafado pelas mãos.

Fico atordado ao lado.

Parece tudo parar ao meu redor.

E, novamente, refaço a pergunta: *Por que, meu Deus?*

— O aneurisma pode ser congênito, de risco genético familiar, hereditário. No caso da Aurora... — Os médicos se entreolham. — Diante do que analisamos em conjunto, seria inoperável.

Fico tão fora de mim que ele continua a falar e apenas uma palavra adentra nos meus ouvidos e é entendida.

— Inoperável? — indago.

— Não seria, se o aneurisma não estivesse tão grande. O risco para a operação deve ser levado em consideração.

— Mas se não operar acontecerá igual meu esposo! Uma hora ele se romperá e pronto, acabou. Não! Eu não aceito. Vocês precisam tirar isso dela! — diz Fátima aos prantos.

— Quais seriam os riscos? — pergunto, buscando calma.

— Variados. A localização e o tamanho aumentam os riscos de sequelas. A chance desse aneurisma se tornar sintomático é grande.

— O que isso significa?

— O aneurisma precisa romper ou comprimir alguma estrutura cerebral para que haja algum déficit neurológico e conseqüentemente o risco de seqüela.

— Mas ela pode morrer! — A fala de Fátima me irrita um pouco.

Eu estava tentando manter a calma para entender tudo. Haveria uma saída. Com certeza haveria. Eu só precisava ter calma.

— Quais seriam essas sequelas? — pergunto.

— São as mais variadas possíveis, já que praticamente qualquer estrutura cerebral pode ser atingida. Mais principalmente seus instintos motores, na fala e até cognitivos.

Inoperável.

Inoperável.

Inoperável.

A palavra corroí o meu peito e se irradia por todo o meu corpo.

Eu me entrego ao pânico e ao medo.

Os médicos explicam os prós e contras.

O pior, eu sabia. Sabia qual seria a escolha da Aurora.

Ela jamais se arriscaria em viver sem poder fazer as coisas que mais ama na vida, sem o essencial.

Fátima passa mal e doutor Marcelo a leva para a enfermaria.

Não consigo me mover.

Fico ali, na cadeira, completamente de mãos atadas.

— Você é o que da Aurora? — Doutor Ramon pergunta.

— Amigo — respondo baixinho.

— Aurora precisará de todo apoio para lidar com a notícia.

— Quanto tempo? — pergunto com toda a dor em meu ser. — Quanto tempo ela tem?

— É difícil responder isso. Meses, talvez anos.

A resposta me pega desprevenido.

Um tanto atordoado, chego à conclusão de que, assim como ninguém está pronto para receber uma notícia dessas, eu também não estou preparado para perdê-la.

— Tem um lado positivo nisso — diz o médico à minha frente.

— Ela vai morrer — digo. Não havia lado positivo.

— Vai. Todos nós vamos um dia, não é? Mas a ela foi dada a chance de aproveitar o tempo que resta. Vocês têm dois caminhos agora: ou resolvem sofrerem por isso e a deixam sofrer também. Ou acreditarem que o acidente que aconteceu hoje foi a chance que ela precisava para viver o restante da vida da melhor maneira.

— Não consigo ver o lado bom disso, doutor.

— Às vezes a gente não compreende as coisas. Não de imediato. Tenho certeza de que a perda do esposo da senhora Fátima tenha sido mais difícil porque foi assim, de repente. É uma doença, geralmente, silenciosa. Aurora não saberia se não fosse o acidente.

Ergo meu olhar para o médico.

— Sou neurologista — continua ele. — Já passei por situações como essa. E sempre me relataram que é melhor saber. Aurora poderá se despedir da vida aos poucos. Aproveitar o pouco que resta.

Levanto-me como se ele falasse algo absurdo.

— Ela não pode morrer, doutor! A minha Aurora não pode morrer!

Saio da sala completamente desesperado. E, com apenas um objetivo na vida, vou até o quarto onde Rory está.

Eu preciso vê-la.

Abro a porta e encontro Giulia ao lado da cama.

Ela me vê e faz um gesto para que eu não fale.

— Ela acabou de dormir — sussurra.

Eu choro. Choro baixo quando a vejo com a uma parte do rosto roxo.

Giulia se assusta com a minha reação, mas, sem dizer nada, dá alguns passos para trás, me deixando ficar próximo a ela.

Aurora, mesmo com o hematoma na face, é linda. Parece uma princesa do conto de fadas. A minha Aurora. Minha bela adormecida. Tão frágil e ao mesmo tempo. tão forte.

Com as mãos trêmulas, eu a acaricio seus cabelos enquanto ela dorme em uma tranquilidade quase ínvada. No entanto, o confronto se faz inevitável dentro de mim.

— Eu amo você — digo baixinho, próximo ao seu ouvido. — Eu a amo, minha Aurora.

Olhando para o amor da minha vida, algo dentro de mim muda.

É estranho. É perturbador. Quase enlouquecedor.

Mas a sensação que sinto é que eu estava cego e só agora consegui enxergar pela primeira vez.

Como se tudo tivesse acontecido para esse propósito, eu choro um pouco mais. Pego a sua mão e a beijo.

As palavras do médico foram, enfim, compreendidas.

A voz de Deus que eu insistia em ouvir teve todo o significado.

E aqui estava eu, seguindo os desígnios do Senhor.

Minha jornada estava começando.

Apenas começando.



*“Eu só quero que você saiba
Que estou pensando em você
Agora e sempre mais
Eu só quero que você ouça
A canção que eu fiz pra dizer
Que eu te adoro cada vez mais
E que eu te quero sempre em paz”
Marisa Monte - “A Sua”*

*Um mês depois.
Bordeaux, França.*

Não adianta fugir. A morte faz parte da vida. Para alguns cedo, para outros, mais tarde, e para os privilegiados, de um jeito que corresponde com os grandes ciclos naturais da vida. A morte é sempre vista como algo a ser impedido, postergado, como se morrer fosse contrário do processo de viver.

Eu estou aprendendo a lidar com a proximidade disso.

Agora sou como uma bomba relógio. A qualquer momento posso explodir, assim como aconteceu com meu pai. É como se a ampulheta tivesse sido virada. E, novamente, o tempo está moldando os meus dias.

Os conselhos que mais ouvi nos últimos dias foram: não pense nisso.

Como não pensar? Eu estou correndo contra o tempo por algo que não tinha o que ser feito.

Refiz exames, fui a outros médicos em busca de outras opiniões. Não houve nenhuma resposta que me deixasse tranquila quanto o risco da cirurgia.

Eu não queria abrir minha cabeça e acordar sem reconhecer quem eu amo, sem conseguir falar...

Não suportaria o fato de ser um fardo.

Tive que contar sobre o acidente ao Otto. Contando pessoalmente foi menos catastrófico. Preferi ocultar a descoberta do aneurisma. Foi uma decisão difícil de ser feita, principalmente, de ser aceita pelos que convivem conosco. Mas, estamos conseguindo manter isso em segredo. A minha maior preocupação e tristeza é por falhar com ele. A Casa Fontenelle não me teria por muito tempo.

Recorri ao advogado para deixar tudo documentado.

Filipe será meu sucessor. Seus bens iriam para o verdadeiro herdeiro. Por mais que eu soubesse que ele não poderia receber a herança, eu tinha fé que ele saberia o que fazer porque eu estou sem condições para pensar em algo posterior a minha partida.

Sun ficou destruído e isso me doía ainda mais, mesmo com Otto dizendo que cuidaria disso. Ele é parte de mim, agora mais ainda. *Sun* nunca mais seria o mesmo, assim como eu.

Aceitei a minha nova condição. Eu não tinha muitas escolhas.

Os primeiros dias foram difíceis, confesso. Porém, pensei no meu pai. Ele iria preferir viver mais alguns dias. Resolvi seguir pelo caminho de que ter consciência do meu estado era como um privilégio divino.

Deus.

Eu poderia estar novamente triste com ele. Ignorá-lo de novo.

Mas não o faço.

Eu o agradeço.

Agradeço pela chance que tenho para continuar até onde ele quiser ou achar necessário.

Eu havia prometido a Ele que seria digna das suas bênçãos. Eu tentaria, até o fim.

Minha mãe é quem mais sofre.

Não consigo imaginar como é para ela saber que a filha morrerá a qualquer minuto. Eu entendo seu desespero. Vai contra a natureza da vida. Otto

sabia disso. E eu tentava mostrar a ela a todo custo que estava tudo bem.

Filipe se foi.

Giulia me contou que ele esteve no hospital e o quanto sentiu pela doença. Porém, não ficou ao meu lado. Eu entendo também. Eu havia dado mais um motivo para ir embora. O motivo fatídico da nossa história. Eu morreria.

Mas estava tudo bem.

Eu não tinha mais tempo e nem forças para brigar ou sofrer por mais nada. Eu escolhi um rumo diferente para os dias seguintes.

Organizei a vinícola, deixei gente responsável por cada setor. Instruí Giulia como a minha porta-voz. Aliás, Giu sabia do meu aneurisma e não tenho palavras para agradecer todo o seu apoio em tudo que eu pensava. Seu sorriso em meio a brincadeiras nos momentos mais difíceis foi fundamental para me reerguer. Jamais esquecerei.

Estou em Bordeaux. Onde eu queria estar. Não tinha o porquê adiar mais nada. O meu maior desafio é esperar no tempo o meu destino.

Tirei a palavra prolongar e seus tantos sinônimos do meu vocabulário. Meu momento é hoje.

Não vim para o curso de mestrado que estava em meus planos. Isso era antes, quando eu tinha tempo. Vim com o intuito de respirar novos ares. Sair da zona de conforto estava no meu curto plano.

Ando sozinha pela região vinícola. Visito *Château* que sempre havia visto em livros na faculdade. Degusto vinhos que abrem meus sorrisos. Conheci novas pessoas e vivo cada momento.

Não estou completa porque carrego Filipe em cada olhar, em cada passo dado no dia, em cada respiração. Eu o carregaria dentro de mim, de qualquer jeito, até o último batimento do meu coração.

E eu ainda estou bem.

Bordeaux é ligado por trem às maravilhas da região: a sensacional *Saint-Émilion*, um vilarejo medieval com menos de 500 habitantes e cercado por vinhedos. Os vinhedos de *Médoc*, a cidade praiana *Arcachon*, as históricas *Sarlat* e *Périgueux* e até assisti a recitais de Ópera no Grand Théâtre.

Todas as noites eu sento em algum bistrô e tomo uma taça de vinho ou café. Respiro fundo e fico feliz por estar fazendo algo por mim. Feliz por mais um dia.

No caminho de volta para o *Intercontinental Bordeaux Le Grand Hôtel*, onde estou hospedada, depois do assistir ao pôr do sol as margens do rio *Garonne*, meu celular toca.

— Amiga! — Ouço uma animada voz.

— Oi, Giu!

— Como está?
— Estou bem e você?
— Com saudade.
— Faz apenas uma semana, Giu.
— Eu sei, mas estou com saudades, não posso?
— Pode sim — sorrio.
— Liguei para te mostrar uma coisa.
— O quê?
— Coloca a ligação no viva-voz e abre seu *WhatsApp*, por favor.
Faço o que ela pede e abro o aplicativo no celular.
Uma foto carrega.

— Otto colocou essas fotos na sala que conta a história da vinícola.
São as fotos dos proprietários da Casa Fontenelle desde a sua fundação.
Tem do Giuseppe Fontenelle, passando pelo Otto e...
Franzo o cenho, estranhando a foto que aparece depois do Otto.
— Esse...
— Otto encontrou uma foto do filho e fez questão de colocar isso aqui —
conta Giu.

Meu coração salta.
Não pode ser.
— Não achou lindo? Tem você também!
Dou um zoom na foto. Abaixo da foto está a descrição: Lorenzo Mattias
Fontenelle.

Paro no meio da calçada.
— Amiga? Amiga, está me...
Não ouço mais o que Giulia fala e desligo a ligação.
Mattias. Esse é Mattias.
Lorenzo Mattias?
Uma onda de lembranças me atinge.
Mattias sempre me encontrava em momentos que eu estava precisando.
Ele estava na estrada quando sofri o acidente.

Procurei por ele quando tive alta do hospital. Achei estranho porque
ninguém conhecia o funcionário exemplar. Otto achou que eu tinha batido a
cabeça forte demais e tivesse criado um amigo imaginário. Fui até ao RH da
empresa e não encontrei nenhum registro do Mattias. Confesso que fiquei com
uma pulga atrás da orelha diante de algo tão impossível.

Olho a foto novamente.
Ali está Mattias com a sua boina.
Como em meio a algo inexplicável e completamente louco consigo ver a

semelhança no olhar com Filipe. *Como não reparei nisso antes?*

Meu Deus.

Mattias.

Aturdida, sento-me no banco de uma praça e fico olhando para o nada tentando entender o que não tinha explicação.

Eu vi o Mattias. Eu o ouvi.

Ele estava ao meu lado.

Era o meu anjo.

E com essa constatação, fico com uma sensação de paz.

Após a compreensão, levanto-me do banco com um sorriso no rosto agradecendo a Deus pelo anjo que sempre tinha uma palavra amiga.

Eu não contaria a ninguém. Essa pequena loucura pertencia apenas a mim.

E assim, decidida, vou para o hotel. Retiro meu gorro ao entrar e peço a chave do meu quarto ao *concierge*. Ele me entrega o cartão e avisa que tem um recado para mim vindo do Brasil e, me entrega um papel.

Abro e leio:

Querida Aurora,

Como está Bordeaux?

Esperamos que esteja feliz com o passeio.

Eu e sua mãe estamos te oferecendo um jantar especial no restaurante desse hotel.

Especial para alguém tão especial.

Preparamos tudo essa noite e aproveite da melhor forma.

Você merece apenas as coisas boas da vida.

Nós te amamos,

Otto e Fátima.

Eu amo esses dois. Agradeço ao *concierge*.

Entro no meu quarto e encontro um lindo vestido azul caneta em cima da cama e um par de sandálias pretas.

Fico emocionada e me arrumo assim como eles pediram, deixo o cabelo ondulado solto sobre o ombro e faço uma maquiagem simples.

Vou para o restaurante. Sozinha, atraio olhares.

Já havia uma reserva em meu nome. Uma mesa específica no restaurante incrível. Casais apaixonados despontam em cada canto. Eu sou a única sozinha na mesa. Por um segundo, apenas um segundo, isso é um incomodo.

E logo passa.

Sou informada que o rótulo sugerido para o jantar havia sido escolhido pelos convidados. Otto pensaria em tudo, com certeza. Espero por ele e aproveito cada detalhe daquele deslumbrante lugar.

Precisei em enfrentar a morte para estar aqui.

E, sinceramente, acho que jamais viria. Deixaria o trabalho me guiar e me anularia. Quando percebesse, o tempo havia passado.

Há sempre um lado positivo de tudo.

Sorrio sozinha e bebo um gole da água que o garçom havia servido.

Até que a taça sobre a mesa é cheia com o vinho que pedi.

Enquanto sou servida, foco no rótulo da garrafa: *Liber Pater, Bordeaux*. Safra 2007.

Um dos vinhos mais caros de Bordeaux.

Otto, você não existe!

— Merci — agradeço com um sorriso cordial.

— De nada, Aurora.

A voz ao meu lado me faz parar de sorrir.

Ergo os meus olhos e encontro Filipe.

FILIPE?

Perco os meus sentidos.

Filipe está parado, de terno cinza escuro e gravata da cor do meu vestido. Ele está de pé, segurando o vinho em sua mão com um sorriso lindo no rosto. Seus olhos quase me cegam do tanto que reluzem.

Meu coração acelera demais e, atordoada, recordo com mais afinho que o meu amor por esse homem vai além do que sempre acho que é capaz de ser.

Arregalo os olhos antes de cair na risada.

Abaixo a cabeça, sentada no mesmo lugar e não consigo parar de rir.

Estou tendo uma crise de risos no meio do restaurante.

— Se eu soubesse que morrer seria assim... — Sorrio mais um pouco. — Ai, ai... Eu morri. Eu morri aqui, sentada nesse restaurante chique... — gargalho novamente, sem controle.

Ouçõ a garrafa ser deixada sobre a mesa e Filipe se ajoelha rente à cadeira.

Eu paro de sorrir e engulo em seco.

Ele pega a minha mão devagar e a coloca sobre o seu rosto. Sua pele quente causa um arrepio na minha espinha.

— Você não morreu. Eu estou aqui, Rory.

Pisco algumas vezes. Estou tentando compreender o que está acontecendo. Sacudo a cabeça e, sem pensar demais, coloco a outra mão em seu

rosto. Quase perco o ar.

Ele fecha os olhos e uma lágrima escapa.

Acaricio sua face querendo acreditar e olho ao redor. Todos estão do mesmo jeito que antes.

— É você mesmo?

Ele concorda.

Sorrio. Um tímido sorriso.

Ele sorri também e enxugo com a mão a outra lágrima que escapa do seu olho.

— O que faz aqui? Como soube que...

— Posso? — ele indica com o olhar a cadeira à frente.

Faço que sim, soltando seu rosto.

Estou tremendo.

O que o traz aqui?

Deus... o que está acontecendo?

Ele ajusta o terno, abrindo um dos botões, e se senta. Com um gesto, pede ao garçom outra taça de vinho e rapidamente é atendido.

Ele se serve e bebe.

Eu não consigo me mover.

Se eu morri, eu estou no paraíso.

— Aprendi com alguém muito especial que o vinho aquece a alma — diz ele. Seus olhos azuis me deixam paralisada.

— Esse alguém estava certo. — Respiro devagar. — Você sumiu, Filipe.

— Eu precisava resolver algumas coisas.

— E conseguiu?

— Em partes, sim.

— E o que faz aqui?

— Como pode fazer essa pergunta, Rory? Você. Você me levaria a qualquer lugar.

Abaixo o olhar ainda sem acreditar.

— Eu estou superando, Filipe. O vazio da sua partida ocupa muito espaço em mim. Ocupa todos os meus pensamentos.

— Por favor, não desista de mim.

Nego com a cabeça, uma ponta de irritação me invade.

— Não desisti de ninguém. Estou vivendo o quanto me resta, tentando fazer vale a pena. Não quero ser um fardo a ninguém.

— Você jamais seria um fardo para mim. Fardo seria se eu não escolhesse você.

Franzo o cenho.

O que ele disse?

— Depois do seu acidente eu puder rever muitas coisas na minha vida.

— Filipe, eu não quero que...

— Por favor, deixe-me falar. Eu ensaiei isso por todos esses dias que estive longe.

Sinto meu coração quase pular para fora do peito.

— Deus falou comigo, Rory. Ele me induziu o tempo inteiro. Encontrar você foi a coisa mais bela, plena e certa que poderia ter acontecido. Amá-la foi a parte mais fácil. Entender o que isso significava para mim, nem tanto. Deus queria que chegássemos aqui.

— Eu te puxei para o inferno quando exigi o seu amor.

Ele nega.

— Você me disse que o amor não é errado. Deus jamais acharia isso errado. Não tem como achar errado o que sinto por você. Eu não preciso do paraíso porque te encontrei. Você é meu paraíso e ficaria feliz em ficar preso a você por toda a vida.

Sorrio para o que acabou de dizer.

— Foram tantos sonhos, planos que imaginei e...

— Não precisamos de sonhos. Só precisamos um do outro.

— Eu vou morrer, Filipe. Vai largar tudo para algo que não será para sempre?

Ele aperta os lábios e pisca várias vezes. Seus olhos ficam molhados novamente.

— Eu quero estar ao seu lado enquanto Deus permitir. Não posso mais desperdiçar mais nenhum segundo, Aurora.

Faço que não.

— Você não sabe o que diz.

— Por favor, Rory. Perdoe-me por tudo que fiz. Perdoe-me por mantê-la distante.

— Onde esteve? — pergunto. — Onde esteve quando eu mais precisei de você? Por que me deixou? Por que me fez entender que nosso amor não foi suficiente? Por que, Filipe? — Eu estou chorando e enxugo o rosto não querendo ser a louca no meio do restaurante.

Engulo o choro à força.

— Eu peguei o primeiro voo para o Rio de Janeiro quando saí do hospital. Eu sabia o que precisava fazer. Não poderia deixar mais nada no lugar errado, Rory. Corri para que tudo chegasse até aqui. Se soubesse como foram os últimos dias...

— Conte-me. Eu não tenho todo o tempo do mundo, mas, eu preciso

saber.

— Eu estava em Roma. Fui pessoalmente pedir meu afastamento da igreja.

Meu coração para.

— Você... então você...

— Estou afastado do meu sacerdócio, Aurora. O processo para o desligamento é lento e vim para a Europa para adiantar as coisas.

— E Otto disse onde eu estava?

— Sim. Ele me ajudou com tudo. Sua mãe também.

— É claro que sim. — Respiro fundo. — Otto não sabe... — aponto para a cabeça e me sinto uma idiota.

— Sua mãe me falou.

— Eu prefiro que fique assim.

— A decisão é sua — diz ele.

— Aliás, minha mãe... você sendo padre. Ela deve ter surtado.

— Um pouco, mas entendeu. Eu expliquei, de alguma forma quase impossível, o quanto a amava. Ela ficou satisfeita e abençoou a minha vinda. Eu corri contra o tempo também, Rory.

Engulo com dificuldade.

— Agora sou um homem livre para viver tudo o que quis com você. Achei por muito tempo que estava confuso.

Seus olhos me encaram.

— E não estava?

— A verdade é que nunca tive tanta certeza na minha vida. Viver sem você seria impraticável. Você é meu amor, é a minha saudade, a minha alegria, minha vida. É a minha escolha. Eu te amo, Aurora.

Olho para ele como se meu mundo estivesse em seus olhos. De fato, estava. Ali eu conseguia sentir que pertencia a algum lugar.

Levanto-me da mesa e estendo a minha mão para ele.

Ele a pega e se levanta também. Saímos do restaurante e o guio até o meu quarto. Entramos e eu tranco a porta.

Ele me olha por completo. Parece assustado.

— Eu não tenho tempo, Filipe. Você quer o tudo... — Com as mãos para trás, abro o zíper que fecha o meu vestido e, devagar, deixando-o escorregar pelo meu corpo. — Eu também quero o tudo...

Os olhos do Filipe estão presos em mim. Uma junção de vontade nos atinge. Sinto minha pele ferver diante da sua imagem à minha frente, tão dele, tão entregue.

— Desculpe — peço. — Eu não posso esperar por isso.

Ele mostra um sorriso casto de lado e vem até perto.

— Eu a desejei tanto, Rory. Eu sonhei, eu... — Ele perde o ar.

Pego sua mão e a encaixo em minha cintura. Enquanto eu olho para ele, espantada e aquecida pelo desejo mútuo, sinto meu corpo reagir com uma felicidade desconhecida. Completa.

— Eu sou sua, Filipe. Só sua.

Com essa afirmação, Filipe segura o meu rosto e me beija.

O beijo que tanto desejei. Que tanto esperei.

Nossas bocas ficam desesperadas em uma dança perfeitas.

Seu gosto de vinho me deixa ainda mais excitada.

Suas mãos aquecem minha pele, sua língua devassa a minha boca.

Até que ele para.

Seus olhos passam por todo o meu rosto e meu colo. Sua cobiça é quase palpável.

— Você é linda.

Lanço meu corpo na sua direção e nossas bocas se encontraram novamente. Puxo sua cabeça afundando ainda mais nosso beijo.

Ele era melhor do que havia imaginado.

O encaixe primoroso quase me faz chorar de emoção. Eu sinto arrepios pelo corpo. Eu me sinto quente e fria. Tudo ao mesmo tempo. Estou tremendo, e tão quente que minhas bochechas estão queimando.

Seus beijos vão ao meu rosto e abaixa até meu pescoço.

Deixando rastros, ele desce até os meus seios, retirando com um pouco de dificuldade o meu sutiã.

Suspiro e reviro os olhos quando sinto sua boca aproximar-se.

De um jeito magistral ele me toca.

Eu sinto meu sangue ferver.

— Deus, eu amo tanto você... — diz num sussurro.

Sua língua volta na minha. Saboreio o beijo, ciente de que isso me mudaria por completo. Ansiando que nunca acabe.

Agimos como se fosse algo libertador. Tanto tempo nos controlando para não sentirmos essas sensações e agora era a nossa rendição.

Com pressa, sem parar seus beijos, retiro o seu terno, sua gravata e a sua blusa. Quando toco seu peito, parece que ele sente um choque.

Ele para de me beijar e me olha com os lábios entreabertos de tanta paixão.

Sua mão segura a minha e deslizo, lentamente, para que ele sinta cada sensação do meu toque. Os músculos que imaginava existir por debaixo de tanta roupa agora são visíveis. Assim como a minha, sua pele ferve.

Filipe é lindo. Por dentro e por fora.

Cada vez que movo a minha mão, ele quase faz uma careta de tanto desejo.

— Eu amo você, Filipe.

Ele toma a minha boca novamente e me abraça forte, erguendo-me um pouco. Sinto sua ereção rente ao meu corpo.

Ele me leva até a cama no centro do quarto e me coloca deitada.

Antes que ele se deite também, eu sento-me com rapidez, e abro o zíper da sua calça.

Ele observa a cena com minúcia.

Sua respiração está tão rápida quanto a minha.

Ele me ajuda a retirar a calça e sua cueca boxer preta e, delicadamente, retira a minha calcinha quando me deito. Alisando com doçura cada centímetro da minha pele.

Ele se deita sobre mim. O êxtase arrebatador vem à tona apenas com o peso do seu corpo e sinto seus músculos tremerem rente aos meus.

— Você está tremendo — cochicho.

— Eu nunca fiz isso, Rory.

Arregalo os olhos.

— Como não?

— Eu era padre, esqueceu?

— Mas... mas...

— Não. Nunca. E parece que nasci para estar aqui, nesse momento, com você. — Ele passa a mão em meus cabelos. — Obrigado por isso.

— Agradeça me beijando, Filipe. Me faça sua... me beija.

Ele faz o que eu peço.

Amor, paixão, desejo.

E, todas as adversidades que a vida me propôs apenas me causam alegria. Elas me trouxeram até aqui. Eu também havia nascido para estar em seus braços.

Filipe me torna sua. Ele me faz perceber a diferença de quando se é tocada pelo amor da sua vida. Vou aos céus antes mesmo da doença me levar.

Em um último suspiro depois do nosso ápice do prazer, ouço a frase que já é a minha frase preferida do mundo.

— Eu te amo. Eu te amo, minha Aurora.

E, como se todo o tempo que eu queria para poder viver o que me resta da melhor forma possível, havia acabado de ser preenchido. Em seus braços.

Eu poderia morrer agora. Eu estaria feliz.

Estaria realizada.



*“Tudo o que tem vida louve o Senhor!
Aleluia!”
Salmos 150:6*

Dias depois.

Consegui esquecer toda a dor que antecedeu ao nosso encontro. As horas que me metia no escritório da igreja pedindo uma solução para o meu caso. As várias entrevistas desgastantes que tive que passar e o medo. O medo de ser tarde demais. O meu afastamento foi concluído com sucesso. Eu precisava estar completamente inteiro para ela. Apenas assim eu seria feliz e a faria feliz.

Minha mãe ficaria feliz por mim. Ficaria feliz por eu não sofrer por um amor perdido. Ela iria querer que eu fizesse diferente.

Aurora era tudo o que eu precisava. Os últimos dias na França com ela foram ainda melhores do que os meus sonhos mais belos.

Poder tocá-la sem pudor me tornou um homem realizado.

Confesso em minhas orações a Deus o medo que me acompanha e que eu sabia que jamais iria fugir de mim. Mas peço a oportunidade de mais tempo para

que eu a faça feliz o máximo que posso. Aurora tinha os dias contatos, porém eu viveria cada um deles dizendo e mostrando o quanto a amo. Era o meu objetivo da vida.

Desvio o olhar da estrada enquanto dirijo com ela ao meu lado. Seus cabelos estão esvoaçantes com o vento. Uma visão tão bela quanto a paisagem ao nosso redor.

Estamos no Vale dos Vinhedos. Voltando para casa depois de alguns dias em Bordeaux. Ela está feliz tanto quanto eu.

— O que está sentindo? — pergunta, acariciando minha nuca. — Esse é o seu lugar.

— Meu lugar é onde você está, meu amor.

Ela sorri.

— Estou feliz — confirma em palavras. — Não só por você está comigo, mas por saber que você estará cuidando de tudo quando...

— Não. Nós combinamos que não vamos falar sobre isso. Eu sei, você sabe e não precisamos nos lembrar. Viver cada dia, não é?

Ela concorda e sorri.

Ligo a seta e entro em uma estreita estrada de chão. Acho que estou no caminho certo.

Ela olha ao redor.

— A Casa Fontenelle é na próxima rua — diz.

— Eu sei, mas nós não estamos indo para a casa. Eu preciso te mostrar algo antes.

Ela estranha, mas concorda ao perceber para onde eu a estou levando.

Ao chegar, paro o carro um pouco afastado da casa do Lote 12. A mesma que Aurora me trouxe há tempos. A casa tinha o jardim desfeito da Elena Fontenelle. Minha avó.

Dou a volta para abrir a sua porta do carro para ela.

— Bem na hora — digo, olhando o relógio de pulso. — Vem comigo? — Estendo a minha mão.

Ela torce a boca achando algo engraçado e retira os óculos escuros.

— Confia em mim? — pergunto e ela me dá a mão.

— Mais do que em mim mesma.

Seguro a sua com o coração acelerado.

Ela não tem ideia do que eu pretendia fazer. E me controlei todos os dias para não contar.

Caminhamos de mãos dadas e atrás dela fecho os seus olhos com as mãos.

Ela acha graça.

Até que chegamos à casa antiga de pedra.

— Pronta?

— Sempre.

Retiro as mãos e Aurora abre os olhos, percebendo o que eu tinha feito.

O jardim de Elena está repleto de flores.

Ela coloca as mãos na boca admirada.

— Meu Deus! Isso...

— Você se lembra de como ele era, Rory?

— Estava sem vida.

— Assim como a minha vida sem você. Eu precisei dessa analogia para que entendesse o meu amor.

Ela chora baixinho e caminha até ficar rodeada delas.

Por um momento acho que ela irá se fundir ao jardim. Eu não saberia separá-las.

Ela rodopia feliz até que vê a grande surpresa e para, caindo de joelhos sobre a grama.

Vou até ela e fico ao seu lado. Imagino o que ela está sentindo.

À nossa frente está o açude repleto de flores de lótus nas cores rosa e branca.

Era o seu sonho e que passou a ser o meu.

Ela confidenciou a mim naquele dia que queria poder ver um lótus algum dia.

— Filipe... — Ela chora um pouco mais e segura seu pingente em seu pescoço. A emoção é compartilhada.

Eu queria dar tudo a ela.

Eu a abraço apertado e sinto seu coração forte rente ao meu.

— Eu te amo, Filipe. Eu te amo demais. Obrigada... muito obrigada... meu pai... — ele soluça. — Ele ficaria feliz por ver também.

— Minha mãe e Lorenzo Mattias também ficariam.

Ela me olha espantada.

— Sabia que meu pai gostava de ser chamado de Mattias? Otto que me contou.

Ela abre um sorriso lindo.

— Eu sabia. Eu sabia, sim. Eles sempre cuidarão de nós, Filipe.

— Não tenho dúvidas.

Ela volta a olhar as flores e suspira pousando a cabeça em meu ombro.

— Como você fez isso?

— Depois de Roma eu vim para cá te encontrar. Foi assim que soube que você tinha acabado de partir para *Bordeaux*. Foi um desencontro e tanto. Mas,

antes de ir atrás de você na França, resolvi cuidar do seu jardim.

— Eu não sei nem como agradecer.

— Eu sei — digo.

Ela franze o cenho com o rosto vermelho e molhado.

— Casa-se comigo, Aurora?

Ela sorri. Quase acho que ela irá gargalhar novamente. Ela adora fazer isso e, confesso, que amo ouvir suas risadas.

— Esqueceu que eu não quero isso nos próximos dez, vinte anos? Eu te disse isso quando neguei o primeiro pedido que eu recebi.

— Não esqueci, mas eu precisava tentar.

— Você sabe as condições, não sabe? O prazo de validade?

Quase faço uma careta e ela repara.

— Desculpe. — Sorri. — Eu aceito. Eu aceito, Filipe.

É a minha vez de sorrir. Estou tão nervoso.

Seguro seu rosto e a beijo. Eu a beijo com todo o amor e carinho que cabiam em meu coração.

— Só estou aceitando porque não tenho mais dez anos — brinca e antes que eu reclame ela me beija mais uma vez.

— Estou brincando, meu amor — diz com os olhos encharcados de lágrimas, acariciando meus cabelos. — Eu queria uma eternidade.

— Nosso amor será eterno, Rory. Eu só quero fazê-la feliz. Esse é o meu maior sonho. Eu te amo.

Nós nos beijando novamente.

— Ah! Não acabou — digo.

Retiro uma caixa do bolso do casaco e abro na sua frente.

O par de alianças havia sido comprado antes mesmo de ir a Bordeaux. Estava tudo nos meus planos.

Ela tinha pressa, eu tinha pressa, porém tudo parecia estar no tempo certo. A decisão mais correta da minha vida.

Coloco o anel em seu delicado dedo e ela nos meus.

— Estou noiva? — pergunta.

— Está. Agora já era.

Ela sorri.

— Até o fim dos dias? — diz.

— Para todo o sempre.

Ela me beija.

— Não acabou — falo mais uma vez.

Ela gargalha alto.

— Você não para de me surpreender, Filipe.

— Vou viver para isso, meu amor.
— E qual é a próxima? — pergunta ansiosa.
— Então... — Arranho a garganta. — Nessa nova vida tenho descoberto muitas coisas sobre mim.
— Ah, é?
Faço que sim.
— Descobri que sou ciumento e... — Pego a outra caixinha e a entrego.
— O que é isso?
— Abra — peço.
Ela abre com delicadeza e encontra o presente.
— Uma pulseira! Com... — Ela analisa o objeto. — Um pingente de lótus.
Sorri com a testa franzida.
Em seu pulso está a pulseira que Pablo havia dado no dia do lançamento do seu vinho. Eu não queria ver aquilo mais ali.
— É. Você é um homem bastante ciumento, Filipe Fontenelle.
— Eu disse. Ainda quer se casar comigo?
Ela sorri com um olhar travesso.
— É o meu novo sonho da vida — ela diz, com o sorriso mais belo do mundo.
— Que assim seja, amor.

Epílogo



*“Eu sou do meu amado,
e o meu amado é meu...”
Cânticos 6:3*

Três anos depois.

Eu sempre desejei que Aurora pudesse contar sua parte nessa história. Que pudesse contar com saudosismo o ano que se sucedeu ao pedido de casamento. Foram tantas emoções divididas, tanto amor compartilhado. Tudo foi vivido à flor da pele. Aproveitando cada segundo a mais que Deus nos abençoava.

Nosso casamento aconteceu uma semana depois.

Otto estava tão feliz, assim como a sua mãe.

A repreensão das pessoas por eu ser padre, mesmo que afastado, não nos incomodou. Aliás, Aurora passou a não se importar com as coisas que não tinham real importância. Eu vi tantos sorrisos e os olhava como se quisesse guardar na memória cada um. Só para mim. Aproveitei cada canção que cantava todos os dias e fui preenchido de um amor inigualável.

Giulia foi nossa dama de honra. Foi uma cena engraçada e Rory não se controlou no altar e caiu na risada ao ver sua amiga. Para Giu tudo foi uma festa.

Foi bom reunir e compartilhar a nossa felicidade com as pessoas que amamos. Bruno e Milena estavam presentes, padre Giovanni e até o bispo Túlio superou seu medo de avião para estar perto no momento mais especial da minha vida. Pude lhe dar um abraço e agradecer por tudo que fizera por mim e pela minha mãe.

Sentimos falta também. Aurora do seu pai e eu dos meus. Porém, sabíamos que eles sempre estariam conosco de alguma forma.

Eu mesmo realizei nossa cerimônia. Eu não possuo mais o direito dentro da igreja, mas perante a nós dois, eu poderia ministrar os nossos laços com Deus. Aurora me surpreendeu ao pegar o violão e cantar uma das nossas músicas favoritas. A primeira que a ouvi cantar: Quando fui chuva. Foi impossível conter as lágrimas. Se eu pudesse, guardaria aquele dia para viver novamente.

O casamento aconteceu no jardim da casa de Otto. Nossa casa. Otto não nos deixou sair da mansão depois do casamento. Eu também jamais a deixaria viver longe daqueles que mais amava.

Foi um dia feliz. Feliz para todos.

Aurora me ensinou cada detalhe da vinícola Casa Fontenelle. A princípio, eu me sentia mal com o objetivo que ela tinha. Ela sabia que chegaria o dia que não estaria ali e, com seu bom humor para mostrar a mim o quanto estava tudo bem sobre isso, eu fui aprendendo com disciplina como comandar uma vinícola desse porte. Não poderia decepcioná-la. Jamais.

Corremos pelas parreiras. Fizemos piquenique nos dias ensolarados. Assistimos a filmes enrolados ao cobertor nos dias frios. Viajamos para outros lugares quando a folga permitia.

Até que Otto faleceu no meio do percurso. Aurora sofreu tanto com a sua partida. Agradeceu a todos por ajudá-la a manter sua doença escondida dele e, assim, evitando seu sofrimento desnecessário.

O mais difícil foi ouvi-la dizer sobre o caixão que em breve estaria com ele. Confesso que senti raiva da vida.

Por muitas vezes, diante de toda a felicidade que eu tinha, eu esquecia. Esquecia o quão breve seria aquilo. E, no fundo, eu sabia que nenhum tempo seria o suficiente para estar ao seu lado.

Todos nós sofremos com falta do Otto, mas agradei a Deus por ter me permitido criar vínculos que não existiam e vi um Otto feliz e realizado. Aurora nos ajudou a criarmos isso. Sempre tão atenciosa e esperançosa.

Meses depois o Senhor nos abençoou. A maior benção da minha vida. Da nossa vida. Rory carregava o nosso filho em seu ventre. Foi uma felicidade tão

grande. A Fátima quase desmaiou de alegria.

Mas não foram apenas dias felizes com essa descoberta. Sua pressão disparou. Vivíamos no hospital com o medo de uma ruptura repentina do seu aneurisma. Aurora se preocupou tanto. Queria poder ter a certeza de que nosso filho ficaria bem se algo acontecesse. Só assim se sentia segura.

Foram dias difíceis, porém estávamos juntos enfrentando mais esse desafio.

O parto foi realizado prematuramente por indicação dos médicos para evitar o pior. Sofremos com a decisão, mas, de mãos dadas, superamos.

Mattias nasceu. Uma pequena homenagem ao meu pai. Eu e Aurora descobrimos que a felicidade que sentíamos era ínfima em relação com o que experimentávamos quando olhávamos para o nosso filho. O fruto do nosso amor. A soma de tudo em um pequeno ser.

Nosso pequeno Mattias teve que ficar mais de um mês no hospital por ter nascido aos sete meses de gestação. Rory com sua incansável força me dizia que estava tudo bem. Seria apenas mais uma batalha vencida.

E assim foi.

Nosso filho completou um mês. Dois. Três meses. Deu seu primeiro sorriso para a mamãe e, sentindo a felicidade em cada canto, ela nos deixou.

Nunca poderia me sentir preparado para perdê-la.

Ela se foi como se um anjo viesse buscá-la, dormindo, ao meu lado, em meio a sonhos, em paz.

A certeza que tinha que nenhum tempo seria o suficiente foi sentida da forma mais desoladora possível, mas tinha a convicção em meu coração de que não permiti que a morte arrebatasse a chance de eu dizer o quanto a amava.

Não tive mais sua mão na minha. Não tive mais seus beijos. Foram tão poucos. Eu deveria ter dado mais. Eu não a tinha mais ao meu lado na cama. Não tinha mais os seus sorrisos e nem sua doce voz.

Fiquei por alguns meses perdido. Sem rumo. Fátima foi essencial com a ajuda com Mattias. Ela sofria tanto quanto eu. Nós nos dividíamos entre cuidar do menino e chorar escondido. Sei disso porque via seu rosto vermelho.

Por mais que soubesse que isso aconteceria, eu não fiquei à espera. No fundo, acho que esperava um milagre que nunca aconteceu. Acabei sendo fraco. Ela não queria que eu ficasse triste, mas foi mais forte do que eu. Precisei viver o luto. Precisei sofrer a falta.

Eu me apeguei ao que me restava de fato: Deus e o meu filho.

Senti e ainda sinto tanto a sua falta.

E, com lágrimas nos olhos e uma saudade que mal cabe no peito, coloquei para fora os meus sentimentos do jeito que a minha mãe havia me

ensinado.

Amor,

A vida sempre nos surpreende. Ou é a morte que surpreende a vida?

Às vezes, eu fico ponderando sobre isso. Afinal, ela sempre aparece nos momentos mais impróprios.

Perdi as contas de quantas vezes questioneei Deus. Deveria ser um sacrilégio romper laços tão fortes, não depois de atá-los da forma tão bela como ele nos fez.

Não consegui compreender os planos Dele por muito tempo. Por mais que eu tentava e tento até hoje ir contra, várias vezes esse sentimento retorna dentro de mim. O entendimento do plano de salvação que tanto acreditei não seria justo a minha vida, ao meu amor por você.

Eu queria mais. Queria ter mais tempo. Queria poder ter a conhecido antes. Queria ter me rendido ao nosso amor mais cedo. Queria poder tocá-la mais uma vez. Abraçar como na primeira vez. Ainda consigo sentir o cheiro dos seus cabelos. Ah, eu a beijaria naquele momento, Rory. Naquele dia que ficamos presos no Sun. Não deixaria você ir para longe. Mas a vida não funciona assim, não é mesmo? Tivemos que percorrer todo o caminho do jeito que deveria ser.

Queria poder ouvir sua voz. Sentir sua pele sobre a minha, seus lábios sobre os meus. Queria poder ter feito tantas coisas de forma diferente que resumo a minha vida em querer. Em desejar diariamente ter você. E quando você aparece em meus sonhos, eu aproveito ao máximo. Juro que consigo até sentir o seu perfume.

Aí eu olho para Mattias. Nosso pequeno filho. Ele vai fazer três aninhos. Tem uma mistura dos seus olhos de jabuticaba com os meus azuis. Nasceu ali uma cor desconhecida, única. Mas a doçura, o brilho no olhar, o jeitinho que ele dorme, a firmeza que tem, mesmo tão pequeno, de saber o que quer e persistir, o jeito como corre pelos parreirais de uva. Ah, meu amor, isso ele trouxe de ti. Você ficaria tão orgulhosa nosso pequeno guri.

Dia após dia faço tudo que imagino que você faria por e com ele. Correria com ele sob essas parreiras em um interminável pega-pega. Eu consigo imaginar toda a farra que fariam. Brinco de esconde-esconde na cave da vinícola, dou chocolate antes do almoço e o deixo faltar um dia de aula na escolinha para podermos assistir juntos Os Incríveis. Tudo bem! Eu sei que você iria querer assistir A Bela Adormecida, mas nós somos meninos e adoramos tudo que remete a superpoderes.

Eu queria poder trazê-la de volta assim como o príncipe Filipe despertou Aurora, a Bela Adormecida. Mas vivemos no mundo real, mesmo que tudo que

me lembre de você ainda me remeta a um eterno conto de fadas.

Têm pessoas que deveriam viver para sempre. Você é uma delas.

A falta é inerente a mim. Faz parte do que sou e do que serei até o fim dos meus dias.

Eu demorei para perceber que o amor é apenas um sentimento divino.

Há pouco tempo fiz as pazes novamente com Deus. Eu demorei, sei que sim. Mas, como você sempre dizia: eu sou humano. Posso não entender e não aceitar, mas sempre soube que Ele está aqui, próximo a mim. E assim, precisei passar pelo vale das sombras da morte aqui na terra e compreender os desígnios que nos foi reservado. Ele traçou nossos destinos lindamente.

Você cumpriu a sua jornada aqui. A jornada que me fez descobrir o amor. A jornada de conhecer e amar a Deus.

Uma vez me perguntaram se eu me arrependia de tudo. Se eu largaria o sacerdócio mesmo se soubesse como tudo terminaria. Com um sorriso no rosto, do jeito que você me ensinou, respondi que qualquer minuto livre ao seu lado teria sido o suficiente para nunca me arrepender da minha escolha.

Faria tudo de novo. Viveria tudo outra vez. Milhões de vezes se fosse preciso.

Tudo para ter apenas por mais um beijo seu.

E assim, eu agradeço. Agradeço por tudo o que vivemos. Pelos dias aconchegados, pelas risadas dadas, pelas mãos entrelaçadas, pelo amor que pude compartilhar ao seu lado, por acordar e perceber que eu não estava sonhando.

Obrigado por todo o seu amor. Obrigado por ter sido tão especial em minha vida. Obrigado por me amar. Obrigado pelo nosso filho. Obrigado por não me deixar só.

Eu te amo, Aurora.

Meu beijo não a despertou e não tive como mantê-la ao meu lado, mas, não se preocupe, logo estaremos juntos novamente. Por toda a eternidade.

Com todo amor,

Do seu,

Completamente seu,

Filipe.

Agacho sobre sua lápide repleta de flores em tons de rosa e branco. Dobro o papel e coloco no meio delas.

As mãozinhas do Mattias enroscam meu pescoço e, se inclinando, ele coloca uma flor de lótus, junto com as outras.

— Mamãe está feliz, papai?

Viro-me para ele.

Seus olhinhos estavam brilhando. Eu não sei ainda o quanto a ausência dela o entristecia. Ele ainda é tão pequeno.

— Sim — respondo. — Tenho certeza que ela está, meu amor. Papai e a mamãe somos muito felizes por Deus ter dado você para a gente, sabia?

Ele abre um sorriso, deixando a inicial tristeza de lado e olha para o céu, cerrando os olhos por causa do sol.

— Eu amo você, mamãe.

Sou preenchido por um amor absoluto.

Respiro fundo e com meu coração inebriado de alegria, faço o mesmo gesto que meu filho.

— Eu também amo você, meu amor, minha Aurora.

Fim 

Monte Belo do Sul

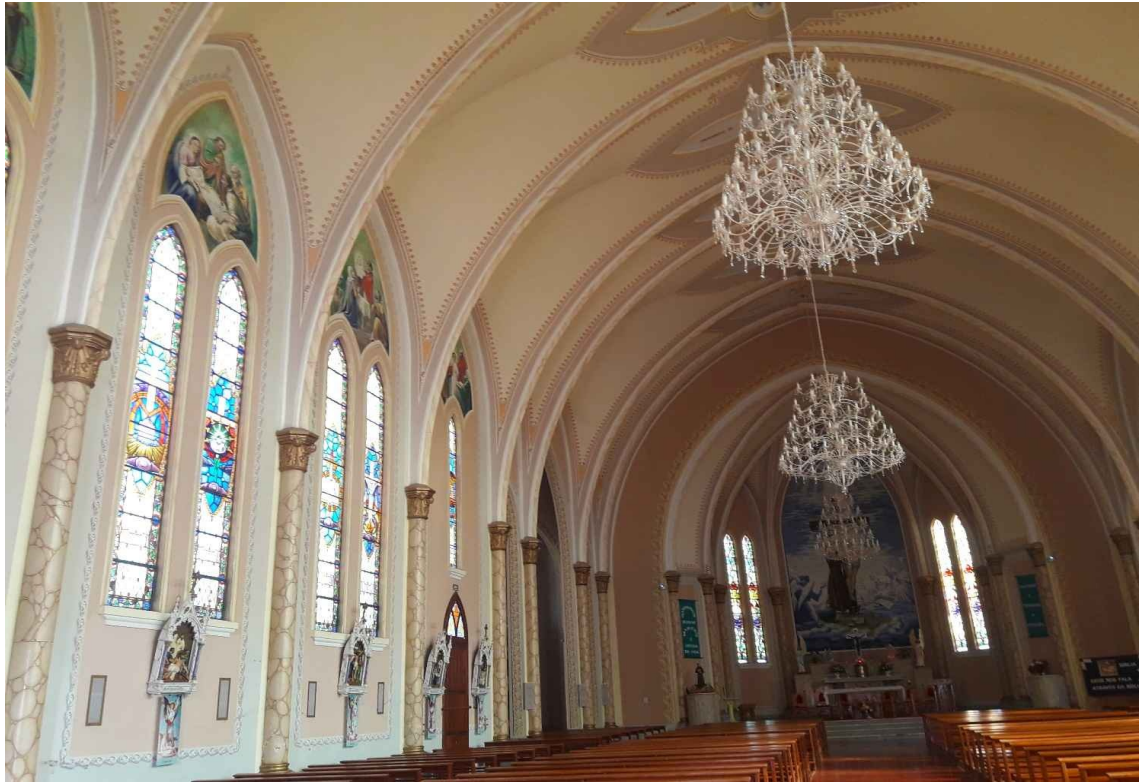
Monte Belo do Sul vista do Vale dos Vinhedos





Igreja Matriz São Francisco De Assis





Inspiração Bistrô do Pablo - Praça Monte Belo (Divino Café)



Inspiração Casa Fontenelle (Vinícola Miolo) Vale dos Vinhedos





Inspiração Lote 12



Leopoldina Jardim (cena da torta de maçã)



Vale dos Vinhedos



SUN



Nota da autora

Esse livro mudou a minha vida. Não! Não é algo clichê. Ele mudou literalmente.

Em 2015 surgiu a ideia, junto a paixão por vinhos. Iniciei a pesquisa preliminar e me deparei com o Vale dos Vinhedos na Serra Gaúcha. Resolvi que precisaria ir até lá e conhecer um pouco mais antes de colocar no papel. E assim fiz. Foi paixão à primeira vista por cada cantinho daquele lugar. O encantamento foi tão grande que idealizamos, eu e meu esposo, morarmos um dia naquele pequeno paraíso.

O sonho foi realizado nos primeiros dias de 2017. Largamos tudo no Rio de Janeiro. Eu, marido e nossos dois filhos entramos numa aventura pelas terras do Rio grande do Sul. Moramos todo o ano em Monte Belo do Sul. Respirei o ar que Filipe e Aurora respiravam. Pude aprender um pouco mais sobre a profissão da Aurora e, muitas vezes, me vi dentro da Igreja Matriz de São Francisco de Assis, pensando em tudo o que Filipe sentia. Pude olhar o pequeno Divino Café e imaginar sendo o bistrô do Pablo. Pude imaginar *Sun* perambulando por aquelas ruas de paralelepípedo na pequena cidade em meio aos vinhedos. Eles se tornaram tão reais para mim.

Se fosse para descrever em uma palavra todo o processo de criação desse livro seria: desafio. Desafio em vários quesitos. Desafio no tema, no amor contido, no medo da crítica, nas incansáveis pesquisas sobre a igreja e sobre vinhos. Desafio de conseguir expressar tudo o que eu sentia sobre Filipe e Aurora. E, assim, perdi as contas de quantas vezes apaguei capítulos e capítulos buscando estar em paz com o que os personagens pediam.

E, agora, o coração está em paz.

Agradecimentos

Agradeço de todo o meu coração ao meu esposo, Tiago Parrini, que sempre embarca nas minhas loucuras. Seu ano sabático foi primordial para a mudança de vida. Aos meus filhos, Guilherme e Letícia. Meu coração se enche de alegria quando vejo o sorriso de vocês. Sou movida a isso. Obrigada por ficarem felizes com as escolhas dos seus pais.

Para muitos, fomos loucos de largarmos a vida na cidade grande por uma com menos de 3 mil habitantes, gelada, no meio da Serra Gaúcha. E digo: foi a escolha mais certa de nossas vidas.

Agradeço a família Paludo de Monte Belo: Seu Clédio e dona Irene e seus filhos, por nos apresentarem sua linda viticultura, pelos vinhos coloniais deliciosos, pela amizade de vocês e por todo carinho comigo e com a minha família. Jaque Paludo, obrigada por nos ajudar a organizar nossa vida na cidade. Você é muito especial para mim. Vocês nos abriram portas para que eu entrasse no mundo da Aurora. Obrigada!

Aos moradores da pequena Monte Belo do Sul, pela receptividade, pelo acolhimento, por nos mostrar a cultura tão regionalista e diferente de que estávamos acostumados.

Agradeço também aos amigos que, mesmo de longe, me apoiaram nessa jornada: Aline Mendes, por sempre ouvir as minhas loucuras. Renata Homrich, Janda Montenegro, Silvio Antônio e Babi Barreto. À Quedma Carvalho por amar essa história desde 2014 e as dicas preciosas da Erica Thais sobre a religião Católica. Obrigada pelo incentivo, pessoal! Vocês são incríveis!

Aos meus leitores que estão à espera dessa história há mais de 4 anos. Eu tenho os melhores e mais carinhosos leitores do mundo. OBRIGADA!

E, para finalizar, por favor, visitem o Vale dos Vinhedos em Bento Gonçalves e, claro, Monte Belo do Sul. Desejo que todos sintam o mesmo que eu senti. E, não esqueçam, na praça da cidade, fechem os olhos e respirem fundo. Talvez consigam sentir Filipe e Aurora por ali. Eu sinto.

OBRIGADA, Deus, sem você, nada disso seria possível.

NÃO ESQUEÇA DE FAZER SUA AVALIAÇÃO NA
AMAZON!

SUA OPINIÃO É MUITO IMPORTANTE.

OBRIGADA!



Playlist

[Link do Spotify](#)

"João de Barro" - Leandro Léo
"Quando fui chuva" - Maria Gadú e Luis Kiari
"In Your Atmosphere" - John Mayer
"Nossa conversa" - Kell Smith
"Agora eu quero ir" - Anavitória
"Cor de Marte" - Anavitória
"Nada se compara" - Malta
"Baby" - Malta
"Someone New" - Hozier
"I hate u, I love u" - Gnash & Olivia O'Brien
"O vento" - Jota Quest
"Oração ao tempo" - Maria Bethânia
"Infinito particular" - Marisa Monte
"Apenas mais uma de amor" - Lulu Santos
"Lanterna dos afogados" - Maria Gadú
"Paradise" - Coldplay
"The book of love" - Peter Gabriel
"Se" - Djavan
"I won't give up" - Jason Mraz
"Diz pra mim" - Malta
"Me espera" - Sandy & Tiago Iorc
"Tua" - Anavitória
"Cuide bem do seu amor" - Paralamas do Sucesso
"Heart's on fire" - Passenger
"Give me love" - Ed Sheeran

"Seguindo estrelas" - Paralamas do Sucesso
"Era uma vez" - Kell Smith
"Vivo por Ella" - Valerio Zelli
"Work Song" - Hozier
"Skinny love" - Birdy
"For your babies" - Simply Red
"Uninvited" - Alanis Morissette
"Dreamgirl" - Dave Matthews
"Counting Stars" - OneRepublic
"Hallelujah" - Jeff Buckley
"Darlin'" - Houndmouth
"Oração" - A banda mais bonita da cidade
"Stop crying your heart out" - Oasis
"Take me church" – Hozier
“Say You Won't Let Go” – James Arthur

JULIANA PARRINI



WWW.JULIANAPARRINI.COM.BR

Juliana Parrini é carioca, web designer e se define como leitora compulsiva, cinéfila, amante de rock e mãe coruja. Sua paixão pela escrita teve início ainda na adolescência, quando começou a escrever histórias nos cadernos em sala de aula, tendo os amigos como leitores.

O romance Depois do que aconteceu, sua estreia no mundo literário, alcançou mais de 4 milhões de leituras na plataforma Wattpad e emplacou o 1º lugar no ranking da revista Veja como livro digital mais vendido do Brasil, assim como seus outros livros publicados.

Depois do que aconteceu, Antes que aconteça e Novamente você foram publicados pela editora Companhia das Letras, através do selo Suma de Letras.

Depois do que aconteceu e Antes que aconteça tiveram os direitos vendidos para o cinema.

Juliana é casada e hoje mora com o marido e os dois filhos na Serra Gaúcha.

Mídias sociais:

[Facebook](#)

[Página do Facebook](#)

[Instagram](#) — @juparrini

[Twitter](#) — @julianaparrini

[Skoob](#)

E-mail — contato@julianaparrini.com.br

[O Globo - Revista.](#)

[Ancelmo Gois - Direitos dos livros adquiridos para o cinema.](#)

[O Globo - Bienal do Rio de Janeiro.](#)

Outras obras da autora:

DEPOIS DO QUE ACONTECEU



“O vazio deixado por Alex está sempre comigo e isso é bom. Bom porque essa dor me dá a certeza de que a sua existência em minha vida foi real. E o mais difícil nessa batalha que se estende dia após dia é ficar longe de quem você mais queria estar perto.”

Isabel passou o último ano fugindo. Depois do que aconteceu, ela não acredita que conseguirá voltar a ser feliz. O que não esperava era que o destino colocaria Daniel Clark em seu caminho. A atração entre os dois é imediata e irreversível: ao voltar para casa, a carioca Isabel não será capaz de esquecer os encantadores olhos azuis daquele cara que conheceu por acaso em plena Avenida Paulista. A partir desse dia, a tristeza de Isabel perde espaço para uma paixão que mudará sua vida.

Ficar presa ao passado vale mesmo a pena? Ou é preciso seguir em frente e dar uma segunda chance ao amor?

Livro à venda nas melhores livrarias.

ANTES QUE ACONTEÇA



“Cumprir o que ele havia me pedido, segui em frente. Sou feliz e pretendo ter os filhos mais lindos do mundo, como sempre sonhei, com o homem que me deu a chance de amar novamente. Depois de todo o sofrimento, finalmente, coleí os cacos do meu coração partido, pedaço por pedaço.”

Isabel passou um ano fugindo. Depois de uma grande decepção, ela não acreditava que conseguiria ser feliz novamente. Até que conhece Daniel e decide recomeçar. Quando Isabel finalmente dá uma segunda chance ao amor, o destino a surpreende com uma notícia que poderá mudar sua vida para sempre.

Em *Antes que aconteça*, o desfecho de *Depois do que aconteceu*, Isabel terá a chance de reencontrar o passado e lutar pela sua felicidade.

Depois do que aconteceu e Antes que aconteça tiveram seus direitos vendidos para o cinema

Livro à venda nas melhores livrarias.

NOVAMENTE VOCÊ



É possível se apaixonar duas vezes pela mesma pessoa?

Maria Rita foi embora para nunca mais voltar. Deixou para trás o marido, os pais, as irmãs e uma vida de pobreza em uma cidade pequena da qual sempre quis sair. Doze anos depois, ela volta como partiu: sem maiores explicações. Mas agora Maria Rita é a sofisticada Miah, acostumada ao glamour e à vida superficial de Hollywood. Ao chegar, ela se dá conta de que não foi a única que mudou: seu ex-marido, Leonardo Júnior, agora é um homem bem-sucedido, diferente do caçara com quem se casou ainda muito jovem.

Empresário de sucesso, Léo parece ter superado o trauma de ter sido abandonado pelo grande amor de sua vida, até que reencontra a mulher que pensou que nunca mais veria. Apesar da mágoa, ele não consegue deixar de ter vislumbres de sua Maria Rita sob a pele da arrogante Miah. E resistir à antiga paixão será o maior desafio que já enfrentou.

Livro à venda nas melhores livrarias.

TUDO OU NADA



O que acontece quando dois estranhos que à primeira vista não têm nada em comum são surpreendidos por uma atração avassaladora?

Henrique Soares é um dos jogadores de futebol mais cobiçados do mundo. Está constantemente na mídia, não apenas pelo seu talento em campo, mas também pelo sex appeal que enlouquece suas fãs alucinadas. Henrique vive a vida intensamente, aproveitando tudo o que seus milhões podem proporcionar: carros, casas, viagens e uma longa lista de mulheres. Até que o destino coloca Catarina em seu caminho.

Mãe solteira e batalhadora, ela não precisa de muito para ser feliz: seu maior motivo de alegria é a filha Ana. Mas uma oportunidade única de trabalho irá transformar a vida da jornalista de uma maneira que ela nunca pensou que fosse possível.

Descubra em “Tudo ou nada” como o amor torna real o que parecia improvável.

[COMPRE NA AMAZON](#)

ENQUANTO O SOL BRILHAR



Mariana vive na monótona - e provinciana - cidade de Vila Rica. Filha única de pais amorosos, desde criança foi testemunha de um amor verdadeiro.

A jovem professora divide seu tempo entre as aulas que ministra para crianças na escola, a faculdade de administração e o trabalho voluntário. Mas sua vida tranquila se transforma com a chegada de dr. Miguel Guimarães, um homem misterioso que coloca os seus pacientes em primeiro lugar.

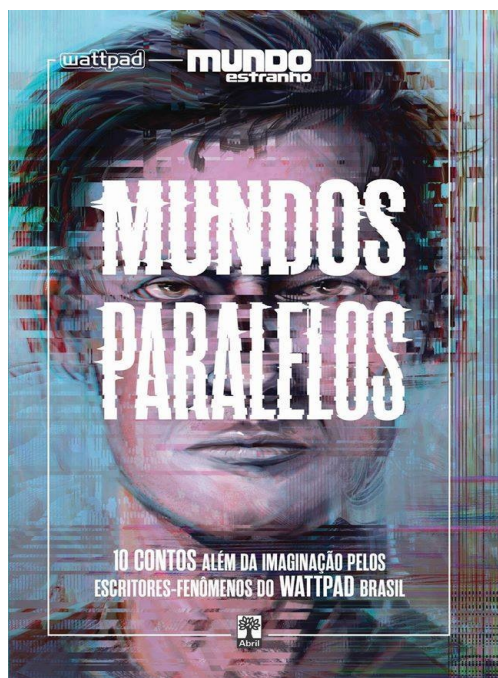
Tentando vencer o desejo que sente de desvendar os segredos do médico, Mariana será inebriada por sentimentos até então desconhecidos.

Mas nem sempre o passado pode ser esquecido, e ela sofrerá as consequências que um grande segredo pode causar.

Quando a amizade se transforma em encantamento e admiração, o amor é uma questão de tempo.

[COMPRE NA AMAZON](#)

MUNDOS PARALELOS
Revista Mundo Estranho
EDITORA ABRIL



Em seu primeiro livro de ficção, a MUNDO ESTRANHO convidou dez jovens autores que são verdadeiros fenômenos na plataforma de autopublicação Wattpad. A missão: imaginar MUNDOS PARALELOS levemente parecidos com o nosso, mas com uma única alteração que pode mudar radicalmente o modo como as pessoas vivem, amam e morrem. Imagine, por exemplo, um futuro onde o teletransporte já existe - mas ele recria "cópias quânticas" do teleportado. Ou ainda, um mundo em que o governo é quem decide quem pode se reproduzir. Ou outro em que seu melhor amigo pode ser um androide. Em alguns momentos, esses cenários podem parecer idílicos - mas logo os piores aspectos da natureza humana vem à tona. No melhor estilo Black Mirror, MUNDOS PARALELOS reúne dez contos de sci-fi e fantasia que irão transportá-lo no tempo e no espaço - e capturar para sempre sua imaginação.

MEMÓRIAS PERDIDAS - Juliana Parrini
SOBRENATURAL - Lilian Carmine
CAÇA E CAÇADOR - Rosana Mierling
LIBERDADE COMPROMETIDA - Thati Machado
ALEGORIA DA CAVERNA - Felipe Sali
PERFEITO PROBLEMA - Clara Savelli

ABBIE - Marcus Barcelos
PERPETUAÇÃO - Mila Wander
FRAGMENTOS - Chris Salles
AMIGO DE LATA - Aimee Oliveira

[MAIS INFORMAÇÕES](#)

**À VENDA EM TODAS AS BANCAS E
LIVRARIAS DO BRASIL.**

COM VOCÊ



LIVRO 1

Letícia Liana tinha motivos de sobra para comemorar a sua vida. Depois de ficar conhecida nacionalmente por escapar de um acidente aéreo fatal, a psicóloga divide seu tempo entre seu consultório, palestras motivacionais e vídeos na internet.

Sua vida era, aparentemente, perfeita. Porém, à noite, sozinha em seu quarto, afogada em pensamentos autodestrutivos, todas as cargas de ser o motivo de esperança para as pessoas pesavam e Letícia sentia no corpo e na alma as dores de um fortuito destino.

Conrado Vitti tinha problemas. Letícia sabia e a forma misteriosa que sentia desejo em ajudá-lo ia além das grosserias do homem com o coração ferido.

Decidido a confrontá-la por não concordar com seus conceitos, Conrado se vê diante do maior desafio da sua vida: se apaixonar pela mulher que mais discordava na vida.

Divergindo opiniões, Conrado e Letícia terão que aprender juntos que a existência não é uma batalha de razões e sentidos. Ela precisa ser vivida, sem que o passado a interrompa impedindo-os de seguir em frente.

[COMPRE NA AMAZON](#)

COM ELA



LIVRO 2

Toda história tem dois lados. Conrado precisava contar o dele. Uma mentira consegue colocar em dúvida todas as certezas?

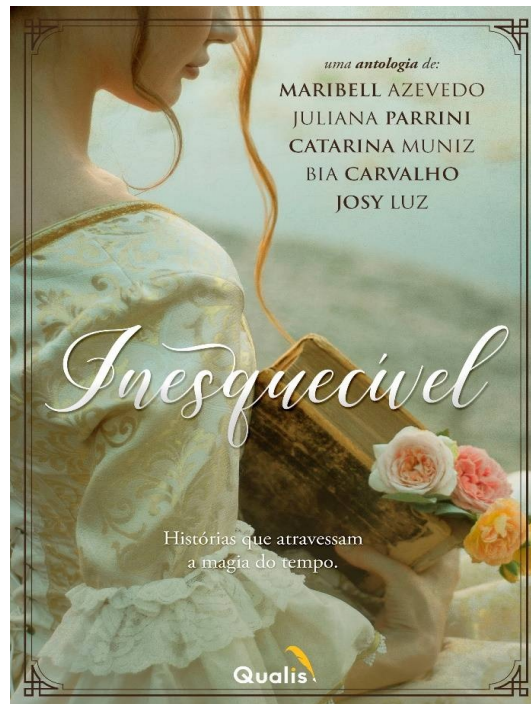
Conrado sofreu a dor de uma grande perda. Há dois anos vivendo sob a sombra de pensamentos depressivos, um dia ele acaba conhecendo a mulher que roubou sua felicidade e despedaçou a sua vida.

Afogado em mágoas, Conrado deixa a curiosidade tomar conta, até perceber que Letícia Liana, a mulher a quem odiou por tanto tempo, é mais parecida com ele do que jamais poderia imaginar.

Aos poucos, seu coração se enche de novas esperanças, deixando sua vida, antes cinzenta, cada vez mais colorida. Porém, quando admite essa nova chance em seu coração, as reviravoltas fazem com que tudo desmorone aos seus pés e ele vai aprender que o destino sempre está do nosso lado, mesmo quando não conseguimos enxergar isso.

[COMPRE NA AMAZON](#)

INESQUECÍVEL



Juliana Parrini assina o conto "*Por acaso, amor*".

Um homem amaldiçoado e uma jovem determinada unindo-se em busca de um segredo perigoso...

Um casamento arranjado que reserva muitas surpresas...

Um amor pungente que nasce em meio à guerra...

Um encontro fadado a acontecer, mudando o destino de um casal apaixonado...

Uma singela história de amor entre um imperador e uma princesa em meio ao perigo.

O que estas histórias têm em comum? As mãos de autoras talentosas, que decidiram mostrar que o amor, quando verdadeiro, pode ultrapassar as barreiras do tempo.

Bia Carvalho, Catarina Maria, Josy Luz, Juliana Parrini e Maribell Azevedo se unem nesta antologia, trazendo cinco histórias de época capazes de conquistar o seu coração e se tornarem inesquecíveis.

[COMPRE NA EDITORA](#)

Table of Contents

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Epílogo](#)

[Monte Belo do Sul](#)

[Nota da autora](#)

[Agradecimentos](#)

[Playlist](#)

[JULIANA PARRINI](#)

[Outras obras da autora:](#)